

Universidade Federal de Minas Gerais

Diogo Henrique Alves da Silva

**A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE *HEIMAT*
(ALEMANHA)/*PÁTRIA* (BRASIL) EM ÂMBITO INTERCULTURAL**

Belo Horizonte

2015

Diogo Henrique Alves da Silva

**A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE *HEIMAT*
(ALEMANHA)/*PÁTRIA* (BRASIL) EM ÂMBITO INTERCULTURAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de Pesquisa: Estudos da Língua em Uso

Orientadora: Prof. Dra. Ulrike Schröder

Belo Horizonte

2015

AGRADECIMENTOS

À professora Ulrike Schröder pela orientação, sobretudo pela paciência e autonomia concedidas para a condução da pesquisa.

Ao grupo de pesquisa “Comunicação (Inter)cultural em Interação”, em especial à colega Mariana Carneiro Mendes, pela ajuda sempre disponível.

Às participantes da filmagem, Ligia Farnezi, Luiza Santana, Katja Neitemeier e Ricarda Rilat, responsáveis diretas pela concretização desse estudo.

À agência de fomento CAPES pela concessão da bolsa de estudos, a qual me permitiu grande estabilidade para a prática acadêmica.

À minha família pelo respeito e apoio à minha trajetória acadêmica.

À Carina Nunes Vieira pelo companheirismo, pelo incentivo e, principalmente, por ter tornado mais prazerosa essa jornada de trabalho.

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo principal a descrição dos esquemas de referência temática relativos aos itens lexicais *Heimat* e *pátria*. O trabalho parte de uma fundamentação teórica de caráter multidisciplinar, sobretudo pela interface semântico-pragmática. Destacam-se a teoria dos campos lexicais e a análise distribucional de *corpora* para a caracterização semântica inicial desses termos. Em âmbito mais pragmático, duas correntes teórico-metodológicas se colocam como as ferramentas básicas para a observação de como os conceitos em pauta são coconstruídos discursivamente: a Análise da Conversação com estruturas sequenciais de contraste e concessão, por um lado, bem como pistas paraverbais (como padrões de entonação e acentuação) e não verbais (comportamento visual e gestual), por outro. Foi filmada a interação entre duas brasileiras e duas alemãs, a qual decorreu majoritariamente em alemão. Em relação aos resultados, afirma-se que o comportamento comunicativo das participantes se caracteriza pelo vínculo entre os termos *Heimat* e *pátria* e esferas da vida cotidiana (como ‘família’, ‘comida’, ‘costumes’ etc.), as quais funcionam como esquemas de referência para a conversa. Além disso, verificou-se a presença de outra camada referencial para a descrição dos termos, sendo esta mais relacionada aos regimes militares no Brasil e na Alemanha. A sobreposição de diferentes *frames* (esquemas referenciais) contribuiu para o surgimento de conflitos na interação. No caso, tanto as brasileiras quanto as alemãs empregaram um número elevado de estruturas contrastantes e, assim, puderam marcar verbalmente suas discordâncias. Percebeu-se, ainda, como as participantes aplicaram estratégias de definição para *Heimat* e *pátria*. As brasileiras tenderam a inserir episódios narrados – com tons específicos de dramatização – em prol de sua argumentação. Já as alemãs se portaram de maneira mais (auto)reflexiva, sendo capazes de uma estruturação sintática mais elaborada de suas ideias. Finalmente, as análises feitas para essa pesquisa se caracterizam pelo âmbito situacional da interação. Por isso, as afirmações e reflexões aqui delineadas refletem, parcialmente, fragmentos de objetos de estudo mais complexos. Trata-se, em última instância, de mais uma contribuição sobre a relação entre cultura e linguagem.

Palavras-chave: *Heimat*, *pátria*, comunicação intercultural, análise da conversação, teoria da contextualização, conflitos comunicativos

ABSTRACT

The present study aims to describe the thematic reference frames connected to the lexical items *Heimat* and *pátria*. This work is underpinned by a multi-disciplinary theoretical framework and specially by a semantic-pragmatic interface. Special emphasis is given to lexical field theory and corpora distribution analysis in the initial semantic characterization of the terms under analysis. In the more pragmatically-oriented part of the study, two theoretical-methodological perspectives were chosen as the basic tools to observe how the concepts under scrutiny are discursively co-constructed: on the one hand, concessive and contrastive sequential patterns in Conversation Analysis, and on the other hand, paraverbal (such as intonation and stress patterns) and nonverbal cues (visual and gestural behaviour). Interaction among two Brazilian and two German women, who communicated mostly in German, was video-recorded. As for the results, it can be stated that the participants' communicative behaviour is defined by the link between the terms *Heimat/pátria* and daily life spheres (such as 'family', 'food', 'costumes', etc.), which work as reference frames in the conversation. In addition to that, a different referential layer connected to the military regimes in Brazil and Germany emerged. As different frames overlapped, conflicts arose in the interaction. As a result, both Brazilian and German participants used a high number of contrastive structures in order to verbally highlight their disagreements. The way in which the participants applied definition strategies to *Heimat* and *pátria* was also noteworthy. The Brazilians preferred narrating anecdotes – using specific dramatic intonation – to support their arguments, while the Germans behaved in a more self-reflective manner, which led them to use more synthactically elaborated ideas. It is also important to point out that the analyses carried out in this research are defined by the situational context of interaction. This means that the assertions and insights in this work only partially reflect fragments of more complex studies. Finally, with this research we intend to offer yet another contribution to the studies on the relation between culture and language.

Keywords: *Heimat*, *pátria*, intercultural communication, conversation analysis, contextualization theory, communicative conflicts

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Rede de colocados para o termo <i>Heimat</i>	56
Figura 2: Rede de colocados em função atributiva	57
Figura 3: Disposição dos participantes na interação	101
Figura 4: Principais elementos do Paritur-Editor	104
Figura 5: Exemplo de exportação sem pós-edição	108
Figura 6: Exemplo de exportação com pós-edição	108
Figura 7: Ocorrências de <i>als ich</i> na interção	173
Lista 1: Relações entre <i>Heimat</i> e experiências	140
Lista 2: Relações entre tradição histórica e <i>Heimat</i>	144
Diagrama 1: O <i>frame</i> comunicativo de <i>pátria/Heimat</i>	208

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Participantes da Interação	99
Tabela 2: Palavras citadas no questionário pelos alemães	112
Tabela 3: Palavras citadas no questionário pelos brasileiros	113
Tabela 4: Agrupamento de itens lexicais em alemão	113
Tabela 5: Agrupamento de itens lexicais em português	114
Tabela 6: Itens colocados em alemão	120
Tabela 7: Itens colocados em português	120
Tabela 8: Agentes de contrastes e concessões	200
Tabela 9: Alvos de contrastes e concessões	201
Tabela 10: Relação total entre agentes e alvos (contraste/concessão)	202
Tabela 11: Itens colocados de <i>Vaterland</i>	211
Tabela 12: Itens colocados de <i>Nation</i>	211
Tabela 13: Itens colocados de <i>nação</i>	211

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A1, A2	Participantes alemãs
AC	Análise da Conversação
B1, B2	Participantes brasileiras
Cam	Câmera
COEP	Comitê de Ética em Pesquisa
DWDS	<i>Das Digitale Wörterbuch der Deutschen Sprache</i>
EXMARaLDA	<i>Extensible Markup Language for Discourse Annotation</i>
GAT2	<i>Gesprächsanalytisches Transkriptionssystem 2</i>

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	Dos objetivos do trabalho	14
1.2	Da constituição do trabalho	15
1.3	Da origem do trabalho	17
2	FUNDAMENTAÇÃO TÉORICA	19
2.1	A problemática da pátria	19
2.1.1	<i>Heimat</i> e a história em torno do termo	22
2.1.2	A definição de <i>Heimat</i>	24
2.1.3	A tradução de <i>Heimat</i> para o português	30
2.2	A Comunicação Intercultural	31
2.2.1	A problemática da cultura	32
2.2.2	O conceito de cultura proposto por Michael Agar	40
2.2.2.1	A teoria dos <i>rich points</i>	43
2.3	A interface semântico-pragmática	45
2.3.1	As contribuições da semântica	47
2.3.1.1	A teoria dos campos lexicais	47
2.3.1.2	A teoria dos primitivos semânticos	51
2.3.1.3	A análise distribucional de <i>corpora</i>	55
2.3.2	As contribuições da pragmática	60
2.3.2.1	A teoria dos atos de fala	61
3	METODOLOGIA	68
3.1	O <i>status</i> intercultural da interação	69
3.2	A operacionalização do conflito	73
3.2.1	A Análise da Conversação (AC)	75
3.2.1.1	O início das pesquisas em Análise da Conversação	75
3.2.1.2	O empirismo da AC	77
3.2.1.3	O caráter reflexivo da interação	79
3.2.1.4	O contraste na interação	83
3.2.2	A teoria da contextualização	86
3.3	A base de dados	89
3.3.1	Aplicação dos questionários	92
3.3.2	A contribuição de <i>corpora</i> virtuais	94
3.3.3	A filmagem da interação	98
3.3.3.1	Os participantes	98

3.3.3.2	A organização e execução da filmagem	99
3.3.4	A transcrição da interação	102
3.3.4.1	O <i>software</i> EXMARaLDA	103
3.3.4.2	A convenção de transcrição	105
4	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	110
4.1	Os questionários	111
4.2	Os <i>corpora</i> virtuais	119
4.3	A interação	123
4.3.1	O <i>status</i> intercultural da interação	123
4.3.2	O andamento da interação	130
4.3.3	A construção dos <i>frames</i> comunicativos	134
4.3.3.1	A importância da experiência pessoal para a interação	135
4.3.3.2	Varição informacional nos <i>frames</i> de <i>Heimat</i>	144
4.3.4	Estratégias de definição	153
4.3.4.1	A criação de relações lexicais	154
4.3.4.2	A imersão narrativa	158
4.3.4.3	A prática de observação	173
4.3.5	O conflito na interação	183
4.3.5.1	O contraste	185
4.3.5.2	A concessão	193
4.3.5.3	As relações de disputa na interação	200
4.3.6	A definição do <i>frame</i> de <i>Heimat</i>	206
5	REFLEXÕES ADICIONAIS	209
5.1	A equivalência tradutória entre <i>Heimat</i> e <i>pátria</i>	209
5.2	A comparação entre as bases de dados	213
6	CONCLUSÃO	216
	REFERÊNCIAS	219
	ANEXO A: Questionário sobre pátria (Português)	229
	ANEXO B: Estímulos para a interação (Português-Alemão)	230
	ANEXO C: Convenções de transcrição GAT2	232

1 INTRODUÇÃO

“In der globalisierten Welt sollen die Menschen besonders flexibel sein, mobil sein, sie sollen ihre Heimaten jederzeit hinter sich lassen können, räumlich wie geistig oder moralisch“¹
(KURBJUWEIT, 2012, p. 67)

De fato, como bem mostra a citação acima, o mundo globalizado e o constante processo de interconexão entre lugares impõem à humanidade uma capacidade, ou até mesmo certa necessidade, de locomoção. Esse processo, a saber, muito esperado do ponto de vista do desenvolvimento científico e tecnológico, esbarra em um conceito cuja definição, a princípio, pode não ser tão clara – a noção de *pátria*.²

Ao se confrontarem com a pergunta “O que é pátria?”, muitos podem apresentar respostas curtas, diretas e objetivas como, por exemplo: “O lugar onde nasci!” ou “O meu país!”. Porém, para outros, essa pode ser uma pergunta para a qual respostas desse tipo não são tão adequadas, ou pelo menos não tão óbvias. Na verdade, muitos podem apresentar até mesmo dificuldades em definir esse conceito, de relacioná-lo instantaneamente a algo concreto, de fácil acesso, palpável.

É justamente esse o tema de uma reportagem da revista alemã *Spiegel* de 2012,³ na qual vários sujeitos provenientes de diferentes partes da Alemanha são questionados a respeito de sua relação íntima com esse termo – de como uma simples palavra pode contribuir para a construção de uma identidade pessoal, quiçá cultural. Com efeito, uma vez que cada indivíduo apresentou uma visão peculiar no tocante à definição de *pátria*, muitas vezes ao relacioná-la à história da própria Alemanha e/ou de alguma região geograficamente

¹ Tradução do autor: “Os homens devem, no mundo globalizado, ser principalmente flexíveis, móveis, eles devem, a qualquer momento, poder deixar para trás suas pátrias, tanto física quanto espírito ou moralmente”.

² O foco principal da análise recai sobre *Heimat* e *pátria*. No entanto, há uma problemática importante que envolve a tradução literal entre esses termos. Por ora, tendo em vista a tradição tradutória em torno dos termos em destaque, *Heimat* será relacionado diretamente a *pátria*. Na seção 5.1, entretanto, essa questão será mais bem discutida.

³ Exemplar 15/2012 “*Was ist Heimat?*” (“O que é pátria?”).

mais restrita, verificou-se que o item em análise apresenta uma carga semântico-cultural extremamente rica.

Parece, a partir da leitura dessa reportagem, que a definição de tal conceito implica exercícios de reflexão subjetivos atrelados essencialmente à interconexão entre identidades, memórias e lugares. Não são surpreendentes, pois, afirmações (recolhidas das entrevistas conduzidas para realização da reportagem) completamente distintas umas das outras no que concerne à definição de um item como *pátria* – só para que se tenha uma pequena ideia da maleabilidade de sentido desse termo, um entrevistado chegou a definir *pátria* tanto como a cidade em que nasceu como a internet, caracterizada como lugar preferido para o estabelecimento de relações interpessoais, isto é, lugar em que essa pessoa se sente mais à vontade. Com efeito, esse exemplo remete ao fato de que, a princípio, torna-se cada vez mais difícil a tarefa de se delimitar coerentemente o escopo de sentido de *pátria*, principalmente em face de certa fluidez territorial experienciada por meio de intercâmbios, viagens, relações, entre outros.

Em termos de estudos linguísticos, o uso do termo *pátria* – seja em uma conversa em família ou em uma discussão formal – submete-se, naturalmente, a todo esse *background* cultural do indivíduo ou da respectiva comunidade a este vinculada. O comportamento desse item lexical, portanto, é um prato cheio para quem se interessa em investigar como certos padrões culturais (introjetados principalmente no léxico) podem afetar a maneira pela qual as pessoas se comunicam e, após falhas e tropeços, negociam conjuntamente o sentido durante esse percurso. De fato, é bem possível imaginar uma situação em que pessoas que apresentem diferentes histórias e raízes possam entrar em uma discussão tensa, por exemplo, a respeito da definição ‘correta’ de *pátria* ou de como o homem ‘deve’ se comportar perante sua *pátria*.

Nesse sentido, estudar os usos concretos de *pátria* se configura como uma abordagem que vai além do simples teor semântico da palavra em si; que se preocupa, na verdade, muito mais com a interrelação entre cultura, língua e interação. Ao se retomar a citação inicial e a noção de globalização, convém ainda enfatizar que, embora a humanidade tenha se tornado mais flexível e até consciente de sua mobilidade, pode ser interessante descobrir como o ser humano, no decorrer da comunicação, (re)constrói sua identidade *pátria* em um mundo tão

corrente, fluido. Essas são, por exemplo, preocupações de um economista alemão, o qual afirma: “Was mich an ‚Heimat‘ interessiert: meine persönliche(n) kulturelle(n) Identität(en)”⁴ (KIRCHNER, 2012, p. 39).

1.1 Dos objetivos do trabalho

O objetivo⁵ central do presente estudo se concentra na descrição dos *frames* comunicativos⁶ para os conceitos de *pátria* (Brasil) e *Heimat* (Alemanha). Em outras palavras, procura-se analisar, no âmbito de uma interação específica entre integrantes das culturas supracitadas, como esses participantes conduzem a negociação de sentido sob as possíveis influências das *hotwords* em pauta – assume-se que essas influências possam se materializar na interação por meio de atos de fala específicos, práticas distintas de tomada de turno, conceptualizações metafóricas destoantes etc. Não se trata, portanto, de procurar exaustivamente por uma definição semântica adequada de *pátria* ou de *Heimat*, mas sim de investigar padrões e atitudes comunicativas que permeiam os diversos sentidos atribuídos ao uso desses termos. Nesse sentido, com base em possíveis *frames* conflitantes entre os sujeitos entrevistados, procura-se, em última análise, oferecer à comunidade acadêmica uma possível comprovação de que termos como *pátria* e *Heimat* podem, empiricamente, ser caracterizados como *hotwords*, isto é, podem potencialmente causar conflitos na interação.

A reboque desse objetivo central, o estudo se propõe a caracterizar as possíveis estratégias utilizadas na interação para a definição de *pátria/Heimat* (seja por meio de estruturas sintáticas específicas, ou termos sinônimos, entre outros), com o objetivo final de comparar as ferramentas comunicativas empregadas tanto por brasileiros quanto por alemães.

⁴ Tradução livre: “O que me interessa em *pátria*: minha(s) identidade(s) cultural(is) individual(is)”.

⁵ Os objetivos aqui descritos servem como preparação para a leitura deste trabalho. No caso, os termos mais específicos presentes na descrição são, obviamente, apresentados em detalhe nas respectivas seções teórica e metodológica.

⁶ *Frame* comunicativo, por exemplo, refere-se à teoria dos *rich points*, de Agar (2002[1996]).

Além disso, objetiva-se, a partir da coleção das definições de *pátria* e *Heimat* introduzidas pelos participantes, compará-las com as ocorrências encontradas em *corpora* brasileiros e alemães, principalmente no que tange à relação dos termos em análise com seus itens colocados, isto é, com as palavras que mais frequentemente e mais significativamente coocorrem com *pátria* e *Heimat* em dado ambiente sintagmático. Essa comparação visa, sobretudo, a uma possível reflexão a respeito das características semasiológicas atuais dos termos em destaque.

1.2 Da constituição do trabalho

Propõe-se aqui uma investigação em relação às práticas de conceituação de *pátria*, mas, principalmente, como essa compreensão se materializa comunicativamente, sobretudo entre sujeitos oriundos de diferentes regiões – como ficará evidente mais adiante, esse estudo propõe uma abordagem intercultural entre alemães e brasileiros. Para tanto, convém comentar rapidamente os fundamentos teóricos e metodológicos que baseiam o empreendimento que se propõe.

A saber, o primeiro capítulo é dedicado às teorias de base que contextualizam o projeto em uma rede de postulados e premissas no âmbito dos estudos linguísticos. Há, logo no início, uma subseção reservada à problematização teórico-cultural do conceito de *pátria*. Convém, aqui, ressaltar que o interesse pelo termo *pátria* por parte do proponente e, conseqüentemente, pela relação entre léxico e cultura, apresenta um direcionamento mais fortemente atrelado aos estudos germânicos. Essa ligação se deve principalmente ao fato de o termo *pátria* – como será discutido logo a seguir – ser tema de inúmeras discussões dentro do escopo de aplicação que se denomina *German Studies*, o qual inclui, entre outros, estudos literários, cinematográficos, linguísticos e culturais. Não é de se admirar, portanto, que a maioria das ideias apresentadas sobre *pátria* sejam formuladas por autores alemães ou façam referência mais exclusiva à cultura alemã, enquanto que a noção de *pátria* relacionada ao Brasil seja introduzida como suporte comparativo nas análises.

Além disso, a parte inicial conta com os fundamentos semânticos e pragmáticos utilizados para a pesquisa, principalmente no que se refere à tradição (neo)estruturalista de pesquisa semântica;⁷ com as considerações sobre a importância da Linguística de Corpus para o presente estudo e, por fim, com a descrição do campo de estudo da Comunicação Intercultural, com enfoque específico no construto teórico cunhado na década de noventa por Michael Agar: *rich points*, os quais, por sua vez, se referem a situações possivelmente conflitantes em uma interação que envolva sujeitos de diferentes origens.

A questão dos *rich points*, cerne teórico desta pesquisa, prevê que cumprimentos, despedidas, práticas de tomada de turno na interação, utilização de honoríficos, bem como o emprego de itens lexicais “culturalmente carregados”, como no caso de *pátria*, podem ser caracterizados como situações possivelmente conflitantes do ponto de vista cultural. Hipotetiza-se, portanto, que, talvez por meio de desconfortos na comunicação, cada interactante coloque em prática suas respectivas atitudes comunicativas sem levar em consideração as expectativas do outro.

Esse comprometimento com a postura do outro (ou a falta do mesmo), a saber, advém de uma perspectiva interacional e/ou interpessoal bastante atrelada à abordagem etnográfica da fala como formulada, entre outros, por John Gumperz,⁸ e segundo a qual a comunicação é conduzida por meio de pistas convencionalizadas e culturalmente demarcadas a serem inferidas pelos interlocutores. No caso, a descrição desse processo de inferência comunicativa é tema principal do segundo capítulo, no qual se apresentam os critérios metodológicos mais importantes para a realização dos objetivos de pesquisa. Além dos postulados de Gumperz, a metodologia reflete ainda sobre as contribuições da Análise da Conversação para estudos interacionais e, conseqüentemente, para o escopo do presente estudo. Esse capítulo compreende, por fim, uma descrição minuciosa a respeito do procedimento metodológico, o qual se estende desde a coleta de dados (a filmagem da interação) até a transcrição e segmentação dos mesmos.

Todo esse arcabouço teórico-metodológico resulta no terceiro capítulo, no qual se arrolam as análises linguístico-culturais a partir dos dados coletados.

⁷ Descrita, entre outros, por Geeraerts (2010), em seu manual de Semântica Lexical.

⁸ A abordagem teórica proposta por Gumperz está compilada, por exemplo, em *Discourse Strategies* (1982).

1.3 Da origem do trabalho

Faz-se necessário, aqui, um breve relato acerca das origens e motivações para a execução desta pesquisa.

Seu proponente, no caso, cuja formação compreende as línguas portuguesa e alemã, participou e ainda participa, ao fim de sua Graduação na Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), do grupo de estudos “Comunicação (inter)cultural em interação”,⁹ supervisionado pela professora Ulrike Schröder – também responsável pela orientação do presente estudo.

Antes de entrar no grupo, o proponente passou, em 2010, por um processo de intercâmbio na cidade de Dresden, Alemanha, por meio do programa ERASMUS MUNDUS, onde teve oportunidade de entrar em contato direto com a cultura e história locais e, por conseguinte, comparar suas visões de mundo em formação com aquelas apresentadas por diferentes alemães.

Na ocasião de sua volta ao Brasil, bastante interessado em comparações culturais entre Brasil e Alemanha, o autor optou por fazer a disciplina “Estilos comunicativos e culturais”, ofertada pela mesma professora Ulrike Schröder. No âmbito da disciplina, foram lidos vários excertos de textos introdutórios ao campo da Comunicação Intercultural, mas nenhum chamou mais a atenção do autor que o trecho retirado de Heringer (2007),¹⁰ no qual esse teórico retoma o termo *hotspot* (ou *rich point*, desenvolvido por Agar, como dito anteriormente), e o analisa em relação a itens lexicais específicos, denominados *hotwords*, sendo uma delas *Heimat* (termo potencialmente traduzível como *pátria*). A saber, é justamente por meio dessa leitura que o autor do presente estudo começou a se interessar ainda mais pelas peculiaridades culturais do Brasil e da Alemanha e, sobretudo, de como elas se codificam ou se expressam na comunicação.

⁹ Esse grupo se encontra vinculado ao Grupo de Pesquisa *Pragmática (inter)linguística, cross-cultural e intercultural*, certificado pelo CNPq. O site do grupo pode ser acessado no seguinte endereço: <http://www.lettras.ufmg.br/cicdm/>.

¹⁰ Esse trecho específico foi retirado do capítulo livro “Interkulturelle Kommunikation”, de Hans Jürgen Heringer.

A partir de então, o proponente passa a fazer parte do grupo de pesquisa supracitado, familiariza-se com as práticas metodológicas da pesquisa interacional – lê-se, aqui, o processo de coleta de dados, que compreende a seleção dos participantes para a filmagem de uma interação; a transcrição desta por meio do *software* EXMARaLDA¹¹ e, por último, a prática de segmentação da transcrição – até, por fim, iniciar seu projeto de mestrado em 2013.

Passa-se, agora, para a fundamentação teórica que baseou a pesquisa aqui apresentada.

¹¹ Esse programa será devidamente apresentado e comentado na seção reservada à metodologia de pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, apresentam-se as teorias que mais determinaram e basearam a pesquisa aqui conduzida. Convém salientar que esse estudo se caracteriza por uma abordagem multidisciplinar, por meio da qual aspectos relevantes de diferentes teorias são inter-relacionados para que os objetivos possam ser devidamente alcançados.

De início, serão discutidas algumas das ideias que norteiam as pesquisas sobre o conteúdo semântico dos termos *pátria* e *Heimat*,¹² bem como as relações histórico-culturais que permeiam essas definições. Em seguida, serão expostos os postulados da Comunicação Intercultural – teoria mais central para essa pesquisa, da qual, a saber, o conceito de *rich points* foi retirado. Finalmente, destacam-se algumas contribuições dos domínios linguísticos da semântica e da pragmática, os quais, em uma relação de interface, servem de motivação teórica para algumas decisões que foram tomadas para os procedimentos metodológicos realizados. Por ora, convém dar início à argumentação teórica.

2.1 A problemática da pátria

Esta seção tem como foco parte da teorização e da reflexão feitas em torno de um tema tão culturalmente marcado – a *pátria*. Convém lembrar, antes de se iniciarem os argumentos, que as teorias apresentadas aqui estão atreladas ao conceito de *pátria* relacionado quase exclusivamente a estudos germânicos, isto é, comentam a relação existente entre a noção de *pátria* e a Alemanha. Tal decisão se justifica a partir da trajetória acadêmica do autor desta dissertação em relação aos estudos em alemão e sobre a língua alemã. Por ora, toda vez que o item *Heimat* for utilizado neste trabalho, deve-se ler tanto *Heimat* (em alemão

¹² Durante a escrita deste trabalho, o termo *pátria* é utilizado de duas formas: em itálico e em formatação normal. No primeiro caso, refere-se metalinguisticamente ao item lexical *pátria*. Já no segundo caso, há referência somente ao sentido do termo.

quanto) *pátria* (em português). Uma distinção será devidamente tematizada na seção 5.1, na qual a tradução direta entre esses termos será discutida com mais profundidade.

Heimat, verbete alemão potencialmente traduzido para o português como *pátria*,¹³ é, segundo Applegate (1990), um termo que, de certo modo, atua como espelho da história alemã. Trata-se, aqui, de uma palavra comum, mas que “has been at the center of a German moral [...] discourse about place, belonging and identity” (APPLEGATE, 1990, p. 4).¹⁴ Segundo essa mesma autora, o conceito de *Heimat*, especificamente no que concerne a Alemanha, passou por uma série de manipulações político-sociais (in)conscientes no decorrer da história desse país, desde, por exemplo, antes da unificação alemã em 1871 até os dias atuais. Nesses contextos, foram atribuídos a esse termo matizes de significado altamente singulares, os quais perduram em coexistência até o presente momento.

A título de exemplo da importância atual de *Heimat* na Alemanha, há estudos dedicados ao significado do termo em pauta específico para certas regiões na Alemanha, como mostram Kühne e Spellerberg (2010), os quais são responsáveis pela coleta e interpretação das contribuições de vários sujeitos no estado alemão de Saarland. No caso, esse estudo foi motivado principalmente pelas vicissitudes históricas por que passou a região de Saarland, sobretudo no que diz respeito às delimitações de território entre Alemanha e França. Nesse contexto político de disputas, os autores colocam em foco a questão da identidade regional da população e como esse pertencimento pode afetar a vida diária das pessoas envolvidas.

Outro exemplo trata da compilação de várias contribuições acadêmicas sobre a história da população alemã que, há décadas, emigrou para lugares como Brasil, Rússia, Estados Unidos, África, entre outros (O'DONNELL; BRIDENTHAL; REAGIN, 2005). Nesses estudos, fica clara a preocupação dos autores em relatar como os emigrantes mantiveram sua conexão com a pátria deixada para trás.

¹³ Conferir, por exemplo, o dicionário *online* PONS (alemão-português).

Disponível em: <<http://de.pons.com/%C3%BCbersetzung?q=heimat&l=dept&in=&lf=de>>. Acesso em 23 mar. 2015. No caso, essa tradução será problematizada na seção 5.1 dessa dissertação.

¹⁴ Tradução do autor: “tem estado no centro da moral alemã [...] do discurso sobre lugar, pertencimento e identidade.”

Já em um plano mais atual, convém ainda citar as famosas *Vereine*, ou associações de âmbito regional ou nacional, nas quais vários alemães passam parte de seu tempo livre e se dedicam a algum tipo de atividade social como, por exemplo, à proteção de animais, à prática de canto, à brigada de incêndio voluntária etc (GÖTZ; HAENSCH; WELLMANN, 2008). Com efeito, há grupos que se dedicam exclusivamente à manutenção de valores e tradições ligados à pátria, como pode ser observado por meio da página “*Vereinsverzeichnis*”,¹⁵ em que mais de 800 associações dedicadas à pátria foram encontradas. Ainda a esse respeito, vale mencionar o vilarejo ou *Dorf* de Haidenkofen, na Alemanha meridional, o qual foi tema de reportagem da revista *Spiegel* em 2012 (KURBJUWEIT, 2012, p. 63-64). Nesse local, vivem menos de 200 pessoas e, além disso, devido ao fato de muitos jovens se mudarem para cidades maiores e poucos nascimentos ocorrerem, esse número decresce ainda mais. Segundo o autor da reportagem, os moradores entrevistados temem que o lugar e, conjuntamente, todos os valores e memórias cultivados nele desapareçam por completo – esse temor, a saber, relaciona-se diretamente com um alto grau de pertencimento a uma região específica, isto é, a certo tipo de pátria. Applegate (1990), em seu estudo sobre a história do termo *Heimat* com foco particular na comunidade alemã radicada no Palatinado (*Pfalz*), identifica um efeito similar àquele comentado a respeito do vilarejo de Haidenkofen. A saber, a importância da pátria para uma comunidade, seja ela regional ou nacional, reside no esforço para se manter o ideal comunitário independente das circunstâncias sócio-históricas e das vontades individuais (APPLEGATE, 1990, p. 6).

Pode-se, portanto, por meio dos exemplos supracitados, constatar de várias maneiras a importância íntima que *Heimat* pode apresentar na Alemanha. A reboque dessa relação tão peculiar, vale citar mais um exemplo de como parte da população alemã se mobiliza para refletir sobre esse conceito. A saber, a fundação *Konrad Adenauer* contribui, por meio de palestras e publicações (PÖTTERING; KLOSE, 2012), para a discussão secular sobre o que de fato *Heimat* significa ou pode significar. As ideias debatidas pela fundação advêm de várias áreas de atuação profissional e social, de modo que até mesmo os setores da política

¹⁵ *Vereinsverzeichnis*, em português, significa uma espécie de relação virtual de todas as *Vereine* ou associações. Disponível em: <<http://www.ver einsverzeichnis.eu/vveu,76,0,Heimat-Vereine.html>>. Acesso em 23 mar 2015.

(como no caso de Thomas de Maizière, Ministro federal do Interior) e da igreja (tendo como exemplo Joachim Wanke, bispo na cidade de Erfurt) possam se envolver.

Do ponto de vista acadêmico, vários pesquisadores procuraram por uma explicação capaz de definir os contornos semânticos de *Heimat* – seja a partir de premissas filosóficas, linguísticas ou históricas. Porém, antes que essas ideias possam ser devidamente comentadas, faz-se necessária uma pequena digressão reservada à história do termo em análise – principalmente no que tange a sua introdução ao vocabulário corrente da língua alemã.

2.1.1 *Heimat* e a história em torno do termo

De acordo com Applegate (1990, p. 7), *Heimat* se configura como item lexical resgatado do alemão arcaico no final do século XVIII. Esse resgate se deve ao trabalho de escritores românticos preocupados com a imagem da língua alemã como “espelho” de um povo que, por sua vez, caminhava em direção a um estado unificado. Como bem pontua a autora, o público de tais romances com promessas de *Heimat* não eram as pequenas cidades, mas justamente aquelas que compartilhavam de certo desejo de unificação. Applegate cita ainda outro fator responsável pela reintrodução de *Heimat* ao vocabulário alemão – a crise política por que passavam os estados germânicos durante o período napoleônico. No caso, a forte descentralização política fez com que a vida pública burguesa se interessasse pelos ideais de nação.

Diante desses fatos, porém, é que Applegate inicia em sua trama histórica o processo de desmascaramento político-social do termo em destaque. Nesse sentido, por mais inconsciente e fluida que tenha sido a relação entre a noção de *pátria* e os caminhos que levaram à unificação alemã, a autora afirma ser *Heimat*, na época de seu resgate lexical, um termo de sentido bilateral. Por um lado, o uso de *Heimat* no vocabulário corrente da burguesia conotava aspectos da vida interiorana na Alemanha, muito marcada pela tranquilidade, pelo comprometimento com a terra e pelas memórias intocáveis da infância. Por outro lado, não eram os homens do interior e das cidades pequenas que faziam uso

consciente de tal conceito, mas sim aqueles que se apropriaram da ideia de *Heimat* a fim de que esta pudesse ressonar em todos os territórios alemães.

Segundo Applegate, um bom exemplo dessa dinâmica dualista de *Heimat* trata da criação da lei do domicílio (*Heimatrecht*), datada do início do século XIX. A partir de sua promulgação na Bavária em 1825, por exemplo, os cidadãos tinham o direito de habitar e trabalhar em qualquer cidade bávara, desde que eles permanecessem dentro da lei (APPLEGATE, 1990, p. 8). Com efeito, essa lei, por mais razoável que seja do ponto de vista legal, camufla o fato de que o homem do interior passa a se subordinar e, com isso, a se submeter aos desígnios de um aparato administrativo nacional. Nas palavras da própria historiadora:

Heimat represented a thoroughly flexible concept by which the state could reproduce itself at the local level of civic experience characteristic of most people's lives. [...] Such a Heimat was not the genuine hometown, in which the idea of civic virtue had been wholly inner-directed, implying little about service to a greater state. The genuine hometown, moreover, was regulated by anything but law, [...] a codified and written body of statutes. The Heimat of these 1825 statutes was an administrative fiction, whose essential modernity became over the next century more and more obscured by the deceptive antiquity of the word and perhaps more importantly by the demise of the real hometown. (APPLEGATE, 1990, p. 8-9)

Isso posto, torna-se claro e até mesmo plausível o fato de *Heimat* e todas as suas conotações terem se espalhado rapidamente pelos estados alemães, inclusive pelas pequenas vilas afastadas. Dadas essas circunstâncias, além disso, Applegate identifica dois abismos entre as grandes cidades e as províncias – um político e outro emocional, os quais, todavia, eram mascarados por leis (como a do domicílio descrita acima) e por romances, respectivamente. Sob essa ótica, o projeto de unificação se tornava cada vez mais “palatável” a toda a população, ludibriada politicamente a acreditar que a Alemanha fosse uma nação que abraçasse todos os lugares igualmente. Pode-se afirmar, por conseguinte, que o uso em massa do termo *Heimat* contribuiu para uma redefinição de localidade, a qual se tornou muito mais maleável às necessidades do progresso político-econômico.

Convém notar, ainda, que o comportamento dicotômico característico de *Heimat* perdurou mesmo após a unificação política alemã, em 1871. Com efeito, para que uma nação

pudesse se afirmar como tal, necessitava-se de certo grau de interconexão pessoal. Nesse sentido, a noção de pertencimento (*belonging together*) foi influenciada pela sensação de proximidade (*being together*), principalmente devido a novos meios de transporte (como os trens – não havia mais cidades em completo isolamento) e à imprensa (APPLEGATE, 1990, p. 11-12).

Todos esses fatores históricos foram essenciais para que houvesse uma conceptualização de *Heimat* como a que se pode constatar nos dias atuais. Porém, o interessante de uma análise como a que se propõe aqui é justamente o fato de que, mesmo que por razões e estratégias políticas, uma das definições mais pungentes de *Heimat* ou *pátria* parece se referir, como já explicitado anteriormente, ao esforço de se manter, fomentar e salvaguardar o ideal de comunidade, seja a nível regional ou nacional. Esse esforço, ainda segundo Applegate, passou por remodelações em cada período da história alemã, desde o período de guerras, em que *Heimat* se tornou um ideal que conclamava a todos para a participação direta ou indireta na luta (*home front*), até o período pós-guerra, em que as duas Alemanhas disputaram por um direito legal à pátria.

2.1.2 A definição de *Heimat*

O fato de que ao termo *Heimat* vários semblantes de significado tenham sido atribuídos, fez com que inúmeros acadêmicos, de áreas de conhecimento distintas, tentassem “apanhar” a essência dessa palavra tantas vezes utilizada para conotar a grandeza da nação alemã. Segundo Applegate, essas tentativas, na maioria das vezes, não foram bem-sucedidas e não contribuíram de forma eficaz para a melhor compreensão do termo. Por essas razões, diz a autora o seguinte:

The term *Heimat*, one could argue, has entered in so many different discussions in such diverse areas of German society that it would be a great mistake to search for a solitary meaning, a single truth beyond all the noise. And yet the ubiquity of the term and the deep emotionality of its appeal have proven irresistible temptations to interpreters in search of an essence

for which Heimat is the expression. Their results have not always been enlightening. (APPLEGATE, 1990, p. 4)

Contudo, fazem-se necessários alguns apontamentos a respeito de como o termo tem sido tratado pelo meio acadêmico. Como já indicado na introdução, muitas pesquisas direcionam o foco de análise para a construção estética de *Heimat* em ambientes literários e cinematográficos – um bom exemplo para esse tipo de leitura remonta aos estudos de Boa e Palfreyman (2000), as quais analisaram obras literárias e filmes quanto a sua relação com o tema *Heimat*.

Outros estudos procuram descrever esse termo por meio de argumentos filosóficos, sociológicos ou religiosos. Digno de nota, por exemplo, é o trabalho de Belschner (1995), o qual, a partir de uma perspectiva psicológica, propõe-se a mapear as dimensões do sentido de *Heimat* – sem qualquer ligação explícita à cultura alemã. Com base nesse autor, há cinco dimensões a serem consideradas: (1) *Heimat* como conceito de lugar (*Raum*); (2) de atividade humana (*Aktivität*); (3) de transformação (*Transformation*); (4) de direito à intervenção criadora (*Recht auf Gestaltung*) e, finalmente, (5) de ilusão (*Illusion*).

O ponto de destaque para a análise de *Heimat* é a noção de lugar. Nesse quesito, parece ser muito comum que *pátria* seja um termo associado às tradições de um povo que se instalou em determinado local. De acordo com Belschner, a delimitação desse lugar adquire aspectos relacionados a uma escala de referência, a qual abrange desde os limites do corpo humano (de modo tal que o homem pudesse ser sua própria pátria) até os confins do cosmo (BELSCHNER, 1995, p. 96) – no caso, o lugar é tomado como base para a explicação de todas as outras dimensões.

Por exemplo, no que se refere à quinta dimensão (ilusão), o autor discute a constante busca do homem por um lugar que possa significar segurança e estabilidade. Essa necessidade, para Belschner (1995, p. 104), seria uma tendência psíquica útil para o ser humano, o qual sempre estaria subordinado à compulsão pela organização de um mundo de experiências caóticas e desordenadas. O teórico comenta, em conclusão, que a ligação entre *Heimat* (como instância material e externa ao homem) e a sensação de segurança é resultado de uma projeção psíquica, a partir da qual os desejos e necessidades internas do homem tomam forma no mundo ao seu redor. Nas palavras do autor:

Heimat wird dann zum Gegenpol von Auflösung und Unsicherheit. Mit der Verräumlichung der Heimat wird diese psychische Tendenz in die Außenwelt projiziert und verortet. Die Suche nach einer Heimat in der Außenwelt enthebt die Person von der Aufgabe, zu sich selbst zu kommen und die eigene Existenz als Heimat zu begreifen. (BELSCHNER, 1995, p. 104)¹⁶

O caráter ilusório da pátria, sob essa ótica, recai no fato de que a segurança e a estabilidade projetadas não são, necessariamente, conservadas pela vontade do homem, mas sim subjugadas pela história. De qualquer maneira, essa ilusão se coloca como grande motivação para que o homem possa se engajar e lutar pela manutenção do *status quo* em sua pátria, mais ou menos como a população da vila de Haidenkofen se propõe a fazer.

Outra abordagem interessante, mas não tão preocupada com as definições possíveis de *Heimat* como se viu em Belschner, refere-se a Eigler (2012) e a sua revisão teórica sobre o tema em pauta. Esse autor, em última análise, propõe a existência de dois modos de “encarar” o significado de *pátria*: um modo ‘territorialista’ e outro, em oposição, ‘desterritorialista’. A saber, o primeiro se refere a uma visão mais restritiva de *Heimat*, segundo a qual seu significado se confunde com os limites políticos e geográficos de uma determinada região. Essa perspectiva, além disso, encontra-se normalmente vinculada às necessidades práticas e psicológicas de uma comunidade, como demonstrado no caso do vilarejo de Haidenkofen. Já o segundo modo, em contrapartida, relaciona-se muito mais a certa individualização do conceito de *Heimat*, de modo que demarcações territoriais deixam de atuar restritivamente no indivíduo, o qual, por sua vez, pode experimentar com maior liberdade a sua própria pátria.

A esse respeito, como exemplo ao modo ‘territorialista’ de se enxergar a pátria, vale citar o trabalho do meteorologista alemão Wolfgang Thüne (1991). No final da década de 80, ele propõe que esse tema seja analisado sob um prisma sociológico e geopolítico, a partir do qual a pátria passa a ser o elemento responsável pela reconstrução da sociedade moderna. Esta, tendo em vista o desenvolvimento tecnológico e industrial desenfreado e a supervalorização do pensamento racional, encontra-se “doente” e em deterioração. Tal

¹⁶ Tradução do autor: “Pátria se torna, então, o polo oposto à dissolução e à incerteza. Com a espacialização da pátria, essa tendência psíquica é projetada e alocada no mundo exterior. A procura por uma pátria no mundo exterior retira da pessoa a tarefa de voltar para si mesma e de compreender a própria existência como pátria.”

afirmação, conseqüentemente, leva Thüne a fazer um apelo à responsabilidade do homem para com o meio ambiente, ao equiparar a proteção da natureza à proteção da pátria.

O autor, ao dizer “A pátria opõe-se ao desenraizamento, servindo, ao mesmo tempo, na qualidade de princípio territorial, à paz, pois a territorialidade constitui uma ‘força conservadora e defensiva’” (THÜNE, 1991, p. 91), contingencialmente demoniza e condena qualquer forma de desterritorialização, seja por meio de coação (por exemplo, no caso da emigração forçada devido a guerras) ou por vontade própria. Nessa obra, a posição de Thüne é reiterada constantemente, como se comprova pela afirmação em passagem anterior: “Deus colocou os homens em sua pátria. Separar os homens de sua pátria por coação significa assassiná-los no espírito. A expulsão e o conseqüente aniquilamento da ligação telúrica constituem intervenções usurpadoras na ordem da criação, uma injustiça...” (THÜNE, 1991, p. 58). Vê-se, pois, que a noção de *pátria*, de acordo com o autor supracitado, caracteriza-se muito pelo vínculo espiritual e material do homem com sua terra natal e que, além disso, o rompimento dessa ligação é entendido unicamente como prejudicial tanto para o homem quanto para o meio ambiente.

Esse tipo de abordagem conceitual foi muito utilizado, por exemplo, durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Nesse período, a conceptualização de *Heimat* na Alemanha foi muito atrelada à noção de *home front*, a partir da qual toda a população de um país deve, de alguma maneira, servir de suporte para o serviço militar em guerra. Dentre as atividades que são fomentadas pelos ideais de *home front* se destaca, por exemplo, o auxílio na produção de armamento e na logística militar. Segundo Applegate (1990, p. 109), o assim denominado *Heimat movement* florescia justamente nessa época, tendo sido caracterizado pelo forte (e não agressivo) engajamento popular na manutenção de tradições e na promoção dos valores locais, sem, é claro, que a conexão com a nacionalidade alemã tenha sido perdida. Dada a eclosão da guerra, contudo, as associações (*Vereine*) ligadas à pátria passaram a contribuir mais ativamente para o cenário de conflito – a saber, doações aos soldados no *front* eram organizadas. Como bem diz a autora:

[...] the circumstances of the war transformed a general and passive Heimat feeling into an explicit Heimat ideology. Heimat organizations ceased to exist for themselves and for the purposes they had invented and began an

apprenticeship to the state that continued throughout the 1920s, culminating in National Socialist Germany. (APPLEGATE, 1990, p. 109)

Além disso, convém mencionar, ainda de acordo com a pesquisa de Applegate, que as *Vereine* iniciaram um processo de adaptação às condições impostas pela guerra. No caso, várias associações tomaram para si a obrigação de combater a imagem negativa da Alemanha promovida pelos países aliados, como a França. Sob essa ótica, o modo territorialista de se conceber a pátria se mostra justamente na afirmação da cultura alemã explicitamente delimitada pelas bordas políticas do país. Aqui, pode-se também constatar a supervalorização da moral comunitária em detrimento do indivíduo – com efeito, as associações locais desempenharam um papel crucial no processo de apaziguamento das reclamações populares que atacavam o governo alemão devido à falta de comida causada pela guerra (APPLEGATE, 1990, p. 111-112).

Para ressaltar ainda mais a relação entre o *Heimat movement* e a guerra, Applegate (1990, p. 113-114) comenta sobre as correspondências mantidas entre os membros das afiliações e os soldados no *front*, os quais eram consolados por sua condição e lembrados do retorno à pátria após o fim da guerra. Além disso, passeios organizados em matas e florestas locais deixavam de ser recreativos, a fim de que os jovens pudessem ter um preparo mínimo para campanhas em áreas montanhosas, bem como certa adaptação à vida nas trincheiras.

Convém, aqui, retomar a reportagem publicada por Kurbjuweit (2012), mencionada anteriormente na introdução. Como já explicitado, esta se constituiu de uma seleção de entrevistas com alemães a respeito de sua relação com o termo *Heimat*. Para tanto, sujeitos de várias partes da Alemanha foram simplesmente solicitados a dar depoimentos sobre como esse termo, para eles, poderia ser definido. Como se poderia esperar de uma atividade tão individual, a reportagem apresenta uma gama bem heterogênea de definições e relatos sobre pátria. Por exemplo, um dos participantes – o programador Christian Heller – afirma ter uma pátria digital (internet) que lhe proporciona muitas das sensações encontradas em sua outra pátria (Berlim), tais como segurança, confiabilidade e sinceridade (KURBJUWEIT, 2012, p. 69). Nesse sentido, pode-se dizer que depoimentos como esse vão de encontro ao que é defendido por Wolfgang Thüne e ao que foi praticado pelas associações locais na época da

Primeira Guerra, isto é, que o vínculo espiritual e material com a terra mãe pode ser, de certo modo, questionado. Além disso, tal posicionamento reitera indiretamente a constatação feita por Applegate – de que a busca por uma delimitação semântica de *pátria* pode não ser uma tarefa muito profícua.

Chega-se, portanto, à abordagem “desterritorialista” de se conceptualizar *pátria*. Eigler (2012), a esse respeito, critica o modo como o processo de delimitação explícita da pátria, por meio de uma suposta conexão telúrica entre o homem e a terra, pode promover certa redução da alteridade, isto é, pode contribuir para a exclusão da identidade do outro (EIGLER, 2012, p. 34-35). Nesse sentido, propõe-se certa hibridização do conceito de *pátria*, o qual passa a significar muito mais a percepção estética do indivíduo em relação ao seu entorno que a simples ligação obrigatória entre o homem e o lugar de seu nascimento. Aqui, a noção de espaço como elemento estático – tão cara ao metereologista Thüne – transforma-se por meio das relações interpessoais criadas pelo homem, sejam elas estabelecidas em lugares físicos ou virtuais, como no caso do programador alemão mencionado acima.

Bem como Boa e Palfreyman (2010), Eigler se baseia em filmes e romances, além de ensaios sociológicos para traçar um conceito de *pátria* que leve em consideração tanto aspectos temporais (históricos) quanto espaciais (geográficos). De fato, para ratificar a importância do lugar nos estudos sobre pátria, Eigler retoma as ideias do historiador e sociólogo francês Michel de Certeau, autor do livro *The Practice of Everyday Life* (1980), traduzido para o inglês em 1984. Nessa obra, tematiza-se o processo de apropriação individual pelo homem do mundo exterior ao seu redor – por meio da linguagem ou, por exemplo, da atividade e intervenção criativas no mundo. Essa ação experiencial, por sua vez, gera certo efeito remodelador na própria identidade do homem. Atesta-se, pois, uma interrelação entre o indivíduo e o mundo espacial que o cerca, mesmo sendo este expandido ou reduzido ao longo do tempo. Esse vínculo, além disso, consagra-se determinante para a constituição de laços patrióticos em vários lugares, de modo que a noção de *Heimat*, bem nos moldes da argumentação de Eigler (2012, p. 40-42), seja construída de forma bastante híbrida. Em outras palavras, essa triangulação entre a identidade, espaço e pátria não precisa ser coincidente com os limites políticos de alguma região, mas sim relacionada a outro

espaço (um “terceiro” espaço), sendo este altamente maleável em face das memórias e valores cultivados tanto individual quanto coletivamente.

Com base no exposto acima, é possível reafirmar que a noção de *pátria* possui um valor teórico-cultural bem rico e diverso, sobretudo no que diz respeito à formação do estado alemão e à cultura alemã de modo geral. Interessante, convém mencionar, que essa problemática também tem sua importância nos estudos linguísticos, principalmente no escopo do campo de análise da Comunicação Intercultural. A saber, de acordo com as análises expostas no decorrer da presente dissertação, assume-se o modo “desterritorialista” de se enxergar a pátria como abordagem mais interessante do ponto de vista semântico/pragmático. Esse tratamento teórico, porém, será tema de seções subsequentes, uma vez que se faz necessária, logo a seguir, uma breve introdução a postulados linguísticos que, a princípio, poderiam tentar explicar o uso de um termo de natureza tão complexa como este em pauta.

2.1.3 A tradução de *Heimat* para o português

Diante de tema já exposto, *Heimat* passou, para fins argumentativos desta dissertação, a se referenciar tanto ao item lexical em alemão quanto a sua contraparte brasileira – *pátria*. No que diz respeito ao escopo do presente capítulo, no entanto, convém mencionar rapidamente que a equivalência tradutória proposta pelo autor não se verifica de forma contundente a partir da análise da base de dados coletada para essa pesquisa.

A saber, como será mais bem explicitado na seção 3.3, a base de dados foi constituída de questionários, análises de *corpora* virtuais e da interação intercultural entre duas brasileiras e duas alemãs, sendo esta última considerada a principal fonte de dados para o estudo. Uma vez que o processo de coleta e todos os resultados serão detalhados nos capítulos 3 e 4, respectivamente, não cabe aqui fazê-lo.

Por ora, afirma-se que o item *pátria* possui relações semânticas com ambos os itens *Heimat* e *Vaterland* (traduzível como “terra pátria”). Enquanto as similaridades entre pátria e

Heimat se apresentam a partir de uma posição “desterritorialista” (EIGLER, 2012) frente ao termo em português, *Vaterland* e *pátria* se traduzem pelo compartilhamento de certa postura ‘coletiva’ e pejorativa, atrelada muito mais à história ditatorial do Brasil, a qual, por sua vez, estabelece vínculos com o período nazista na Alemanha.

De fato, a seção 5.1 fornecerá respaldo empírico mais completo para as afirmações aqui arroladas, sobretudo no que tange à aplicação dos questionários e à análise dos *corpora*. Dá-se, portanto, prosseguimento à fundamentação teórica.

2.2 A Comunicação Intercultural

De acordo com as ideias arroladas nas seções anteriores, sobretudo com base em Applegate (1990), parece plausível afirmar que a busca por uma definição semântica tão categórica não consegue abarcar todos os usos dos termos *pátria* e *Heimat* – como visto, por exemplo, no caso de *Heimat* como *internet*. Convém ressaltar, rapidamente, que as abordagens mais restritivas citadas não fazem menção ao sentido de *Heimat* por meio de sua vinculação à fala, mas sim de elucubrações filosóficas, por exemplo, como no caso dos ensaios filosóficos de Thüne (1991). No contexto dessa dissertação, porém, privilegia-se uma abordagem fundada em evidências empíricas, a fim de que se possa tentar uma aproximação teórico-metodológica mais coerente em relação ao sentido e ao uso de itens lexicais específicos. É sempre válido lembrar, além disso, que a definição semântica de *pátria/Heimat* não se configura como proposta principal de análise, mas sim a descrição de *frames* comunicativos – emergentes na interação filmada – que subjazem ao uso desse termo.

Inicialmente, a Comunicação Intercultural se coloca como área de conhecimento interessante justamente para uma análise ancorada em trechos de fala autênticos, como a que se propõe aqui. Trata-se, na verdade, de uma linha de pesquisa relativamente recente e que tem sido estudada e aplicada por meio de diferentes matizes (REHBEIN, 2007). Com efeito, seu surgimento se deve, em parte, à descrição de situações de interação que apresentassem participantes multilíngues. Segundo Rehbein (2007, p. 131), um dos principais objetivos que

se colocava à pesquisa – e que ainda norteia, em parte, os estudos interculturais até hoje – era a procura por uma relação coerente entre língua, cultura e sociedade. Embora esse tenha sido um dos principais motivos pelos quais a pesquisa em Comunicação Intercultural se justificava, Rehbein comenta que muitos dos trabalhos nessa área, principalmente nas décadas de 80 e 90, concentraram-se na descrição de interações institucionalizadas, isto é, cujo foco abrangeu exclusivamente situações de caráter altamente ritualizado, como, por exemplo, interações entre médicos e pacientes, entrevistas de emprego, entre outros. Segundo o teórico em destaque, essa tendência de análise reflete a transformação social-demográfica por que passaram os países europeus, os quais vêm acolhendo quantidades abundantes de imigrantes desde o final do século XX.

Ainda a esse respeito, é válido afirmar que, por mais profícua que seja a investigação da comunicação em ambientes institucionalizados como aqueles mencionados acima, faz-se necessário que essa esfera de análise tenha como escopo interações com as mais variadas constelações entre seus interactantes – seja em ambiente de trabalho, escolar, universitário, familiar etc. Dessa forma, busca-se, em pesquisas mais atuais, investigar certos aspectos da comunicação corrente, denominada *homileica* (SCHRÖDER, 2014, p. 58), caracterizada em oposição a interações institucionalizadas, isto é, na qual o índice de ritualização dos meios linguísticos e não linguísticos não é tão elevado, a ponto de tornar qualquer previsão a respeito das ações de cada interactante questionável.

Antes, porém, que se delineiem as teorias centrais concernentes à presente dissertação, é preciso revisar rapidamente um dos conceitos mais importantes para qualquer pesquisa em Comunicação Intercultural – a noção de cultura.

2.2.1 A problemática da cultura

O início das preocupações com as dinâmicas de funcionamento de uma comunicação que se julga ‘intercultural’ está diretamente atrelado ao estudo antropológico de Edward Hall (1959), o qual, na verdade, lida explicitamente com o conceito de cultura. Segundo o autor, a

cultura é considerada comunicação (HALL, 1959, p. 119) e, nesse sentido, o conhecimento cultural só é possível por meio do estudo da comunicação *per se*. Além disso, Hall afirma ser não somente a comunicação verbal importante para se alcançar uma compreensão mais bem elaborada de cultura, mas também a linguagem não verbal. De acordo com o autor (HALL, 1959, p. 48), essa abordagem se deve ao fato de que o comportamento do ser humano (inclui-se aqui o comportamento comunicativo) é controlado pela cultura, sendo essa influência verbalizada na interação de modo completamente inconsciente – fala-se, com efeito, de uma *silent language*.

Interessante perceber que Hall trata a cultura como um objeto intelectual, passível de ser aprendido na comunicação. Por meio desse estudo, o indivíduo, além de passar a conhecer mais profundamente a perspectiva do outro, de seu interlocutor, passa também a conhecer a si mesmo. Em outros termos, é justamente por meio do aprendizado de uma língua estrangeira que o sujeito chega a conhecer a respectiva cultura. Nas palavras do autor:

I am also convinced that all that one ever gets from studying foreign culture is a token understanding. The ultimate reason for such study is to learn more about how one's own system works. The best reason for exposing oneself to foreign ways is to generate a sense of vitality and awareness – an interest in life which can come only when one lives through the shock of contrast and difference. (HALL, 1959, p. 53)¹⁷

No caso, tendo em vista a dificuldade de se definir o termo em análise, Hall inicia seus argumentos com base na defesa de que toda cultura é baseada em atividades biológicas – como, por exemplo, a noção de ‘territorialidade’ e todas as atitudes humanas que são por ela evocadas (HALL, 1959, p. 60-62). Essas atividades (dentre as quais ainda se destacam ‘interação’, ‘sexualidade’, ‘defesa’, ‘subsistência’, entre outros), segundo o autor, fazem parte do comportamento básico/natural de todo ser humano e a combinação das mesmas resulta no que é chamado hoje de cultura.

¹⁷ Tradução do autor: “Eu também estou convencido de que tudo que se pode tirar do estudo de uma cultura estrangeira é um *token understanding*. A razão principal para tal estudo é aprender mais sobre como o próprio sistema funciona. A melhor razão para se expor a modos estrangeiros é a geração de um senso de vitalidade e percepção – um interesse na vida que somente pode acontecer quando alguém vive por meio do choque de contraste e diferença.”

Na verdade, essa é uma visão não tão alheia a trabalhos mais recentes sobre cultura. Ting-Toomey (1999, p. 10-11), por exemplo, entende cultura como um *iceberg*: a parte mais evidente se refere ao produto da atividade criativa e simbólica do homem (como a música, a moda e até mesmo a comunicação em interação), enquanto a parte submersa remete às tradições, crenças e valores que governam o emprego e a criação de todos os ‘artefatos culturais’ supracitados. Sob essa perspectiva, para que se possa compreender a realidade específica compartilhada entre as pessoas (a camada mais profunda do *iceberg*), é preciso que necessidades humanas universais sejam levadas em consideração – bem como sugerido por Hall. O estudo da cultura, portanto, parte de uma abordagem focada na atividade criativa do homem para que, finalmente, possa se ter acesso ao repositório de significados que justifica a própria atividade inicialmente analisada.

Desse modo, para que as diferentes culturas possam ser comparadas entre si, Hall propõe um sistema de análise tripartido, a partir do qual a cultura deve ser compreendida como um conjunto de ações (i) formais, (ii) informais e (iii) e técnicas. Com base nessas categorias, quanto menor for grau de formalização de uma atividade, isto é, quanto menos formal e mais técnica for uma atividade, mais consciência da mesma terá o indivíduo. Com efeito, atividades formais são aquelas guiadas por regras implícitas (compartilhadas pela comunidade), mas que não são questionadas – a transgressão ou a ignorância à regra, no caso, é altamente rejeitada pelos respectivos membros. As atividades técnicas, por sua vez, são muito bem representadas pelo conhecimento científico e acadêmico, com o qual os sujeitos, por meio de treino e estudo, tem acesso às regras que subjazem a qualquer atividade cultural e, com isso, podem escolher se se submetem à mesma ou se a ignoram. Já no que tange às atividades informais, Hall postula (1959, p. 92) que o indivíduo as põe em prática sem conhecer muito bem o apanhado de regras que as governam e que, justamente por isso, não consegue caracterizar com objetividade os como e os porquês de cada ação. A título de exemplo, a comunicação – uma das atividades mais básicas da interação humana –, mesmo que não verbal, é guiada na maioria das vezes por ações altamente informais.

Além de categorizar as atividades humanas que compõem o cenário cultural de cada comunidade, Hall, na tentativa de estabelecer critérios mais rigorosos para a análise de culturas em geral (para que, por exemplo, um estudo cultural pudesse ser replicável),

estabelece uma comparação entre os elementos que compõem a comunicação e os que, de maneira similar, são constituintes da cultura – a saber, três categorias são focalizadas pelo autor, (i) os *sets*, (ii) os *isolates* e (iii) os *patterns*.

Segundo Hall, essas categorias se organizam de acordo com a progressão do aprendizado de uma língua estrangeira: primeiro, o sujeito percebe a existência descontínua de *sets* (palavras) e que estes são formados por *isolates* (sons), sendo que, finalmente, os mesmos *sets* se agrupam em *patterns* (padrões sintáticos) significativos – o aprendizado da cultura passa, a princípio, pelo mesmo processo de percepção. Por exemplo, no que diz respeito à percepção intuitiva dos *sets*, Hall menciona uma visita a um país árabe por um norte-americano e afirma:

What we perceive on a first visit to an Arab country is a series of interactions that we recognize as something akin to bargaining. That is, we perceive the sets: the actions, the motions, the rises in the tone of voice, increases in loudness, the withdrawal, the handling of the merchandise. (HALL, 1959, p. 129)¹⁸

Com efeito, como na lingual estrangeira, os *sets* perdem sentido se analisados em isolamento, alheios a qualquer contexto. É, no caso, somente por meio do conhecimento dos *patterns* ou padrões possíveis em uma cultura que o sentido de cada *set* se torna acessível. Interessante, aqui, é perceber certa semelhança entre essa premissa de Hall e a abordagem semântica distribucional baseada em *corpora*, segundo a qual o âmbito sintagmático (relacionado ao conceito de *patterns*) é essencial para a análise do significado de itens lexicais.

No tocante aos *isolates*, Hall (1959, p. 140) os considera a ponte de transição entre os *sets* e os *patterns* e defende a ideia de que a variação de isolados é a grande responsável pela mudança do significado de vários padrões. Por exemplo, o sistema entonacional de uma língua, considerado aqui como *set*, é subdividido a partir de seus *tokens* percebidos na fala – uma sentença em inglês, nesse caso, pode terminar com um padrão entonacional tanto ascendente quanto descendente. Essa variação dentro do referido sistema entonacional é, de

¹⁸ Tradução e grifo do autor: “O que nós percebemos em uma primeira visita a um país árabe é uma série de interações que nós reconhecemos como algo parecido com barganha. Isto é, nós percebemos os *conjuntos*: as ações, os movimentos, as elevações no tom de voz, aumentos no volume, o recuo, a negociação do produto.”

fato, o elemento responsável pela mudança de sentido de toda a sentença, de modo que uma afirmação passa ser compreendida como pergunta.

Os *patterns*, por fim, referem-se às regras culturais que guiam a organização significativa dos *sets*. Nesse sentido, pode-se ressaltar o caráter restritivo dos padrões em uma cultura – eles ditam, de certo modo, como o indivíduo deve se comportar (lê-se, aqui, rearranjar seu conjunto de *isolates* de forma tal que se possa atribuir sentido à ação). De acordo com Hall, embora o homem apresente impulsos que aparentemente são originados de forma independente, isto é, sem qualquer motivação cultural, estes são “radically altered by culture so that they are brought into play under controlled circumstances” (HALL, 1959, p. 144).¹⁹

Com base no exposto acima, Hall cria o alicerce dos estudos que estabelecem uma relação indissociável entre língua/comunicação e cultura. Afirma-se (AGAR, 2002, p. 189), além disso, que esse pesquisador foi um dos principais precursores do campo de estudos da ‘Comunicação Intercultural’. Em um exemplo interessante, Hall (1966) trata da relação dos alemães com o espaço a sua volta e como esse comportamento exprime um modelo muito básico de comunicação não verbal (a proxêmica). O autor afirma o seguinte:

Germans sense their own space as an extension of the ego. One sees a clue to this feeling in the term “Lebensraum”, which is impossible to translate because it summarizes so much. [...] In contrast to the Arab, as we shall see later, the German's ego is extraordinarily exposed, and he will go to almost any length to preserve his “private sphere”. (HALL, 1966, p. 134).²⁰

A saber, não seria surpresa se essa comunicação territorial fosse caracterizada, nos termos de Hall (1959), como uma atividade formal, tendo em vista que os alemães possam apresentar um conhecimento bastante implícito das regras que governam esse tipo de interação, bem como reações negativas se tais regras fossem transgredidas (sobretudo se essa transgressão fosse feita por falantes com *backgrounds* culturais diferentes). Tal análise, por

¹⁹ Tradução do autor: “radicalmente alterados pela cultura de modo que eles são ativados em circunstâncias controladas.”

²⁰ Tradução do autor: “Alemães percebem seu próprio espaço como uma extensão do ego. Pode-se ver uma pista para esse sentimento no termo *Lebensraum*, o qual é impossível de se traduzir, porque ele resume muita coisa. [...] Em contraste com o árabe, como nós veremos mais tarde, o ego do alemão é extraordinariamente exposto, e ele irá a quase qualquer distância para preservar sua ‘esfera privada’.”

mais instrutiva que seja, apresenta um caráter altamente categórico, isto é, descaracteriza o comportamento do indivíduo em prol de uma descrição generalizante de cultura. Essa tendência é percebida, por exemplo, na própria citação sobre o comportamento proxêmico dos alemães, na qual o termo *Germans* sugere uma homogeneização radical da comunicação não verbal feita por alemães.

A saber, esse tipo de abordagem é percebida nos estudos culturais de Hofstede *et al.* (2010), o qual, juntamente com seus colegas, desenvolve uma série de parâmetros para a análise comparativa de culturas.²¹ Convém ressaltar que os autores, embora percebam que uma sociedade não remete necessariamente a um país (com suas delimitações geográficas e políticas), defendem análises culturais que privilegiam o escopo da nação sem a consideração de grupos minoritários. Esse interesse em comparar culturas nacionais se deve, em parte, à pretensão de que haja maior cooperação entre diferentes nações caso seus traços culturais sejam analisados (HOFSTEDÉ *et al.*, 2010, p. 21-22).

Acerca dos parâmetros acima mencionados, consideram-se quatro dimensões ou valores culturais tidos como estáveis para a comparação entre culturas: (i) relação com autoridade; (ii) relação entre indivíduo e grupo; (iii) conceitos de masculinidade e feminilidade e (iv) controle de agressão e expressão de sentimentos. Em uma escala de 100, por exemplo, é atribuído à cultura alemã o índice de 67 no que se refere à segunda dimensão cultural, isto é, os alemães, em termos gerais, são considerados mais individualistas que coletivistas. Isso quer dizer que, na Alemanha, os interesses do indivíduo são mais valorizados que os interesses do grupo no qual o mesmo se insere (HOFSTEDÉ *et al.*, 2010, p. 91-96). Em contrapartida, a cultura brasileira é ranqueada com o valor de 38, sendo, portanto, considerada uma cultura mais coletivista, na qual a identidade de cada indivíduo é determinada não por traços pessoais, mas sim pelas características de seu grupo de convivência, seja este a família ou os colegas de trabalho.

Por mais que Hofstede *et al.* clame pela consistente qualidade de seus dados, cabe aqui a reflexão de que, ao atribuir a uma nação valores culturais em uma escala, tem-se a

²¹ Esses parâmetros decorrem da aplicação de questionários aos empregados de uma empresa multinacional (IBM – *International Business Machines*): HOFSTEDÉ, G. *Culture's Consequences: International Differences in Work-Related Values*. Beverly Hills, CA: Sage, 1980.

impressão de que a cultura é decomposta em seus traços característicos. Nesse sentido, ou uma cultura é considerada individualista ou coletivista, simplesmente de acordo com sua posição em uma lista. Conseqüentemente, mesmo com defesa de que a pesquisa deva focalizar somente sociedades nacionais e não características individuais em cada sociedade (HOFSTEDE *et al.*, 2010, p. 40), é difícil não perceber a contribuição dessa abordagem para a criação de estereótipos culturais. Em outras palavras, no caso da Alemanha, parte-se da suposição de que valores comunitários não sejam levados em consideração, ao passo que a imagem do indivíduo deva sempre ser conservada, respeitada.

Críticas a perspectivas teóricas como essa são feitas, a saber, pelo antropólogo Clifford Geertz (1973), em sua 'teoria interpretativa da cultura'. Segundo esse autor, cultura já é vista como *webs of significance*, as quais não são descritas para se chegar a uma lei, mas sim para se entender as diversas estruturas de significado que permeiam cada ação comunicativa do homem, em cada contexto específico (GEERTZ, 1973, p. 5-7). Uma investigação como proposta por esse teórico não busca por um *status* ontológico de cultura (como uma entidade abstrata residente na cabeça de todos e acessível para referências a qualquer momento), mas sim pela importância semiótica (significativa) da ação humana.

Sob a ótica de Geertz, considerar a cultura como o repositório mental de crenças, tradições ou conhecimentos (que tradicionalmente são passados de geração em geração) resulta na suposição de que esse mesmo conjunto de valores seria passível de ser sistematicamente estudado, operacionalizado, a fim de que, por exemplo, algum estrangeiro pudesse se passar por nativo. Com efeito, o escopo de análise da Comunicação Intercultural serviu de base teórica para o surgimento de vários trabalhos que objetivaram certo treinamento intercultural, voltado principalmente para a adaptação de emigrantes em seus novos países ou para a harmonização de relações empresariais entre colegas estrangeiros (ROST-ROTH, 2006). Geertz, todavia, critica essa abordagem na medida em que aponta para a inaplicabilidade de se atestar o que, de fato, significa 'ser nativo' – não há como saber se a descrição dos valores e tradições de uma cultura reflete exatamente o que os nativos pensam ou se essa análise se configura somente como um simulacro com certa consistência lógica (GEERTZ, 1973, p. 11). Para sintetizar seus argumentos, o autor explica que

We are not, or at least I am not, seeking either to become natives (a compromised word in any case) or to mimic them. Only romantics or spies would seem to find point in that. We are seeking, in the widened sense of the term in which it encompasses very much more than talk, to converse with them, a matter a great deal more difficult, and not only with strangers, than is commonly recognized. (GEERTZ, 1973, p. 13)²²

Geertz não acredita em uma relação de causa e efeito entre cultura (vista como repositório mental) e os eventos sociais dela derivados. Na verdade, projeta-se a noção de cultura para cada contexto social específico em que os indivíduos se fazem entender por meio de recursos simbólicos. Nesse sentido, o trabalho do antropólogo (ou de qualquer teórico que se propõe a estudar culturas) é de criar uma descrição – interpretar – sobre o funcionamento desse processo de compreensão contextual recíproca.²³

Tendo em vista o caráter contextual da abordagem antropológica de Geertz (1973), pode-se afirmar que a mesma se coloca como contraponto teórico ao que é proposto, por exemplo, por Hall (1959, 1966). No caso, este considera cultura como condição para comunicação, visto que o comportamento humano (inclusive o verbal e não verbal) é controlado por traços culturais específicos. Geertz, por sua vez, considera o inverso – a comunicação como condição para a formação da cultura, isto é, a cultura é vista como resultado observável e interpretável do comportamento humano.

Essa disputa de abordagens contribui, de certo modo, para que outras propostas teóricas sejam formuladas,²⁴ cujo objetivo não trata da relação de causa e efeito entre cultura

²² Tradução do autor: “Nós não estamos, ou pelo menos eu não estou, procurando ou nos tornar nativos (uma palavra comprometida em qualquer sentido), ou mimetizá-los. Somente românticos ou espões poderiam encontrar uma razão para isso. Nós estamos procurando, nos sentido mais amplo do termo no qual ele abrange muito mais que conversar, comunicar com eles, uma questão muito mais difícil, e não somente com estranhos, do que se comumente reconhece.”

²³ É preciso salientar, segundo Geertz, que esse esquema de descrição cultural é, na verdade, uma ‘ficção’, uma criação intelectual que tenta interpretar o modo de pensar e agir de um dado grupo de pessoas. Essa descrição, porém, não representa o modo de pensar e agir de um grupo (como se a análise fosse intrínseca àquilo que é descrito), mas sim a interpretação do pesquisador a respeito daquilo que o grupo pensa ou faz. O estudo cultural passa, necessariamente, por um crivo ficcional, interpretativo e, portanto, influenciado pelas suposições e preconceitos referentes ao próprio pesquisador (GEERTZ, 1973, p. 13-16).

²⁴ A respeito dessa dicotomia analítica, Schröder (2008) caracteriza como ‘mentalistas’ abordagens similares à de Hall, sendo os postulados de Geertz considerados ‘relativistas’. A autora, além disso, julga mais sensato privilegiar uma postura construtivista de cultura, segundo a qual esse termo se define não somente como condição e resultado da comunicação, mas também por meio de uma dimensão mediadora, intitulada ‘pragmático-situativa’. Esta, por sua vez, possibilita ao sujeito fazer uso de um sistema pessoal de referências

e comunicação (como se o objetivo do pesquisador fosse, em última análise, conseguir traçar o elemento que fosse mais importante – a cultura ou a comunicação), mas sim da constante (re)atualização e negociação de construtos culturais na interação.

2.2.2 O conceito de cultura proposto por Michael Agar

A saber, é aqui que se introduz o trabalho de Michael Agar (2002), que, de certo modo, motivou a condução da pesquisa que aqui se propõe. Para Agar, cultura se caracteriza não como ‘algo’ que outras pessoas possuem (como no caso da cultura *dos* brasileiros, ou *dos* alemães), sendo este ‘algo’ definido em termos das diferenças existentes em relação a qualquer outra cultura. O autor, pelo contrário, trata desse tema como uma construção interpessoal: “Culture isn’t something a group of people ‘have’; it’s something you make up to fill in the spaces between them and you” (AGAR, 2002, p. 128).²⁵ Sob essa perspectiva, cultura se torna, ontologicamente, um objeto criado especificamente entre *them* e *you*, de modo que somente as diferenças entre *them* e *you* sejam contempladas, e não quaisquer outras. Tal fato, por sua vez, concede ao conceito cultura um *status* bastante relativizado e, sobretudo, local. Vale lembrar, aqui, que essa construção cultural somente é atingida por meio da comunicação (seja ela verbal ou não verbal), sem a qual as diferenças entre dois ou mais sujeitos não transpareceriam; nenhum indivíduo refletiria sobre tais disparidades e, com isso, nenhuma ligação cultural seria feita.

Mesmo sendo a caracterização de cultura, como dito acima, uma tarefa relativizada (contextualizada comunicativamente), Agar afirma ser essa ponte cultural entre *them* e *you* concretizável por meio da noção de *frames*²⁶ comunicativos, segundo a qual cada sujeito

(nos moldes de um repositório de conhecimentos) para que o mesmo possa se orientar a qualquer atividade comunicativa e, assim, contribuir para a negociação mútua de sentido (SCHRÖDER, 2008, p. 41).

²⁵ Tradução e grifo do autor: “Cultura não é algo que um grupo de pessoas *tem*; é algo que você cria para preencher os espaços entre eles e você.”

²⁶ *Frames*, aqui, não se resumem ao trabalho iniciado por Fillmore (1985) e profícuo até hoje no escopo de trabalho da Linguística Cognitiva, mas sim a uma compreensão menos complexa de como discurso e significado estão intimamente relacionados (AGAR, 2002, p. 131-132).

possui sistemas de referência para todos os tipos de situações comunicativas possíveis – sendo estas, obviamente, compartilhadas por determinado grupo social. Com efeito, no instante em que problemas culturalmente motivados emergem na interação, Agar defende a ideia de que os mesmos são consequência da aplicação mal sucedida de *frames* por uma ou ambas as partes envolvidas no discurso.

Por exemplo, do ponto de vista do estrangeiro, este leva consigo em suas viagens toda sua bagagem de *frames* e, com ela, espera ser competente para lidar com todas as situações comunicativas que surgirem pelo caminho. Entretanto, o mesmo sujeito, em perspectiva *top-down*, ao aplicar seu *frame* à situação, pode se deparar com comportamentos comunicativos divergentes por parte de seu(s) interlocutor(es), fato que, por sua vez, pode levar a discussões ou conflitos na interação – sejam eles, entre outros, motivados pelo (não) uso de certas palavras na interação; pela maneira como o corpo é utilizado ou até mesmo pelo significado atribuído à fala de acordo com variações específicas na curva entonacional. Se esse indivíduo pertencesse ao grupo dos *number one types*,²⁷ ele veria essas diferenças (a partir do momento em que as mesmas fossem percebidas na comunicação) como provas de que “sua” cultura seria realmente superior e a cultura “do outro”, por conseguinte, inferior.

Ainda em relação ao estrangeiro, assume-se que o mesmo possa perceber outras possibilidades no que tange às relações entre língua e cultura e que, nesse quesito, não haja melhores ou piores, mas sim diferentes. Isso posto, aquele que se depara com as diferenças inicia um processo de (re)construção de *frames* baseado em sua experiência imediata com o outro – perspectiva *bottom-up*. Aqui, o sujeito tenta tornar compreensíveis todos os fatores que o levam a duvidar de sua competência comunicativa²⁸ e, durante essa trajetória, chega eventualmente à percepção e à compreensão do outro para que, finalmente, alcance o aperfeiçoamento de si mesmo como sujeito social. A partir da validação e aplicação dos novos *frames* criados, é possível entrar novamente em modo *top-down* e aplicá-los às

²⁷ A esse respeito, Agar (2002, p. 22-25) chega até mesmo a caracterizar as pessoas que são “número um”, para quem sua própria cultura deve ser considerada a melhor, a mais refinada e desenvolvida, enquanto a compreensão da cultura do outro é tida como deficitária e atrasada. Em outras palavras, o sujeito “número um” consegue atribuir certa identidade às ações do outro, mas se limita a isso, uma vez que não procura entender os comos e os porquês dessas ações do ponto de vista do outro. Por exemplo, em relação a transações financeiras, em que X é uma pessoa “número um”, a maneira pela qual Y faz negócios é atrasada e ineficaz.

²⁸ Esse conceito se refere à Etnografia da Fala proposta por Hymes (1974).

diversas situações cabíveis. No entanto, a qualquer sinal de que a estrutura do *frame* precise de atualização, o indivíduo pode agir de modo *bottom-up* novamente e, assim, todo esse processo se reinicia.²⁹ Retomando as teorias de Edward Hall (1959) previamente descritas, esse processo de manipulação dos *frames* pode ser comparado à transição do estatuto ‘formal’ ou ‘informal’ para um estado de maior consciência (de maior ‘técnica’) a respeito das ações comunicativas empregadas em cada contexto de fala.

A título de exemplo, o autor (AGAR, 2002, p. 154-158), de origem americana, comenta sobre a construção de um *frame* motivada por seus encontros interpessoais como trabalhador e turista no México. Seu objetivo, no caso, é alertar o leitor para o fato de que o sentido atribuído ao ato de ‘mentir’ em inglês americano (pelo menos no que se refere ao dialeto materno do pesquisador) não necessariamente corresponde ao mesmo ato em espanhol mexicano. De fato, o *frame* para a mentira no México (ao menos nos lugares em que Agar visitou) influencia, de certo modo, o comportamento comunicativo dos falantes, seja, por exemplo, a respeito das situações em que é “permitido” mentir; do tom de voz utilizado na mentira; dos atos de fala usualmente envolvidos em tal empreitada (principalmente no que se refere à perlocução, já que a mentira, a princípio, visa ao convencimento do interlocutor), entre outros. Todas essas informações e mais outras tantas podem constituir o *frame* referente ao conceito de ‘mentira’ em qualquer grupo de pessoas. A saber, no caso do México, Agar sugere que um dos principais usos da mentira consista na tentativa de manter uma relação agradável entre os interlocutores:³⁰

The point of conversation is to keep the moment pleasant, to construct a positive sense of life; [...] It’s more important to maintain that feeling than to “tell the truth” in some literal sense of the term. If the choice is to tell the

²⁹ Essa constante atualização dos *frames* se deve ao fato de que estes são descritos apenas como normas baseadas em valores culturais, isto é, expectativas de conduta social. No caso, dentro de cada *frame* há valores *default*, os quais podem ser aplicados ou não (AGAR, 2002, p. 134). Convém, aqui, mencionar também que, embora a proposta de Agar se baseie em uma dicotomia ideal entre *number one types* e, diga-se, “sujeitos culturais”, assume-se que esse processo de (re)criação de *frames* não seja obrigatório, como uma imposição ideológica sobre o indivíduo em relação a qualquer tipo de aperfeiçoamento pessoal. No escopo do presente trabalho, ressalta-se muito mais o processo de construção de sentido em âmbito intercultural, sem que os interactantes necessariamente tenham que desenvolver alguma espécie de aptidão intercultural.

³⁰ Interessante perceber que o próprio autor considera seu *frame* sobre mentiras em espanhol um construto ainda em formação, uma vez que Agar não consegue descrever completamente todas as funções e ferramentas comunicativas que permeiam a execução de mentiras na interação (AGAR, 2002, p. 154).

literal truth or maintain the pleasant moment, you tend to maintain. (AGAR, 2002, p. 156)³¹

É, portanto, com base nas contribuições de Hall (1959, 1966) e de Geertz (1973), mas principalmente com o foco nas premissas de Agar (2002), que a noção de cultura é estabelecida para os fins desse estudo. Objetiva-se, com isso, a descrição dos *frames* utilizados por brasileiros e alemães em relação a uma interação cujo tema focaliza os sentidos de termos como *pátria* e *Heimat*. Convém, aqui, explicar outro conceito chave relativo ao trabalho de Agar e essencial para a condução da presente pesquisa.

2.2.2.1 A teoria dos *rich points*

A noção de cultura proposta por Agar (2002), motivada pela constante (re)interpretação de *frames*, serve de base para a definição dos chamados *rich points*. Estes se referem a uma espécie de “lugar comunicativo” em que problemas de ordem cultural podem surgir. Com efeito, o surgimento de “percalços” na interação se deve à sobreposição do que Agar chama de *frames* comunicativos. No caso, de acordo com o exemplo dos *frames* relacionados ao conceito de ‘mentira’ nos EUA e no México, Agar sugere que, durante um encontro entre um mexicano e um americano (sendo que ambos não estão familiarizados com as práticas comunicativas de seus interlocutores), a percepção de atitudes e expectativas divergentes em torno do tema ‘mentira’ pode resultar em discussões e conflitos, os quais, por sua vez, podem até mesmo causar a ruptura completa da interação. Convém salientar, além disso, a importância dos *rich points* para que a reanálise de *frames* possa ser empreendida pelo sujeito, seja para lidar melhor com a perspectiva do outro ou para engrandecer o conhecimento acerca de si próprio.

³¹ Tradução do autor: “O objetivo da conversa é manter o momento agradável, construir um senso positivo de vida; [...] É mais importante manter esse sentimento que ‘contar a verdade’, no sentido literal do termo. Se a escolha é de contar a verdade ou de manter o momento agradável, você tende a manter.”

Com efeito, como bem aponta Heringer (2004, p. 165-173), *rich points* podem ser encontrados em diversos momentos da comunicação humana. Para citar alguns exemplos, destacam-se (i) o estabelecimento de contato comunicativo (aqui estão envolvidos aspectos como contato visual, movimento corporal, aperto de mãos, entre outros); (ii) as diferenças de uso entre ‘sim’ e ‘não’; (iii) a atribuição de críticas ao interlocutor; (iv) temas tabus, entre outros tantos aspectos que servem de base para possíveis momentos de tensão na interação. Agar (2002), por exemplo, chega a problematizar o sentido e o uso do termo *Schmäh*, utilizado principalmente na Áustria para expressar uma atitude irônica em relação à vida.³² Esse termo, segundo o autor, está tão atrelado ao modo de vida dos Vienenses que se torna impossível discutir de modo explícito sobre seu significado sem evocar, mesmo que indiretamente, questões históricas e culturais. Com efeito, “the ease with which it is used in Viennese discourse to characterize situations and persons and verbal and written expressions is a testament to its centrality and power, as are the disagreements when people discuss what it means” (AGAR, 2002, p. 105).³³

A reboque da reflexão acerca do termo *Schmäh*, Heringer (2004), em sua introdução à comunicação intercultural, retoma a teoria dos *rich points* proposta por Agar e a complementa no que se refere às *hotwords*. De acordo com Heringer, *hotwords* são, a princípio, *rich points* cristalizados em palavras. Nos termos do autor:

Es sind Wörter, deren Bedeutung in einem Wörterbuch nachzuschlagen, wenig Sinn macht. Wörterbücher sind zu karg. [...] Hotwords sind zu verstehen und zu erklären, sie sind nicht eindeutig bestimmbar. Es sind Wörter, die in der Geschichte, im gesellschaftlichen Leben eine besondere Rolle spielen, Wörter, an denen Argumentationen und Emotionen hängen, positiver oder negativer Art. Natürlich geht es bei der Analyse eines Hotwords nicht um das Äußere des Worts, sondern vor allem um seinen

³² “*Schmäh* is a view of the world that rests on the basic ironic premise that things aren’t what they seem, what they are is much worse, and all you can do is laugh it off. Such an attitude is hardly unique to Vienna. What is unique to Vienna is that the premise [...] is put into a single piece of language, and that rich piece of language is, in turn, used as a badge of identity” (AGAR, 2002, p. 104). Tradução do autor: “*Schmäh* é uma visão de mundo que se apoia na premissa irônica básica de que as coisas não são o que parecem, o que elas são é muito pior, e tudo que você pode fazer é sorrir. Tal atitude é dificilmente única de Viena. O que é único de Viena é que a premissa [...] é colocada em somente um pedaço de linguagem, e que esse pedaço rico de linguagem, por sua vez, é usado como uma insígnia de identidade.”

³³ Tradução do autor: “A facilidade com que o termo *Schmäh* é utilizado no discurso vienense para caracterizar situações e pessoas e expressões verbais e escritas é um testemunho para sua centralidade e poder, bem como o são as discordâncias quando pessoas discutem o que ele significa.”

Gebrauch, um seine Bedeutung im weitesten Sinn. [...] Darin erkennen wir, wie Sprache und Welt verwoben sind (HERINGER, 2004, p. 174)³⁴

A esse respeito, Heringer (2004) e Kühn (2006), ao destrincharem as características das *hotwords*, fazem uso justamente do termo *Heimat* (*pátria*) como exemplo. Para ambos os teóricos, *Heimat* seria um exemplo ideal de como uma única palavra poderia retomar noções históricas, políticas e sociais de forma extremamente condensada no discurso. Com efeito, dadas as circunstâncias de um encontro intercultural entre brasileiros e alemães, no qual se discute preponderantemente sobre a problemática da pátria, a fluidez da comunicação estaria, a princípio, subjugada a toda essa rede de associações (*frames*) atreladas ao item em pauta.

É interessante, aqui, salientar que os autores em pauta, embora mencionem a importância do conceito de *Heimat* como um bom exemplo para uma *hotword*, não esclarecem como que, em termos metodológicos, o uso de um termo pode influenciar os interactantes na comunicação – seja por meio das associações culturais ou pelas atitudes verbais e não verbais a ele vinculadas. Justifica-se, então, o presente estudo como uma espécie de complementação empírica ao que foi proposto por Agar e Heringer. Busca-se, pois, por uma aproximação entre abordagens (inter)culturais e linguísticas, sendo estas especificamente voltadas para a análise contextualizada de fenômenos comunicativos. Mais detalhes sobre as teorias de caráter linguístico serão apresentados nas próximas seções, tanto na seção 2.3 quanto no capítulo reservado à metodologia.

2.3 A interface semântico-pragmática

Com base nos objetivos delineados na introdução, não se pretende, aqui, conceder ao termo *pátria* um conjunto de significados essenciais ou uma definição lexicográfica

³⁴ Tradução do autor: “São palavras cujo significado, se consultado em um dicionário, pouco sentido faz. Dicionários são muito pobres. [...] *Hotwords* devem ser compreendidas e esclarecidas; sua caracterização não é unânime. São palavras que desempenham um papel especial na história e na vida social; palavras, às quais estão atrelados argumentos e emoções, tanto negativa quanto positivamente. É claro que não se trata, em uma análise de uma *hotword*, de seu aspecto formal, mas, sobretudo, de seu uso, de seu significado em sentido mais abrangente. [...] Nesse sentido, é possível reconhecer como língua e mundo estão entrelaçados.”

adequada. Na verdade, a abordagem teórico-metodológica aqui defendida tem uma preocupação muito maior com a interação em si, isto é, como a negociação de sentido pode ser construída *in loco*. Nesse sentido, cria-se uma interface entre as áreas da semântica e da pragmática, tendo em vista que o sentido de um termo (semântica) é observado por meio do comportamento verbal, paraverbal e não verbal de diferentes interactantes (pragmática). Dessa forma, é preciso que algumas premissas teóricas referentes aos estudos em semântica e pragmática sejam resumidamente introduzidas e comentadas, justamente porque elas formam, historicamente, o ‘insumo’ teórico que permeia a análise dos dados aqui proposta.

Em relação à semântica, mesmo que o objetivo não seja catalogar sentidos de *pátria/Heimat*, parece não fazer muito sentido lidar com itens lexicais sem que se tenha ao menos uma noção de alguns de seus traços semânticos. Para tanto, visa-se à descrição da teoria dos campos lexicais (TRIER, 1931 *apud* GEERAERTS, 2010), abordagem interessante que determina o sentido de um termo por meio de itens semanticamente relacionáveis. Como complemento, destaca-se a Linguística de Corpus (McENERY; HARDIE, 2012) como uma espécie de suplemento empírico a certos problemas encontrados na teoria de Trier.

Já no que tange às contribuições da pragmática, focaliza-se aqui a teoria dos atos de fala, principalmente no que diz respeito a sua relação com o campo de estudos da Análise da Conversação e, por conseguinte, com o nível sequencial da fala. Com efeito, em um primeiro plano, delineiam-se as bases da teoria dos atos de fala, bem como as críticas feitas a ela. Em um segundo momento, os mesmos postulados são comentados à luz do trabalho de Henne e Rehbock (2001), a fim de que a conexão com a estrutura sequencial da fala seja estabelecida. Desse modo, colocam-se esses aspectos da pragmática como justificativa teórica de dois aspectos metodológicos relevantes para a pesquisa: (i) a escolha dos parâmetros sequenciais para a análise dos conflitos sobre o tema *Heimat* e (ii) o procedimento de segmentação adotado para a transcrição dos dados. Tais aspectos, a saber, serão devidamente detalhados em suas respectivas seções no capítulo reservado à metodologia. Isso posto, passa-se agora à primeira subseção.

2.3.1 As contribuições da semântica

A escolha por algumas contribuições semânticas como bases teóricas do estudo que aqui se propõe é simples. Segundo Levinson (1983, p. 12), define-se semântica como “the study of meaning in its entirety”.³⁵ Mesmo que essa afirmação seja altamente resumitiva e pouco elaborada, ela sugere que a semântica seja um dos domínios mais tradicionais de investigação linguística para a pesquisa em relação ao significado das expressões.

De fato, no que tange à Semântica Lexical – preocupada mais exclusivamente com o fenômeno do significado no léxico –, pode-se afirmar, segundo Geeraerts (2010), que esse campo de pesquisa serve de conjunto para uma série de propostas teóricas divergentes que tratam da relação entre léxico e sentido, algumas datadas desde o século XIX. Como dito anteriormente, aquelas que mais podem contribuir para o presente estudo se referem às abordagens estruturalistas e neo-estruturalistas,³⁶ sobretudo no caso da teoria dos campos lexicais, proposta por Jost Trier (1931 *apud* GEERAERTS, 2010), da contribuição de Anna Wierzbicka (1972) a respeito da chamada *Natural Semantic Metalanguage* e, finalmente, da análise distribucional de *corpora* (McENERY; HARDIE, 2012).

2.3.1.1 A teoria dos campos lexicais

Essa teoria foi, como já dito, introduzida e defendida principalmente pelo alemão Jost Trier³⁷ e, além disso, pode ser considerada uma abordagem semântica de caráter estruturalista (GEERAERTS, 2010, p. 48-53) bastante influenciada pelas tendências de análise linguística

³⁵ Tradução do autor: “o estudo do significado em sua totalidade”.

³⁶ Naturalmente, há outras abordagens estruturalistas, como a análise componencial e a semântica relacional (GEERAERTS, 2010, p. 52), bem como abordagens neo-estruturalistas que vão além das teorias citadas acima, mas que, devido ao escopo de análise do presente estudo, não foram levadas em consideração.

³⁷ TRIER, J. *Der deutsche Wortschatz im Sinnbezirk des Verstandes: Die Geschichte eines sprachlichen Feldes I. Von den Anfängen bis zum Beginn des 13. Jhdts.* Heidelberg: Winter, 1931.

do início do século XX – sobretudo a partir do trabalho seminal de Ferdinand de Saussure, intitulado *Cours de linguistique générale* (1989[1916]).

Vale mencionar, rapidamente, que a natureza estruturalista dessa empreitada significava, primeiramente, conceber a linguagem como um ‘sistema simbólico’ com alta organização interna – no caso, esse sistema teria seus próprios princípios de funcionamento e, portanto, poderia ser estudado isoladamente de outros objetos de análise científica. No que tange ao léxico, portanto, este não poderia mais ser visto simplesmente como um conjunto desordenado de palavras, mas sim como um sistema estruturado de relações hierárquicas de significado, como no caso de sinônimos, antônimos, hipônimos, entre outros. Consequentemente, o paradigma estruturalista de pesquisa semântica se concentrava muito mais nas interrelações estabelecidas entre os itens do léxico que em palavras separadas. Em outros termos, o valor semântico de um item era dependente do sentido de seus itens vizinhos.

Em sua revisão bibliográfica, Geeraerts (2010, p. 48) afirma, além disso, que esse sistema simbólico “funcionaria” por meio da aplicação de regras convencionalizadas, isto é, cujas derivações não poderiam ser determinadas a partir da simples análise das formas linguísticas. Nesse sentido, a natureza do significado das palavras também seria convencional (arbitrária), de modo que não haveria uma motivação natural para a ligação entre um item lexical e seu sentido.

Convém ressaltar, ainda, que o fenômeno semântico deveria ser investigado dentro do sistema. Isso significa que, para os estruturalistas, o item lexical (ou ‘significante’, lembrando mais uma vez de Saussure) não seria um simples rótulo para a representação mental de um significado – este, no caso, seria também integrante do sistema linguístico. Geeraerts (2010, p. 51) diz, a esse respeito, “Languages, then, constitute a conceptual layer between the mind and the world, and it is the architecture of that intermediate level that needs to be analysed in linguistic semantics”.³⁸

Com base nessas premissas estruturalistas se desenvolveu, então, o trabalho de Trier (1931 *apud* GEERAERTS, 2010, p. 53-70) dedicado à descrição do campo lexical

³⁸ Tradução do autor: “Línguas, então, constituem a camada conceptual entre a mente e o mundo, e é a arquitetura desse nível intermediário que precisa ser analisado em semântica linguística.”

relacionado ao ‘conhecimento’ humano no alto-alemão antigo até o século XIII. Para o teórico alemão, cada item ocupava uma parte do campo lexical como uma peça de um mosaico. Isso fazia com que o significado de cada termo fosse demarcado de forma categórica, sem que houvesse *gaps* ou espaços vazios no mosaico, nem partes que se sobrepusessem. Desse modo, o valor semântico de cada palavra era avaliado justamente a partir de sua posição assumida no “mosaico”. Com efeito, esse estudo conseguiu demonstrar de forma simples e clara como as palavras de um domínio lexical³⁹ tiveram seus significados alterados e, por conseguinte, como essas mudanças culminaram na alteração e reestruturação do campo lexical em análise. Segundo Geeraerts, a abordagem diacrônica feita por Trier indica, além disso, que o vocabulário de uma língua é altamente maleável não devido a mudanças semânticas de termos isolados, mas sim por causa de processos que envolvem a reorganização de campos lexicais por inteiro.

Apesar de essa teoria ter sido bastante aclamada e utilizada como base para a condução de vários estudos, há alguns pontos de crítica que são levantados por Geeraerts. O primeiro diz respeito ao conjunto de textos que formavam a base de dados de Trier. No caso, este fez uso somente de documentos escritos pelos setores da nobreza medieval, fato que compromete a representatividade dos dados coletados e, portanto, descaracteriza a veracidade das afirmações delineadas.

Outra grande crítica se refere ao modelo teórico formulado por Trier, a partir do qual, como descrito acima, o léxico era visto como uma estrutura altamente compartimentada – como um mosaico sem espaços vazios. A esse respeito, Geeraerts cita o trabalho de Helmut Gipper⁴⁰, responsável por introduzir as ideias que, mais tarde, foram rotuladas pelo fenômeno da prototypicalidade (ROSCH, 1975), amplamente descrito e utilizado no campo da

³⁹ A saber, Trier se ocupou primeiramente com as palavras *kunst*, *list* e *wisheit* (a partir de 1200) e *wisheit*, *kunst* e *wizzen* (a partir de 1300). As palavras no século XIII, segundo Geeraerts (2010, p. 54-55), relacionavam-se, respectivamente, (i) ao conhecimento e habilidades do cavaleiro da nobreza; (ii) ao conhecimento mais técnico dos que não eram nobres e (iii) à sabedoria de modo geral, atrelada à premissa clerical de que cada um deve ocupar um determinado lugar (cumprir certas funções) na sociedade por desígnio divino. Já no século XIV, *list* é substituído por *wizzen* e denota as habilidades necessárias ao trabalho mais técnico, manual, sem qualquer menção à distinção de classe. *kunst*, por sua vez, refere-se às ciências e artes, enquanto *wisheit* passa a significar exclusivamente o conhecimento de (sobre) Deus.

⁴⁰ GIPPER, H. Sessel oder Stuhl? Ein Beitrag zur Bestimmung von Wortinhalten im Bereich der Sachkultur. In: GIPPER, H. (Ed.) *Sprache, Schlüssel zur Welt*: Festschrift für Leo Weisgerber. Düsseldorf: Schwann, 1959, p.271-292.

Linguística Cognitiva. Com base no estudo de Gipper (1959 *apud* GEERAERTS, 2010, p. 66), Geeraerts constata que as fronteiras de significado entre alguns itens lexicais podem ser difusas, isto é, não categoricamente demarcáveis. A saber, o trabalho de Gipper afirma ser discreto somente o núcleo ou o centro de um campo lexical, sendo que seus limites ou áreas periféricas fazem parte de uma zona de transição “fluida”, em que a categorização de um item a um campo ou o outro se torna obscura (GEERAERTS, 2010, p. 66). Gipper, no caso, exemplifica o fenômeno por meio dos termos em alemão *Sessel* (poltrona) e *Stuhl* (cadeira), sendo o centro de cada campo facilmente reconhecível, enquanto seus limites se entrecortam e dificultam a nomeação de referentes no mundo real. Interessante perceber, por último, que os postulados dessa teoria foram comprovados por vários outros teóricos, até mesmo pelo sociolinguista William Labov (1973), o qual desenhou um estudo semelhante ao de Gipper, mas com os itens em inglês *bowl*, *cup* e *vase*.

É importante que se considere também o fato de que os campos lexicais de Trier foram construídos exclusivamente com base em relações semânticas, isto é, as palavras que compunham os campos possuíam algum significado em comum. Porém, não havia indicações metodológicas que conseguissem explicar de modo eficaz o processo de escolha das palavras que devessem compor o campo lexical e, obviamente, aquelas que não pudessem fazê-lo.

Além disso, questionou-se se somente relações paradigmáticas de similaridade poderiam fazer parte dos campos, de modo que relações sintagmáticas de coocorrência fossem também contempladas. Geeraerts comenta, por exemplo, a contribuição do alemão Walter Porzig (1934),⁴¹ o qual ressalta a importância de que as relações de sentido sejam analisadas também em âmbito sintagmático e, mais ainda, que todos os conceitos implícitos em uma palavra devam fazer parte do campo. Como exemplo, Porzig (1934 *apud* GEERAERTS, 2010, p. 58) cita o fato de que o verbo *fahren*, em alemão, implica o uso de algum meio de locomoção, enquanto o verbo *gehen* não possui esse tipo de especificação. Com efeito, “meios de locomoção” deveria, de acordo com essa linha de raciocínio, pertencer

⁴¹ PORZIG, W. Wesenhafte Bedeutungsbeziehungen. *Beiträge zur Geschichte der deutschen Sprache und Literatur*, v. 58, p. 70–97, 1934.

ao mesmo campo em que se encontra o item *fahren*, mesmo que esse verbo fosse utilizado sem a menção dos próprios meios de locomoção.

Afirma-se, pois, que a teoria dos campos lexicais contribuiu bastante para a evolução do paradigma de pesquisa estruturalista, sobretudo na Europa, mas que, ao mesmo tempo, abriu caminho para uma série de críticas consistentes a respeito do tratamento linguístico dado ao significado das palavras. Nesse sentido, não se justifica a análise semântica de um termo como *pátria* ou *Heimat* simplesmente por meio de campos lexicais à moda de Trier. Faz-se necessária, acima de tudo, uma atualização dessa teoria, principalmente no que se refere às propostas neo-estruturalistas de análise semântica – temas das próximas seções.

2.3.1.2 A teoria dos primitivos semânticos

Um dos desdobramentos mais significativos da semântica estruturalista foi o trabalho conduzido principalmente pela autora polonesa Anna Wierzbicka, o qual vem sendo atualizado a partir de um estudo inicial intitulado *Semantic Primitives* (1972). A esse respeito, Geeraerts (2010, p. 126-127) chega a afirmar que a perspectiva teórica da autora em destaque advém da tentativa de lidar com o rápido desenvolvimento da Linguística Cognitiva, sobretudo no que tange ao processo difuso e obscuro de categorização semântica. Nesse sentido, Wierzbicka assume que há, de fato, representações mentais que organizam o significado de palavras e expressões, mas que os conceitos representados cognitivamente são de natureza muito mais simples que seus respectivos referentes no mundo real. Geeraerts (2010, p. 127) interpreta essa premissa e diz que “It implies that the concepts we have in our head are clearly delineated, in spite of the fact that we have to apply them to a world that is essentially blurry. If we can just tap into the clarity that is in our own head, the unclarities of the world need not bother us”.⁴²

⁴² Tradução do autor: “Isso implica que os conceitos que nós temos em nossa cabeça são claramente delineados, apesar do fato de que nós precisamos aplicá-los a um mundo que é essencialmente difuso. Se nós pudéssemos somente explorar a claridade que existe em nossa cabeça, as incertezas do mundo não nos atrapalhariam.”

De fato, Wierzbicka (2003[1991]), com contribuição de outros autores, propõe a chamada *Natural Semantic Metalanguage*, segundo a qual somente uma ferramenta metalinguística independente de qualquer língua ou cultura poderia dar conta de elucidar as diferenças de significado que cada item lexical pudesse apresentar em âmbito cross-cultural. Essa metalinguagem, em essência, apesar de sua independência a formas linguísticas específicas, deveria ser acessível e inteligível por meio de qualquer língua, isto é, lexicalizado em todas as línguas (WIERZBICKA, 2003, p. 6). Em última análise, portanto, pode-se afirmar que Wierzbicka buscou (e busca até o presente momento) criar uma lista de termos que estariam presentes em todas as línguas do mundo, isto é, um conjunto reduzido de primitivos semânticos universais que poderiam ser utilizados para análises semânticas comparativas entre as mais diversas línguas do planeta. Desse modo, verifica-se um desejo de se alcançar um rigor metodológico que fugisse de qualquer preconceito analítico motivado por ideais etnocêntricos atrelados a determinados sistemas linguísticos ou culturais e, além disso, uma tentativa de se evitar certa circularidade⁴³ na análise linguística.

Em seu estudo sobre a expressão *Heimat* em alemão, Wierzbicka (1997) faz uso de seus itens léxicos universais (tais como *I, people, something, want, feel*, entre outros), a fim de reduzir o significado de *pátria* (no caso, relativo ao termo *Heimat* em alemão) ao nível mais básico – o qual, a princípio, seria compartilhado pelos alemães em geral em comparação a outros povos. O resultado a que chega a autora consiste na seguinte lista de acepções:

Heimat: (a) a place; (b) I was born in this place; (c) there are many places in this place; (d) when I was a child I lived in these places; (e) I felt something good when I lived in these places; (f) I felt that nothing bad could happen to me; (g) I can't feel like this in any other places; (h) because of this, when I think about these places I feel something good; (i) I think something like this when I think about these places; (j) these places are not like any other places; (k) I was like a part of these places when I was a child; (l) I can't be like a part of any other places; (m) this place is like a part of me; (n) (I know: some other people think the same when they think about these

⁴³ Wierzbicka percebeu que cada item lexical era definido por outros itens que também faziam parte do vocabulário da língua. Porém, esse modo de definição foi caracterizado pela autora como circular, ou seja, seriam necessárias somente ferramentas da própria língua para que o significado de um termo fosse descrito, fato que excluiria a importância da referência direta ao mundo exterior no processo de definição. Nesse sentido, os primitivos semânticos entrariam em cena como um conjunto de itens que não mais precisassem ser definidos e que, além disso, fossem utilizados para a definição de quaisquer outros termos que não fizessem parte dessa metalinguagem.

places); (o) (I think these people feel the same when they think about these places); (p) (when I think about these people, I feel something good). (WIERZBICKA, 1997, p. 158)⁴⁴

Como já mencionado anteriormente, o projeto de Wierzbicka teve como propósito o desenvolvimento de uma abordagem reducionista de análise semântica. Sob essa ótica, é preciso ressaltar que o significado de *Heimat*, mostrado acima, baseia-se em uma prática de definição que se chama ‘paráfrase reduzida’, a partir da qual todo e qualquer item lexical de dada língua deve ser definido por meio do uso exclusivo de primitivos semânticos. Essa prática implica, além disso, que ao uso de dado item lexical subjaz o conjunto de primitivos que o define. Nesse sentido, Geeraerts (2010, p. 130) afirma que a autora não trabalha com o referente em si, mas sim com o que as pessoas pensam a respeito do referente.

A grande questão epistemológica que se coloca a respeito desse exercício de paráfrase se refere ao fato de que, para Wierzbicka, a definição (que contém somente itens da metalinguagem universal) não abrange características referenciais do mundo exterior, mas sim representações mentais básicas que são compartilhadas por algum grupo específico de falantes. Com base nessa prerrogativa, a autora defende análises semânticas que sejam exclusivamente discretas – que possam ser categoricamente definidas – em detrimento da procura pela aplicabilidade referencial de conceitos, como no caso das pesquisas conduzidas por Gipper (1959 *apud* GEERAERTS, 2010) e Labov (1973). Em outras palavras, Wierzbicka afirma ser o estudo da estrutura conceptual muito mais importante para que se possa descobrir a verdadeira essência semântica de itens lexicais, visto que o processo de referência ou aplicabilidade conceptual se descaracteriza devido a um mundo altamente difuso e caótico. Com efeito, Geeraerts (2010, p. 127) descreve a abordagem de Wierzbicka da seguinte forma: “the mind is neat, but the world is fuzzy”.⁴⁵

⁴⁴ Tradução do autor: “*Heimat*: (a) um lugar; (b) eu nasci nesse lugar; (c) há vários lugares nesse lugar; (d) quando criança eu vivi nesses lugares; (e) eu senti uma coisa boa quando eu vivi nesses lugares; (f) Eu senti que nada de ruim poderia me acontecer; (g) eu não consigo me sentir assim em outros lugares; (h) por causa disso, quando eu penso sobre esses lugares eu sinto algo bom; (i) eu penso algo assim quando eu penso sobre esses lugares; (j) esses lugares não são como outros lugares; (k) eu era como uma parte desses lugares quando criança; (l) eu não consigo ser parte de nenhum outro lugar; (m) esse lugar é como uma parte de mim; (n) eu sei: outras pessoas pensam o mesmo quando elas pensam sobre esses lugares; (o) eu penso que essas pessoas sentem o mesmo quando elas pensam sobre esses lugares; (p) quando eu penso sobre essas pessoas; eu sinto algo bom.”

⁴⁵ Tradução do autor: “A mente é clara, mas o mundo é difuso”.

A reboque desses postulados, Geeraerts inicia uma série de críticas ao trabalho de Wierzbicka, principalmente no que se refere (i) à constituição da metalinguagem universal e (ii) à prática de ‘paráfrase reduzida’. No que tange ao primeiro item, questiona-se o fato de que não há, para a confecção da lista de primitivos semânticos, um desenho metodológico que consiga justificar a inclusão ou exclusão de itens nessa lista. De fato, a autora polonesa advoga a introspecção como o caminho mais indicado para se alcançar as definições semânticas essenciais. Porém, como bem aponta Geeraerts (2010, p. 133), uma teoria que se propõe a delinear primitivos universais precisa, no mínimo, sujeitar seus dados à comprovação por falantes de todas as línguas até então catalogadas. Sem essa verificação, a metodologia aplicada e, por conseguinte, as definições a que chega a autora perdem muito em credibilidade empírica.

Já no que se refere à ‘paráfrase reduzida’, Geeraerts critica a afirmação de que a todos os usos de um item lexical necessariamente subjaz o conjunto de primitivos semânticos que o define. Para se ter uma ideia da amplitude teórica de uma tal assertiva, todos os falantes alemães, ao utilizarem o termo *Heimat* (em qualquer situação comunicativa), teriam obrigatoriamente como base conceptual todas as acepções (de ‘a’ a ‘p’) listadas pela autora em 1997. Em outra oportunidade, Geeraerts (2006) chega a definir a abordagem de Wierzbicka como altamente idealista, justamente por negligenciar a importância de *corpora* para a análise de dados, bem como por basear seu estudo em introspecções sobre o conhecimento humano.

No que se refere especificamente ao sentido de *Heimat* como demonstrado acima, por mais interessante e desafiadora que a teoria de Wierzbicka possa parecer, a autora falha, por exemplo, ao não indicar empiricamente a procedência de seus dados e, principalmente, ao atribuir esse significado a todos os usos de *Heimat* – nesse contexto, colocam-se as acepções supracitadas como proposições impostas pela própria autora. Por essa razão, e também devido às críticas delineadas por Geeraerts, coloca-se a *Natural Semantic Metalanguage* como uma ferramenta não ideal para a análise proposta nessa dissertação.

2.3.1.3 A análise distribucional de *corpora*

Outro desfecho do período estruturalista de pesquisa linguística diz respeito ao uso de grandes *corpora* de dados extraídos de textos orais ou escritos para a análise de diferentes estruturas linguísticas – tendência que remete ao que hoje é chamado de Linguística de Corpus (McENERY; HARDIE, 2012, p. 1-3).⁴⁶ Segundo Geeraerts (2010, p. 166), o trabalho com *corpora* descende, de certa maneira, de estudos estruturalistas justamente por levar em consideração o âmbito sintagmático de um item lexical para que seu significado possa ser descrito. Porém, o mesmo autor comenta que essa relação de parentesco com o estruturalismo precisa ser relativizada, uma vez que a Linguística de Corpus como um todo (e não somente os estudos lexicológicos que derivam dessa abordagem) parte do princípio de que a estrutura linguística deve ser analisada por meio de seu uso real, isto é, não como um sistema em isolamento, completamente afastado de contextos específicos de sua performance. A esse respeito, para a abordagem baseada em *corpora*, língua e contexto são elementos que não se dissociam para a condução efetiva da análise linguística. No que se refere especificamente ao estudo do significado dos itens lexicais, essa perspectiva ancorada exclusivamente no uso linguístico contribui para que as barreiras teóricas existentes entre a semântica e pragmática sejam mais “porosas”, mais permeáveis (GEERAERTS, 2010, p. 168).

Com efeito, no que tange à pesquisa em Semântica Lexical, essas últimas premissas fazem com que a noção ‘contexto’ seja definida como o conjunto de elementos que coocorrem com algum item lexical em destaque. A reboque dessa constatação, submete-se o estudo do significado ao fenômeno da ‘colocação’ (ou *collocation*), definido como se segue:

In short, the term *collocation* denotes the idea that important aspects of the meaning of a word (or another linguistic unit) are not contained within the word itself, considered in isolation, but rather subsist in the characteristic associations that the word participates in, alongside other words or

⁴⁶ Um dos estudos mais recentes que ilustram essa abordagem teórico-metodológica aplicada à realidade do português brasileiro se refere ao trabalho de Raso e Mello (2012).

structures with which it frequently co-occurs [...] (McENERY; HARDIE, 2012, p. 122-123).⁴⁷

Nesse sentido, um ‘colocado’ passa a ser o item lexical (ou expressão) que coocorre com outro item (tido como ‘nódulo’) em certo escopo sintagmático e que, além disso, contribui bastante para a definição desse mesmo nódulo. A definição de um colocado é baseada, usualmente, na frequência que este apresenta em conjunto com seu respectivo nódulo em um dado *corpus*.⁴⁸

A título de exemplo inicial, pretende-se, aqui, ilustrar essa rede de relações semânticas sintagmaticamente estabelecidas por meio do verbete *Heimat*⁴⁹ retirado do *Digitales Wörterbuch der Deutschen Sprache* (DWDS – Dicionário Digital da Língua Alemã):

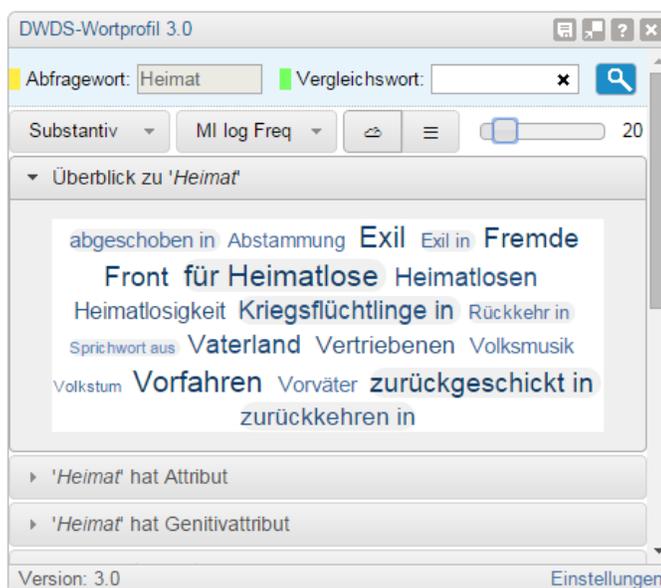


Figura 1: Rede de colocados para o termo *Heimat*

⁴⁷ Tradução e grifo do autor: “Em resumo, o termo *colocado* denota a ideia de que aspectos importantes do sentido de uma palavra (ou outra unidade linguística) não estão contidos dentro da própria palavra, considerada em isolamento, mas sim subexiste nas associações características das quais a palavra participa, ao lado de outras palavras ou estruturas com as quais ela frequentemente coocorre [...]”

⁴⁸ Se essa frequência deve ser estatisticamente manipulada ou não, é ainda debatido pela comunidade linguística que se ocupa com tais questões. Para um resumo das perspectivas teórico-metodológicas em torno dos ‘colocados’, ver McEnery; Hardie (2012, p. 122-133).

⁴⁹ Disponível em <<http://www.dwds.de/?view=1&qu=Heimat>>. Acesso em 25 mar 2015.

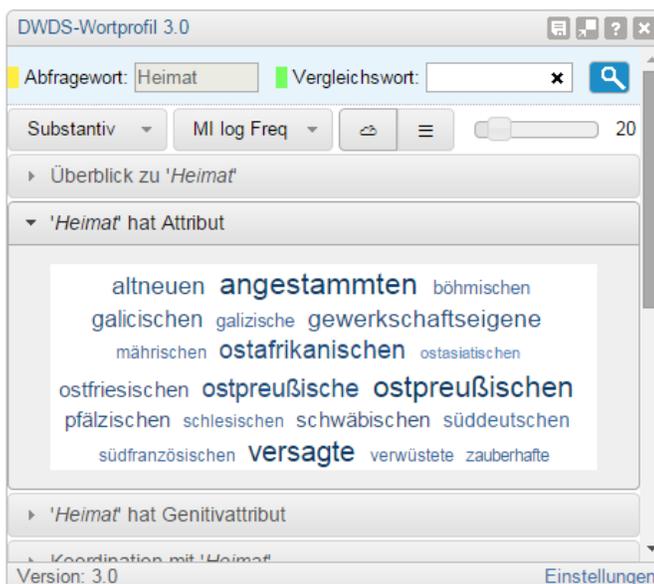


Figura 2: Rede de colocados em função atributiva

Como se pode ver a partir da primeira figura acima, todas as palavras e expressões constantes da caixa (ou “nuvem”) são consideradas termos ‘colocados’ do item *Heimat*, isto é, contribuem para a definição semântica deste.⁵⁰ Nesse caso, o escopo de ‘colocados’ foi definido para 20 itens, como se pode perceber no canto direito superior das imagens – podendo o mesmo escopo ser expandido até 100 colocados. Convém mencionar, ainda, que o título da caixa de colocados (*Überblick zu ‘Heimat’*) se refere a todas as relações sintáticas que subjazem aos colocados em destaque. Caso o usuário queira sistematizar sua busca e limitá-la a somente uma relação sintagmática entre o nóculo e seus colocados, é preciso somente selecionar uma das possíveis opções logo abaixo da “nuvem”. Por exemplo, a relação *‘Heimat’ hat Attribut* (*Heimat* possui atributo – na segunda imagem) estabelece a lista dos 20 adjetivos que mais frequentemente coocorrem com o termo *Heimat*.

Fazem-se, além disso, necessários alguns apontamentos a respeito de como esse dicionário chegou a esse resultado. A saber, a importância dos termos ‘colocados’ relacionados na caixa de leitura (ver a primeira imagem) foi definida por um teste de significância estatística chamado de *Mutual Information* (Informação Mútua – MI log Freq) e

⁵⁰ Também é possível que os colocados mais frequentes sejam mostrados em forma de lista, com as seguintes informações referentes a cada item em específico: (i) classe de palavra; (ii) grau de Associação Mútua com o nóculo e (iii) frequência.

faz referência ao trabalho de Church e Hanks (1990), os quais fizeram uso de tal procedimento a fim de que, por meio de evidências matemáticas, pudessem constatar que a coocorrência de certos itens não fosse simplesmente atribuída ao acaso.

Segundo esses autores, o teste estatístico foi utilizado para que a medida de frequência dos itens colocados em relação a seus nódulos fosse calculada com mais objetividade metodológica e rapidez. A esse respeito, McEnery e Hardie (2012, p. 127) afirmam que essa abordagem estatística “also allows analysts to be much more explicit about the criteria used to determine whether or not a specific word is a collocates of a given node”.⁵¹ Ainda de acordo com esses teóricos, porém, afirma-se que uma abordagem linguística como a proposta por Church e Hanks passa a ser subordinada pela manipulação estatística, isto é, somente por meio dos cálculos matemáticos é que se pode decidir o que, de fato, caracteriza-se como colocado.

Outro fator importante a se considerar a respeito da Linguística de Corpus e suas contribuições para a Semântica Lexical se refere à tecnologia da informação, utilizada para que grandes quantidades de textos (escritos ou transcritos a partir da fala) possam ser processadas rapidamente e, acima de tudo, não se submetam a erros de contagem feitos pelo homem, por exemplo. Na verdade, de acordo com as afirmações de Kilgarriff e Tugwell (2002, p. 126), foi justamente devido ao trabalho de Church e Hanks (1990) que os estudos baseados em *corpora* começaram a ser assistidos pela Linguística Computacional. Interessante, além disso, é perceber que, devido à crescente utilização de *softwares* para a compilação e manipulação de *corpora*, muito foi feito para que a prática lexicográfica fosse aprimorada.

Nesse sentido, autores como Teubert (2001, p. 127) declaram ser a Linguística de Corpus uma ferramenta extremamente útil para que, por exemplo, definições de verbetes baseadas em uso linguístico autêntico possam ser delineadas. No caso, com base em Teubert, diz-se que principalmente por meio do trabalho de John Sinclair⁵² (com o dicionário COBUILD, em 1987) que se constituiu o primeiro dicionário (ao menos em parte) cujas

⁵¹ Tradução do autor: “também permite aos analistas serem muito mais explícitos sobre os critérios utilizados para determinar se uma palavra específica é ou não um colocado de um dado nódulo.”

⁵² SINCLAIR, J. M.; HANKS, P. *et al.* *Collins Cobuild English Language Dictionary*. London and Glasgow: HarperCollins, 1987.

definições foram baseadas em *corpora*. Segundo Hanks (2009, p. 218), as maiores contribuições dos *corpora* para esse dicionário foram, a saber, “(1) to structure the entries, placing the most important meaning of each word first; (2) to write accurate definitions reflecting actual usage; (3) as a source for example sentences and (4) to help decide what to leave out”.

Hanks, além disso, ressalta o fato de que, por meio da utilização de *corpora* para a confecção de dicionários, a avaliação do trabalho lexicográfico se torna mais eficiente. De fato, a mesma acepção passa a ser comparável através de várias obras, visto que estas são formatadas, a princípio, por parâmetros metodológicos explícitos baseados em *corpora*. De acordo com o autor, a similaridade encontrada na microestrutura de dicionários mais modernos não se deve, no caso, a cópias ou ao uso do mesmo *corpus*,

[...] but because the salient features of word meanings are generally the same across many different corpora. Minor details differ; old decaying senses are more fully represented in some dictionaries than in others, but the salient features of the architecture of a word's meaning are waiting there, to be discovered through painstaking corpus analysis. (HANKS, 2009, p. 224)⁵³

Dessa forma, o surgimento do COBUILD fez com que várias empreitadas procurassem fazer uso de *corpora* para a composição da microestrutura (o conjunto de definições relacionadas a um verbete específico) de dicionários.

Sendo essas as principais notas a serem tomadas a respeito da relação entre a Semântica Lexical e a Linguística de Corpus, convém lembrar que não se pretende, aqui, construir um *corpus* em torno do tema *pátria* entre brasileiros e alemães, para que, enfim, esses verbetes possam ser mais bem definidos. Propõe-se, na verdade, o uso de dicionários baseados em *corpora* para uma abordagem semântica inicial dos itens *pátria* e *Heimat*, a qual servirá de ponto de partida para o restante da análise comunicacional. Esta, porém, será tema da seção reservada às análises e discussões decorrentes da pesquisa, a fim de que se dê prosseguimento à fundamentação teórica que contextualiza e justifica o presente estudo.

⁵³ Tradução e grifos do autor: “[...] mas porque os traços salientes de significados de palavras são geralmente os mesmos através de muitos *corpora* distintos. Detalhes menores diferem; acepções mais antigas em desuso estão mais bem representadas em alguns dicionários que outros, mas os traços salientes da arquitetura do sentido de uma palavra estão esperando lá para serem descobertas por meio de meticulosa análise de *corpus*.”

2.3.2 As contribuições da pragmática

Bem como no caso dos estudos semânticos descritos nas seções anteriores, é preciso que se tente definir o que significa estudar pragmática em âmbito linguístico. De maneira resumida, Searle (1971 *apud* HENNE; REHBOCK, 2001, p. 9-10) define que a Linguística tem passado por certa “pragmatização” de sua agenda teórica. Isso quer dizer que os níveis linguísticos do som, da palavra e da sentença deixam de ser o foco analítico principal para que sua produção, tendo em vista a execução de um ‘ato de fala’, possa ser analisada em algum contexto comunicativo. Vê-se, portanto, que a pragmática se preocupa, em primeira instância, com o uso contextualizado de expressões linguísticas.

Segundo Levinson (1983), porém, esse mesmo uso faz com que o significado das expressões (seja de uma palavra ou de uma sentença inteira) possa ser alterado, na medida em que o contexto comunicacional atribui às respectivas estruturas sentidos antes não descritos por meio de referências ontológicas ao mundo exterior, por exemplo.⁵⁴ Dessa forma, devido às contribuições do contexto para o significado de expressões, o autor atesta certa sobreposição de funções entre as teorias semântica e pragmática e, por conseguinte, inicia uma série de tentativas para distinguir o escopo de aplicação das duas teorias. Com base em suas reflexões, contudo, Levinson (1983, p. 5-35) afirma que não há uma definição de pragmática que consiga se distanciar categoricamente da semântica sem que haja incoerências ou inconsistências teóricas importantes.

Tendo em vista essa dificuldade de definição teórica, privilegia-se, para os objetivos dessa dissertação, uma abordagem que trate do sentido de *Heimat* a partir de seu uso real, na

⁵⁴ A saber, essa questão da ‘referência’ se vincula muito à prática linguístico-filosófica segundo a qual o sentido de determinada expressão se submete a uma ligação com o mundo exterior por meio de condições de verdade – postura esta muito celebrada pela Teoria da Semântica Formal. No caso, Levinson (1983, p. 12), para fins de argumentação, limita o escopo da teoria semântica à análise das condições de verdade, a fim de que a teoria pragmática possa ser mais bem definida. Para uma rápida compreensão acerca das premissas da Semântica Formal, ver Geeraerts (2010, p. 118-119).

fala. Em outras palavras, parte-se do pressuposto que tal análise semântica se submeteria às condições de uso (pragmáticas) desse mesmo item.⁵⁵

2.3.2.1 A teoria dos atos de fala

Como dito anteriormente, mais importante para esta seção é tomar como foco o que de fato a teoria pragmática pode contribuir para os procedimentos analíticos que aqui serão propostos – a saber, o construto teórico referente aos tão conhecidos ‘atos de fala’.

De acordo com Sbisà (2009), essa teoria remete à abordagem primeiramente sistematizada pelo filósofo britânico John Austin (1962 *apud* SBISÀ, 2009),⁵⁶ responsável sobretudo por considerar que a produção de enunciados linguísticos vai muito mais além que a declaração de proposições. Nessa visão, enunciados são como atos (ações) – um modo de agir no mundo pela linguagem. De início, Austin trabalhou com a ideia de enunciados performativos, cuja forma linguística “can be used for the explicit performance of assertive speech acts” (SBISÀ, 2009, p. 230),⁵⁷ como no caso de sentenças como “eu ordeno que você abra a porta”, em que “ordeno” é considerado um verbo performativo justamente por tornar explícito o ato de fala em questão.

Ainda a respeito da abordagem de Austin, é preciso considerar que o exemplo formulado acima, com o verbo *ordenar*, constitui-se de mais de um ato de fala – um ato locutório e outro ilocutório. O primeiro se refere simplesmente ao pronunciamento de um enunciado, o qual contém sons que formam palavras, as quais, por sua vez, são utilizadas com algum sentido específico. Já o segundo diz respeito ao modo como o enunciado foi proferido, isto é, ao ato performatizado por meio do respectivo ato locutório. A saber, a

⁵⁵ Interessante perceber que, independente das bases epistemológicas de uma teoria semântica, esta terá que lidar com certa sobreposição de análises relativas diretamente ao contexto comunicativo e, portanto, à pragmática (HORN; WARD, 2006, p. 449). Por exemplo, no que tange ao significado atribuído por meio de condições de verdade, Levinson (1983, p. 20) afirma que o valor de verdade de itens dêiticos (como ‘aqui’, ‘agora’ ou ‘eu’) pode ser verificado exclusivamente com base em informações contextuais.

⁵⁶ AUSTIN, J.L. (1962) *How to do things with words*. 2nd Ed. Oxford University Press, 1975.

⁵⁷ Tradução do autor: “pode ser usada para a performance explícita de atos de fala assertivos.”

diferença entre esses dois atos reside na ‘força’ presente na ilocução, a qual vai além do significado locutório e que deve ser compreendida pelo interlocutor para que o ato atinja seu objetivo na comunicação.

Outro traço importante da teoria de Austin, segundo Sbisà, é a ideia de que a produção de atos de fala se caracteriza como um fato social, convencional e, portanto, deve satisfazer uma série de *felicity conditions* (condições de felicidade) para ser bem sucedido comunicativamente. Essas condições envolvem, por exemplo, a presença de certas características contextuais (como a relação entre os falantes), linguísticas (como o uso de determinados verbos) e comportamentais (como as atitudes apropriadas que se pode esperar após o ato de fala).

Ainda com base no exemplo do verbo *ordenar*, caso o falante consiga levar seu interlocutor a realmente fazer o que foi ordenado, diz-se, então, que aquele executou, além de seu ato ilocutório (o ato de ‘ordenar’ pela fala), um ato perlocutório – este, por sua vez, refere-se exatamente às consequências extralinguísticas causadas pelo ato de fala (SBISÀ, 2009, p. 233).

Com efeito, todas essas premissas, introduzidas pelo trabalho de Austin nos anos 50/60, foram adaptadas e atualizadas por outros dois filósofos, John Searle⁵⁸ e Paul Grice,⁵⁹ nas décadas de 60 e 70. De acordo com Sbisà, Searle caracteriza o ato de fala ao supervalorizar a força da ilocução, a qual se coloca, de certo modo, como uma representação da intenção comunicativa do falante, sendo o ouvinte, por sua vez, encarregado de reconstruir essa mesma intenção como prerrogativa básica para o funcionamento da comunicação.

Segundo Sbisà, essa questão da intenção do falante (*speaker meaning*) foi formulada primeiramente por Grice e pode ser definida como se segue: “speaker meaning is prior to sentence meaning and it consists in the intention of the speaker to produce an effect in the hearer by means of the hearer's recognition of the intention to produce that effect” (SBISÀ, 2009, p. 231). Com base nessa definição, Sbisà comenta que a abordagem baseada no reconhecimento por parte do ouvinte das intenções do falante ficou conhecida como ‘modelo inferencial do ato de fala’ e que este se refere a uma habilidade humana natural, que

⁵⁸ SEARLE, J.R. *Speech acts*. Cambridge University Press, 1969.

⁵⁹ GRICE, H. P. Meaning. In: GRICE, H.P. *The Philosophical Review*, v. 66, 1989[1957], p. 377-388.

transcende normas e convenções sociais. A autora afirma ainda que esse modelo foi determinante para que Grice pudesse desenvolver a noção de ‘implicatura conversacional’, por meio da qual “when the force suggested by the illocutionary indicators is inappropriate or irrelevant, the real force of the utterance is inferred by the hearer” (GRICE, 1975 *apud* SBISÀ, 2009, p. 240).⁶⁰ Nesse sentido, quando o falante A diz “Aqui está frio” (quando a janela está aberta), é possível que o ouvinte B perceba a verdadeira intenção (o ato) que reside nesse enunciado – o pedido/a ordem para que a janela seja fechada. A saber, não se tratará de uma ato de fala direto, tendo em vista que seu enunciado não apresenta indicadores “normais” de um pedido ou uma ordem, como no caso de verbos performativos como “peço” ou “ordeno”.

Sbisà aponta, contudo, que o foco de Searle e Grice na ilocução fez com que a ação social (produzida pela fala) prevista nas ideias de Austin desse lugar à investigação da mente (intenções e atitudes) do falante. De fato, Levinson (1983, p. 16-18), embora reconheça a importância dos *insights* de Paul Grice para a teoria dos atos de fala,⁶¹ não deixa de se questionar a respeito da procedência desse tipo de reconhecimento inferencial.

É, portanto, com base nessa postura crítica em relação às teorias mais tradicionais sobre o ato de fala que Henne e Rehbock (2001) tentam reconstruir esse conceito a partir de uma abordagem bem focada nas práticas sociais que permeiam a comunicação. A saber, esses autores consideram a noção de ação linguística como o único modo de se conceber a língua – na palavra dos autores:

Sprache wird an die Sprachsubjekte und damit an den Vollzug von Handlungen gebunden; Sprache ist somit nur als sprachliches Handeln begreifbar. Dieses ist sinnkonstruierend, d.h. der Sprecher verbindet einen Sinn mit seiner sprachlichen Handlung, und konventionell, d.h. der Sprecher muß sich am Handeln anderer orientieren und somit einen Sinn voraussetzen. (HENNE; REHBOCK, 2001, p. 9)⁶²

⁶⁰ Tradução do autor: “quando a força sugerida pelos indicadores ilocutórios é inapropriada ou inadequada, a força real do enunciado é inferida pelo ouvinte.”

⁶¹ “Grice’s essential insight, namely that what the speaker means by U is not necessarily closely related to the meaning of U at all” (LEVINSON, 1983, p. 17). Tradução do autor: “A descoberta essencial de Grice, a saber, que o que o falante quer dizer com U não está necessariamente relacionado ao sentido de U.”

⁶² Tradução do autor: A língua é ligada ao sujeito falante e, com isso, à execução de ações; a língua é, nesse sentido, compreensível apenas como ação linguística. Esta constrói sentidos, isto é, o falante conecta um sentido a sua ação linguística, e é convencional, isto é, o falante precisa se orientar às ações dos outros e, dessa forma, pressupor um sentido.

Até então, essa citação vai ao encontro daquilo que, de acordo com Sbisà (2009), foi postulado pelos filósofos Searle e Grice. Todavia, a ideia da convencionalidade do ato de fala já estipula que as normas sociais desempenham fator essencial para que um sujeito possa se orientar naquilo que é dito por outro. Esse processo de orientação, no entanto, não se configura como a única atividade atribuída ao ouvinte. Na verdade, Henne e Rehbock consideram que a teoria dos atos de fala – vista de modo tradicional – não corresponde inteiramente à realidade da interação humana. No caso, esses autores propõem certa interrelação entre sujeitos, sendo que cada um cumpre, em certas circunstâncias, tanto o papel de falante quanto o de ouvinte.

Sob essa ótica, ao “ouvinte” é concedido um papel muito mais ativo na interação, na medida em que o mesmo é capaz, por exemplo, de executar “ações de compreensão auditiva” ou *Hörverstehensakte*. Como exemplo dessas ações, é possível citar o que esses autores chamam de *Rückmeldungspartikeln*⁶³ (item possivelmente traduzível como “sinais de retorno”), responsáveis pela estabilização e acentuação da fala por parte do ouvinte, de modo que o mesmo possa, entre outros, concordar com seu interlocutor ou pedir por esclarecimentos sem que tente tomar o turno de fala para si (HENNE; REHBOCK, 2001, p. 11, 20-22).

Henne e Rehbock, além disso, não consideram a unidade básica da comunicação o ato de fala, mas sim a conversa – o ato, por sua vez, é considerado simplesmente como categoria analítica de uma abordagem linguística baseada em premissas pragmáticas. Essa afirmação, na verdade, tem sua fundamentação teórica no comunicólogo alemão Gerold Ungeheuer,⁶⁴ segundo o qual o ato de fala em isolamento, isto é, proferido por alguém sem que haja uma postura ativa de seus interlocutores, não pode ser considerado objeto de estudo de uma teoria que se preocupa com a comunicação ou a fala contextualizada (HENNE; REHBOCK, 2001, p. 12).

Com base nesses questionamentos, então, Henne e Rehbock chegam à constatação de que toda interação pode ser subdividida em fases, uma inicial, uma medial e outra final,

⁶³ Essas partículas, no âmbito de estudo da Análise da Conversação (tema ainda a ser apresentado nessa dissertação), podem também ser reconhecidas pelo *back-channel-behavior* (HENNE; REHBOCK, 2001, p. 20).

⁶⁴ UNGEHEUER, G. *Kommunikationssemantik: Skizze eines Problemfeldes*. In: *Zeitschrift für germanistische Linguistik* 2, 1-24, 1974.

sendo a fase medial o *locus* mais típico para a definição temática da conversa. Essas etapas, a saber, são conectadas umas às outras pelo que os autores chamam de *Gesprächshandlung* (traduzível como ‘ação conversacional’). Esse termo, porém, não se refere aos atos de fala em si, mas sim a uma macroestrutura de ação cooperativa definida situativa e tematicamente, responsável, acima de tudo, por evidenciar uma fase específica da interação (HENNE; REHBOCK, 2001, p. 167). Com efeito, o fato de uma ação conversacional como “ja, das müßte ich mir noch mal überlegen”⁶⁵ ser entendida como *Vorbeendigung* (pré-conclusão) de uma tentativa de venda pressupõe que, depois de sua execução, há, de fato, outra ação conversacional que exprime o real término dessa etapa de vendas. Em outras palavras, essa pré-conclusão não se coloca como categoria comunicativa *a priori*, isto é, essa ação específica só pode ser constatada como tal a partir da análise de toda a conversa na qual a mesma se insere – fato que, por sua vez, retoma a ideia de que atos de fala não podem ser analisados em isolamento.⁶⁶ Essa postura analítica, caracterizada segundo Kecskes (2014) como *top-down*, é essencial para que se possa, a partir da perspectiva do analista, tentar perceber realmente as ações produzidas pelos interlocutores.

Nesse contexto, introduz-se o conceito de *Gesprächsakt* (‘ato comunicativo’), o qual, segundo Henne e Rehbock, deve substituir o termo tradicional ‘ato de fala’ justamente pela valorização de uma abordagem mais holística em relação à interação em detrimento de análises mais atomísticas de enunciados descontextualizados. A saber, os atos comunicativos se configuram como unidades mínimas constituintes das ações conversacionais (*Gesprächshandlungen*) e podem se manifestar tanto verbal quanto gestualmente. Além disso, eles são diretamente relacionados às capacidades do interlocutor de atribuir sentido e agir sistematicamente por meio da linguagem (HENNE; REHBOCK, 2001, p. 176).

Esses autores dividem os atos comunicativos em dois tipos: atos estruturais (*strukturierende Gesprächsakte*) e atos temáticos (*thematische Gesprächsakte*). Os primeiros

⁶⁵ Possível tradução: “é, eu teria que dar mais uma pensada”.

⁶⁶ Convém mencionar, obviamente, que, devido a convenções comunicativas compartilhadas entre os interlocutores, estes podem criar expectativas a respeito de como a interação vai prosseguir, isto é, a própria pré-conclusão (como aquela mencionada acima) pode “engatilhar” ações subsequentes esperadas do ponto de vista de uma interação mais ritualizada, ou institucionalizada. Com efeito, essa perspectiva sequencial de análise será crucial para a compreensão das contribuições teórico-metodológicas da Análise da Conversação (ver seção reservada à metodologia do presente estudo).

se referem principalmente ao uso de partículas para a segmentação da fala (chamadas de *Gliederungspartikeln*) e servem, caso estejam alocadas no início do turno (como no caso da partícula em alemão *ja* – em português *é* ou *pois é*), para introduzir o respectivo turno de fala de um interlocutor ou estabelecer uma relação ao turno precedente de outro interlocutor. Por outro lado, há partículas que ocorrem no final de um turno e, nesse contexto, podem demandar uma confirmação por parte do interlocutor ou reforçar a informação dada no decorrer do turno – as partículas *ne* (*né*) e *nicht* (*não*) em alemão podem cumprir as referidas funções (HENNE; REHBOCK, 2001, p. 176-177). Não devem ser esquecidos, é claro, os atos estruturais cumpridos pelos ‘ouvintes’ (*Rückmeldungsakte*), conforme explicitado anteriormente.

Já no que tange aos atos temáticos, pode-se dizer que estes possuem um valor proposicional e, possivelmente, referencial muito maior que os atos estruturais. Como afirmam os autores em destaque:

[...] an dieser Stelle wird deutlich, daß strukturierende Gesprächsakte keine propositionale Struktur im Sinne der Sprechakttheorie aufweisen [...], eine propositionale Struktur, in der auf etwas Außersprachliches Bezug genommen („Referenz“) und von diesem etwas ausgesagt wird („Prädikation“); vielmehr sind es innerstrukturelle Bezüge, die durch strukturierende Gesprächsakte hergestellt werden: Mit dem Gesprächsakt (z.B. *ja, nich, wie gesagt*) bezieht sich der Sprecher auf thematische Gesprächsakte. (HENNE; REHBOCK, 2001, p. 178)⁶⁷

Interessante perceber, por último, que, embora a teoria de Henne e Rehbock seja uma contraproposta às ideias tradicionais que envolvem os atos de fala (como formuladas por Searle e Grice), noções como ‘proposição’, ‘ilocução’, ‘força ilocucionária’ e ‘perlocução’ ainda permanecem centrais para essa nova abordagem. Constata-se, pois, não uma completa negação dos postulados tradicionais, mas sim uma revitalização teórica baseada justamente nas ações comunicativas de todos os respectivos interlocutores. Em outros termos, o ponto

⁶⁷ Tradução do autor: “[...] aqui fica claro que atos estruturais não apresentam uma estrutura proposicional no sentido da teoria dos atos de fala [...], uma estrutura proposicional na qual é feita referência a algo extralinguístico (‘Referência’) e deste é dito algo (‘Predicação’); na verdade, são relações interestruturais que são criadas pelos atos estruturais: com o ato comunicativo (por exemplo, *ja, nich, wie gesagt*) se refere o falante a atos temáticos.” Por “atos de fala”, os autores remetem ao modo como o filósofo John Searle entendia o ato de fala – uma ilocução que possui (i) uma estrutura enunciativa (com sons e palavras), (ii) uma estrutura proposicional (com referência e predicação) e (iii) uma força comunicativa (HENNE; REHBOCK, 2001, p. 10).

forte das propostas de Henne e Rehbock se refere à valorização do caráter interacional da conversação, na qual todos os sujeitos envolvidos perfazem os papéis de falantes e ouvinte.

Isso posto, coloca-se o trabalho de Henne e Rehbock como elo para alguns pontos que serão discutidos no próximo capítulo, sobretudo no que se refere ao escopo de aplicação da Análise da Conversação. Como já mencionado em momento anterior, a postura interacional dos autores e o consequente enfoque no papel dos interactantes (sem que haja uma divisão ontológica entre falante e ouvinte) fazem com que a análise de fenômenos conversacionais não seja conduzida em isolamento. Coloca-se, nesse sentido, o âmbito sequencial da fala, que abrange tanto o fenômeno específico em análise quanto o cotexto que o circunscreve, como plano de referência para o estudo que aqui se propõe.

Tendo como base, então, a sequencialidade típica da fala, foram escolhidas as principais ferramentas para a análise do conflito em torno do tema *Heimat* (um dos objetivos dessa pesquisa) – a saber, as estruturas de contraste e concessão como estratégias discursivas. Tais unidades, no caso, caracterizam-se justamente por sua organização sequencial e sua relevância comunicativa em discussões, como será discutido em seções posteriores. Além disso, outra grande contribuição do caráter sequencial da interação para esse trabalho trata da transformação terminológica do *ato de fala* para *ato comunicativo*, de modo que este não seja mais analisado como tal em total isolamento contextual, sem qualquer referência ao ato que o precede ou o sucede. No caso, essa prerrogativa analítica se mostrará essencial para a seção metodológica dessa dissertação, sobretudo no que tange à prática de transcrição da fala e ao método de sua segmentação.

Com base nos postulados expostos nesse capítulo, passa-se agora à seção dedicada tanto aos aspectos teórico-metodológicos relacionados à pesquisa em interação, quanto aos procedimentos que puderam concretizá-la.

3 METODOLOGIA

Em consideração ao aspecto multidisciplinar dessa dissertação, este capítulo será dividido em três partes, cada uma com um tipo de contribuição teórico-metodológica para a realização da pesquisa.

Em primeiro lugar, na seção 3.1, destacam-se as ferramentas necessárias para a caracterização da interação filmada como um exemplo de comunicação intercultural. Em outras palavras, não se pretende falar aqui de interculturalidade sem que haja a respectiva evidência empírica desse caráter. Para tanto, baseia-se principalmente nas pesquisas feitas por ten Thije (2003, 2006) em relação à noção de *perspectivising*, a partir da qual o interlocutor torna explícito seu comportamento intercultural.

Em um segundo momento, entram em jogo a Análise da Conversação e a teoria da contextualização como recursos teórico-metodológicos que, entre outros, podem refletir em âmbito interacional a questão do conflito. No que tange ao plano sequencial da fala, relacionam-se as estruturas de contraste e concessão como as ferramentas adotadas para a análise verbal dos conflitos. Já em relação à teoria da contextualização, esta fornece ao presente trabalho o manejo de recursos paraverbais e não verbais como índices de interpretação, os quais, no caso, podem também refletir situações de conflito. Esses dois temas, portanto, colocam-se como pilares tanto para a descrição dos *frames* relativos a *pátria/Heimat* quanto para a verificação dos conflitos consequentes ao uso de tal termo.

Um pouco diferente das duas primeiras partes supracitadas, a seção 3.3 é destinada à descrição de todos os procedimentos metodológicos necessários à concretização da pesquisa, desde, por exemplo, a criação de uma base de dados preliminar – que envolveu a aplicação de questionários e a pesquisa em *corpora* virtuais – até filmagem da interação e sua respectiva transcrição. Dá-se, pois, início à descrição metodológica.

3.1 O *status* intercultural da interação

Faz-se necessário descrever brevemente algumas tendências analíticas no escopo da Comunicação Intercultural, sobretudo no que diz respeito ao teor ‘intercultural’ da interação feita para esse estudo.

No caso, ten Thije (2003, 2006) se coloca como um dos teóricos responsáveis por uma mudança de postura em relação ao modo como se tem feito estudos interculturais. Segundo o autor, desde que o termo ‘intercultural’ passou a ser utilizado para nomear um campo de estudo – principalmente após os textos de Edward Hall (1959, 1966) – procurou-se descrever e explicar detalhadamente questões que envolvem conflitos comunicativos e mal-entendidos. De acordo com ten Thije (2003, p. 3-5), a preocupação exagerada com qualquer instância de disjunção comunicativa se deve a concepções ‘mentalistas’ de cultura, como aquelas encontradas em Hofstede *et al.* (2010).⁶⁸

A saber, uma das principais reflexões feitas por ten Thije “concerns the statement that intercultural communication takes place the very moment people from different cultures/ethnic groups meet” (TEN THIJE, 2003, p. 3).⁶⁹ A esse respeito, o autor pontua que uma interação em cujos participantes são oriundos de diferentes países não precisa, necessariamente, ser categorizada como ‘intercultural’. Mais importante, na verdade, seria distinguir, na própria interação, quais momentos seriam classificados como ‘interculturais’ em oposição àqueles denominados ‘institucionais’. Nesse sentido, defende-se que a interculturalidade da comunicação seja definida com base no uso de ferramentas verbais, de modo que os próprios interlocutores possam refletir a respeito do discurso corrente, bem como lidar de melhor forma com conflitos em potencial (TEN THIJE, 2003, p. 8).

A título de exemplo, o teórico expõe a prática de *perspectivising*, por meio da qual o processo de reflexão mencionado acima se torna observável. Leva-se em conta, além disso, que essa atividade reflexiva parte também da consideração referente às expectativas comunicativas do interlocutor. Essa consideração, por sua vez, pode ser atestada, por

⁶⁸ Conferir páginas 32-40 no capítulo dedicado à Fundamentação Teórica.

⁶⁹ Tradução do autor: “refere-se à declaração de que comunicação intercultural ocorre no momento em que pessoas de diferentes grupos culturais/étnicos se encontram.”

exemplo, por meio da pressuposição de que o mesmo interlocutor não dispõe de conhecimentos necessários para a devida compreensão dos enunciados e que, por isso, precise de explicações como condição para esse entendimento – nos termos de ten Thije (2003, p. 204), trata-se de *intercultural understanding*.

Ainda com base em ten Thije (2003, p. 9-10), o processo de *perspectivising* se constitui majoritariamente de três etapas: (i) *generalising*, (ii) *perspectivising* e (iii) *contrasting*. Estas são exemplificadas abaixo por meio de um trecho retirado do próprio texto do autor em destaque, em que uma alemã (originalmente da antiga Alemanha Ocidental – RFA) discorre sobre sua primeira experiência com o carro *Trabant*, elemento típico da cultura da RDA (antiga Alemanha Oriental):

→ Der war halt irgendwie grün, und die fanden das halt ganz besonders [...] das muß was Besonderes gewesen sein von der Farbe her einfach, weil das wohl nich normal war.⁷⁰

→ Ich weiß das noch, das is sozusagen alles so Sachen, die mir so völlig suspekt un mir als als Westdeutschem halt, völlig fremd war'n [...].

→ Weil die so stolz war'n, daß der diese komische grüne Farbe, die ich einfach furchtbar häßlich fand [...] und die fanden das ganz klasse und ich konnt das gar nich so so nachvollziehn.⁷¹ (TEN THIJE, 2003, p. 9-10)

Com efeito, as três etapas podem ser facilmente discernidas entre si por meio das flechas acima, isto é, o primeiro exemplo diz respeito ao processo de *generalising*, em que o sujeito apresenta uma interpretação do comportamento de seus parentes da RDA (*they*). Depois, o sujeito revela sua própria ‘perspectiva’ dos fatos (*as a Westgerman*), a fim de que, finalmente, possa ‘contrastar’ as duas visões e finalizar seu relato. Segundo ten Thije, a importância intercultural da estratégia empregada pela alemã se verifica essencialmente no segundo exemplo, em que a mesma se contextualiza político e historicamente na interação principalmente por meio da expressão *as a Westgerman*. Sob essa ótica, o sujeito, ao

⁷⁰ Os trechos apresentados estão, para os devidos fins de exemplificação da presente pesquisa, sem as devidas marcações que acompanham a transcrição.

⁷¹ Tradução do autor: “Ele era meio verde e eles achavam isso muito importante [...] isso deve ter sido bem especial, por causa simplesmente da cor, porque isso, provavelmente, não era muito normal. / Eu ainda me lembro de que, por assim dizer, todas essas coisas que eram completamente suspeitas para mim, para mim como uma alemã accidental, que eram completamente estranhas. [...] / Porque eles ficavam tão orgulhosos de que o carro tinha essa cor verde esquisita, que eu achava simplesmente terrível [...] e eles achavam isso bem legal e eu não conseguia entender isso de jeito nenhum.”

verbalizar traços negativos em relação à cultura de outros (no caso, o fato de a cor do carro não ser especial, mas sim feia e anormal do ponto de vista da alemã), procura fazê-lo de modo mitigado, ao oferecer sua origem (a RFA) como possível justificativa ou explicação para a validação de suas críticas. Essa estratégia, além disso, mostra-se como uma ferramenta interessante para que os interlocutores possam lidar melhor com possíveis conflitos na interação. Nas palavras do teórico:

The function of this three-step strategy in this example could be summarised as follows: the point of the story contains a very negative judgement on Trabants. As a consequence, the storyteller runs the risk that this negative judgement will be transferred to her East German relatives and in the end to the entire GDR. That means that she could be regarded as someone who transmits negative East German images. On the contrary, she does not transmit this image as overall image, but only as a judgement from a certain historical position, that is from the position of a West German adolescent before German unification. [...] In the execution of the three-step strategy the storyteller ensures the hearer gains an adequate interpretation by generalising, perspectivising and contrasting the included cultural standards. (TEN THIJE, 2003:, p. 11)⁷²

Interessante perceber, além disso, que o conflito se coloca, aqui, somente como possível resultado das críticas empregadas pela alemã, isto é, não é só porque os interlocutores possuem *backgrounds* culturais distintos e fazem uso de estratégias comunicativas também diferentes que o conflito ou mal-entendido precisa ocorrer na interação. O autor até mesmo aponta para o fato de que a comunicação intracultural (conduzida por sujeitos que, a princípio, compartilham atitudes culturais e linguísticas) pode apresentar os mesmos percalços (TEN THIJE, 2003, p. 4). Desse modo, nos moldes das ideias discutidas por ten Thije, Liebscher (2006) propõe que o *status* intercultural da interação seja continuamente negociado, isto é, que todos os recursos empregados na fala, embora culturalmente específicos, não remetam diretamente à falha na comunicação

⁷² Tradução do autor: “A função dessa estratégia de três passos nesse exemplo poderia ser resumida da seguinte forma: o ponto da história contém um julgamento bastante negativo sobre Trabants. Como consequência, o narrador corre o risco de que esse julgamento negativo seja transferido para os seus [*her*] parentes da Alemanha Oriental e, finalmente, para toda a RDA. Isso significa que ela poderia ser considerada como alguém que transmite imagens negativas da Alemanha Oriental. Em contrapartida, ela não transmite essa imagem como noção principal, mas somente como um julgamento de certa posição histórica, isto é, da posição de uma alemã ocidental adolescente antes da unificação alemã. [...] Durante a execução da estratégia de três passos, o narrador se assegura de que o ouvinte ganhe uma perspectiva adequada ao generalizar, perspectivar e contrastar os padrões culturais incluídos.”

(*miscommunication*), mas sim à tentativa de compreensão do outro, sendo, portanto, o conflito ou o mal-entendido vistos não como índices de interculturalidade *per se*, mas sim como caminhos possíveis em qualquer interação.

Vale ressaltar que, segundo Liebscher (2006, p. 157), “The management of perspectives in intercultural discourse is always a potential site for problem or conflict”. De qualquer forma, a autora, ao adotar a prática de *perspectivising* como ferramenta de análise intercultural, pergunta-se como os itens dêiticos contribuem para a apresentação das ‘perspectivas’ culturais de cada interlocutor e, com isso, servem de base para a ‘interculturalização’ das interações analisadas – no caso, Liebscher se baseia em entrevistas e *talk shows* ambientados na época das duas Alemanhas, RDA (República Democrática Alemã) e RFA (República Federativa Alemã).

A saber, alguns resultados apontam as expressões *we in the East/they in the West, here/there* e *I/you* (“nós no leste/eles no oeste, aqui/lá, eu/você”, adaptadas do original em alemão) como índices típicos para a contextualização⁷³ das ‘perspectivas’ culturais na interação. É interessante perceber, além disso, que o pronome em alemão *man* (possivelmente traduzível para o português como o pronome ‘se’ e para o inglês como *one*, responsáveis pela indeterminação do sujeito), de acordo com a autora, pode retirar a ‘responsabilidade cultural’ do falante e, com isso, expressar certa neutralidade no que tange à adoção de perspectivas específicas. Nesse caso, *man* entra como substituto para os pronomes *ich* (eu) e *Sie* (você, formal) e evita que o sujeito, ao discordar da ‘perspectiva’ de seu interlocutor, seja menos categórico em sua formulação disjuntiva e, com isso, possivelmente menos propenso a causar problemas na interação.

Isso posto, conclui-se que, em contextos de fala em que os indivíduos dispõem de visões de mundo bem distintas (como em uma entrevista entre uma alemão da RDA e outro da RFA), cada interlocutor pode, a princípio, ser considerado responsável por suas escolhas linguísticas (verbais e não verbais) no que se refere ao processo de *perspectivising*, isto é, os termos escolhidos na interação são tidos como índices ou reflexos de uma consciência cultural manifestada verbalmente. Nesse sentido, cada item contribui para a negociação de uma ‘perspectiva’ cultural, a qual, por sua vez, pode ou não entrar em choque com os pontos

⁷³ O termo ‘contextualização’ será mais bem explicado no decorrer do presente capítulo.

de vista de outros interlocutores e, por conseguinte, levar a conflitos e mal-entendidos. Convém afirmar ainda que, uma vez que o processo de *perspectivising* se dá por meio de pressuposições acerca dos conhecimentos e atitudes comunicativas do outro, assume-se que, na interação, o sujeito busca por compreensão (*intercultural understanding*). Dessa forma, Liebscher, juntamente com ten Thije e outros pesquisadores, procura salientar que estudos em Comunicação Intercultural não devem se limitar à descrição de conflitos e problemas comunicacionais como sinais primários de diferenças culturais. A pesquisa, segundo esses autores, deve se pautar por uma abordagem *beyond misunderstanding*, caracterizada muito mais pela descrição de recursos linguísticos que possam assegurar a compreensão entre os interactantes.

No que se refere especificamente aos objetivos da presente pesquisa, dentre os quais se destaca a análise do termo *pátria* ou *Heimat* como *hotwords*, a questão do conflito se coloca como elemento de estudo muito importante, sobretudo por abranger tema culturalmente tão complexo. Desse modo, a estratégia de *perspectivising*, apresentada por ten Thije (2003, 2006), coloca-se como ferramenta importante de análise interacional a fim de que a interculturalidade da interação filmada no âmbito desse estudo seja devidamente verificada, bem como as posturas (ou ‘perspectivas’) culturais das brasileiras e alemãs entrevistadas possam ser coerentemente discutidas.

3.2 A operacionalização do conflito

Vale lembrar que, caso *Heimat* se comporte mesmo como uma *hotword* (ver seção 2.2.2.1), espera-se que conflitos sobre esse tema sejam frequentes na interação. Desse modo, além de verificar a pertinência da estratégia comunicativa descrita na seção anterior, é preciso que, na análise, seja estabelecida uma definição para ‘conflito’. Com efeito, assume-se que esse termo possa ser definido com base em:

Situações onde há a expressão de opiniões, ideias, interesses, valores, gostos pessoais, expectativas, etc., que sejam divergentes aos dos interlocutores, que representem uma ameaça ou potencial ameaça à sua face ou que possam provocar desconforto ou incômodo nos mesmos. (VITERBO LAGE, 2013, p. 77-78)

A saber, essa definição foi proposta por Viterbo Lage (2013), ex-membro do grupo de pesquisa “Comunicação (inter)cultural em interação”, do qual o proponente dessa dissertação faz parte. Nessa ocasião, a autora se ocupou principalmente com a descrição de conflitos em interação entre brasileiros e alemães, sobretudo no que diz respeito à teoria da polidez, delineada principalmente por Brown e Levinson (1987).⁷⁴ Uma vez que o presente trabalho não pretende abordar a questão da ‘polidez’, fica estabelecida a relevância somente da primeira parte da definição supracitada, isto é, “Situações onde há a expressão de opiniões, ideias, interesses, valores, gostos pessoais, expectativas, etc., que sejam divergentes aos dos interlocutores”.

Vale ressaltar, bem como fez Viterbo Lage (2013, p. 79), que a presença de conflitos em âmbito verbal e não verbal não garante que os interactantes sintam certo tipo de desconforto na interação. Desse modo, para fins de contribuição empírica como proposto na introdução, pretende-se, a princípio, focar a análise no escopo verbal e não verbal da interação e, conseqüentemente, deixar o *status* psicológico dos participantes em um segundo plano.

Como, porém, os conflitos (como descritos acima) podem ser operacionalizados na comunicação é pergunta que será respondida nas próximas seções.

⁷⁴ BROWN, P.; LEVINSON, S.C. *Politeness: Some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

3.2.1 A Análise da Conversação (AC)

Antes que os procedimentos de análise de conflitos no âmbito da AC possam ser evocados, convém delinear rapidamente o histórico desse campo de pesquisa, bem como traçar alguns comentários sobre suas prerrogativas metodológicas.

3.2.1.1 O início das pesquisas em Análise da Conversação

Segundo alguns autores, como no caso de Heritage (1991) e Hutchby & Wooffitt (1998), a Análise da Conversação (AC) teve como ponto de partida as contribuições sociológicas de Harold Garfinkel (1967), principalmente no tocante à análise da ordem social como instância criada pela e na interação. Com base nesses estudos, afirma-se que a AC teve como principal precursor o também sociólogo Harvey Sacks, o qual, entre os anos de 1964 e 1972, deu palestras importantes sobre esse assunto na Universidade da Califórnia (HUTCHBY; WOOFFITT, 1998, p. 1).

De fato, a pesquisa de Sacks, juntamente com os esforços de Emanuel Schegloff e Gail Jefferson, culminou com a publicação do trabalho seminal de 1974, intitulado *A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation*, no qual a questão da ordem social (discutida previamente por Garfinkel) foi reanalisada e atualizada. A saber, a comunicação e a cooperação intersubjetiva entre os participantes foram consideradas como prerrogativas analíticas para a constituição da ordem social. Essa cooperação, por sua vez, passa a ser verificada por meio de procedimentos comunicativos empregados pelos interactantes, dentre os quais se destaca, sobretudo, a dinâmica de troca de turno entre os participantes da interação.

Fato importante a ser considerado, segundo Sacks *et al.* (1974), trata da sistematicidade com que se estrutura a interação. De acordo com os autores, fica claro que esse sistema se caracteriza, entre outros, pela sequencialidade com que ocorre a

comunicação. Tal afirmação se baseia, a saber, no fato de que o turno de fala – o poder tácito do qual determinado participante dispõe para falar – é atribuído, a princípio, a um sujeito de cada vez, sendo essa atribuição efeito de duas possíveis causas: (i) o próprio sujeito se elege como “falante da vez”, ou (ii) o turno é concedido diretamente por outro interlocutor a esse sujeito, como no caso de uma pergunta especificamente dirigida, por exemplo (SACKS *et al.*, 1974, p. 703).

Com efeito, coloca-se a questão da sequencialidade na interação como determinante para que se possa demonstrar como os interactantes se orientam mutuamente no momento da fala. Segundo Sacks *et al.* (1974, p. 697), é preciso que haja certa cooperação entre os sujeitos envolvidos na interação, a fim de que os procedimentos comunicativos empregados possam ser devidamente interpretados, de modo que, como consequência, a interação possa se desenvolver fluidamente. Heritage (1991, p. 241), a esse respeito, destaca que a simples ‘produção’ da fala por um sujeito A e a sua respectiva ‘interpretação’ (por meio da contribuição coerente de um sujeito B) revelam minimamente certa comunhão de um conjunto de procedimentos comunicativos por parte desses indivíduos. Sob essa ótica, portanto, torna-se objetivo central da AC a análise e descrição dos vários procedimentos próprios da comunicação, bem como das respectivas ações subsequentes.

Interessante perceber que o trabalho de Henne e Rehbock (2001), citado na seção sobre as contribuições teóricas da pragmática para essa pesquisa (ver seção 2.3.1), insere-se no escopo de trabalho da AC. Contudo, convém ressaltar que, por mais que os estudos seminais nesse campo – provenientes de uma tradição de pesquisa americana, como aquele de Sacks *et al.* (1974) – abordem a questão da sequencialidade da fala, não se observa muito nesses trabalhos a devida problematização em relação aos papéis atribuídos aos interlocutores na interação, seja como aquele que toma o turno para si (tido como ‘falante’), seja como aquele que se abdica do turno (tipicamente considerado como ‘ouvinte’). De fato, o trabalho de Henne e Rehbock se destaca dos demais justamente por trazer à tona os chamados *Hörverstehensakte*, ou “ações de compreensão auditiva”, as quais possuem ação estruturante no sistema de troca de turnos e que, além disso, são performatizadas, a princípio, somente por aqueles que não possuem o turno de fala.

Além disso, vê-se, por exemplo, no trabalho de Sacks *et al.* (1974, p. 726) há referência à dinâmica de troca de turnos como um maquinário, isto é, um tipo de sistema com funcionamento próprio, responsável por constituir as bases de toda interação. Esse tipo de metaforização da fala (no caso, por meio do conceito de *máquina*), estabelece o foco principalmente na produção e organização das estruturas verbais, sem que outros fatores possam integrar a análise. Hutchby e Wooffitt (1998, p. 35), a esse respeito, dizem o seguinte: “[...] Sacks was interested in finding the organization of talk-in-interaction in its own right, as a ‘machinery’ independent of individual speakers, which provides the resources drawn on by speakers in constructing their participation in any given interaction”.⁷⁵ Henne e Rehbock (2001), entretanto, ao darem atenção aos papéis comunicativos dos interlocutores, bem como ao caracterizá-los, afastam-se um pouco da concepção tradicional de que a Análise da Conversação se ocupa unicamente com a fala em si.⁷⁶ Tem-se, como resultado, uma reavaliação das possibilidades analíticas de tal campo de pesquisa, o qual passa a abarcar não só a organização sequencial da fala, como também a correlação entre ações comunicativas e seus atores.

3.2.1.2 O empirismo da AC

A partir da descrição feita por Heritage (1991), pode-se afirmar que a AC privilegia a análise linguística por meio da coleta de dados retirados de âmbitos de fala naturais. No caso, o autor aponta dois motivos para essa predileção metodológica. O primeiro, a saber, refere-se ao teor ‘empiricista’ verificado nos trabalhos iniciais de Harvey Sacks.⁷⁷ Nesse quesito,

⁷⁵ Tradução do autor: “[...] Sacks estava interessado em descobrir a organização da dinâmica de troca de turnos em seus próprios termos, como um ‘maquinário’ independente de falantes individuais, o qual proporciona os recursos extraídos pelos falantes na construção de sua participação em qualquer interação.”

⁷⁶ No caso, talvez seja possível afirmar que Henne e Rehbock (2001) sigam outra tradição de pesquisa em AC; uma tradição mais representada por pesquisadores alemães. Para mais detalhes, ver Deppermann (2008).

⁷⁷ SACKS, H. Methodological remarks. In: ATKINSON, J.M.; HERITAGE, J. *Structures of Social Action: Studies in Conversation Analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984, p. 21-27.

Heritage destaca a necessidade de Sacks em conceder à sociologia um *status* de ciência metodologicamente rigorosa:

It was not from any large interest in language or from some theoretical formulation of what should be studied that I started with tape-recorded conversation, but simply because I could get my hands on it and I could study it again and again, and also, consequentially, because others could look at what I had studied and make of it what they could, if, for example, they wanted to be able to disagree with me. (SACKS, 1984 *apud* HERITAGE, 1991, p. 235)⁷⁸

Nesse trecho, vê-se a preocupação de Sacks em gravar a interação, a fim de que a mesma possa ser analisada e reanalisada quantas vezes for necessário por vários pesquisadores – a gravação, portanto, tem o poder de ‘preservar’ a fala (caracterizada por sua fugacidade natural) para futuras abordagens analíticas.

O segundo motivo evidenciado por Heritage (1991, p. 239), por sua vez, refere-se mais especificamente à natureza cotidiana ou até mesmo mundana das situações de fala que são preferidas pela AC. Segundo o teórico, a maioria dos procedimentos comunicativos é apreendida durante o processo de socialização da criança em seu meio cultural.⁷⁹ Desse modo, como o desenvolvimento social das pessoas é permeado majoritariamente por situações de fala cotidianas (entre mãe e filho, por exemplo), isto é, situações em que não há alto nível de institucionalização dos atos comunicativos, faz-se necessário o acesso concreto a esses tipos de interação, seja por meio de gravações de áudio ou de filmagens.

Com base nas ideias expostas acima (referentes ao caráter empírico da AC), convém ainda ressaltar que a postura investigativa adotada pelos analistas conversacionais tem como ponto de partida exclusivamente a interação *per se*.⁸⁰ Dessa forma, todos os conceitos e

⁷⁸ Tradução do autor: “Não foi por algum interesse maior em linguagem, ou por qualquer formulação teórica de o que deveria ser estudado que eu comecei com a conversação gravada, mas simplesmente porque eu poderia por as minhas mãos nela e estudá-la de novo e de novo e, também, como consequência, porque outros poderiam dar uma olhada no que eu tinha estudado e fazer disso o que eles pudessem, se, por exemplo, eles quisessem ter a condição de discordar de mim.”

⁷⁹ Interessante perceber, aqui, que o conjunto de procedimentos comunicativos pode ser influenciado por traços culturais de cada grupo de falantes. Contudo, como bem apontam Sacks *et al.* (1974, p. 699-700), embora a dinâmica de troca de turnos, por exemplo, possa ser variável até mesmo no escopo de uma mesma comunidade, o sistema organizacional da fala continua a se pautar pelas mesmas regras.

⁸⁰ Em seções posteriores, será tematizado o processo de transcrição que possibilita as análises de interações naturais.

ferramentas analíticas utilizadas pelos pesquisadores são construídos a partir da interação, isto é, não há, ao menos no que diz respeito ao escopo teórico da Análise da Conversação, elementos de análise que sejam delineados *a priori* – antes mesmo que se tenha acesso integral ao recorte conversacional que se pretende investigar (HERITAGE, 1991, p. 242-243).

De acordo com o autor em pauta, essa abordagem procura excluir idealizações teóricas a respeito de o que os interactantes podem pensar e sentir ao se manifestarem comunicativamente. Como consequência, defende-se que a própria organização da interação (sobretudo a sua contraparte verbal) permite, às vezes com ressalvas, que o pesquisador observe as interpretações de cada interlocutor a respeito do que é previamente dito. Em outras palavras, “the empirical conduct of speakers is treated as the central resource out of which analysis may develop” (HERITAGE, 1991, p. 243).⁸¹

Na próxima seção, apresentam-se alguns exemplos de como a observação de trechos conversacionais pode elucidar tanto a natureza sistemática da comunicação quanto as interpretações e expectativas de cada sujeito.

3.2.1.3 O caráter reflexivo da interação

De volta ao conceito de sequencialidade na interação, Heritage (1991) comenta que, para a AC, a noção de ‘contexto’ comunicativo ganha matizes mais complexos – a saber, toda contribuição conversacional seria, ao mesmo tempo, *context-shaped* e *context-renewing*.

Context-shaped são as ações comunicativas de um falante devido ao simples fato de que elas não são compreendidas (não somente em relação ao caráter proposicional do enunciado, mas também a seus traços pragmáticos) sem referência direta ao contexto imediato de fala. Nesse sentido, o termo *context-renewing* se refere a cada nova ação comunicativa, responsável por estabelecer (manter ou alterar) o *framework* necessário para

⁸¹ Tradução do autor: “a conduta empírica dos falantes é considerada recurso central a partir do qual análises podem se desenvolver.”

que a próxima ação seja devidamente interpretada (HERITAGE, 1991, p. 242). A partir dessas definições, portanto, tem-se uma noção indexical e reflexiva da interação, isto é, indica o sujeito A como o sujeito B deve proceder com suas ações, sendo que o mesmo sujeito B, ao agir responsivamente ao que fora dito por A, tem o ‘poder’ de alterar o rumo contextual da conversa.

Com efeito, essa noção de ‘contexto’ junto à sequencialidade característica da fala permitem que o fenômeno das ‘ações comunicativas pareadas’ seja devidamente explicado. O foco de análise em sequências de fala, a saber, tem a seguinte justificativa:

[...] in a variety of ways the production of some current conversational action proposes a local, here-and-now ‘definition of the situation’ to which subsequent talk will be oriented. The most elementary instance of this phenomenon occurs when some current turn’s talk projects a relevant next activity, or range of activities, to be accomplished by another speaker in the next turn [...]. (HERITAGE, 1991, p. 245)⁸²

A reboque de tal raciocínio, destaca-se o termo ‘par adjacente’, descrito por Schegloff e Sacks (1973 *apud* HERITAGE, 1991, p. 246)⁸³ como (i) uma sequência de dois enunciados, (ii) que são adjacentes, (iii) produzidos por falantes diferentes, (iv) ordenados como primeiro par e segundo par e, finalmente, (v) tipificados, de modo que um primeiro par requer um segundo par específico, como no caso do par ‘pergunta-resposta’.

Interessante perceber que, embora a teoria seja explícita no tocante à escolha lexical ‘adjacente’, a mesma não prevê que o segundo par ocorra necessariamente logo após o término do primeiro. Na verdade, a não ocorrência do segundo par é também, segundo Schegloff e Sacks (1973 *apud* Heritage, 1991, p. 248), frequentemente verificável, fato que, paradoxalmente, pode até mesmo justificar o caráter normativo para a ocorrência completa dos pares adjacentes.

⁸² Tradução do autor: “[...] de várias maneiras, a produção de qualquer ação conversacional atual propõe uma ‘definição da situação’ local, à qual falas subsequentes irão se orientar. O mais elementar exemplo de tal fenômeno ocorre quando alguma fala de um turno atual projeta uma próxima atividade relevante, ou uma gama de atividades, a serem realizadas por outro falante no próximo turno.”

⁸³ SCHEGLOFF, E. A; SACKS, H. Opening up closings. *Semiotica*, v. 7, p. 289-327, 1973.

A esse respeito, Merritt (1976 *apud* LEVINSON, 1983, p. 304)⁸⁴ se vale de um exemplo de uma ‘sequência inserida’, a qual, como o próprio nome já sugere, insere-se entre as estruturas de um par adjacente:

A: May I have a bottle of Mich?	((Q1)) → Pergunta 1
B: Are you twenty one ?	((Q2)) → Pergunta 2
A: No	((A2)) → Resposta 1
B: No	((A1)) → Resposta 2

Nesse exemplo, mesmo que Q1 não seja imediatamente respondida, afirma-se que os participantes ainda se orientam pelo par adjacente ‘pergunta-resposta’, tendo sido o segundo par somente “atrasado”, dadas as circunstâncias específicas dessa interação. A saber, essa mútua orientação faz com que o termo ‘relevância condicional’ seja cunhado, o qual, segundo Heritage (1991, p. 249), implica que os interactantes podem considerar a ausência de determinada ação comunicativa como ‘perceptível’ – assume-se, nesse caso, que (i) um segundo par se coloque como relevante a partir de um respectivo primeiro par, bem como que (ii) a não ocorrência do segundo par se deva, a princípio, a um motivo extraordinário (o sujeito pode ter medo de se manifestar, pode esconder alguma informação, entre outros).

Sob essa ótica, apresentam-se os *accounts* como estratégias comunicativas bem profícuas para as situações em que os participantes não possam (ou não queiram) executar devidamente o segundo par. Os *accounts*, dessa forma, funcionam como ‘prestações de contas’ ou justificativas para a não realização de determinado segundo par – a própria formulação do *account* serve, pois, como evidência para o fato de que a ausência de um segundo par foi percebida e, por isso, justificada. No que tange especificamente ao tema do conflito – proposto pela presente dissertação –, é possível afirmar, ainda segundo Heritage (1991, p. 269-273), que a presença de *accounts* na interação pode servir como estratégias para evitar desentendimentos e, conseqüentemente, fomentar o que o autor chama de *social solidarity*. Convém, por fim, salientar que todos esses traços estruturais da interação, que envolvem ferramentas de análise como a ‘relevância condicional’ e os *accounts*, convergem e dão vazão não somente ao caráter normativo da adjacência na comunicação, mas também à

⁸⁴ MERRITT, M. On questions following questions (in service encounters). *Language in Society*, v. 5.3, p. 315-357, 1976.

noção de que os interactantes se encontram em constante estado de cooperação, sobretudo no que se refere à natureza responsiva do contexto de fala.

No caso, as atitudes responsivas na comunicação se colocam como pressuposto teórico importante para Henne e Rehbock (2001). A saber, esses autores consideram que cada ato comunicativo determina, de certa forma, a criação de atos subsequentes – fenômeno denominado pelos teóricos ‘responsividade’, isto é, um ato comunicativo B se conecta a um ato A (sendo este anterior àquele). Vê-se, portanto, uma grande correspondência entre os postulados feitos por esses autores alemães e os conceitos ligados à sequencialidade da fala arguidos até então, principalmente com base em Heritage (1991).

Henne e Rehbock (2001, p. 205-210) destrincham esse conceito de ‘responsividade’ principalmente por meio de dois planos de referência: o primeiro ligado ao tipo de ação comunicativa empregada (uma pergunta, um convite, uma oferta etc.) e o segundo ligado ao tema da interação. Nesse cenário, os autores destacam que cada ação subsequente a outra pode ser (i) *responsiv* (responsiva), (ii) *teilresponsiv* (meio responsiva) ou (iii) *nonresponsiv* (não responsiva), tanto em relação ao plano da ação quanto ao tema. A título de exemplo, uma pergunta como *und das käme wieviel* (sentença traduzível como “e quanto seria isso?”) feita por um cliente em um contexto de vendas, poderia, hipoteticamente, obter várias respostas do respectivo vendedor (HENNE; REHBOCK, 2001, p. 206). Com efeito, um dos exemplos levantados pelos autores, tal como *Zwanzig Mark dreißig* (literalmente: “vinte marcos e trinta”), caracteriza-se como responsivo em ambos os planos de referência. No que diz respeito à ação, o fato de o vendedor ter compreendido a pergunta do cliente se comprova pela própria resposta coerentemente empregada no fluxo da fala. Já em relação ao segundo plano, a problemática do ‘preço’ se mantém como centro de referência temática nessa sequência de fala.

Nesse mesmo exemplo, contudo, uma resposta como *Warum sagen Sie denn „käme“?* (Por que você diz “seria”?) por parte do vendedor poderia ser classificada, segundo os autores em pauta, como ‘tangencial’, isto é, não responsiva em todos os planos de referência, sendo possível até mesmo uma leitura segundo a qual o vendedor deprecia ou desvaloriza o enunciado anterior de seu interlocutor (HENNE; REHBOCK, 2001, p. 207). Constata-se, pois, que, quanto menos responsividade houver por parte dos interlocutores,

maiores as chances de que problemas de ordem interacional possam surgir – fato que pode culminar, em instâncias extremas, até mesmo com a completa interrupção da conversa.

Vale ressaltar, finalmente, ainda de acordo com esses teóricos, que à responsividade se atribui um caráter bastante cultural, de modo que as expectativas em relação às ações comunicativas subsequentes podem variar de acordo com cada grupo de falantes. Na verdade, Henne e Rehbock (2001, p. 209) chegam a afirmar que, no caso em que sujeitos não compartilham de muitas convenções comunicativas (indivíduos com *backgrounds* culturais bem distintos), falhas na interação não necessariamente podem ser atribuídas à falta de responsividade, mas sim ao fato de que todos os participantes podem ter feito uso de recursos comunicativos ancorados em suas próprias tradições. Há, nesse caso, um conflito na interpretação dos atos comunicativos (por exemplo, a responsividade da ação de um falante A pode ser erroneamente assimilada como não responsiva pelo falante B), possibilidade esta que, em última análise, pode levar a desconfortos na interação.

3.2.1.4 O contraste na interação

Tendo como base de argumentação todos os traços até então apresentados em relação à pesquisa em Análise da Conversação, é preciso que se considere o seguinte: a ausência de um par adjacente ou a falta de ‘responsividade’ são apontadas pelos autores supracitados como fenômenos potencialmente causadores de atritos na comunicação. No caso de uma pergunta sem resposta, por exemplo, interlocutores podem se valer de várias estratégias (como repetição da pergunta) para enfim obterem a resposta desejada desde o início (HERITAGE, 1991, p. 248-249) – esse processo de acerto de contas, com efeito, pode se dar de maneira bastante conflituosa. Todavia, embora a presente dissertação parta do princípio de que a ‘responsividade’ seja ferramenta essencial para descrever interações, o foco de análise não trata especificamente de problemas comunicativos resultantes de ações não responsivas, mas sim daqueles em que há necessariamente divergência de ideias, conceitos, valores, entre

outros. Nesse sentido, apresenta-se, nesta seção, um dos principais recursos de análise dos conflitos comunicativos que aqui se propõem – o fenômeno do ‘contraste’.

O contraste na interação foi muito investigado por Ford (2000, 2004) e Deppermann (2005), sobretudo no que tange aos aspectos argumentativos de tal estratégia no discurso. Ford (2000), a saber, destaca que o contraste se caracteriza pela concatenação de dois trechos comunicativos que apresentam uma relação de oposição entre si (FORD, 2000, p. 284) – a oposição, no caso, pode ser efetuada tanto por um mesmo participante quanto por mais de um. A grande questão colocada por Ford nesse contexto, além disso, refere-se ao fato de que o contraste, no âmbito sequencial da fala, impõe aos falantes um *state of affairs* que precisa ser resolvido, isto é, alega-se que, tendencialmente, ações comunicativas como explicações são alocadas depois da execução do contraste propriamente dito:

Perspectiva A → Perspectiva B → Explicação
(Contraste)

Dessa forma, Ford postula ser o contraste uma ferramenta para que os interlocutores possam se manifestar em favor de uma ou outra ideia, sendo a explicação uma possível justificativa para tal defesa. No que diz respeito à questão do conflito, o item contrastante da sequência acima, principalmente quando operacionalizado por um segundo interlocutor, coloca-se como uma discordância em relação ao que já foi dito. Nesse sentido, o sujeito adquire uma postura de dissociação (*disaffiliation*) perante seus coparticipantes. Conseqüentemente, bem como no caso da pergunta que não é respondida, essa relação de distanciamento pode ser ‘percebida’ de modo negativo, fato que, por sua vez, condiciona a formulação de uma explicação que, na verdade, funciona como *account* para o contraste.

Para os fins da presente pesquisa, portanto, o conflito já existe no momento da ocorrência do contraste – a explicação, nesse caso, contribui para a manutenção da *social solidarity*, como disse Heritage (1991). A fim de que as formas de realização do contraste possam ser mais concretamente compreendidas, Ford evidencia uma série de marcadores comumente encontrados na língua inglesa que cumprem essa função, tais como:

antonymy (in adjectives, nouns, and prepositions), negation, comparatives, and conjunctions. Adverbs associated with contrasts were *actually*, *really*, and *only*. Temporal oppositions such as *then* versus *still* were also represented. Finally, prosodic highlighting (contrastive stress, pitch and rhythmic parallelism) was a frequent feature in contrasts. The defining criterion for contrasts in this study was that incompatibility be expressed, whether in content, through linguistic marking, or by both. (FORD, 2000, p. 289)⁸⁵

Digno de nota, por último, é a estratégia discursiva denominada ‘concessão’ pelos analistas conversacionais, a qual também pode fundamentar metodologicamente a análise de conflitos. A saber, para que uma concessão típica ocorra na interação, faz-se necessária argumentação entre no mínimo dois sujeitos, na qual se fazem presentes (i) o enunciado de um interlocutor A, (ii) a concessão de um sujeito B em relação ao que fora dito por A e, por fim, (iii) o contraste estabelecido por B em favor de seu raciocínio argumentativo (COUPER-KUHLEN; THOMPSON, 2000, p. 382-358).⁸⁶ Segundo essas autoras, o falante B, antes de manifestar suas ideias divergentes no discurso, procura validar parte da afirmação prévia de A e, assim, estabelecer um vínculo (naturalmente responsivo) de proximidade com o conteúdo explicitado. Dessa forma, por meio da concessão, é possível mitigar a força da oposição expressa na terceira parte do esquema acima delineado e, com isso, evitar que o conflito chegue a causar obstáculos maiores à fluidez da interação. Além disso, esse esquema sequencial é denominado *cardinal concessive* (concessão cardinal), tida como forma mais simples para a execução da concessão. A representação mais abstrata de tal estrutura interacional pode ser ilustrada da seguinte maneira: $X \rightarrow X' \rightarrow Y$, em que X e Y são valores, ideias ou opiniões potencialmente contrastivas.

Com base no exposto acima, é válida a afirmação de que, em última análise, a investigação linguístico-cultural aqui proposta se pauta por uma postura metodológica que destaca o caráter sequencial da linguagem – seja no que diz respeito a macroestruturas

⁸⁵ Tradução e grifos do autor: “antonímia (em adjetivos, nomes e preposições), negações, comparativos e conjunções. Advérbios associados com contraste foram *actually*, *really* e *only*. Oposições temporais como em *then* versus *still* também foram representadas. Finalmente, destaque prosódico (acento contrastivo, paralelismo tonal e rítmico) foi um traço frequente em contrastes. O critério determinante para contrastes nesse estudo foi o fato de a incompatibilidade ter sido expressada seja por sentido, seja por marcação prosódica, seja por ambos.”

⁸⁶ Outros trabalhos que envolvem a questão da ‘concessão’ podem ser encontrados em Antaki e Wetherell (1999) ou em Barth-Weingarten (2003).

analíticas como os pares adjacentes, seja a estratégias comunicativas específicas como contrastes e concessões, a sequencialidade parece sempre estar presente como fator determinante para a constituição da interação humana. Convém salientar, a esse respeito, que os trabalhos mencionados acima focalizam, obviamente, a sequencialidade refletida prioritariamente pela linguagem verbal.⁸⁷ Não se pode esquecer, porém, que não só de verbalizações se constitui a comunicação, mas também de itens paraverbais e não verbais. Nesse sentido, dedica-se a próxima seção à explicação de como tais ferramentas podem contribuir para as análises a serem delineadas nessa dissertação.

3.2.2 A teoria da contextualização

Como expressado anteriormente, esse projeto visa a uma análise que mescla questões linguísticas e culturais relacionadas ao item *pátria* (relativo às culturas alemã e brasileira). Porém, para que a ligação entre cultura e linguística seja viável, convém ressaltar aspectos teórico-metodológicos da comunicação além daqueles vinculados à pesquisa tradicional em Análise da Conversação, como demonstrado em seção anterior.

A princípio, a teoria da contextualização, bem como a AC, prevê que o ‘contexto’ se caracteriza como constructo interacional, isto é, que a noção de ‘contexto’ se refere a uma instância comunicativa criada endogenamente – na e pela comunicação. De acordo com a AC, essa afirmação se justifica pela sequencialidade da fala e, nesse sentido, por como os interactantes fazem uso de enunciados anteriores para a interpretação e formulação de suas próximas contribuições à interação. Isso equivale a dizer que toda forma de contexto, seja ela referente aos papéis sociais desempenhados pelos interlocutores (médico X paciente, por exemplo) ou ao índice de formalidade da interação, deve ser feita relevante na própria

⁸⁷ Vale salientar que a Análise da Conversação possui um escopo de aplicação que vai muito além das estruturas de contraste e concessão. Na seção 4.3.5.2, por exemplo, destaca-se o *Membership Categorization* como outro fenômeno comumente investigado nesse campo.

interação, fato que, por sua vez, ocorre por meio de ações verbais variadas.⁸⁸ Auer (1986), ao advogar em defesa da teoria da contextualização, também defende o caráter endógeno do ‘contexto’:

Kontext wird nicht als material gegeben, sondern als interaktiv produziert angesehen. Seine Realität ist nicht die einer physikalischen Präsenz, sondern die eines (Ethno-)Konstrukts, das dazu dient, in einer zwar revidierbaren, aber für alle praktischen Zwecke ausreichenden Weise die Situation zu definieren. (AUER, 1986, p. 23)⁸⁹

A esse respeito, Auer (1992), em outra ocasião, salienta que a teoria da contextualização adiciona itens paraverbais (como a prosódia) e não verbais (como gestos e o olhar) às ferramentas também responsáveis pela construção reflexiva do contexto de fala. Vale lembrar que ‘reflexivo’, nesse caso, significa:

[...] language is not only a semiotic system the actual usage of which is determined by the context; this semiotic system [...] is in itself also responsible for the availability of the very context which is necessary in order to interpret the structures encoded in it. (AUER, 1992, p. 22)⁹⁰

Essa abordagem teórica, a saber, foi delineada sobretudo por meio do trabalho de John Gumperz (1982), preocupado principalmente com o processo contínuo de interpretação na comunicação e como esta é alcançada. Para tanto, a pesquisa em interação decorre da observação das chamadas ‘pistas de contextualização’ (*contextualization cues*). De acordo com esse autor, as pistas funcionam como um índice simbólico responsável por sinalizar ao interlocutor como determinado enunciado deve ser interpretado. A saber, o acento em uma palavra ou sílaba específica, o uso de determinados itens lexicais, curvas entonacionais ascendentes e/ou descendentes e até mesmo o fenômeno de *code-switching* podem ser

⁸⁸ Heritage (1991, p. 280-290), por exemplo, destaca a função da sequência de três pares (que envolve pergunta, resposta e apreciação da resposta, respectivamente) para a construção do contexto em que um sujeito sai de um estado de ignorância para outro de conhecimento – fenômeno reconhecido como *change of state effect*.

⁸⁹ Tradução do autor: “Contexto não é dado como material, mas sim visto como uma produção interativa. Sua realidade não é a de uma presença física, mas a de um (etno)construto, o qual, de maneira revisível mas suficiente para fins práticos, serve para definir a situação.”

⁹⁰ Tradução do autor: “[...] linguagem não é somente um sistema semiótico, sendo seu uso real determinado pelo contexto; esse sistema semiótico [...] é em si mesmo responsável pela disponibilidade do próprio contexto, o qual é necessário para que se interpretem as estruturas nele codificadas.”

considerados pistas de acordo com a situação comunicativa. Em outros termos, os participantes de uma interação fazem uso de uma constelação de recursos (pistas) que lhes permitem identificar os matizes semânticos atrelados à fala, seja ela verbal ou não verbal.

Por exemplo, Couper-Kuhlen e Thompson (2000, p. 391), autoras que analisaram as estruturas típicas de ‘concessão’ em interações em inglês, afirmam que não há necessidade de marcação morfológica específica para a realização e interpretação coerente de concessões. Na verdade, às vezes basta o uso de recursos paraverbais, como no caso de paralelismos prosódicos (em que palavras-chave que compõem a sequência de concessão são acentuadas de maneira similar), para que a relação de contraste seja contextualizada.

Outro exemplo se refere ao trabalho de Selting (1996, p. 257), relativo a perguntas que expressam *astonishment* (estupefação, estranhamento). A autora, a saber, destaca que a marcação acentual se configura uma das pistas mais comumente empregadas para sinalizar ao interlocutor tal estranhamento, o qual, em última análise, contextualiza a má compreensão ou a tentativa de corrigir um enunciado prévio. Mais interessante nesse trabalho, contudo, é notar que, a depender da situação, interlocutores podem (talvez até conscientemente) não interpretar a estupefação de seus coparticipantes. No caso de relações hierárquicas entre interactantes, Selting defende que um sujeito de maior autoridade pode não se alinhar ao estranhamento marcado prosodicamente por seu interlocutor – nesse contexto, o poder social serve como pretexto para que essa postura de desalinhamento não tenha que ser justificada (ou *accounted for*).

Convém, aqui, fazer um último apontamento que envolve a as pistas de contextualização. Com efeito, Couper-Kuhlen e Thompson (2000) demonstraram brevemente a relação entre estruturas verbais de concessão e marcações prosódicas. Auer (1986), porém, desde a sua reavaliação da teoria de John Gumperz já se preocupa com a natureza ‘redundante’ das pistas. A saber, postula-se que o processo de contextualização não decorre sempre do uso de uma única pista, mas também por meio da interrelação entre dois ou mais recursos, sejam eles verbais ou não (AUER, 1986, p. 26) – trata-se, pois, de uma ‘redundância de sinalização’ (*Signalisierungsredundanz*).⁹¹

⁹¹ Outro exemplo de redundância trata do processo de segmentação da fala durante a transcrição da filmagem. Mais informações a esse respeito serão dadas na seção reservada ao procedimento metodológico.

Já no que concerne ao escopo de análise da Comunicação Intercultural, coloca-se, então, a questão da convencionalidade das pistas de contextualização como fator decisivo para surgimento de conflitos na interação (GÜNTNER, 2010, p. 288) – de fato, o emprego de pistas com índices de interpretação culturalmente distintos pode gerar confusões e até comprometer o andamento da conversa. Essa é, justamente, a questão-chave da pesquisa aqui apresentada, uma vez que alemães e brasileiros podem apresentar comportamentos comunicativos diferentes no que se refere ao processo de contextualização.

É preciso salientar que não se objetiva aqui a catalogação de todas as pistas de contextualização presentes na interação filmada para análise. Pretende-se, na verdade, observar de que forma as estruturas sequenciais que apresentam conflitos ('contrastes' e 'concessões') são contextualizadas também por pistas que vão além do escopo da produção verbal, bem como investigar a configuração das pistas que contribuem para a criação de conflitos, mesmo sem a presença das estruturas verbais supracitadas.

Com base no exposto acima, conclui-se a descrição de todas as ferramentas teórico-metodológicas necessárias para as análises a serem efetuadas. Com efeito, todos os itens mencionados nas seções anteriores, desde a estratégia de *perspectivising* (TEN THIJE, 2003, 2006) até a teoria da contextualização (GUMPERZ, 1982), servem como base tanto para a caracterização dos conflitos a serem observados, quanto para a verificação das estratégias de definição de *Heimat* em âmbito sequencial. A análise dos momentos conflituosos, em última instância, serve também ao propósito inicial da pesquisa, isto é, descrever como se configuram *frames* comunicativos dos alemães e brasileiros participantes da interação filmada a respeito dos itens lexicais *Heimat* e *pátria*. Na próxima seção, seguem-se os aspectos reservados às demais atividades desenvolvidas para a realização da pesquisa.

3.3 A base de dados

A respeito da constituição da base de dados para análise, pode-se dizer que a mesma se divide em três etapas sequenciais, as quais moldam também a formatação da presente

seção. A primeira parte se reserva à descrição dos questionários aplicados como parte de um projeto-piloto realizado antes da pesquisa propriamente dita. Depois, segue-se com a breve contribuição lexicográfica de *corpora* virtuais tanto em língua alemã como em português. Por último, apresenta-se a filmagem de uma interação entre brasileiros e alemães como fonte principal de análise.

Vale reiterar, aqui, que todo esse processo de coleta de dados teve como suporte institucional o grupo de pesquisa “Comunicação (inter)cultural em interação”, como já explicitado na introdução a essa dissertação. Nesse sentido, o *design* dos materiais e métodos aqui arrolados tem como grande influência trabalhos acadêmicos já concluídos por outros membros e ex-integrantes do grupo em destaque. Por exemplo, as pesquisas de Viterbo Lage (2013) e Nascimento Longordo (2014) tiveram como base de dados a filmagem de entrevistas e a aplicação de questionários, respectivamente. Com efeito, bem como no caso dos trabalhos citados, a principal base de dados da presente pesquisa – a filmagem da interação entre brasileiros e alemães – precisou passar pelo crivo oficial do COEP (Comitê de Ética em Pesquisa), de modo que houvesse adesão certificada por parte do trabalho aqui desenvolvido em relação ao principal projeto de pesquisa conduzido pelo grupo, a saber, “Comunicação intercultural em contatos de duração maior: processos linguísticos e autorreflexivos”.

Ainda no tocante aos materiais coletados, destaca-se o uso do termo ‘base de dados’ em substituição a *corpus*. Viterbo Lage (2013, p. 59-60), nesse sentido, aponta para o fato de que as filmagens e gravações feitas pelo grupo não constituem um *corpus* representativo de interações entre alemães e brasileiros. A autora, a esse respeito, refere-se à recente tradição de construção de enormes bases de dados proporcionalmente representativas dos tipos de interações no mundo que se procura investigar.⁹² Os parâmetros de representatividade nos dados coletados têm sido delineados e discutidos pelo que hoje se reconhece como Linguística de Corpus. A pesquisa que aqui se propõe, contudo, não afirma ser a filmagem feita para análise de alguma forma representativa das interações entre brasileiros e alemães e dos fenômenos linguísticos aqui estudados.

⁹² Para maiores discussões em torno do conceito de ‘representatividade’, ver McEnery e Hardie (2012, p. 8-9).

Como já afirmado em seções anteriores, abordagens vinculadas à Linguística de Corpus podem apresentar uma natureza altamente quantitativa, tendo e vista todos os aspectos de validação estatística envolvidos na constituição de um *corpus* representativo de qualquer população. Tem-se, nesse sentido, uma postura às vezes macroanalítica que procura reduzir a causas fundamentais o comportamento linguístico de todos os interlocutores possivelmente entrevistados. Almeja-se, pois, a partir de uma amostra rigorosamente escolhida para análise, à descrição linguística relacionada a toda a respectiva população.

A perspectiva metodológica de análise aqui adotada, porém, não se prende aos objetivos da Linguística de Corpus comentados logo acima. Na verdade, propõe-se para essa pesquisa uma abordagem microanalítica, a qual parte do pressuposto de que o contexto de fala se configura como instância produzida de maneira situacional na interação (SELTING, 2008, p. 224). Tal postura restringe análises linguísticas a interações específicas, isto é, as afirmações derivadas de filmagens e entrevistas são correlatas exclusivamente das conversas analisadas. Agar (2002), de maneira jocosa, discute a validade de se proceder analiticamente por meio de trechos tão pequenos de fala:

Nowadays, I could videotape a moment of talk, approach the tape with sophisticated transcription techniques, and then ponder that transcription with the many cameras, lenses, and filters of discourse analyses. I could spend the rest of my life with thirty seconds of tape. I'm not sure this is progress. On the other hand, those snapshots, however imperfect, however partial, however much of a pain they are to produce, do let me show a reader – beginner or pro – a fragment of spoken life, a piece of discourse that someone actually produced. (AGAR, 2002, p. 189)⁹³

Lüsebrink (2008, p. 56-65), autor mais especificamente vinculado a pesquisas na área de Comunicação Intercultural, defende também uma abordagem microanalítica da interação. No entanto, sua atitude se refere mais a uma crítica a descrições culturais demasiadamente abrangentes, como no caso dos trabalhos de Hofstede *et al.* (2010), preocupado com a

⁹³ Tradução do autor: “Hoje em dia, eu poderia gravar em vídeo um momento de fala, abordar a gravação com técnicas sofisticadas de transcrição, e então ponderar essa transcrição com as várias câmeras, lentes e filtros da análise discursiva. Eu poderia passar o resto da minha vida com trinta segundos de gravação. Eu não tenho certeza se isso é progresso. Por outro lado, esses retratos, embora imperfeitos, embora parciais, embora sejam produzidos com tanto esforço, permitem-me mostrar ao leitor – iniciante ou profissional – um fragmento da vida falada, um pedaço de discurso que alguém realmente produziu.”

formulação de noções polares relacionadas a culturas distintas: direto X indireto; formal X informal, entre outros. Além disso, a preocupação de Lüsebrink com o foco em interações *in situ* se aplica à tentativa de não promover incentivo a qualquer compreensão anedótica e estereotipizante de cultura. A esse respeito, outro autor importante para a Comunicação Intercultural, Jens Loenhoff, afirma o seguinte:

Zahlreiche Publikationen über interkulturelle Kommunikation sind anekdotisch, haben nur einen geringen Erklärungswert und produzieren nicht selten selbst jene irreführenden Stereotype, zu deren Dekonstruktion sie eigentlich beitragen wollen. Dies scheint mir vor allem daran zu liegen, dass Ergebnisse des Kulturvergleichs zu naiv auf die Analyse interkultureller Verständigung übertragen werden, um damit Probleme in interpersoneller Kommunikation einsichtig zu machen. (LOENHOFF, 2003, p. 105)⁹⁴

Isso posto, pretende-se, por meio de todas as etapas metodológicas a serem descritas, fomentar um ambiente de pesquisa em Comunicação Intercultural que não se limite à mera comparação cultural (potencialmente anedótica), mas sim reitere a importância de se pensar a questão da interculturalidade como característica localmente marcada da interação.

3.3.1 Aplicação dos questionários

Trata-se aqui do primeiro passo tomado para a realização dessa pesquisa. A aplicação de questionários⁹⁵ se deve, a princípio, à tentativa de se obter respostas preliminares a perguntas relacionadas ao sentido dos itens lexicais *Heimat* e *pátria*. Em um segundo plano, as perguntas presentes no questionário serviram como teste para os estímulos que estariam presentes na interação a ser filmada.

⁹⁴ Tradução do autor: “Várias publicações sobre a comunicação intercultural são anedóticas, possuem apenas um valor explicativo muito restrito e produzem, não raro, os mesmos estereótipos ilusórios, para cuja desconstrução elas querem contribuir. Isso me parece repousar principalmente no fato de que resultados de comparações culturais são, de maneira bastante ingênua, atribuídos à pesquisa sobre compreensão intercultural, a fim de que, com isso, problemas na comunicação interpessoal se tornem inteligíveis.”

⁹⁵ Ao final da dissertação, no Anexo A, tem-se os modelos do questionário distribuído entre os participantes alemães e brasileiros.

Para a aplicação dos questionários, a proficiência em língua estrangeira não foi levada em conta. Considerou-se, na verdade, apenas se cada participante havia previamente participado de intercâmbio(s) acadêmico(s) no exterior. A saber, a justificativa para tal prerrogativa se baseia no fato de que, muitas vezes, ao retornar para sua terra natal depois de uma temporada em um lugar estrangeiro, o indivíduo passa a refletir a respeito dos aspectos formadores de sua identidade, sobretudo no que concerne aos laços entre o homem e o espaço – seja ele materno ou não (SCHÜTZ, 1945). Foram, então, selecionados seis brasileiros e seis alemães, dentro os quais, respectivamente, três mulheres e três homens formavam cada grupo, para o preenchimento do documento. No caso, cada sujeito recebeu por *e-mail* um arquivo em formato *doc* ou *docx* que continha o questionário a ser preenchido. Depois de editá-los com as devidas respostas, os participantes reenviaram os arquivos completos para o remetente, também via endereço eletrônico. No que concerne especificamente à aplicação da atividade em pauta, foi dito aos sujeitos simplesmente que o questionário fazia parte de uma pesquisa acadêmica conduzida na Faculdade de Letras da UFMG, tendo como foco o estudo de fenômenos comunicativos em português brasileiro e alemão.

Interessante notar que a confecção de tal questionário decorreu de dicas e instruções contidas no texto de Tourangeau, Rips e Rasinski (2004), autores preocupados em desenvolver teorias a respeito de como respondentes lidam com o preenchimento de questionários, de modo que, por exemplo, perguntas sejam formuladas da melhor forma possível e respostas sejam coerentes com os objetivos específicos de cada pesquisador. A saber, uma das contribuições aproveitadas dessa obra se refere ao fato de que nem sempre as perguntas de questionários conseguem contemplar a realidade de seus respondentes. Muitas vezes aos sujeitos são oferecidas duas opções como resposta a uma pergunta, mesmo que, para os mesmos, nenhuma das alternativas seja suficientemente boa para cumprir sua função (TOURANGEAU; RIPS; RASINSKI, 2004, p. 23-61). Procurou-se, portanto, elevar o nível de pessoalidade de algumas questões, de forma que os participantes pudessem dispor de todo

espaço possível para a escrita de suas respostas – as três últimas perguntas⁹⁶ foram deixadas abertas sem qualquer limite de palavras ou linhas para cada redação.

Na seção reservada às análises dos dados, serão explicitadas as contribuições mais importantes dos questionários tendo em vista os respectivos objetivos acima delineados.

3.3.2 A contribuição de *corpora* virtuais

Em momento anterior nessa dissertação, foram descritos alguns postulados teóricos da Linguística de Corpus, principalmente a respeito da utilidade de *corpora*, monolíngues ou bilíngues, em estudos ligados à Semântica Lexical. No caso específico da presente dissertação, o propósito do uso de *corpora* virtuais se justifica pela interface entre semântica e pragmática que permeia o objeto de pesquisa aqui discutido. Com efeito, embora esse trabalho se baseie em premissas tipicamente relacionadas ao campo da pragmática (no caso das estruturas sequenciais de contraste e concessão motivadas pelo advento da Análise da Conversação), o tema a ser debatido – *pátria* ou *Heimat* como *hotword* em contextos interculturais de fala – envolve necessariamente a discussão a respeito do conteúdo semântico dos termos em destaque.

Dessa forma, como um segundo passo rumo à concretização da pesquisa, foram escolhidos, a princípio, dois *corpora* virtuais, um em português e outro em alemão, para que o significado dos itens *pátria* e *Heimat* fosse preliminarmente delineado. A saber, “O corpus do português”, desenvolvido por Mark Davies e Michael Ferreira,⁹⁷ foi selecionado para contemplar o item *pátria*. Trata-se de um *corpus* constituído de aproximadamente 45 milhões de palavras, o qual, além disso, abrange tanto o português europeu quanto o brasileiro. Interessante notar que essa base de dados possibilita que seus consulentes façam pesquisas (sobretudo com teor semântico vinculado à interrelação entre um conceito-chave e seus respectivos colocados) em termos diacrônicos. Há uma coleção de mais de 50 mil textos que

⁹⁶ (i) “O que significa pátria para você?”; (ii) “O que mais lhe agrada em sua pátria? Cite no mínimo dois exemplos.” e (iii) “O que mais te incomoda em sua pátria? Cite no mínimo dois exemplos.”

⁹⁷ Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>>, acesso em 19 mai. 2015.

datam desde o século XIV e se arrastam até o século XX, sendo que, dentre os principais registros escolhidos para a coleta de dados, destacam-se o oral e o escrito – sendo este, por sua vez, constituído de gêneros jornalísticos, acadêmicos e de ficção.⁹⁸

Já o *corpus* em alemão DWDS (*Das Digitale Wörterbuch der Deutschen Sprache*), apresentado anteriormente na fundamentação teórica dessa dissertação, caracteriza-se, na verdade, como a principal base de dados de referência para a construção do dicionário virtual de mesmo nome. A respeito especificamente do *corpus*, este abrange um total de aproximadamente 100 milhões de palavras exclusivamente relativas ao registro escrito do século XX e retiradas de mais de 70 mil textos (relacionados à beletrística, à prosa jornalística e a textos acadêmicos).

Convém salientar o fato de que, dadas as preocupações intrínsecas a essa pesquisa, os textos que fogem ao escopo do século XX n“O corpus do português” não são contabilizados para essa análise semântica preliminar de *pátria*, tendo em vista que o objetivo primário desse estudo tem como base a análise de uma interação filmada no século XXI. Tenta-se, portanto, adotar uma postura sincrônica de análise, de modo que somente textos do século XX (período mais próximo à conversação filmada) sejam contemplados nessa pesquisa. Com efeito, o número de palavras que compõem o *corpus*, antes avaliado em 45 milhões, passa a valer aproximadamente apenas 10 milhões.

Ainda em relação ao tamanho do *corpus* em português, convém assinalar que, uma vez que se trata de uma base de dados bastante reduzida (ao serem considerados textos somente do século XX), alguns itens colocados de *pátria* relacionados na análise apresentam uma frequência conjunta muito baixa.⁹⁹ Por essa razão, estabeleceu-se, aleatoriamente, o mínimo de 4 ocorrências do item colocado para que este pudesse ser contabilizado para análise. Teme-se, na verdade, que uma frequência conjunta menor que 4 possa descaracterizar ainda mais os resultados extraídos do *corpus* em destaque. A título de exemplo, destaca-se o item *salvação* como um dos colocados mais importantes para a

⁹⁸ Percebe-se, pois, o cruzamento de três informações para a realização de pesquisas relativas à frequência e à distribuição de palavras nesse *corpus*: (i) o registro dos textos, (ii) o dialeto europeu ou brasileiro e (iii) o período histórico.

⁹⁹ Por *frequência conjunta* se entende o número de vezes em que o colocado ocorre próximo ao item-chave. No caso, o colocado pode apresentar uma frequência absoluta muito maior, a qual não é levada em consideração para essa pesquisa. Para mais detalhes, ver seção 4.2 no capítulo de análise.

caracterização preliminar de *pátria*, embora tenha ocorrido junto a seu nóculo somente 4 vezes (sua frequência absoluta obteve valor de 367).

De qualquer maneira, mesmo que os *corpora* supracitados contemplem em sua maioria ou totalidade apenas textos escritos¹⁰⁰ e apresentem um contingente de dados mais reduzido, ainda assim constituem uma base sólida para que se tenha uma ideia inicial a respeito do sentido de *pátria* e *Heimat*, a fim de que, posteriormente, tais conceitos possam ser comparados com as descrições que lhes foram atribuídas durante a interação filmada. Como já dito anteriormente, essa parece ser uma abordagem interessante para que se tente obter uma noção a respeito de como o sentido de *pátria/Heimat* é negociado *in situ* e de como essa negociação reflete o significado dos termos atrelados aos *corpora*.

Com efeito, a contribuição dos *corpora* em relação ao sentido de *pátria* e *Heimat* decorre da pesquisa de seus itens colocados, isto é, aqueles que, no escopo do *corpus*, apresentam alta frequência em posições próximas aos itens-chave (nesse caso, *pátria* e *Heimat*). Além disso, vale lembrar que a frequência absoluta não se coloca aqui como valor determinante para que os colocados mais importantes sejam selecionados para análise, mas sim o índice de ‘informação mútua’ (MI – *mutual information*), como proposto por Church e Hanks (1990). Com base nesse índice, os *corpora* escolhidos estipulam que, caso um colocado apresente um valor de MI acima de 3.0 (obtido por meio de cálculos estatísticos com base na frequência de ambos os termos colocado e pesquisado),¹⁰¹ afirma-se que o mesmo possui um vínculo semântico significativo com o item-chave. Em outras palavras, quanto maior o valor de MI, maior a chance de que a relação entre colocado e item-chave não

¹⁰⁰ No caso, Mello (2012, p. 31-54) aponta para o fato de que a compilação de *corpora* referentes ao português brasileiro ainda se caracteriza como uma empreitada incipiente, que precisa de muito fomento e pesquisa. Nesse cenário, os principais *corpora* virtuais de português brasileiro representam predominantemente registros escritos, sendo que nem todas as bases de dados permitem acesso completo aos documentos que as constituem. A saber, a disponibilidade *on-line* integral d’“O corpus do português”, de Mark Davies, coloca-se como uma das razões para sua escolha para compor a base de dados dessa pesquisa. A escolha do *corpus* alemão, por sua vez, justifica-se pelo fato de o mesmo ser constituído, bem como “O corpus do português”, principalmente de textos escritos. Dessa forma, procura-se estabelecer certo equilíbrio entre os dois *corpora* no que tange às fontes de coleta de dados. Nota-se, contudo, que, embora esses *corpora* não tenham sido feitos para que fossem comparáveis entre si, o tamanho de cada um se coloca como uma possível contaminação dos resultados, visto que a quantidade de textos coletada pode influenciar a marcação da frequência das palavras e a determinação de seu comportamento semântico em relação a seus respectivos colocados.

¹⁰¹ Mais detalhes a respeito do cálculo que determina o valor de MI podem ser vistos em Church e Hanks (1990, p. 23).

se dê pelo simples acaso. Interessante perceber, por último, que a busca por colocados baseada em valores de MI pode excluir as chamadas *noise words*, as quais, segundo o próprio *corpus* de Mark Davies, são definidas como termos irrelevantes de alta frequência – isto é, palavras como “de”, “um”, “a” etc – que não contribuem para a análise semântica de itens lexicais.

Tendo em vista as prerrogativas acima, a pesquisa com os *corpora* foi conduzida com base nos 10¹⁰² itens colocados de *pátria* e *Heimat* cujos índices de MI apresentassem maior valor. Houve, no entanto, algumas modificações relacionadas aos resultados imediatos. A saber, somente nomes (substantivos) foram considerados nas listas de colocados, uma vez que se trata de uma classe gramatical com alto ‘poder’ de referência ao mundo extralinguístico, fato que, por conseguinte, parece ilustrar melhor as relações de sentido entre *pátria* e outros elementos da experiência humana. Além disso, os termos colocados passaram finalmente por um processo de lematização, por meio do qual todas as lexias (todas as variações que envolvem gênero e número em um nome) foram reduzidas ao respectivo lexema.

Outro fator a ser considerado nesta seção trata do *window size* (literalmente o “tamanho da janela”) relativo ao número de colocados que devem aparecer à esquerda e à direita do nóculo. Segundo Church e Hanks (1990, p. 24), a janela padronizada consiste em 5 itens de cada lado – padrão também adotado para essa pesquisa. No trabalho desses autores, porém, há uma preocupação grande com o tipo de relação sintagmática entre o nóculo e seus colocados, como no caso dos tipos de preposições ou complementos que acompanham determinados verbos. Essa questão, a saber, não é abordada aqui, tendo em vista que o foco recai unicamente na descrição do sentido de *pátria* e *Heimat*, e não no comportamento sintático de tais itens – se eles são mais frequentemente associados a verbos transitivos ou se preposições costumam precedê-los ou sucedê-los, por exemplo.

Espera-se, com base no exposto acima, que os *corpora* possam iluminar os primeiros passos dessa pesquisa no que se refere aos traços semânticos de *pátria* e *Heimat*. Os devidos

¹⁰² Esse valor tem como modelo pesquisas na área de Lexicologia Socio-histórica. Tal disciplina, responsável por vincular fatos históricos ao fenômeno da variação lexical, também avalia o teor semântico de itens lexicais com base em grandes *corpora* e no uso de ferramentas digitais como concordanciadores para a aferição da frequência das palavras. Para mais detalhes, ver Cambraia (2013).

resultados obtidos em cada busca, a saber, serão apresentados na seção reservada à análise de dados.

3.3.3 A filmagem da interação

Chega-se ao item mais importante que compõe a coleta de dados para a pesquisa aqui proposta – uma interação filmada entre alemães e brasileiros sobre o tema *pátria*. Nessa seção, são discutidos aspectos ligados aos participantes que integraram a conversa, bem como itens relacionados à preparação e à execução da filmagem.

3.3.3.1 Os participantes

Tendo em vista que esse trabalho parte do pressuposto de que itens lexicais como *pátria* e *Heimat* podem motivar conflitos comunicativos em âmbito intercultural, nada mais justo que colocar brasileiros e alemães juntos em uma mesa para que esse tema seja discutido. Opta-se, pois, pela interação entre quatro sujeitos (dois alemães e dois brasileiros), todos do sexo feminino, universitários, com experiência internacional nos respectivos países (alemães que já fizeram ou que estejam fazendo intercâmbio universitário no Brasil e vice-versa) e com proficiência nas duas línguas em questão.

Selecionar sujeitos de diferentes países para essa atividade, porém, pode impor algumas restrições à pesquisa. Com efeito, uma vez que todo esse estudo foi conduzido em território brasileiro, mais especificamente nos limites de Belo Horizonte (Minas Gerais), foi necessário contar com a presença de intercambistas alemães¹⁰³ em Belo Horizonte e com sua disponibilidade para a realização da filmagem. Por esses motivos, apenas mulheres fizeram

¹⁰³ O contato com os intercambistas alemães se deu por meio da DRI (Diretoria de Relações Internacionais da UFMG), responsável pela recepção e monitoramento acadêmico de todos os estudantes estrangeiros na UFMG. Vale notar que a DRI se mostrou bastante solícita em relação às necessidades específicas dessa pesquisa.

parte da gravação, uma vez que os alemães do sexo masculino não puderem (ou não demonstraram interesse em) participar dessa atividade. Como no caso da aplicação dos questionários, privilegiou-se a experiência dos sujeitos em países estrangeiros como motivação para uma possível reflexão mais elaborada em relação ao tema *pátria*. Já no que concerne à proficiência linguística, a escolha por sujeitos bilíngues (português-alemão) decorre da necessidade de não se negligenciarem possíveis ocorrências de *code-switching*, fenômeno que, por sua vez, pode servir como importante pista de contextualização na interação (AUER, 1992, p. 7).

Tem-se, portanto, a relação das principais características de cada participante na tabela abaixo, inspirada também no trabalho de Viterbo Lage (2013, p. 61):

Tabela 1: Participantes da Interação

	Sigla	Idade	Estada no Brasil/Alemanha	Curso/Profissão
Brasileiras	B1	28	1 ano	Bacharel em Letras/Professora
	B2	29	2 anos	Mestranda em Relações Internacionais/Professora
Alemãs	A1	23	6 meses	Estudante de Antropologia
	A2	28	10 meses	Mestre em Estudos Europeus/Professora

3.3.3.2 A organização e execução da filmagem

A fim de que os participantes pudessem falar sobre o tema *pátria*, foram propostos estímulos em forma de cartões para a interação.¹⁰⁴ Antes de a interação ter sido iniciada, porém, foi dito aos sujeitos que as perguntas (estímulos) não precisavam ser respondidas na ordem em que foram distribuídas. Além disso, aos participantes foi dada a liberdade de não responder aos estímulos sugeridos, independente de qualquer razão, bem como de decidir quem poderia ter a palavra inicial. Enfim, todos esses aspectos relativos à condução da

¹⁰⁴ No Anexo B encontra-se a relação dos estímulos da interação em pauta.

interação foram deixados a cargo dos próprios participantes. Vale ressaltar, por último, que o organizador da filmagem não permaneceu na sala durante a interação, a fim de que os participantes tivessem mais privacidade sem a presença constante de um ‘monitor’.

Uma vez que a interação deveria ser filmada, procurou-se, na verdade, mais do que submeter os interactantes a uma espécie de entrevista, fazer com que eles se conectassem com as perguntas em nível pessoal, a fim de que houvesse foco única e exclusivamente na interação a ser conduzida.¹⁰⁵ Para tanto, foram propostas algumas atividades que visassem à cooperação conjunta de todos os participantes, como no caso das perguntas 2 e 3,¹⁰⁶ por meio das quais as respectivas respostas dadas deveriam ser comparadas entre si. Vale lembrar que em cada cartão havia a mesma pergunta duas vezes, uma em português e outra em alemão. Como dito anteriormente, não houve, no processo de *design* da interação, preferência pelo código a ser utilizado pelos participantes. Restringiu-se, porém, essa opção entre as línguas alemã e portuguesa, pelo fato óbvio de essa pesquisa lidar com conceitos ligados às respectivas culturas. A saber, a disposição espacial da sala após o início da interação é apresentada a seguir:

¹⁰⁵ Tal abordagem se baseia altamente nos estudos sociolinguísticos desenvolvidos por William Labov (1972), sobretudo no que se refere à questão do ‘paradoxo do observador’ – a problemática relativa ao fato de que, ao mesmo tempo em que o entrevistado deve se comportar linguisticamente de forma natural, o mesmo pode se inibir por causa da própria entrevista, fato que pode comprometer a autenticidade dos dados coletados.

¹⁰⁶ (2) Liste seis palavras que, em sua opinião, melhor se ligam ao conceito de pátria. Compare sua resposta às dos outros participantes; (3) Avalie as seguintes afirmativas sobre o tema pátria em uma escala de 0 a 10 (0 = não concordo de forma nenhuma; 10 = concordo plenamente). Compare a sua avaliação às dos outros participantes. A respeito da pergunta (3), as afirmativas a serem avaliadas foram retiradas dessa citação.

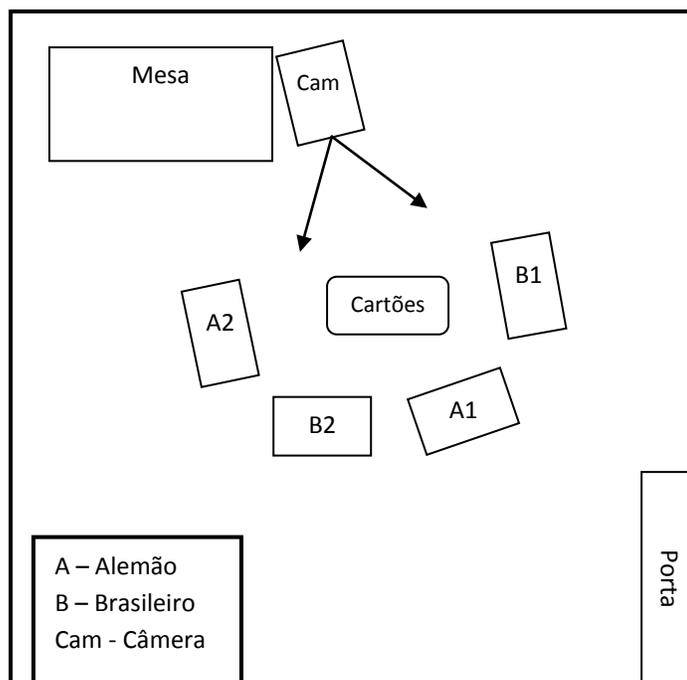


Figura 3: Disposição dos participantes na interação

Antes de se prosseguir para outra seção, convém apontar alguns aspectos considerados a respeito da caracterização teórica da interação filmada. Assume-se, a saber, que a dinâmica de comunicação em pauta, embora conduzida sem qualquer programação por parte dos sujeitos envolvidos, possa ser caracterizada como uma *elicited conversation* (KASPER, 2008, p. 287-288) ou, mais especificamente, como uma *conversation task*, na qual os participantes são impelidos a discutir sobre um tema específico e/ou desempenhar certas tarefas determinadas pelo pesquisador. Entretanto, segundo a autora, trata-se de uma descrição que não implica constelações de participantes (a relação social entre os mesmos) ou gêneros comunicativos pré-estabelecidos.

Desse modo, para que a interação do presente estudo seja mais bem compreendida, convém citar novamente o trabalho de Henne e Rehbock (2001), os quais propuseram uma lista de nomenclaturas para a devida localização pragmática e sociológica de conversações em geral. De acordo com os autores, coloca-se a interação aqui em destaque como (i) ‘simultânea’ e ‘presencial’; (ii) constituída por um ‘pequeno grupo’; (iii) ‘privada’; (iv) ‘assimétrica’, no que se refere à origem dos participantes (brasileira e alemã); (v) ‘narrativa’,

tendo os sujeitos a oportunidade de interagir uns com os outros sem a delimitação prévia de papéis sociais (como no caso de uma interação entre pais e filhos; professores e alunos etc) e ‘discursiva’, sendo a interação constituída a partir da discussão a respeito da (não) validade de qualquer tema e, finalmente, (vi) composta por participantes que não se conhecem.

3.3.4 A transcrição da interação

Desde a publicação do seminal estudo em *Análise da Conversação* (SACKS *et al.*, 1974, p. 734) há grande preocupação em relação à transcrição das gravações de áudio. Nesse contexto, a necessidade de se transcreverem as gravações se justifica pela fugacidade inerente à conversação, isto é, para que a análise linguística seja suficientemente profunda e coerente, fenômenos interacionais que normalmente ocorrem de maneira simultânea (risos, respirações, sobreposições de turnos e o subconjunto verbal da linguagem) precisam ser virtualmente separados e devidamente notados, de modo que o analista tenha acesso não só auditivo, mas também visual ao que de fato acontece na interação.

Esse processo, com efeito, impõe à interação original uma fragmentação idealizada, virtual, fato que, por conseguinte, distancia um pouco a transcrição da realidade conversacional, visto que nem sempre todos os fenômenos linguísticos são transcritos. Contudo, uma vez que ao longo dos anos a pesquisa em interação não apresentou ferramenta que suprisse essa lacuna metodológica, as transcrições continuaram a ser cada vez mais aprimoradas. No caso, Gail Jefferson se coloca como uma das principais autoras cujo trabalho enfatiza esse assunto – por exemplo, Jefferson (2004) reúne em um glossário vários símbolos de transcrição para a devida representação de fenômenos da interação. Segundo a autora, a necessidade de se estabelecer um sistema coerente de notação decorre de prerrogativas teórico-metodológicas vinculadas à AC, sobretudo no que tange à busca por fenômenos interacionais que possam contribuir para a sistematização da estrutura da conversação (JEFFERSON, 2004, p. 23). Convém salientar que, com o advento da teoria da contextualização (GUMPERZ, 1982), outros fenômenos próprios da interação foram

integrados às convenções de transcrição até então formuladas, como, por exemplo, a notação de meios prosódicos e de gestos.

A seguir, apresentam-se as ferramentas necessárias para a realização da transcrição para o presente estudo.

3.3.4.1 O *software* EXMARaLDA

Em uma época marcada por avanços tecnológicos não parece fazer muito sentido a transcrição de longas gravações por meio dos velhos papel e caneta. Na verdade, Schmidt (2002) já ressalta que o desenvolvimento de tecnologias computacionais contribui para a pesquisa linguística – com o sistema operacional certo, torna-se possível, a partir de uma grande coleção de textos transcritos, fazer buscas mais rápidas e eficientes por fenômenos interacionais específicos.

Com efeito, a filmagem feita para essa pesquisa também foi transcrita. Para tanto, fez-se uso de um sistema operacional específico para essa atividade – o *software* EXMARaLDA.¹⁰⁷ Trata-se de um programa desenvolvido na Universidade de Hamburgo a partir dos anos 2000 e dedicado a pesquisadores interessados em investigar a fala espontânea por meio de transcrições. A saber, a escolha por esse sistema operacional se justifica pelo fato de o EXMARaLDA permitir a seu usuário uma abordagem multimodal da sua gravação, isto é, o pesquisador, em uma plataforma integrada, consegue administrar seus dados de áudio e vídeo simultaneamente, de modo a avaliar com mais rapidez e praticidade o comportamento verbal (e, sobretudo, não verbal) dos interactantes.¹⁰⁸

Como se pode observar logo abaixo, o EXMARaLDA dispõe de um sistema de transcrição por partitura (operacionalizada pelo programa Partitur-Editor), por meio do qual o

¹⁰⁷ EXMARaLDA significa: *Extensible Markup Language for Discourse Annotation*. Disponível em: <<http://www.exmaralda.org/en>>, acesso em 20 mai 2015.

¹⁰⁸ No caso, Viterbo Lage (2013), juntamente com a Professora Orientadora Ulrike Schröder, foi responsável por introduzir esse *software* ao grupo de pesquisa “Comunicação (Inter)cultural em interação”.

pesquisador pode integrar tantos participantes quanto forem necessários para a transcrição, bem como visualizar claramente as instâncias de sobreposição de turnos na interação.



Figura 4: Principais elementos do Paritur-Editor
 Fonte: *Understanding the basics of EXMARaLDA* (ver Bibliografia)

Esse *layout* corresponde a uma transcrição modelo disponível como guia preliminar para que transcritores iniciantes possam manipular de forma rápida e prática as principais funções do Partitur-Editor. Por exemplo, a parte de cima da figura, em que há a seleção de trecho de áudio (borda inicial verde e final vermelha), refere-se ao oscilograma. Tal ferramenta, por meio exclusivo de arquivos em formato *wav*, apresenta em ondas as variações de volume na interação (seja por contribuições verbais à própria conversação ou por ruídos).¹⁰⁹ A saber, o oscilograma pode ser bastante útil como recurso visual para a delimitação mais precisa da duração de pausas.

A partitura, por sua vez, corresponde à parte de baixo da figura, com a presença de várias camadas (ou *tiers*) de transcrição e suas respectivas funções. No caso, essa transcrição modelo contém contribuições verbais [v] de dois sujeitos, X e Y. Há, porém, *tiers* referentes a traduções X[de], à descrição de meios suprasegmentais da fala Y[sup] e a meios não verbais Y[nv], como gestos. Além disso, nota-se que o trecho de áudio selecionado no

¹⁰⁹ Uma filmagem sem ruídos (obras, telefones, batidas na mesa, entre outros), portanto, coloca-se como condição para a criação de um oscilograma sem muitas contaminações, além de facilitar bastante a compreensão do transcritor a respeito do que de fato é falado.

oscilograma corresponde exatamente ao trecho em destaque na partitura, fato que garante grande aproximação entre o texto transcrito e os arquivos tanto de áudio quanto de vídeo.¹¹⁰ No caso específico desse estudo, optou-se por atribuir a cada um dos quatro participantes somente um *tier* [v] que fosse capaz de englobar tanto notações de cunho verbal quanto paraverbal, bem como marcações de elementos não verbais – três *tiers* para cada falante, a saber, constituiriam muita informação para o transcritor e, conseqüentemente, tornariam a prática de transcrição uma tarefa ainda mais difícil.

Vê-se, portanto, que o transcritor pode adequar o Partitur-Editor a depender do objetivo de pesquisa – um estudo voltado para a relação entre gestos e a fala, por exemplo, poderia ser bem conduzido pelo uso de *tiers* específicos para as contribuições verbais e não verbais de cada participante da filmagem.

3.3.4.2 A convenção de transcrição

De volta às contribuições de Gail Jefferson para a construção de sistemas de notação para a prática transcritiva, a autora destaca: “Why put all that stuff in? Well, as they say, because it’s there” (JEFFERSON, 2004, p. 15).¹¹¹ Nota-se, nesse caso, que Jefferson aponta para a integração de fenômenos como risadas e sobreposições na transcrição. Entretanto, como se percebe no glossário em pauta, Jefferson não limita o escopo da transcrição até somente meios verbais, mas o expande para incluir meios paraverbais, como contornos prosódicos, ênfases, velocidade e volume da fala, entre outros.

¹¹⁰ Como dito anteriormente, o EXMARaLDA consegue vincular em uma mesma plataforma operacional arquivos de áudio, vídeo e texto (sendo este último representado pela partitura). Na figura 2, contudo, apresentam-se somente o oscilograma (áudio) e a partitura (texto). O vídeo, bem como o áudio, pode ser adicionado e excluído a qualquer momento da transcrição.

¹¹¹ Tradução do autor: “Por que colocar todas essas coisas na transcrição? Bom, como se diz, porque elas estão lá”.

Para os fins dessa pesquisa, porém, foi escolhido o GAT2¹¹² (SELTING *et al.*, 2011) como convenção mais apropriada para a transcrição da filmagem. No caso, seus desenvolvedores se preocupam principalmente com a notação, na transcrição, de elementos paraverbais e não verbais junto aos verbais. Para tanto, eles colocam o “efeito de granularidade” como aspecto determinante da transcrição, uma vez que, com ele, a curva entonacional, por exemplo, pode ser marcada com mais especificidade e refinamento. Nesse quesito, o processo de notação de fenômenos tão sutis da fala decorre aqui de maneira impressionista, isto é, dependente da percepção do próprio transcritor. Vale dizer que, por mais que essa abordagem possa comprometer a qualidade da transcrição, o *software* oferece ao transcritor plataformas interoperacionais que contribuem para análises mais objetivas de fenômenos linguísticos – no caso da transcrição mais exata de meios prosódicos, o usuário pode iniciar o programa Praat¹¹³ (BOERSMA; WEENINK, 2015) pela própria plataforma do Partitur-Editor (SCHMIDT, 2011, p. 18-20).

No tocante à segmentação da transcrição, vale retomar a figura 2 como modelo explicativo. Como se pode ver na partitura, os *tiers* são divididos verticalmente, sendo que a disposição linear das colunas (ou eventos) corresponde a trechos subsequentes do áudio. Os eventos indicam, além disso, como a interação é segmentada pelo *software* – uma vez que a convenção de transcrição aqui escolhida é o GAT2, a segmentação decorre, bem como no caso da Análise da Conversação, da estrutura sequencial da fala.¹¹⁴ Porém, ao serem levados em consideração turnos muito longos pertencentes ao mesmo falante, a demarcação específica de cada evento se reduz ao que é denominado ‘unidade entonacional’, ou *Intonationsphrase* (SELTING *et al.*, 2011, p. 12). No caso da figura 2 (e também para os fins dessa pesquisa), cada célula transcrita se refere a uma ‘unidade entonacional’, a menos que esta seja dividida por outra unidade menor sobreposta, como se observa nos dois primeiros eventos da imagem acima.

¹¹² GAT significa: *Gesprächsanalytisches Transkriptionssystem*. Para a compreensão dos trechos de interação apresentados na seção de análise de dados, encontra-se um resumo das convenções de transcrição no Anexo C da presente dissertação.

¹¹³ Última versão em 24 mar 2015 (v. 5.4.08) Disponível em <<http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>>, acesso em 20 mai 2015.

¹¹⁴ Vale lembrar, rapidamente, que as convenções do GAT2 estão integradas ao sistema operacional do EXMARaLDA. O transcritor, no caso, pode escolher suas preferências de configuração no próprio programa, o qual contém, além do GAT2, outros sistemas de segmentação.

Esse termo, traduzido do inglês *intonation phrase*,¹¹⁵ coloca-se como unidade segmental padrão para a transcrição com base no GAT2. A saber, uma unidade como essa pode se constituir virtualmente de qualquer elemento verbal, seja uma estrutura sintática complexa ou uma única palavra. O elemento sintático, contudo, não se encontra sozinho para a formação de uma ‘unidade entonacional’. Selting (2005), a esse respeito, defende que a construção de uma unidade depende não somente de meios sintáticos, mas também de recursos prosódicos, como velocidade, ritmo e contornos entonacionais. A autora, em outra ocasião, vale-se da ‘redundância’ das pistas de contextualização para destacar como a demarcação de ‘unidades entonacionais’ pode ser feita – tendencialmente, quando o turno de fala é concedido a outro interlocutor, há, no final da contribuição do falante, (i) a redução do volume, (ii) alongamentos de vogais depois de sílabas acentuadas, (iii) contorno entonacional descendente, entre outros (SELTING, 2008, p. 232).¹¹⁶

De qualquer forma, o GAT2 prevê a realização da segmentação por meio de símbolos específicos ao final de cada ‘unidade entonacional’. A saber, o algoritmo de segmentação reconhece os símbolos *high rising* (?), *rising* (.), *level* (–), *falling* (;), *low falling* (.) como limites de ‘unidades entonacionais’ – na figura 2, há, por exemplo, duas unidades que terminam com contornos *low falling*. É possível constatar, aqui, como o “efeito de granularidade” mencionado acima é alcançado, visto que o contorno entonacional final pode ser caracterizado pelo menos de cinco formas diferentes. Vale notar, por último, que, embora haja símbolos para recursos entonacionais que ocorram no meio de unidades, somente as características do movimento entonacional final são consideradas para o processo de segmentação.

Finalmente, antes de se prosseguir para as análises dos dados e aos resultados da pesquisa, convém indicar como se dá a exportação da transcrição feita no programa EXMARaLDA – para tanto, mais uma vez se recorre aqui ao trabalho de Viterbo Lage (2013). O programa, a saber, dispõe de várias possibilidades para a exportação das

¹¹⁵ Segundo Barth-Weingarten (2011), há uma série de termos até então propostos para que haja referência a essa unidade segmental da fala. Porém, a autora afirma ser *intonation unit* (ou *intonation phrase*) aquele mais comumente usado no escopo da Linguística Interacional.

¹¹⁶ A questão das ‘unidades entonacionais’ é ainda muito debatida, sobretudo no que diz respeito aos critérios que suportam a necessidade teórica para tal ferramenta de análise interacional. Mais informações sobre essa discussão encontram-se em Auer (2010) e Barth-Weingarten (2011).

transcrições, sendo o formato *txt* avaliado como uma das maneiras mais práticas para que a transcrição seja exportada e, caso necessário, reeditada. Com efeito, o exemplo abaixo se refere a uma tentativa de exportação de um pequeno trecho da interação filmada.

```

Exemplo de exportação.txt - Notepad
File Edit Format View Help
001 B1: die BEIde (.) <<dim/l> sprechen gut portugiesisch.>
002 A1: hahaha[haha ]
003 B1: [JA. ]
004 B2: [((sorri)) ]
005 A2: [ich glaube ]ich spreche [viel besser:] DEUTsch als (ehm) portugiesisch
006 B1: [HA<<dim> haha> ]

```

Figura 5: Exemplo de exportação sem pós-edição

Nota-se, na figura, uma afirmação inicial de B1 (traduzível como “ambas falam bem português”), a qual é recebida por A1 e B2 com risos e sorrisos, respectivamente. Nesse momento, porém, B1 se sobrepõe às contribuições de A1 e B2 com *JA* (“sim”), ao mesmo tempo em que A2 inicia seu turno. Essas sobreposições (demarcadas pelos colchetes), no caso, deveriam estar alinhadas no *output* (transcrição exportada), fato que exige uma pós-edição do texto transcrito após sua exportação do programa. A figura abaixo mostra como o *output* da transcrição pode ser manipulado.

```

Exemplo de exportação.txt - Notepad
File Edit Format View Help
001 B1: die BEIde (.) <<dim/l> sprechen gut portugiesisch.>
002 A1: hahaha[haha ]
003 B1: [JA. ]
004 B2: [((sorri)) ]
005 A2: [ich glaube ]ich spreche [viel besser ] DEUTsch als (ehm) portugiesisch
006 B1: [HA<<dim> haha> ]

```

Figura 6: Exemplo de exportação com pós-edição

O leitor da dissertação confrontado com exportações do tipo da figura 3 pode se confundir e, conseqüentemente, não compreender como se dão as sobreposições nos respectivos trechos em destaque. A figura 4, em contrapartida, deixa claro quais são as falas sobrepostas por meio do alinhamento inicial e final dos colchetes.

Acredita-se, por fim, que o programa EXMARaLDA cumpre funções ideais no que se refere à pesquisa com interação, sobretudo no tocante ao tratamento da multimodalidade inerente ao processo comunicativo e à organização dos falantes e *tiers* para a transcrição. As principais deficiências encontradas, como o *layout* da exportação sem pós-edição, não impõem obstáculos intransponíveis à manipulação eficiente desse *software*.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Antes de se dar início às análises deste capítulo, convém, mais uma vez, recapitular os objetivos de pesquisa estabelecidos na introdução dessa dissertação. O primeiro e mais importante deles se refere à descrição dos *frames* comunicativos atrelados a *Heimat*. A reboque desse objetivo, parte-se do pressuposto de que as participantes entrevistadas apresentem *frames* distintos (devido principalmente a suas origens – Brasil e Alemanha) e que, por isso, conflitos em torno dessa temática sejam presentes e frequentes durante a interação. Nesse sentido, caracterizar *frames* referentes a *Heimat* também envolve a observação dos respectivos conflitos que emergem na conversa.

O segundo objetivo, por sua vez, dedica-se à descrição das estratégias de definição de *Heimat*. Em primeira instância, visa-se à comparação entre as estruturas empregadas por brasileiras e alemãs nas várias tentativas observadas para a definição do termo em destaque. Em segunda instância, colocam-se essas estratégias como possíveis complementos para a descrição dos *frames* comunicativos, isto é, busca-se, em última análise, pela explicitação das relações diretas entre esquemas amplos de referência comunicativa (*frames*) e o comportamento verbal propriamente dito.

Por último, os resultados observados por meio da interação devem ser comparados com aqueles obtidos com os questionários e com os *corpora* virtuais. Desse modo, procura-se verificar se os sentidos de *Heimat* na interação correspondem àqueles nos questionários e nos *corpora*, de modo que se tenha uma visão ainda mais completa acerca dos traços semânticos de tal termo.

Isso posto, divide-se o presente capítulo em três partes, as quais, no entanto, não estão diretamente correlacionadas aos objetivos acima delineados. Nas duas primeiras seções (4.1 e 4.2), apresentam-se os dados dos questionários aplicados e das buscas feitas nos *corpora* virtuais. Trata-se, pois, dos dados preliminares resultantes de pesquisas-piloto sobre os possíveis sentidos de *Heimat*, os quais, ao final, serão contrastados aos resultados relativos à interação. Já na seção 4.3, destacam-se todos os aspectos analisados da conversa filmada,

desde a descrição dos *frames* até as reflexões feitas em torno dos conflitos observados, bem como algumas considerações adicionais.

4.1 Os questionários

O primeiro item a ser apresentado aqui se refere à aplicação dos questionários antes da execução da filmagem. Como dito em seção anterior, o objetivo de tal ferramenta consistiu em obter respostas primárias em relação ao significado dos itens lexicais *Heimat* e *pátria* – nesse caso, levou-se em consideração a tradução de *Heimat* para o português com base no item *pátria*.¹¹⁷ Além disso, o objetivo secundário da aplicação dos questionários trata das possíveis questões que poderiam ser colocadas aos sujeitos como estímulos para a interação a ser filmada. De fato, alguns itens dos questionários foram de grande importância para a confecção de tais estímulos interacionais.

No que tange ao primeiro objetivo, convém aqui apresentar os resultados mais diretamente relacionados ao sentido de *Heimat* e *pátria*, os quais derivam das seguintes perguntas: (i) *Quais palavras você, espontaneamente, associa ao termo 'pátria'? Cite no mínimo 10 palavras e no máximo 20;* (ii) *Qual das seguintes expressões melhor se relaciona ao termo 'pátria'?* e (iii) *O que significa 'pátria' para você?*, todas retiradas do questionário em português.

A saber, a primeira questão foi desenhada para que os sujeitos pudessem criar, de forma espontânea e deliberada, uma espécie de ‘campo lexical’ cujo núcleo fosse *pátria*. O número de palavras citadas por cada um dos participantes variou entre dez e vinte, mas isso não foi considerado na análise. Objetivou-se, com tal escopo, simplesmente fazer com que os respondentes criassem um campo relativamente grande o suficiente para que uma comparação entre os participantes alemães e brasileiros fosse possível.

¹¹⁷ Para tanto, tomou-se como base de referência dicionários virtuais. Ver seção 5.1 para mais detalhes.

Eis a lista de palavras citadas pelos alemães¹¹⁸, com a frequência bruta de cada item lexical apresentada de maneira decrescente:

Tabela 2: Palavras citadas no questionário pelos alemães

Frequência	Itens relacionados
(5x)	<i>Familie</i> (família)
(4x)	-
(3x)	<i>Freunde</i> (amigos); <i>Geborgenheit</i> (espécie de segurança emocional); <i>Wald</i> (floresta)
(2x)	<i>Deutschland</i> (Alemanha); <i>Haus</i> (casa); <i>Stadt</i> (cidade); <i>Zuhause</i> (lar)
(1x)	<i>Alltag</i> (dia-a-dia); <i>Architektur</i> (arquitetura); <i>Autobahn</i> (autoestrada); <i>Bekanntheit</i> (conhecimento das coisas); <i>Berge</i> (montanhas); <i>Bier</i> (cerveja); <i>Bäume</i> (árvores); <i>Eisenbahngeräusche</i> (barulhos de trilho); <i>Entspannung</i> (relaxamento); <i>Essen</i> (comida); <i>Freiheit</i> (liberdade); <i>Garten</i> (jardim); <i>Gelassenheit</i> (serenidade); <i>Gemeinsamkeit</i> (coisas em comum); <i>Gerüche</i> (cheiros); <i>Getränke</i> (bebidas); <i>Gewohntes</i> (coisas às quais estou acostumado); <i>Hund</i> (cachorro); <i>Identität</i> (identidade); <i>Jahreszeiten</i> (estações do ano); <i>Klima</i> (clima); <i>Krieg</i> (guerra); <i>Kälte</i> (frio); <i>Landschaften</i> (paisagens); <i>Liebe</i> (amor); <i>Milch</i> (leite); <i>Nationalflagge</i> (bandeira nacional); <i>Natur</i> (natureza); <i>Nationalmannschaft</i> (seleção de futebol); <i>Poesie</i> (poesia); <i>Regen</i> (chuva); <i>Region</i> (região); <i>Schlafanzug</i> (pijama); <i>Sicherheit</i> (segurança); <i>Sonntagsfrühstück</i> (café da manhã de domingo); <i>Sozialstaat</i> (estado social); <i>Sprache</i> (língua); <i>Toilettensitzgummiüberzug</i> (capa de borracha para acentos de toailete); <i>Universität</i> (universidade); <i>Wetter</i> (tempo); <i>Würste</i> (salsichas); <i>Zugehörigkeit</i> (pertencimento)

A lista de palavras dos brasileiros é a seguinte:

¹¹⁸ É preciso dizer que alguns itens lexicais foram utilizados em nível sintagmático, como no caso de *die Sprache beherrschen* (dominar a língua) ou *alle Jahreszeiten genießen* (curtir todas as estações do ano). Entretanto, tendo em vista a análise semântica que se propõe por meio de *corpora* virtuais (ver seção seguinte) e dos itens colocados que acompanham os termos chave *Heimat* e *pátria*, optou-se somente por considerar o substantivo principal (*Sprache* e *Jahreszeiten*, respectivamente).

Tabela 3: Palavras citadas no questionário pelos brasileiros

Frequência	Itens relacionados
(4x)	nação
(3x)	casa; cultura; identidade; lar; família; bandeira nacional
(2x)	amigos; Estado; hino nacional; língua; nacionalidade; país; saudade; terra alegria; amor; cidadania; comida; conforto; história; identificação; idioma; inclusão; laço; mãe;
(1x)	mátria; Minas Gerais; nascimento; naturalidade; origem; orgulho; patriotismo; pertencimento; raça; raiz; Rio Arrudas; sentimento; Serra do Curral; vínculo;

Vê-se, a partir das tabelas expostas acima, que *Heimat* parece possuir uma versatilidade maior de significados, tendo em vista o número maior de itens relacionados (50 ao todo), bem como o total de termos que aparecem somente uma vez (42 ao todo). Mais interessante, porém, é notar que o significado de *Heimat* e *pátria* – com base em suas respectivas relações lexicais – converge e diverge em relação a alguns pontos de destaque. Para que essas relações pudessem ser mais facilmente visualizadas, optou-se por agrupar as palavras citadas que apresentassem algum vínculo semântico, como se pode observar a seguir.

Para o caso do alemão, tem-se:

Tabela 4: Agrupamento de itens lexicais em alemão

Grupo	Itens relacionados
Geografia	<i>Berge; Bäume; Landschaften; Natur; Region; Stadt; Wald</i>
Tempo	<i>Jahreszeiten; Klima; Kälte; Regen; Wetter</i>
Comida	<i>Bier; Essen; Getränke; Milch; Sonntagsfrühstück; Würste</i>
Temas políticos-nacionais	<i>Deutschland; Krieg; Nationalflagge; Sozialstaat; Sprache</i>
Sentimento	<i>Entspannung; Freiheit; Geborgenheit; Gelassenheit; Identität; Liebe; Sicherheit; Zugehörigkeit</i>
Casa	<i>Alltag; Bekanntheit; Familie; Freunde; Garten; Gewohntes; Haus; Hund; Zuhause</i>

Já em português, nota-se o seguinte:

Tabela 5: Agrupamento de itens lexicais em português

Grupo	Itens relacionados
Geografia	Minas Gerais; Serra do Curral; Rio Arrudas
Temas políticos-nacionais	bandeira; cidadania; Estado; hino; idioma; língua; nação; nacionalidade; naturalidade; país
Sentimento	alegria; amor; conforto; identidade; identificação; orgulho; patriotismo; pertencimento; saudade; sentimento
Casa	amigos; casa; família; inclusão; lar; terra
Vínculo	laço; nascimento; origem; raça; raiz; vínculo
Cultura	comida; cultura; história
Maternidade	mãe; mátria

De fato, percebe-se que aos termos chave são associadas quase sempre questões que exaltam a relação emocional e, sobretudo, pessoal entre *Heimat/pátria* e o homem, isto é, que esses termos possuem significados que se encontram diretamente vinculados à construção da personalidade de cada sujeito. Por exemplo, os grupos “geografia” e “casa” (presentes em ambos os questionários) demonstram como o indivíduo atrela ao significado de *Heimat/pátria* itens que sugerem forte relação com sua própria história, como no caso de acidentes geográficos específicos (‘rio’, ‘montanha’, ‘serra’), bem como da presença de ‘família’ e ‘amigos’, por exemplo. Os “sentimentos” em relação à pátria também apontam para essa pessoalidade. No caso, a pátria se consagra como ‘lugar’ ou ‘espaço’ de ‘relaxamento’, de ‘liberdade’, de ‘amor’, ‘alegria’, entre outros. Fica claro, nesse quesito, que pátria se associa a itens lexicais de cunho tipicamente positivo. Além disso, a alta frequência de palavras como ‘família’, ‘amigos’ e ‘floresta’ (em alemão) e ‘família’, ‘casa’ e ‘lar’ (em português) corroboram para os argumentos delineados acima.

Convém, aqui, retomar a reportagem da revista *Spiegel* (KURBJUWEIT, 2012, p. 63), mencionada já outras vezes nessa dissertação, e apontar para o fato de que, dos 1000 entrevistados sobre o sentido de *Heimat*, 33% colocou *Wohnort* (local de moradia – possivelmente relacionada ao item ‘casa’) como item mais importante para a definição do item em pauta. Além disso, *Familie* (família), por exemplo, obteve valor de 31% na pesquisa, enquanto *Freunde* (amigos) conseguiu 5%. Esses números, mesmo que limitados a uma

pequena população de participantes, sugerem certa similaridade em relação aos itens lexicais levantados nos questionários aplicados para essa dissertação.

De volta aos agrupamentos de palavras relacionadas a *Heimat* e *pátria*, vale salientar também que não há somente lugares comuns entre os itens em alemão e português. Com efeito, grupos como “comida” e “tempo” parecem contribuir mais para o sentido de *Heimat* que de *pátria*. Por outro lado, é interessante perceber também a presença de “maternidade” como grupo de destaque em português. Nesse caso, a visão da pátria brasileira como mãe não parece se dever ao acaso, tendo em vista que somente nos questionários brasileiros há o destaque para o grupo denominado “ligação”, no qual aparecem itens como ‘nascimento’, ‘vínculo’ e ‘laço’ – com efeito, nota-se a relação direta entre o ‘nascimento’ e a ‘mãe’, a ‘mátria’.

O grupo “temas políticos-nacionais”, além disso, reúne itens que abrangem o escopo dos Estados alemão e brasileiro (como ‘país’, ‘língua’, ‘cidadania’, ‘nação’). Contudo, palavras que exortam a relevância de emblemas da *pátria* (como no caso de ‘bandeira’ e ‘hino’) sugerem que o termo em português se caracteriza mais pela elevação gloriosa e patriótica da ‘nação’ que *Heimat* – isso se percebe também pela presença de itens como ‘orgulho’ e ‘patriotismo’ nos questionários brasileiros. Mais uma vez, a frequência contribui para a argumentação – ‘nação’ e ‘bandeira’ possuem um índice de frequência que, para os resultados em alemão, refere-se a itens atrelados mais à personalidade e à intimidade do homem (*Geborgenheit, Freunde, Zuhause*). Ainda no tocante a esse tema, convém ressaltar que, em resposta à questão “*O que mais te incomoda em sua pátria? Cite no mínimo dois exemplos.*”, somente um brasileiro deixou de mencionar a situação política do país como caráter negativo. Tal fato sugere, talvez, que a política faz com que o ‘lugar’ da pátria para os brasileiros seja, de fato, o Brasil, o ‘país’ e a ‘nação’, mesmo que de forma pejorativa e crítica, ao passo que nos questionários alemães, muitas críticas foram feitas a pessoas, isto é, focalizou-se o processo de socialização para designar o que se pode criticar de *Heimat*.

Com base no exposto acima, é importante salientar que esses resultados preliminares não podem ser estendidos e aplicados de forma geral à população alemã e brasileira. Trata-se apenas de dados iniciais em relação à abordagem semântica dos itens *Heimat* e *pátria*, sem compromisso ainda com a derivação de postulados ou regras de qualquer sorte.

De qualquer forma, vale destacar a segunda questão “*Qual das seguintes expressões melhor se relaciona ao termo pátria?*” e sua importância lexicográfica. Com efeito, as expressões implicadas pela pergunta são as seguintes: (a) O lugar onde alguém nasceu; (b) O lugar onde alguém cresceu; (c) O lugar onde alguém morou por muito tempo e (d) O lugar onde alguém se sente (como) em casa. Todas essas acepções foram retiradas da definição de *Heimat* no dicionário *Langenscheidt*¹¹⁹ e traduzidas para o português. Interessante perceber, porém, que essas afirmações são alocadas em uma única acepção no dicionário em pauta, fato que, por sua vez, sugere certo caráter polissêmico do termo *Heimat*. Para os fins do questionário, entretanto, essas diferentes acepções foram separadas e oferecidas como opções para a definição de *Heimat* e *pátria*. O sujeito poderia marcar mais de uma resposta se assim o preferisse.

No que concerne aos respondentes alemães, observou-se que a alternativa (d) obteve 4 marcações e que as opções (b) e (c) foram escolhidas duas vezes, respectivamente. No caso dos brasileiros, o item (d) também apresentou 4 marcações, enquanto os itens (a) e (b) receberam, cada um, uma única marcação.

Isso posto, é possível afirmar novamente que as questões emocional e pessoal pesaram na escolha de uma definição. Seja para brasileiros, seja para alemães, o importante quando se considera o significado de *pátria* é ter um lugar onde se pode se sentir bem, se sentir em casa – com a ‘família’, ‘amigos’, em um ambiente conhecido pelo sujeito (*Bekanntheit*), ao qual este pertence (‘pertencimento’) e com o qual há ‘identificação’. Sob essa perspectiva, as marcações das alternativas (a), (b) e (c) apontam para o ‘vínculo’ ou ‘laço’ com o lugar de nascimento ou com o lugar de moradia, nos quais a ‘identidade’ pessoal e social de cada sujeito pode ser construída.

A esse respeito, parece plausível considerar ‘lugar’ como um termo determinante para a definição de *pátria*. De fato, de todos os 12 respondentes, apenas um não mencionou ‘lugar’ ou termos relacionados (tais como ‘espaço’, ‘país onde’, ‘região’ – termos com conotações visivelmente espaciais) na resposta da terceira questão “*O que significa pátria*”

¹¹⁹ Primeira acepção da entrada lexical *Heimat* no referido dicionário: *das Land, die Gegend oder der Ort, wo jemand (geboren und) aufgewachsen ist oder wo jemand eine sehr lange Zeit gelebt hat und wo er sich (wie) zu Hause fühlt*. Ver Bibliografia para detalhes sobre a referência do dicionário.

para você?”.¹²⁰ Com efeito, digno de nota é o fato de que esse ‘lugar’, mesmo ao poder adquirir proporções variadas – como no caso de ‘país’, ‘casa’, ‘cidade’, ‘região’, entre outros –, consagra-se como item de destaque para a referência ao termo *Heimat/pátria*. Vale citar o exemplo de um brasileiro que chega a negar a relevância do ‘lugar’ para a definição de *pátria*. Segundo esse respondente:

É um termo com o qual não tenho mais ligação afetiva forte. Pátria para mim significa hoje em dia um predicado a mais na minha identidade e não um lugar. Como tudo relacionado ao Brasil, também esse predicado é ambivalente: por um lado positivo, culturalmente rico e afetivo; por outro erroneamente rotulante – pois as pessoas no exterior em geral associam o Brasil com elementos com os quais eu não me identifico e nem quero me identificar: futebol, carnaval, informalidade, sensualidade – e restritivo, pois morando no exterior é necessário renovar visto e passaporte periodicamente.

Aqui, o sujeito, mesmo ao proferir “Pátria para mim significa hoje em dia um predicado a mais na minha identidade e não um lugar”, começa a delinear uma justificativa para sustentar essa opinião. Esta, porém, refere-se diretamente ao Brasil, lugar percebido por seus predicados ambivalentes.

Para finalizar a questão do ‘lugar’, faz-se necessário retomar a discussão teórica a respeito das delimitações semânticas de *Heimat* (expostas na seção 2.1 da presente dissertação), sobretudo no que diz respeito às atitudes dicotômicas em relação a tal conceito – como no caso das posições ‘territorialista’ e ‘desterritorialista’. Com efeito, a seguinte fala de um participante brasileiro poderia ser atrelada a uma visão ‘territorialista’ de *pátria*, a partir da qual esta é percebida por meio da atuação de seus limites espaciais e políticos no indivíduo:

A palavra “pátria” me lembra o hino nacional e as filas que fazíamos no pátio da escola, quando eu tinha uns 7 anos, para cantar o hino e saldar a bandeira. Lembro-me também da aula de educação moral e cívica, na década de 80. Num sentido mais amplo: significa Brasil, país onde nasci.

¹²⁰ Esse sujeito (alemão), possivelmente tomado de emoções em relação a sua pátria, afirma: *Wenn Schalke meister wird!* (tradução: quando o Schalke é campeão!). A saber, Schalke 04 é o time de futebol da cidade de Gelsenkirchen, Alemanha, que joga na primeira divisão da *Bundesliga*.

Em contrapartida, a seguinte contribuição, também de um brasileiro, reflete uma postura menos marcada pelo território e mais “temperada” pela importância da vivência individual para a definição de *pátria*:

Pátria é onde você se identifica com o modo de agir das pessoas, seus costumes e sua cultura (por exemplo, algo que em alguns lugares não é visto como apropriado ou educado, na sua pátria é algo comum). É possível, inclusive, não se identificar com esses hábitos do próprio lugar de origem, mas sim de algum outro. No meu conceito de pátria também é fundamental incluir que há um laço forte da pessoa com o lugar. Essa ligação pode ser por ter nascido ali, crescido ali, tido boas experiências ali ou qualquer outro motivo que é bastante individual. Por esse laço, seja ele qual for, acho que é subentendido que a pátria é um lugar amado, com várias boas lembranças.

Sob essa ótica, um respondente alemão diz o seguinte:

Zurzeit kann ich meine Heimat noch nicht definieren und bin mir nicht sicher, welchen Ort ich als Heimat bezeichnen würde. In der Stadt, wo meine Familie lebt, lebe ich schon seit mehr als 3 Jahren nicht mehr und vieles hat sich dort geändert. Meine Freunde sind dort weggezogen und auch mein Bruder studiert in einem anderen Ort und meine Eltern leben nun getrennt. Der Ort meines Studiums ist mir sehr ans Herz gewachsen und dort habe ich mich gut eingelebt und viele Freunde gefunden, allerdings würde ich diesen Ort, da ich dort erst seit 2 Jahren wohne, auch nicht als Heimat bezeichnen.¹²¹

Vê-se, pois, que, mesmo por meio de referências a lugares geograficamente definidos (no caso das duas últimas citações acima), a noção de *Heimat* ou *pátria* não se limita a tais espaços, mas ganha em proporções semânticas a partir da vivência individual de cada sujeito, bem como do estabelecimento de suas relações sociais.

Finalmente, atribui-se à descrição dos itens em destaque matizes altamente pessoais, sejam elas restritivas ou não. A saber, esse fator individual – sempre presente nos questionários como principal ponto de referência para essa atividade – se mostra também muito presente na interação filmada. Convém, antes de tratar da filmagem, traçar alguns

¹²¹ Tradução do autor: “Atualmente eu não consigo definir minha pátria e eu não tenho certeza de qual lugar eu caracterizaria como pátria. Eu não moro há mais de três anos na cidade em que minha família vive e muita coisa mudou por lá. Meus amigos se mudaram de lá, meu irmão também estuda em outro lugar e meus pais vivem agora separados. O lugar de meu estudo ganhou muita importância para mim e lá eu consegui me adaptar bem e fazer muitos amigos. Contudo, eu também não classificaria esse lugar, onde eu moro há dois anos, como pátria.”

comentários a respeito dos *corpora* virtuais que também contribuíram para a abordagem semântica inicial que aqui se delinea.

4.2 Os *corpora* virtuais

De acordo com as prerrogativas metodológicas discutidas anteriormente, pretende-se aqui levantar alguns dados que contribuem para a abordagem semântica preliminar dos itens lexicais *Heimat* e *pátria*. Para tanto, utilizaram-se dois *corpora* virtuais, um em alemão (DWDS – *Das Digitale Wörterbuch der Deutschen Sprache*) e outro em português (O Corpus do Português, compilado principalmente por Mark Davies e Michael Ferreira).

Os dados apresentados logo a seguir fazem referência aos 10 substantivos colocados que apresentaram maior índice de ‘informação mútua’ (*mutual information*) atrelada à frequência dos itens *Heimat* e *pátria*.¹²² Para o *corpus* em alemão, pode-se observar o seguinte:

¹²² Vale lembrar que os *corpora* em destaque possuem tamanhos e objetivos diferentes – temas já aludidos na seção 3.3.2. A saber, o *corpus* alemão possui cerca de 100 milhões de palavras, enquanto que somente cerca de 10 milhões (relativos às ocorrências do século XX) são considerados para a base de dados em português. Para que se tenha uma noção comparável dos índices de frequência relativa dos itens *Heimat* e *pátria*, têm-se os valores de 61.045 e 26.55 por milhão para *Heimat* e *pátria*, respectivamente. Sem essa equivalência, *Heimat* possui uma frequência bruta de 6.314, enquanto *pátria* ocorre somente 538 vezes no *corpus* em português.

Tabela 6: Itens colocados em alemão

Item lexical	Índice de associação	Frequência	Fr. total	%
<i>Front</i> (home front)	21.38	27	6.821	0,40
<i>Rückkehr</i> (retorno)	16.82	73	3.872	1,89
<i>Vaterland</i> (“pátria“)	15.5	22	3.634	0,61
<i>Volkstum</i> (folclore)	12.15	7	718	0,14
<i>Flüchtling</i> (fugitivo)	9.57	13	1.586	0,82
<i>Pflanze</i> (planta)	9.41	7	6.724	0,10
<i>Sehnsucht</i> (saudade)	9.21	24	3.201	0,75
<i>Volk</i> (povo)	8.93	27	32.700	0,08
<i>Gruß</i> (saudação)	8.91	8	2.027	0,40
<i>Liebe</i> (amor)	8.61	32	53.469	0,60

Segue, logo abaixo, a tabela referente aos dados em português:

Tabela 7: Itens colocados em português

Nomes	Índice de associação	Frequência	Fr. total	%
salvador	9.75	6	25	24,00
destino	6.06	5	270	1,85
herói	5.98	5	285	1,75
salvação	5.29	4	367	1,09
glória	4.78	6	786	0,76
língua	4.01	14	3.130	0,45
sentimento	3.62	4	1.166	0,34
independência	3.46	4	1.304	0,31
letra	3.43	4	1.336	0,30
amor	3.39	12	4.107	0,29

Com base nas tabelas expostas, tem-se uma série de números que, da esquerda para a direita, fazem referência (i) ao índice de MI, (ii) à frequência com que o item colocado aparece junto ao item pesquisado (*Heimat* ou *pátria*), (iii) à frequência total do item colocado e, por fim, (iv) ao percentual relacionado ao número de vezes que o colocado ocorre junto ao item em análise. Desse modo, por exemplo, ‘salvação’ tem um índice de frequência total de

367, mas ocorre como colocado de *pátria* somente 4 vezes – fato que implica uma porcentagem de 1,09.

No que se refere às interpretações derivadas dos números acima, constata-se uma grande disparidade entre os itens colocados relacionados nas tabelas e os nomes coletados nos questionários – tanto em relação aos resultados em alemão quanto em português. Primeiramente, tal fato pode ter como justificativa as fontes textuais que baseiam cada *corpora*. De fato, os resultados obtidos a partir de buscas como estas, feitas para esse estudo, são bastante influenciados pelos dados que serviram de alicerce para a criação de seus respectivos *corpora*. Em outras palavras, a frequência dos nomes listados acima depende diretamente dos textos que compuseram o DWDS e o “Corpus do Português”. Assim sendo, uma vez que esses *corpora* são, em sua grande maioria, constituídos por textos escritos datados de todo o século XX (e ligados a gêneros literários, acadêmicos e jornalísticos), a discrepância semântica em relação aos itens colocados e os nomes dos questionários não parece ser uma surpresa, tendo em vista que estes foram utilizados contemporaneamente, fora de qualquer contexto comunicativo, seja escrito, seja falado. Convém, aqui, salientar ainda que o *corpus* em português é relativamente pequeno comparado ao alemão, fato que compromete a relevância dos respectivos dados.

Já no que concerne especificamente ao conteúdo semântico das relações observáveis, as diferenças entre os questionários e os *corpora* se apresentam em várias facetas. Os dados em alemão, por exemplo, sugerem que o sentido de *Heimat* se refere, na maioria dos casos, a um objeto de idolatria, o qual deve ser amado e cultivado a qualquer custo. Muito disso se deve ao fato de grande parte dos itens colocados na tabela terem sido retirados de textos oriundos da época nazista ou de textos que fazem referência a esse período. A saber, termos como *Front*, *Vaterland*, *Volkstum*, *Volk* e *Gruß* (metade dos itens relacionados) ocorrem quase sempre com algum vínculo ao chamado *Nazizeit* (período nazista). A título de exemplo, *Front* se refere à questão do *home front* (*Heimatfront*) discutida anteriormente, a partir da qual havia na Alemanha nazista grande compromisso em relação às necessidades da *pátria* (como, por exemplo, proteção) por parte daqueles que não participaram ativamente da guerra. Outro item interessante se traduz como ‘saudação da pátria’, ou *Gruß der Heimat*, muito relacionada ao conceito de *Heimatfront*. No caso, o seguinte trecho serve como

exemplo – retirado do jornal *Völkischer Beobachter*, publicado em 09.01.1943: „Auch diesmal folgt man willig den Aufnahmen aus Salzburg, als Gruß der Heimat an die Front, den Bildern von der Ausbildung des NS“.¹²³

Além disso, os itens *Rückkehr*, *Sehnsucht* e *Flüchtling* sugerem que *Heimat* se destaca por ser o lugar para o qual as pessoas gostariam de voltar. Com efeito, quando há expressões de retorno a algum lugar, a estrutura da língua alemã se caracteriza nesse aspecto pela presença de preposições que expressam essa relação espacial. No caso, em todas as ocorrências de *Rückkehr* há a justaposição da preposição *in* (traduzida nesse contexto como ‘a’ – retorno à pátria ou, em alemão, *Rückkehr in die Heimat*). Vale afirmar, claramente, que tal fenômeno contribui bastante para a concepção de *pátria* como um lugar. Por fim, *Pflanze* e *Liebe* parecem ser os únicos itens por meio dos quais alguma semelhança pode ser atestada entre os questionários e o *corpus*. De fato, a referência às formas naturais e o sentimento de ‘amor’ à pátria estão atreladas aos termos observados anteriormente – tais como ‘árvores’, ‘montanhas’ e ‘florestas’, ou ‘segurança’ e ‘pertencimento’.

Os dados em português, por sua vez, também são bem díspares comparados aos questionários analisados acima. Com base no *corpus*, a principal interpretação derivada sugere que *pátria* seja vista como objeto frágil, que precisa de seu ‘salvador’ (ou de sua ‘salvação’) ou de seu ‘herói’. Nesse sentido, tem-se a impressão de que a *pátria* se coloca como instituição gloriosa (‘glória’), cujo ‘destino’ precisa estar sempre assegurado. Interessante perceber, a reboque dessa interpretação, que a importância comunicativa e a flexibilidade de uso da expressão “salvador da pátria” em inúmeros contextos de fala pode se justificar justamente pela concepção de *pátria* como objeto a ser salvo. Trechos jornalísticos como “O treinador tem tomado cuidado especial no lançamento de jovens para evitar que sejam considerados ‘salvadores da pátria’” (12.04.1997, jornal não identificado) e “E faz um diagnóstico que acerta na mosca: ‘Esse problema prospera de forma epidêmica em nossas emissoras pela irresponsabilidade e pela soberba de muitos de nossos comunicadores, pela ânsia de aparecerem como salvadores da pátria e intrépidos críticos da sociedade’”

¹²³ Trecho disponível no *corpus* virtual DWDS. Tradução do autor: “Também dessa vez se segue com toda vontade as filmagens de Salzburg como saudação da pátria à frente, as imagens da formação da NS.”

(23.02.1997, jornal não identificado) mostram que tal expressão tem relevância em contextos ligados ao âmbito do futebol ou das emissoras de massa (rádio e televisão, por exemplo).

Entretanto, é preciso ressaltar que boa parte das ocorrências dos itens colocados é retirada de textos literários – a saber, a soma de todas as frequências conjuntas (terceira coluna da tabela 7) tem um valor de 64, sendo que, desse total, 28 ocorrências se referem ao gênero de ficção. De fato, trata-se de um índice bastante elevado para que os dados aqui apresentados sejam considerados balanceados em relação à utilização de *pátria* em todo o século XX, mesmo que somente em textos escritos. Por outro lado, pode-se indagar também se esse valor não seria responsável por caracterizar o termo *pátria* justamente a partir da alta frequência de seus colocados em textos literários – como se esse item lexical fosse, de fato, utilizado majoritariamente na literatura de ficção no século XX. Por ora, é possível somente afirmar que os dados em discussão não correspondem muito aos respectivos resultados obtidos nos questionários. A esse respeito, somente itens como ‘língua’, ‘sentimento’ e ‘amor’ parecem carregar consigo algumas das ideias aludidas anteriormente.

4.3 A interação

Esta seção se dedica à apresentação dos dados retirados da interação filmada entre brasileiras e alemãs. Uma vez que os resultados a serem propostos aqui apresentam vários caminhos para análise, o texto será dividido por subseções relativas a cada tópico em discussão.

4.3.1 O *status* intercultural da interação

Como afirmado anteriormente, a interação conduzida por sujeitos de diferentes países não se caracteriza necessariamente por ‘intercultural’. Essa classificação, na verdade,

depende muito mais do comportamento verbal e não verbal dos falantes envolvidos e das estratégias comunicativas empregadas por eles. Por essa razão, convém justificar, isto é, apresentar evidências para o fato de que a interação filmada para essa pesquisa se trata, de fato, de uma comunicação intercultural.

Com base na proposta analítica de ten Thije (2003), procurou-se, em uma primeira parte da análise, por elementos da interação que pudessem evidenciar a estratégia de *perspectivising* e, por conseguinte, o processo de (auto)reflexão cultural. A saber, um primeiro exemplo¹²⁴ a ser citado se refere a um trecho em que A1 procura avaliar a sentença “Pátria me sufoca”, relativa à questão 3 dos estímulos para a conversação (ver Anexo B):

Trecho 1: ((36:05 – 36:31 min, Questão 3/f – *pátria me sufoca*: inicia-se após contribuição de B2, na qual ela afirma ter tomado para si características tipicamente relacionados a alemães, como a suposta “frieza”))

001 A1: ~ja,=
(*sim*)

002 =aber so was ↓Engt natürlich ahm vielleicht im im ERSTen
moment schon ein bisschen ein;
(*mas esse tipo de coisa claro que talvez no primeiro
momento sufoca um pouco*)

003 =da hatte ich in den Ersten wochen HIER schon das
gefühl;=
(*nas primeiras semanas aqui eu já tive a sensação*)

004 =<<all> das ist ↓OAH;>
(*é oah*)

005 =es sind alle so NETT;=
(*todos são simpáticos*)

006 =und alle sind soFORT;=
(*e todos são imediatamente*)

007 =<<acc, f> oh wir umARmen uns und alles;>

¹²⁴ Como se pode observar no início do trecho acima, há um cabeçalho que contém informações referentes aos metadados do exemplo em destaque, bem como ao contexto de fala específico em que o trecho ocorre. A saber, há (i) a indicação do tempo de duração do trecho em relação à filmagem; (ii) o tópico em discussão de acordo com os estímulos conversacionais e, finalmente, (iii) um breve contexto comunicativo que precede o trecho em exibição. Esse padrão informativo foi também adaptado a partir do trabalho de Viterbo Lage (2013, p. 75).

(oh a gente se abraça e tal)

008 und irgendwie fällt mir das <<all> ist mir das> SCHWER
gefallen.=
(eu acho meio que eu achei isso difícil)

009 =weil ich (es) einfach irgendwie keine Ahnung (-)
ACHTzehn jahre lang einfach nicht nicht so ´hAtte;=
(porque eu meio que não tinha isso há sei lá dezoito
anos)

010 =also es [ist nicht so dass] meine eltern mich nie
um;ARMT haben;=
(então não é que meus pais nunca me abraçaram)

011 A2: [(ri)]

012 A1: =odEr h° mich nie: (.) WEIß ich nicht;=aber;
(ou nunca me eu não sei mas)

013 ts JA;
(ts é)

014 (-) und ich glaube in de in ´dEm (.) `sinn (.) engt das
schon manchmal ein bisschen (.) ein bisschen EIN;
(e eu acho que nesse sentido às vezes sufoca um pouco
mesmo)

No exemplo acima, as entrevistadas discutem o valor da afirmativa “Pátria me sufoca” (*Heimat engt mich ein*). B2, nesse contexto, trata do assunto de estereótipos e como estes podem ser adquiridos até mesmo por estrangeiros – no caso, a mesma B2 se considera também uma pessoa relativamente “fria” ao se comparar com os alemães. A partir desses argumentos, A1 introduz sua contribuição com uma concessão (*ja* – “sim”) no segmento 001, mas, logo em seguida, parte para o contraste (*aber* – “mas”) a fim de fazer valer seu ponto de vista, segundo o qual os estereótipos, mesmo aqueles assimilados por estrangeiros, “sufocam”, por assim dizer, o indivíduo, o qual, por sua vez, fica à mercê de sua pátria ou da pátria dos outros para obter suas próprias características e qualificações.

Nesse sentido, do segmento 003 ao 007, A1 generaliza (reflete aquilo que ten Thije chama de *generalising*) ao atribuir aos brasileiros atitudes típicas, como, por exemplo, o fato de que as pessoas no Brasil se abraçam bastante. Interessante perceber que, nesse momento,

A1 faz uso de termos como *alle* (todos) tanto no segmento 005 quanto no 006 e, com isso, cria um escopo máximo de referência para as suas afirmações – “todos os brasileiros são simpáticos”. Além disso, a fala mais rápida e mais alta no segmento 007, bem como o uso do pronome *wir* (nós/a gente) contextualizam a tentativa por parte de A1 de mimetizar um brasileiro que reconhece sua própria característica de abraçar – *wir umarmen uns und alles* (a gente se abraça e tudo mais).

A partir do segmento 008, porém, A1 inicia a sua ‘perspectivização’ e afirma que o abraço constante, inicialmente, colocava-se como costume difícil de lidar (*ist mir das schwer gefallen*). Logo em seguida (segmento 009), A1 justifica essa colocação por meio de uma experiência altamente pessoal - *weil ich es achtzehn jahre lang einfach nicht nicht so hatte* (porque eu simplesmente não tinha isso há dezoito anos). Aqui, o termo *ich* (eu) apresenta não somente uma experiência particular, mas estabelece também que A1 compartilha essa vivência como alemã – há, na verdade, uma relação de oposição entre o *ich* (do segmento 009) e o *alle* (dos segmentos 005 e 006). É, portanto, por meio desses dois segmentos (008 e 009) que A1 perspectiviza a sua reflexão intercultural acerca de um comportamento, a princípio, tipicamente brasileiro. No segmento 010, por fim, A1 faz uma espécie de ressalva em relação às suas experiências com o abraço na Alemanha para, enfim, proceder em direção ao término de sua argumentação, observada no segmento 014.

Ainda a respeito da estratégia de *perspectivizing*, convém afirmar que suas etapas constituintes – (i) ‘generalização’, (ii) ‘perspectivização’ e (iii) ‘comparação’ – não precisam assumir necessariamente essa ordem para que esse processo de reflexão cultural seja empregado. Com efeito, é possível observar exemplos em que a ‘generalização’ ocorre depois de a ‘perspectiva’ ter sido expressada. Por exemplo, segue um trecho em que A2 discorre a respeito da relação dos alemães e sua pátria:

Trecho 2: ((45:05 – 45:29min, Questão 4: *Você possui algum tipo de vínculo emocional com a sua pátria, seja ela qual for? Tente definir esse vínculo:* inicia-se após A2 afirmar que, como alemã, para ela não seria possível sentir-se patriota tendo em vista a recente história de seu país))

001 B2: [*<<pp> das ist NICH (echt).>*]

(*isso não é verdade*)

002 A2: [meine großmut]te:r hat (.) so viel vom
 <<acc> vom zweiten weltkrieg erZÄHLT;=ne,>=
 (*minha avó contou tanto sobre a segunda guerra né*)

003 =[dass man diesen] NEgativen eindruck noch mit im
 (*que essa impressão negativa ainda está na*)

004 B1: [ja.]
 (é)

A2: †hInterkopf hat;
 (*cabeça das pessoas*)

005 und ich GLAUbe;
 (*e eu acho*)

006 (-) dadurch ist es SCHWIErig zu sagen;
 (*por isso que é difícil de dizer*)

007 <<rall> jA ich bin STOLZ;>
 (*sim eu tenho orgulho*)

008 ja_n deutscher is <<len> so wie> ich es GANZ oft/=-
 (*é um alemão é como eu muito frequentemente*)

009 =<<all> zum beispiel wir sind in einer SPRACHgruppe mit
 ganz viel> <<h> kolumbiAnern,>
 (*por exemplo a gente está numa aula de língua com muitos colombianos*)

010 B1: hm.

011 A2: [und mit chiLEnen,]=
 (*e com chilenos*)

012 A1: [((ri))]

013 A2: =[<<h, sorrindo> und alle sind toTAL stolz;>]
 (*e todos são super orgulhosos*)

014 A1: [((ri))]

015 A2: [<<sorrindo> und ich finde es so <<f> Eigentlich ganz>]

016 A1: [((ri))]

A2: [<<sorrindo> SCHÖN,>]=
 (*e eu acho isso tipo na verdade bem legal*)

017 A1: [((ri))]

018 A2: =<<sorrindo> †so aber (.) ich kann †NICHT sagen;>
 (*então mas eu não consigo dizer*)

019 <<rall> dass ich SO> [<<len> stolz bin.>]
 (que eu tenho tanto orgulho)

020 B2: [ja also als Ich in] deutschland (.)
 †WAR,
 (é então quando eu estava na alemanha)

De acordo com o exemplo supracitado, A2 continua sua argumentação por meio de experiências pessoais vividas com sua avó, que lhe contava histórias sobre o regime nazista na Alemanha (segmento 002 ao 004). Embora não haja uma estrutura narrativa consistente nesse pequeno trecho, A2 se vale dessa memória para afirmar nos segmentos 006 e 007 que *deshalb ist es schwierig zu sagen: ich bin stolz* (por isso é difícil dizer: eu tenho orgulho – no caso, de ser alemã). A partir da linha 008, A2 exemplifica suas ideias e cita um grupo de pessoas constituído por colombianos e chilenos (provavelmente em referência a suas aulas de português para estrangeiros no Brasil), por meio do qual A2 pode, enfim, aplicar a sua generalização em relação aos companheiros sul-americanos e afirmar, no segmento 013, *und alle sind total stolz* (e todos tem muito orgulho).

Com efeito, a ‘perspectiva’ de A2 que sustenta sua generalização relativa aos colombianos e chilenos é observada entre as linhas 002 e 007. É, de fato, justamente pelas histórias contadas pela avó que A2 chega à conclusão (segmento 003) de que a impressão negativa da Alemanha ainda está na cabeça de muitos, inclusive de si mesma – interessante destacar aqui o acento focal na palavra *negativen*, o qual indica muito bem a atenção voltada para como as histórias ainda são percebidas por A2. Dessa forma, apresenta-se a ‘perspectiva’ mais uma vez como suporte ou justificativa intercultural para as generalizações feitas no discurso, com a diferença de que esta, no trecho 2, ocorre antes mesmo da referida generalização. Vale apontar, por último, o fechamento da estratégia de *perspectivising* por meio da ‘comparação’ feita por A2 ao final do trecho apresentado. A saber, há, no segmento 015, uma espécie de ‘autoconcessão’ ao A2 afirmar que esse sentimento de orgulho sul-americano é, “na verdade” (*eigentlich*), bem “legal” (*schön*). Com a linha 018, entretanto, inicia A2 um contraste marcado principalmente pelos itens *aber* e *nicht*, como em *so aber ich kann nicht sagen* (então, mas eu não posso dizer), a fim de ratificar sua posição em relação ao tema e, dessa forma, colocar-se como sujeito sem patriotismo. Aqui, convém mais uma

vez considerar o acento focal no item *so* (tão) do segmento 019. Obviamente, é por meio de tal palavra que a ‘comparação’ se torna observável, sendo o acento focal ferramenta adicional que contextualiza essa diferença entre a alemã e seus conhecidos colombianos e chilenos.

Com base nos exemplos analisados acima e no restante da filmagem, considera-se que a interação entre as brasileiras e alemãs se caracteriza, em partes, como intercultural, uma vez que suas integrantes aplicam durante todo o encontro as estratégias de *perspectivising* e, conseqüentemente, contribuem para o que ten Thijs (2003) chama de *intercultural understanding*, isto é, as participantes estão constantemente engajadas em atividades de reflexão e se valem de suas próprias perspectivas (sobre si mesmas e sobre as coparticipantes) para contextualizar ou situar seus argumentos no discurso. Sob essa ótica, a interculturalidade da interação se mostra justamente no momento em que um sujeito faz suas considerações pessoais sobre qualquer tema (sobretudo aqueles de importância cultural, como a noção de estereótipos ou o regime nazista) a partir de um ponto de vista social e historicamente situado – no caso dos dois trechos acima, situa-se A1 como alemã no Brasil (estrangeira) para falar de costumes brasileiros, enquanto A2 se vale de suas memórias na Alemanha para se distanciar da postura patriótica apresentada pelos colombianos e chilenos.

É preciso salientar, é claro, que a utilização de ‘perspectivas’ não se consagra como único modo para que a interação seja tida como intercultural. Na presente dissertação, predomina o foco analítico direcionado ao âmbito verbal da fala (sobretudo devido às influências teórico-metodológicas que a Análise da Conversação trás para essa pesquisa), mesmo com considerações relacionadas a elementos paraverbais, como no caso do acento focal. Outros autores, porém, tais como Schröder (2015), lidam com a Comunicação Intercultural por meio da interrelação entre os meios verbais, paraverbais e gestuais, sendo consideradas até mesmo ‘pistas’ visuais como índice de processos interculturais na interação (SCHRÖDER, 2015, p. 29-31).¹²⁵

Feitas as considerações acima, passa-se agora para outra parte da análise.

¹²⁵ Schröder (2015), no caso, recorre aos estudos da Linguística e Estilística Interacional, representados, entre outros, principalmente por Auer (1992), Günthner (2010) e Selting (1996), os quais, a saber, estão relacionados na seção 3.2.2 da Metodologia.

4.3.2 O andamento da interação

Fazem-se necessários aqui alguns comentários a respeito de como a interação filmada se desenvolveu.

Em primeiro lugar, destaca-se o fato de as participantes terem escolhido o alemão como principal código para a execução da conversa – vale lembrar que os cartões que serviram de estímulo para a interação continham as perguntas tanto em português quanto em alemão. A única sugestão em relação à escolha de algum código preferencial poderia ser tomada a partir da ordem em que cada versão das perguntas aparecia nos cartões – primeiro o português e depois o alemão. Porém, isso parece não ter sido suficiente para que a interação fosse conduzida em português, nem para que houvesse variação do código, tendo em vista que somente 52 dos eventos transcritos (de um total de 2.915 considerados para análise)¹²⁶ contém o português como código principal para a comunicação. Nesse contexto, é interessante perceber que, logo no início da interação, B2 questiona diretamente as participantes alemãs sobre seus conhecimentos em língua portuguesa:

Trecho 3: ((00:21 – 00:28min, Início da interação: as participantes decidem quem começa a responder às tarefas))

001 B2: oKAY_<<p> ahm:> ERSTmal soll ich fragen-
(ok primeiro eu tenho que perguntar)

002 wie GUT (.) ist <<pp> euer portugiesisch,>
(o quão bom é o português de vocês)

A partir de então, os sujeitos passam a utilizar quase exclusivamente o idioma alemão como meio de comunicação verbal e, por conseguinte, conduzem a interação ao fazerem referência ao item lexical *Heimat* em vez de *pátria*. Tal fato, obviamente, colocou *Heimat* como tópico central na interação e, além disso, fez com que, ao menos até o minuto 50:33.1,

¹²⁶ No caso, até o minuto 11:38.50, as participantes ainda não haviam iniciado a discussão em torno do tema *Heimat*. Até então, elas se apresentaram e contaram um pouco sobre suas experiências em intercâmbios – ver questão (1) no Anexo B. Desse modo, os 2.915 eventos considerados correspondem não à filmagem completa (com duração de 70:53.26), mas sim ao seu maior trecho, a partir de 11:38.50.

a questão da tradução entre os dois termos fosse parcialmente negligenciada. Aparentemente, mesmo tendo sido o meio comunicativo restrito a um único código, as participantes puderam colocar em jogo, isto é, compartilhar com suas cointerlocutoras, experiências e visões de mundo pessoais, sem as quais as tarefas propostas não teriam sido concluídas. No caso, toda essa discussão – a questão dos *frames* apresentados e a problemática da tradução – será mais bem exemplificada a seguir.

É importante que se diga ainda que a escolha do código impôs à interação certa dinâmica, a qual se caracteriza pela presença de duas falantes nativas (A1 e A2) e duas falantes estrangeiras (B1 e B2). Com efeito, essa distribuição de participantes não parece ter prejudicado as brasileiras no que se refere à fluidez da conversa. Entretanto, como será discutido mais a seguir, questiona-se ainda se esse esquema teve algum papel na aplicação das estratégias de definição do termo *Heimat* utilizadas pelas brasileiras e alemãs.

Por último, antes de dar prosseguimento com a análise, convém ressaltar o caráter “harmônico” da conversa filmada. A princípio, a observação de conflitos verbalmente explícitos não alterou o tom da discussão, nem fez com que as participantes se alterassem demasiadamente durante a atividade em decorrência das discordâncias emergentes. A saber, esse comportamento harmônico pode ser atestado em vários momentos da filmagem, sobretudo naqueles que em as participantes demonstraram estar cientes das tarefas demandadas pela filmagem, como se vê a seguir:

Trecho 4: ((52:59 – 53:22min, Questão 6: *Há alguma relação entre o conceito de pátria e o sistema político de seu país?* as participantes brincam com o sistema de pontuação de frases visto na Questão 3))

001 B1: <<lendo> †gIbt es eine bezIehung zwischen dem konzept von
†HEImat,>

(há alguma relação entre o conceito de heimat)

002 <<lendo> und dem polItischen system (-) <<l, rall> ihres
LANdes,>>

(o sistema político de seu país)

003 (0.68)

004 B2: nicht po↓LItisches.

(nada político)
 005 (0.93)
 006 A1: ~schon?
 (tem sim)
 007 B2: hm von NULL bis zehn,=
 (hm de zero a dez)
 008 =null.
 (zero)
 009 (0.48)
 010 B1: ne NEIN;=
 (não não)
 011 =[((incompreensível))]
 012 A1: [((ri))]
 013 A2: [hahahaha]
 014 B2: [<<apontando para B1> ich WEIß.>]
 (eu sei)
 015 B1: [((ri))]
 016 A1: [hahahahaha]
 017 A2: [((ri))]
 018 B2: [<<sorrindo, apontando para B1> ich WEIß.>]
 (eu sei)
 019 B1: [<<rindo> KEIne punkte>]
 (não tem mais)
 020 A1: [haha]
 021 A2: [((ri))]
 B1: [<<rindo> mehr.>]
 (pontos)
 022 A1: [haha]
 023 B2: [((sorri))]
 024 A2: [((ri))]
 025 B1: [((ri))]
 026 A1: [hahaha]
 027 B2: [((sorri))]
 028 A2: [hahaha]
 029 <<p> ich DACHte auch;>
 (eu também achei)

030 [<<pp> wir MÜSsen->]
 (que a gente tinha)

031 B1: [((ri))]]

032 A1: [((sorri))]]

033 B2: [ICH]] [<<rindo, p> weiß.>]
 (eu sei)

034 B1: [((ri))]]

035 A1: [((sorri))]]

036 B1: [((ri))]]

037 A1: [((sorri))]]

038 A2: [((ri))]]

039 <<pp> PUNkte vergeben.>
 (que distribuir pontos)

040 B1: [<<h, p> !ZEHN!;>]
 (dez)

041 A1: [((sorri))]]

042 B2: [((ri))]]

043 A2: [((ri))]]

044 [jA aber doch ich FIND;]
 (é mas eu acho)

045 [((risos))]]

046 B1: [((sorri))]]

047 B2: [haha]]

048 B1: hehehehe

Nesse exemplo, nota-se certa cumplicidade entre os sujeitos devido às brincadeiras em relação à aferição das sentenças. No caso, B2, nos moldes da atividade (3), responde à questão (6) como se fosse preciso avaliá-la em valores numéricos – B2 provavelmente fez uso de tal manobra para que suas coparticipantes pudessem ter uma noção melhor de seu ponto de vista. Interessante perceber que, imediatamente após a resposta de B2, B1 já parte para uma correção direta (*ne nein* – “não não”, linha 10) e complementa ao dizer que “pontos não são mais necessários” (*keine punkte mehr*), ações recebidas pelas alemãs com várias risadas. B2, sem esboçar tantos sorrisos, afirma repetidamente que está ciente de que os pontos não são mais necessários. Somente na linha 42 é que B2 alinha seu comportamento

verbal aos das outras colegas com uma risada mais explícitas, fato que, por sua vez, pode demonstrar certa preocupação com a harmonia, com o nível interpessoal da interação.

Como será tema de seções posteriores, a tensão causada por certos conflitos é evidente na interação. Todavia, acredita-se que o tipo de comportamento exemplificado acima, recorrente durante a filmagem, parece ter anulado, de certo modo, o peso das discordâncias observadas. De qualquer maneira, como o caráter harmônico da interação não se configura como objeto de estudo dessa pesquisa, segue-se, então, com a descrição dos *frames* comunicativos.

4.3.3 A construção dos *frames* comunicativos

Na primeira parte dessa dissertação, em que se apresentaram as premissas teóricas que basearam a condução dessa pesquisa, discutiu-se um pouco sobre o significado do termo *cultura* e como sua adaptação para esse estudo seria possível. Para tanto, fez-se uso das noções teóricas de Agar (2002), sobretudo no que diz respeito ao que o autor chama de *frame*, isto é, uma espécie de sistema de referência que “abriga” as informações relevantes para o indivíduo e seu respectivo grupo social a serem aplicadas em dada atividade comunicativa.¹²⁷ De fato, almeja-se aqui à investigação dos *frames* ligados aos termos *Heimat* e *pátria*. Antes disso, porém, convém descrever um pouco mais o andamento da interação.

¹²⁷ Para relembrar rapidamente, os *frames*, do ponto de vista sócio-histórico, influenciam consideravelmente o comportamento comunicativo de cada sujeito na interação, principalmente em relação ao que é dito sobre certo tema. Essa influência, além disso, pode se mostrar até mesmo por meio da realização de pistas comunicativas (*cues*) específicas – visuais, verbais ou paraverbais. Nesse cenário, é justamente o *clash* ou a sobreposição de diferentes *frames* na interação que motiva conflitos comunicativos e, por conseguinte, a própria sobreposição pode ser responsável por propiciar aos interlocutores a possibilidade de atualização e/ou alteração de seus *frames*.

4.3.3.1 A importância da experiência pessoal para a interação

Uma das características mais marcantes da conversa em análise se refere ao modo como as participantes responderam às perguntas propostas. A saber, todos os sujeitos, em vários momentos da interação, acabavam por compartilhar suas experiências pessoais e, para fins de discussão, faziam delas seus argumentos. Nesse sentido, essas memórias evocadas serviram de suporte para a argumentação e para a negociação do sentido referente aos itens lexicais em destaque. A título de exemplo, segue o trecho abaixo:

Trecho 5: ((53:22 – 53:36min, Questão 6: *Há alguma relação entre o conceito de pátria e o sistema político de seu país?* A2 apresenta o seu ponto de vista com base em suas experiências no exterior))

001 A2: ich (.) jA_ich war_n bisschen nur in demokratischen
 ´LÄNdern;
(eu é eu só visitei um pouco países democráticos)

002 aber ich kann mir ´!VOR!stellen;=
(mas eu posso imaginar)

003 =wenn ich in:: isLA:mischen <<dim> ländern wäre,>
(se eu estivesse em países islâmicos)

004 [<<f, len> oder>]
(ou)

005 B1: [hm:.]

A2: in::: dikta ah <<all> in einer diktaTUR wäre,>
(uma dita ah estivesse em uma ditadura)

007 DANN: wäre <<all> die politische verbindung ganz stArk;>
(aí seria bem forte a ligação política)

Trata-se, acima, da continuação do trecho 4. Uma vez que naquele exemplo a pergunta (6) ainda não havia sido completamente esgotada, A2 toma o turno para si e inicia sua resposta com a expressão *ja aber doch ich find* (traduzível como “é, mas eu acho”). Depois de uma pequena pausa, A2 diz na linha 001 “eu visitei até hoje só países

democráticos” e, assim, dá continuidade a sua argumentação. Somente esse trecho simples já demonstra como A2 aborda a questão (6), isto é, toda a argumentação sucede uma introdução pautada em experiências específicas.

Com efeito, tal comportamento – ou a prática de fazer uso de episódios vividos para validar pontos de vista – permeia toda a discussão sobre *Heimat*. Basicamente, portanto, tem-se como resultado um esquema interacional em que inúmeras experiências de vida se sobrepõem umas às outras, sejam elas complementares ou não. O exemplo abaixo apresenta claramente essa sobreposição constante de vivências narradas:

Trecho 6: ((12:34 – 13:31min, Questão 2: *Liste seis palavras que, em sua opinião, melhor se ligam ao conceito de pátria. Compare sua resposta às dos outros participantes. B1 e B2 discutem a correlação semântica entre Heimat e língua*))

- 001 A2: [<<pp> HEImat (hum).>]
(heimat hum)
- 002 B2: [ah::] <p> also ich könnte viel ´Sagen;>
(ah então eu poderia falar muita coisa)
- 003 also E:Ssen:;
(então comida)
- 004 (-) oder †SPRache selbst <<all> könnte ich so sagen;>=
(ou até língua eu poderia falar)
- 005 =[weil wir/ wenn wir die †SPRache,]
(porque a gente quando a gente)
- 006 A2: [HM:_hm.]
- 007 B2: <<f> alsoERStE ding das ich/> als ich HIER (.) in
brasilien <<all> zurückgekommen †bin.>
(então a primeira coisa que eu quando eu cheguei aqui no
brasil)
- 008 <<all, p> HAbe ich gesagt.>
(eu disse)
- 009 (-) ah_jetzt verstehe ich
[<<len, braços estendidos em círculo> Alles.>]
(ah agora eu entendo tudo)
- 010 A2: [ha_HAM.]
- 011 B1: HAaha [ha]

- 012 A2: [<<sorrindo> ja.>]
 (é)
- 013 B2: je_jetzt kann ich (--> zum <<braços estendidos em círculo> ARZT> gehen.
 (agora eu posso ir ao médico)
- 014 jetzt kann ich (-) eine <<flexiona os braços rente ao corpo> ZEItung lesen.>
 (agora eu posso ler um jornal)
- 015 [<<dim, l> also WIRKich>]
 (tipo ler)
- 016 A2: [hm_HM.]
- 017 B2: <<voz crepitante> lesen.>
 (de verdade)
- 018 B1: <<p, balança a cabeça> bei mir war das GEgenteil.>
 (comigo foi o contrário)
- 019 B2: [<<projeta o corpo para frente> ↑↑WIRKlich?>]
 (sério)
- 020 B1: [das ZWEIte]
 (a segunda)
 da das zweite mAl das ich in deutschland WAR,=
 (a segunda vez em que eu estive na alemanha)
- 021 =habe ich so sogar im ↑FLUGhafen,
 (eu estava até no aeroporto)
- 022 dann war es in `FRANKfurt,=
 (então isso foi em frankfurt)
- 023 =also ich habe ein so ein plaKAT auf da/ °h <<len, recai sobre a cadeira, suspirando, sorrindo> deutschland.>
 (então eu li meio que um cartaz na alemanha)
- 024 A1: [<<f, sorrindo> ah::>]
- 025 B2: [JA das/]
 (é isso)
- 026 B1: [also is (fühlt) beQUEM so zu sagen.]=
 (então é se sente confortável por assim dizer)
- 027 B2: [<<para frente e para trás> also ich meine es->]
 (então eu quero dizer)

- 028 B1: =<<voz crepitante, ff> !AH!> ich bin JETZT bin ich in
deutschland.
(ah eu estou agora eu estou na Alemanha)
- 029 B2: [<<sorrindo> es war super LUSTig;>]=
(foi super engraçado)
- 030 A2: [ah JA.]
(ah tá)
- 031 B2: =<<p> dieses ´MAL war> a also-
(dessa vez então)
- 032 im januar bin ich ah nach euROpa (.) geflogen,
(em janeiro eu ah fui pra europa)
- 033 (-- Und <<acc> also ich war> in SPAnien,
(e então eu fui na espanha)
- 034 und dann in ENGLand,
(e depois na inglaterra)
- 035 <<all> und dann in Amsterdam dann in ↓DEUTSCHland.>
(e depois em amsterdã depois na alemanha)
- 036 (-- <<all> und als ich in deutschland WAR;>=
(e quando eu cheguei na alemanha)
- 037 =<<aponta para B1> habe> ich DAS gefühlt.
(eu senti isso)

Nesse contexto, as participantes tentam responder à pergunta-estímulo (2) e, assim, listar seis palavras cujo sentido se relaciona com o de *Heimat*. B2, nas linhas 2, 3 e 4, inicia sua própria listagem com termos como *Essen* (comida) e *Sprache* (língua). No segmento 5, B2 tenta justificar sua escolha por *Sprache*, mas se interrompe para introduzir na linha 7 um episódio de sua própria vida. Dessa maneira, ao narrar para suas colegas como ela se sentiu quando chegou ao Brasil depois de uma temporada no exterior, B2 procura dar força à sua ideia inicial de que ‘língua’ se trata de uma palavra ideal para fazer parte da lista em composição. Na linha 18, porém, B1 inicia uma discordância também ao lançar mão de um cenário já vivido. Para ela, a língua não desempenha um papel tão importante para a definição de *Heimat*, mesmo porque, de acordo com seus próprios relatos, B1 parece ter se sentido “em casa” (ou em uma espécie de segunda pátria) quando as pessoas ao seu redor falaram em alemão no aeroporto. Interessante perceber, além disso, que B2, ao dar

continuidade à argumentação nas linhas 29 e 31, introduz a narração de outra experiência – a qual não se encontra completamente transcrita no trecho acima.

Vê-se, pois, apenas por meio de um curto exemplo, como as participantes lidaram com as tarefas propostas no decorrer de toda a gravação. Trata-se quase de uma competição, em que os sujeitos precisam prestar contas de suas experiências para que seus argumentos ou ideias sejam devidamente validados. Em outras palavras, enquanto uma participante apresenta uma experiência em favor do argumento A, outra, logo em seguida, lança mão de outra experiência em prol do argumento B, e assim por diante. Em termos sequenciais, talvez seja até mesmo possível falar de ‘responsividade’. Na linha 29, por exemplo, a contribuição de B2 *es war super lustig* (foi super engraçado) projeta outra experiência, a princípio sem indicações de responsividade temática em relação ao segmento 28, ainda no turno de B1. No entanto, uma vez que a inserção de outra experiência pessoal por B2 se coloca justamente como contraponto argumentativo às ideias de B1, é possível notar certa responsividade entre as falas das duas brasileiras.

De qualquer maneira, supõe-se que a discussão em torno do conceito de *Heimat* fez com que as participantes relacionassem alguns aspectos semânticos do termo com suas próprias histórias, fato que, por sua vez, ilustra como o sentido de *Heimat* foi construído em conjunto pelas entrevistadas nessa interação específica. Assim sendo, as contribuições singulares de cada sujeito permearam a negociação de sentido de modo tal que, ao final da entrevista, mesmo tendo permanecido algumas perguntas sem uma resposta definitiva ou sem a concordância entre as envolvidas na discussão, obteve-se um fragmento multifacetado daquilo que *Heimat* pode significar, isto é, das informações que poderiam até mesmo constituir uma entrada no dicionário.

De fato, com base no comportamento evidenciado acima, pode-se afirmar que essas experiências relatadas se colocam como uma das fontes principais para a formação dos *frames* relativos ao termo *Heimat*. Nesse sentido, convém reforçar a ideia de que o modo de construção contínua dos *frames* se deu pela relação entre o termo *Heimat* e fatos cotidianos vividos pelas participantes. Sob essa ótica, foi possível confeccionar uma espécie de lista, a qual contém os temas (encapsulados em palavras-chave) que mais foram discutidos por meio de experiências:

Lista 1: Relações entre *Heimat* e experiências*Heimat* e língua*Heimat* e comida*Heimat* e costumes*Heimat* e personalidade*Heimat* e nacionalidade

Para que se tenha uma ideia de como essas relações puderam ser deduzidas da interação, convém retomar o trecho 1, apresentado anteriormente na seção de análise, o qual se encaixa muito bem no item “*Heimat* e costumes”:

```

001  A1:  ~ja,=
002      =aber so was ↓Engt natürlich ahm vielleicht im im ERSTEN
        moment schon ein bisschen ein;=
003      =da hatte ich in den Ersten wochen HIER schon das
        gefühl;=
004      =<<all> das ist ↓OAH;>
005      =es sind alle so NETT;=
006      =und alle sind soFORT;=
007      =<<acc,f> oh wir umARMen uns und alles;>
008      und irgendwie fällt mir das <<all> ist mir das> SCHWER
        gefallen.=
009      =weil ich (es) einfach irgendwie keine Ahnung (-)
        ACHTzehn jahre lang einfach nicht nicht so ´hAtte;=
010      =also es [ist nicht so dass] meine eltern mich nie
        um↑ARMT haben;=
011  A2:      [((ri))      ]
012  A1:  =odEr h° mich nie: (.) WEIß ich nicht;=aber;
013      ts JA;
014      (-) und ich glaube in de in ´dEm (.) `sinn (.) engt das
        schon manchmal ein bisschen (.) ein bisschen EIN;

```

Esse trecho fora utilizado para ilustrar o *status* intercultural da interação filmada, tendo A1 explicitado sua perspectiva como estrangeira em relação ao costume de dar abraços

no Brasil. De volta à questão dos *frames*, embora A1 não tenha feito uso de recursos narrativos (como no caso do discurso direto, por exemplo) para comentar a questão do abraço, percebe-se ainda assim a presença de traços em sua fala que remetem a experiências pessoais. A saber, existe a referência óbvia na linha 3 ao fato de que A1 se encontra em solo estrangeiro – a dêixis local se mostra pelo uso de *hier* (aqui), enquanto a referência temporal é feita pelo adjunto adverbial de tempo *in den ersten Wochen* (nas primeiras semanas [de intercâmbio]). Além disso, em vez de neutralizar seu discurso com o pronome *man* (o qual em português indetermina a qualificação do sujeito: “se”) e, dessa forma, atribuir sua fala a qualquer pessoa, A1 faz questão de usar o pronome *ich* (eu) e, com isso, apresentar a sua versão dos fatos – apresentar, mesmo sem relatos ou histórias, experiências pessoais que são importantes para a argumentação da participante.

Já em relação ao item “*Heimat* e nacionalidade”, segue o trecho abaixo:

Trecho 7: ((43:26 – 43:57min, Questão 4: *Você possui algum tipo de vínculo emocional com a sua pátria, seja ela qual for? Tente definir esse vínculo.* B2 apresenta sua experiência como estrangeira em Versalhes))

- 001 A2: [ja.]
(é)
- 002 B2: [<<all> und das ist<>] <<all> auch KOmisch;>=
(e isso também é estranho)
- 003 =weil (.) <<all> zum BEIspiel;>=
(porque por exemplo)
- 004 =als ich <<len, h> in verSAlhes war,>
(quando eu estava em versalhes)
- 005 A1: hm_HM,
- 006 B2: †dAnn (.) man hat diese: ah spezifische: ´linien für (.)
euroPÄIsche.
(aí você tem essas ah linhas específicas para europeus)
- 007 A1: †WIRklich;
(sério)
- 008 B2: [<<p, olhando para baixo> ja es (hat)->]
(é tem)
- 009 B1: [AH:: das pas]

- (ah isso acon)
 siert SEHR oft in [frankreich.]
 (tece frequentemente na França)
- 010 B2: [<<f> und>] [´DES`halb;]
 (e por isso)
- 011 A1: [ah (.) KRASS.]
 (ah que isso)
- 012 B2: <<all> und dEshalb würde ich> [SAGen;]=
 (e por isso eu diria)
- 013 B1: [ist eine]
 [WARTeschlange.]
 (é uma fila)
- 014 B2: =[ich bin mich]
 (eu não)
 [n NICHT da in hEimat;]
 (estou na pátria)
- 015 A1: [<<para B1, sussurrando> habe ich NIE gesehen. >]
 (eu nunca vi)
- 016 B2: [weil ich (.) ´nicht ↓TEIL davon bin.]
 (porque eu não faço parte disso)
- 017 A1: [°hhh]
- 018 [ja:.]
 (é)
- 019 A2: [hm_HM.]
- 020 A1: [ja.]
- 021 A2: [ja.]
- 022 B2: (-) ich (.) <<len> geHÖre nicht;>
 (eu não pertenço)
- 023 dann;;
 (então)
- 024 A2: ja;
- 025 B2: <<all, p> ich geHÖre nicht zu;>=
 (eu não pertenço)
- 026 =<<pp, levanta os ombros> dann,>
 (então)
- 027 A1: <<p> ach KRASS.>

(ah que isso)

028 B2: ja.

029 A2: hm::

030 B2: <<f> das ist> äh/also (.) <<f, palmas das mãos estendidas
para frente> du bist nicht europäisch;>
(isso é äh então você não é europeu)

031 <<polegares para cima> oQUEI?>

Aqui, as participantes discutem mais uma vez como definir *Heimat*, mas com foco específico em um tema proposto por B1: “a Europa pode ser considerada *Heimat*?”. Depois de algumas contribuições, B2 afirma ser *Heimat* melhor definido quando relacionado ao termo ‘nação’ e, com base nesse raciocínio, inicia um relato de quando estava na cidade de Versalhes, na França. Como se pode perceber ao longo do trecho acima, B2 se qualifica como não europeia, isto é, um sujeito que não possui um passaporte europeu e, por isso, distingui-se daqueles que o possuem – como no caso de filas separadas. Tal autodenominação pode ser observada, por exemplo, nas seguintes expressões: *weil ich nicht teil davon bin* (porque eu não sou parte disso [da Europa]) ou *ich gehöre nicht* (eu não pertencço [à Europa]). Mais interessante é notar como a brasileira ironiza seu *status* ao simular, nas linhas 30 e 31, uma fala que a desqualifica exatamente por não ser europeia – *du bist nicht europäisch oquei* (você não é europeia, ok?). O aumento da intensidade da voz, juntamente com o gesto de “enquadramento” (possivelmente uma referência metafórica a um quadro ou *outdoor* em que estaria escrito justamente o que B2 vocifera) servem como pistas focais para a contextualização pejorativa da nacionalidade de B2.

Com base nos exemplos expostos acima, vale ressaltar que o raciocínio analítico aqui construído parte do princípio de que grande parte do insumo que constitui o(s) *frame(s)* atrelado(s) ao uso do termo *Heimat* advém de experiências pessoais das participantes entrevistadas. Entretanto, esses *frames* não contêm somente informações que remetem às vivências de cada sujeito, como se verá logo a seguir. Antes de se passar para o próximo tópico, porém, faz-se necessário salientar que não se pretende com a lista acima ilustrada postular de maneira categórica os *frames* que dão sentido aos termos *pátria* e *Heimat* no Brasil e na Alemanha. Na verdade, a coleção de *frames* desse trabalho foi realizada com foco

específico nos objetivos interacionais das participantes filmadas e, desse modo, com atenção especial à negociação de sentido promovida *in loco*. Como já dito anteriormente, tem-se como resultado não só uma lista de *frames* compreendidos em isolamento, mas sim um complexo esquema de referência construído em conjunto – por brasileiras e por alemãs.

4.3.3.2 Variação informacional nos *frames* de *Heimat*

Com efeito, as transcrições sugerem que os *frames* em análise se pautam também em referências que vão além da experiência pessoal – que, na verdade, estão mais atreladas a preconceitos ou a visões tradicionais e convencionais em relação à temática da *pátria*. Bem como no caso da lista 1 (acima), coloca-se a lista 2 abaixo como uma possível segunda camada de temas discutidos em relação a *Heimat*:

Lista 2: relações entre tradição histórica e *Heimat*

Heimat e sentimento

Heimat e história

Heimat e militarismo

Decerto, o que diferencia a segunda lista da primeira é justamente o papel desempenhado pela história militar recente do Brasil e da Alemanha, isto é, pela ditadura militar (1964-1985) e pelo regime nazista (principalmente na Segunda Guerra, 1939-1945), respectivamente, na conceituação de *Heimat*. No caso, o trecho a seguir pode exemplificar melhor essa questão:

Trecho 8: ((23:25 – 23:54min, Questão 3: *Heimat ist wichtig für ein Volk*. B1 argumenta em favor de que o sentido de *Heimat* pode ser mais individual do que a pergunta sugere))

001 B1: <<all> also> für ↑M:ICH,
(então pra mim)

002 (---) HEImat ist_also hAt (.) ah:m-
(heimat é então tem ahm)

003 ist <<rall> individuELLer (.) als: (.) das.>=also;
(é mais individual que isso então)

004 heim also dieses geFÜHL von heimat <<rall> kAnn zum
 beispiel mAchen;>
(então esse senso de heimat pode fazer por exemplo)

005 so dass: (.) eine person <<balança a cabeça> in (-) in>
 KRIEG gEht;=
(que uma pessoa vá para para a guerra)

006 =↑oder so WAS,
(ou sei lá)

007 (-) ↑↑Aber,
(mas)

008 zum beispiel ich kenne eine eine ↓DEUtsche,=
(por exemplo eu conheço uma alemã)

009 =die geSAGT hat,=
(que disse)

010 =<<acc, encolhe os ombros> ah ich habe keine HEImat.>
(ah eu não tenho heimat)

011 [↓und,]
(e)

012 A1: [hm.]

013 A2: hm.

014 B1: ist das WIChtig,=
(isso é importante)

015 =↑nein;
(não)

016 sie LEBT,=
(ela vive)

017 =sie ARbeitet,=
(ela trabalha)

018 =<<rall, dim> alles ↑GU:T;>
(tudo certo)

Para contextualizar melhor esse trecho, as participantes se veem diante da difícil missão de mensurar a veracidade da sentença *Heimat ist wichtig für ein Volk* (Pátria é importante para um povo), contida na questão (2). B1, então, argumenta em favor de uma visão menos geral, menos coletiva e, por consequência, mais individual do termo *Heimat*, segundo a qual, bem como defendido pelo teórico Eigler (2012), as relações patrióticas de um indivíduo podem tomar proporções que vão muito além de demarcações territoriais. Com efeito, B1 se vale também de uma experiência pessoal para sustentar sua opinião, como se pode notar a partir da linha 8, em que B1 menciona uma conhecida que, a princípio, afirma não ter uma pátria.¹²⁸

O mais marcante nesse trecho, porém, é o que se encontra nas linhas 4, 5 e 6 – entre o início da argumentação e a evocação da experiência pessoal. Trata-se, no caso, do reconhecimento de um *Gefühl von Heimat* ou, melhor dizendo, *Heimatgefühl* – traduzível como “sentimento de pátria”, o qual, segundo B1, poderia conduzir alguém à guerra em defesa de seu país ou povo. Convém ressaltar, entretanto, que, embora B1 reconheça a existência de tal comportamento patriótico, este não é preferido pela entrevistada. A brasileira, ao articular sua argumentação, faz uso de uma estratégia bastante profícua em discussões que, supostamente, concede mais valor e força ao ponto de vista sendo defendido. Tal subterfúgio, denominado ‘concessão’,¹²⁹ prevê a existência de dois pontos de vista, X e Y, sendo X previamente aceito para que, em um segundo momento, as duas visões possam ser contrastadas, a fim de que, finalmente, Y se sobreponha como argumento vencedor. De fato, B1, nas linhas 4, 5 e 6, executa uma concessão e reconhece a possível opinião de que o conceito de *Heimat* pode abarcar noções mais coletivas – como no caso daquele que vai lutar em defesa de sua pátria. No segmento 7, contudo, a conjunção adversativa *aber* (mas) é bastante acentuada e produzida com elevação do tom de voz, tudo isso para contextualizar a opinião de B1, isto é, o ponto de vista que deve ser aceito pelas cointerlocutoras. Sob essa

¹²⁸ Questiona-se, aqui, o emprego do termo ‘experiência pessoal’, tendo em vista o trecho 8, em que B1 se vale de uma conhecida para construir sua argumentação. Logicamente, não se trata então de vivência pessoal, mas sim da apropriação de uma experiência – é, de fato, a pessoa conhecida que não tem uma pátria, e não B1. A validade de ‘experiência pessoal’, a saber, refere-se mais ao estabelecimento de contatos e relações interpessoais, os quais desempenham papel importante na construção de opiniões e pontos de vista individuais das participantes entrevistadas.

¹²⁹ Tal estratégia argumentativa será explicada e discutida em mais detalhes na seção 4.3.5.2.

ótica, uma vez que a parte concedida (linhas 4, 5 e 6) serve somente como respaldo argumentativo – não corresponde à verdadeira opinião de B1 –, a participante parece contextualizar toda essa etapa de argumentação por meio de uma fala arrastada, mais lenta (principalmente na linha 4), a qual confere ao ponto de vista concedido certo valor de inferioridade ou de menor importância. A partir da linha 8, por outro lado, nota-se uma fala mais rápida, ágil, em que B1 expõe sua verdadeira relação pessoal com o conceito de *Heimat*, mesmo que tal relação tenha sido apresentada pela perspectiva de uma conhecida.

Outro trecho que ilustra essa relação mais pejorativa atrelada ao conceito de *Heimat* pode ser vista abaixo:

Trecho 9: ((44:22 – 44:45min, Questão 4: *Você possui algum tipo de vínculo emocional com a sua pátria, seja ela qual for? Tente definir esse vínculo.* A2 defende mais uma vez a ideia de que alemães não poderia ter sentimento de patriotismo))

001 A2: jA ich (.) WEIß nicht;
(é eu sei lá)

002 <<all> ich find je mEhr man im> AUSland lebt,
(eu acho que quanto mais se vive no exterior)

003 desto <<len> WEniger> identifiziert man sich mit der
hEimat.=
(menos a pessoa se identifica com heimat)

004 =<<f> aber ich finde die DEUtschen> sind noch immer so_n
spezi[Alfall;]
(mas eu acho que os alemães são ainda um caso especial)

005 A1: [<<rola os olhos para cima> ja.>]
(é)

006 A2: <<olha para a câmera> deshalb SCHWIErig für dieses>
(por isso é difícil para essa)
[<<olhando para a câmera> interview> tut mir leid,]
(entrevista sinto muito)

007 A1: [††haha <<rindo> STIMMT.>]
(é verdade)

008 A2: [weil wir (.) überhAupt keinen patriotISMus haben;]
(porque a gente não tem nenhum patriotismo)

009 A1: [((ri))]

- 010 A2: <<olha para a esquerda, sorrindo> aufGRUND unserer
geschIchte;>
(por causa da nossa história)
- 011 [und uns we][der mit der flagge identifIZIERen;]
(e a gente não se identifica com a bandeira)
- 012 B1: [hm.]
- 013 B2: [o ja oquei geNAU;]
(ah tá ok certo)
- 014 A2: nOch mit irgend[welchen deutschen WÜRSTchen;=oder SO.]
(nem com nenhuma salsicha alemã sei lá)
- 015 B2: [also es GAB so viele:-]
(então tinha tantas)
- 016 B1: [hahahaha]
- 017 A1: [hahaha]
- 018 A2: [haha]

Nesse exemplo, A2 parece tentar dar um desfecho para a discussão sobre a relação entre *Heimat* e Europa (apresentada anteriormente nesta seção). A alemã, porém, foge um pouco do tema e se comporta de forma bem destoante ao que foi apresentado no trecho 7 (em que B2 relata sua experiência em Versalhes). No caso, esse trecho não possibilita uma ligação direta e fácil entre a ação verbal de A2 e sua experiência pessoal. Na verdade, a impressão que se tem a partir da leitura é de que o ponto de vista de A2, mesmo sendo individual, é apresentado por meio de uma postura muito mais coletiva.

Primeiramente, tal suposição pode ser verificada pela presença do pronome pessoal *man*, o qual, como já dito anteriormente, não possui referência explícita, e, além disso, tende a distanciar o falante daquilo que é dito (LIEBSCHER, 2006). Outros índices de tal postura mais coletiva se referem aos itens *wir* (nós) e *unserer* (nossa), os quais são utilizados por A2 em uma generalização forte, segundo a qual nenhum alemão poderia ter qualquer sentimento de patriotismo devido à história do país. Nas linhas 8 e 10, em que a questão do patriotismo alemão é mencionada, A2 acentua especificamente as palavras *überhaupt* (absolutamente) e *aufgrund* (por causa) e, com isso, tenta demonstrar a relação de causa e efeito entre a história alemã e a inabilidade de se ter patriotismo.

Com base na argumentação de A2, os alemães em geral não conseguem nem se identificar com a bandeira – um dos símbolos mais altos da nação. Além disso, o fato de A2 classificar os alemães como um *Spezialfall* (caso especial) no tocante à pátria é sintomático para a caracterização desse outro lado do *frame* de *Heimat*. Tanto é que, no instante em que A2 faz esse comentário, A1 rola os olhos para cima e concorda (*ja*), como numa expressão que refletisse simultaneamente desânimo e resignação.

Quando se lê toda a transcrição, parece plausível afirmar que A2 defende constantemente uma postura menos nacionalista em relação ao conceito de *Heimat*, isto é, A2 não se identifica tanto com os traços tipicamente relacionados aos alemães – como no caso da comida, do estereótipo físico, entre outros – e não os vê como essenciais quando o assunto é *Heimat*. Nesse sentido, todo o argumento apresentado no trecho 9 ecoa de certa forma uma predileção por uma pátria menos nacional e mais individual. O interessante, porém, é perceber que justamente os traços mais negativos atrelados ao sentido de *Heimat* – no caso, a questão da história militar alemã – são verbalizados por meio de itens que expressam coletividade, sem o menor vínculo com experiências pessoais.

Por um lado, é claro que, no que tange ao regime nazista na Alemanha ou à ditadura no Brasil, nenhuma das participantes entrevistadas poderia apresentar relatos sobre essas épocas (o máximo possível seria comentar algo sobre conhecidos ou parentes que se lembram de tais períodos, como A2 o fez em relação a sua avó no trecho 2). Por outro lado, constata-se que, no que diz respeito às contribuições que remetem a essa temática mais negativa de *Heimat*, as estruturas verbais associadas a relatos ou narrativas ou itens que evidenciam certo grau de experiência pessoal do falante estão quase sempre ausentes. Com efeito, na fala das participantes, por exemplo, não há conhecidos que participam de protestos de extrema direita, bem como não são exaltados os respectivos hinos e bandeiras nacionais. A esse respeito, quando A2, em outro momento da interação, pergunta se B1 utiliza muito a palavra *pátria* no dia-a-dia, esta responde o seguinte:

Trecho 10: ((64:32 – 64:55min, Questão 7: *Considere a seguinte tradução: Pátria → Heimat. Você concorda com ela? Por quê? Há alguma tradução melhor?* B1 e B2 definem os contextos em que *pátria* pode ser utilizado))

- 001 A2: aber würdet ihr (-) benutzt ihr Eher den: begriff <<dim,
p> pátria;>
(*vocês utilizariam vocês utilizam o termo pátria*)
- 002 B1: (-) ↑ja.
(*sim*)
- 003 <<h> das KANN man;>
(*é possível*)
- 004 <<all> also es klingt> [ein bisschen poE]tisch,
(*então soa um pouco poético*)
- 005 B2: [an der SCHule.]
(*na escola*)
- 006 [oDER,]
(*não é*)
- 007 A2: [ja.]
(*é*)
- 008 B1: [schon] n_bisschen jA so ein aus einem BUCH,
(*um pouco é meio que de um livro*)
- 009 [ja,]
- 010 A2: [ja.]
- 011 B2: ja;
[po´Etisch und]
(*poético e*)
- 013 A2: [<<all> aber wär Eher als LAR.>]
(*mas seria mais frequente que lar*)
- B2: <<olha para baixo, l> in der schule.>
(*na escola*)
- 014 B1: (-) ja:.
- 015 B2: <<pp> SIcher.>
(*com certeza*)
- 016 B1: ja:: so ein bisschen [↑KINDlich,]
(*é tipo um pouco infantil*)
- 017 A2: [HM_hm.]
- 018 B1: [<<h> kann es SEIN;>]
(*pode ser*)
- 019 A2: [HM_hm.]
- 020 B1: ja;

realizado com uma fala mais lenta, sendo que B1 ainda fecha os olhos e movimenta a cabeça também de forma vagarosa – tudo isso simultaneamente. Essa lentidão durante *total militär* parece servir para produzir a afirmação óbvia e irrefutável de que *pátria* e militarismo são elementos quase indissociáveis na história do Brasil – vale lembrar que B2 pode também se pautar em suas experiências (conversas e leituras, por exemplo) para se manifestar de tal forma.

De qualquer maneira, mesmo que se consiga inferir alguma relação entre *pátria/Heimat* e suas experiências pessoais, o comportamento verbal de B1 e B2 nesse trecho permanece coerente, isto é, no que diz respeito ao *frame* mais pejorativo de *Heimat*, as estruturas que demonstram esse vínculo experiencial – como discurso direto, a introdução de personagens, pronomes em primeira pessoa, entre outros – não são empregadas.

Isso posto, convém agora relembrar rapidamente a reportagem feita pela revista alemã *Der Spiegel*, mencionada já algumas vezes nessa dissertação. Como bem aponta Kurbjuweit (2012) em seu artigo, as entrevistas feitas com os alemães tiveram um objetivo inicial, a saber, desconstruir o conceito coletivo de *Heimat* e, por conseguinte, promover uma imagem multifacetada e moderna da Alemanha a partir de conceitos individuais de *Heimat*. Nas palavras do jornalista:

All das ist in den kollektiven Heimatbegriff eingeflossen: Natur, Dorf, Familie, Schönheit, Gemeinschaft, Einfachheit. Die gute Familie im intakten Dorf in schöner Natur, dazu das Glockengeläut der Kirchen – damit wird das Wort Heimat noch immer verbunden. Und deshalb ist es manchen ein verdächtiges Wort, es klingt ihnen nach nazihafter Deutschtümelei oder nach Schmalz und Pathos. Hat Heimat das verdient? Oder ist es nicht Zeit, sich vom kollektiven Heimatbegriff zu verabschieden, weil der als Klischee vergangener Zeiten praktisch keine Bedeutung mehr hat? Vielleicht zählen in der modernen Welt vor allem individuelle Heimatbegriffe, die in der Summe aber auch ein Bild von Deutschland ergeben können. (KURBJUWEIT, 2012, p. 62)¹³¹

¹³¹ Tradução e grifos do autor: “Tudo isso teve influência no conceito coletivo de *Heimat*: natureza, vila, família, beleza, comunidade, simplicidade. A boa família na intacta vila na bela natureza, além do tocar dos sinos das igrejas – a palavra *Heimat* ainda é ligada a isso. E, por esse motivo, ela é para alguns uma palavra suspeita, soa-lhes como glorificação nazista ou como sentimentalismo ou pathos. *Heimat* mereceu isso? Ou já é não tempo de se despedir do conceito coletivo de *Heimat*, uma vez que, como clichê de tempos passados, este praticamente não tem mais significado? No mundo moderno, talvez, sejam importantes principalmente conceitos individuais de *Heimat*, os quais em sua soma podem também resultar em uma imagem da Alemanha.”

Com efeito, o termo ‘conceito coletivo’ foi retirado justamente da reportagem em pauta e coube muito bem para a segunda camada de *frames* apresentada acima – a parte “negativa” de *Heimat*. Em outras palavras, as transcrições sugerem que, quanto mais as participantes entram num domínio referencial mais “negativo” no tocante à *pátria*, mais elas se enquadram no que Kurbjuweit chama de ‘conceito coletivo’, seja em relação ao Brasil, seja à Alemanha. Sob essa ótica, não parece ser desimportante o fato de que expressões referenciais inexatas (como *man*, em alemão) ou categóricas (como fez B2 em *total militär*) ocorram em tais circunstâncias. Ora, de acordo com a constelação interacional desenvolvida pelas participantes – pessoas com educação superior, com experiência de estudo internacional, com capital cultural obtido através de várias viagens, que expõem suas experiências pessoais sobre um assunto complexo –, seria no mínimo estranho se alguma delas defendesse regimes totalitários no meio da discussão. Por essa razão, faz sentido que elas tenham empregado estratégias que as distanciassem da temática em jogo. Por outro lado, ao defenderem de forma tão íntima seus conceitos individuais de *Heimat*, por mais conflitantes que estes possam ter parecido, as participantes se aproximaram bastante do objetivo expresso por Kurbjuweit, isto é, de que o conceito de *pátria* ou *Heimat* possa ser reinventado por meio da contribuição individual de cada sujeito.

4.3.4 Estratégias de definição

Na seção anterior, discutiram-se principalmente as abordagens utilizadas pelas participantes para a realização das tarefas que serviram de estímulo para a interação. Por exemplo, constatou-se que ao conceito de *Heimat* foram atreladas vivências pessoais de cada participante, sendo tais experiências, na verdade, suporte para as estratégias argumentativas de cada entrevistada. No caso, esses testemunhos serviram de base para a análise inicial do *frame* comunicativo de *Heimat*, isto é, afirma-se que temas-chave como ‘comida’, ‘língua’, ‘costumes’, ‘personalidade’ e ‘nacionalidade’ fazem parte de um esquema referencial amplo e complexo que se faz presente em conversas sobre *pátria* – pelo menos no que diz respeito à

interação filmada. Além disso, esse *frame* parece ser constituído por referências que fogem ao âmbito experiencial dos sujeitos; informações que giram em torno de temas associados a períodos ditatoriais tanto no Brasil quanto na Alemanha, os quais influenciaram e, com base nos trechos aqui discutidos, continuam a deixar uma marca significativa no sentido de *Heimat*.

Tendo sido todas essas informações computadas para análise, pode-se supor que o comportamento verbal das brasileiras e das alemãs não apresentou variação muito clara em ambas as camadas do *frame* em destaque. Nesta seção, todavia, introduzem-se alguns comentários sobre essa questão, isto é, sobre algumas das distinções mais importantes na fala das brasileiras e das alemãs no tange à definição de *pátria*. Para tanto, serão focalizadas aqui as principais estratégias empregadas pelas participantes – desde simples listas de palavras até estruturas conversacionais mais complexas, como a narrativa.

4.3.4.1 A criação de relações lexicais

Como já explicitado anteriormente na seção reservada à Fundamentação Teórica,¹³² os campos lexicais (TRIER, 1931 *apud* GEERAERTS, 2010), dadas as devidas considerações de ordem metodológica, são ferramentas interessantes para a descrição semântica de um item lexical. Na verdade, a junção de palavras que compartilham traços semânticos parece ser uma atividade profícua quando o sentido de uma palavra-chave está em jogo. Com efeito, para as participantes entrevistadas nesse estudo a associação de itens lexicais foi de grande valia para a construção de uma definição de *Heimat*, como se pode ver no trecho a seguir:

Trecho 11: ((65:37 – 65:53min, Questão 8: *Tente elaborar uma definição mais detalhada para os seguintes termos: 'pátria'; 'lar'. Depois, diferencie os significados*

¹³² Ver páginas 47-51 para mais detalhes.

de cada termo. B1 apresenta dificuldades para dar uma definição concisa ao termo Heimat))

001 B1: so ein eine defini↑TION ist zu schwEr;=
(uma definição como essa é muito difícil)

002 =wenn man SAGT <<all> zum beispiel;>=
(quando se diz por exemplo)

003 =wie es auf EINS war;=also;;
(como foi o caso da pergunta um tipo)

004 welche beGRIFFe ha[ben damit zu tun,]=
(quais termos tem a ver com isso)

005 A2: [<<pp> ja (und SAMMeln).>]
(é e juntar)

006 B1: =gut.=
(tudo bem)

007 =aber (-) WAS ist heimat;
(mas o que é heimat)

008 zum beispiel e ein (.) ein kolLEG von dir kommt,
(por exemplo um colega seu chega)

009 und_↑AH ich habe dieses wOrt gesEhen;
(e ah eu vi essa palavra)

010 was was beDEUtet [<<p> das;>]
(o que significa isso)

011 A2: [ja:.]
(é)

Bem ao final da filmagem, as participantes são confrontadas com questão (8) e, assim, requisitadas a formularem definições completas do item *Heimat*. B1, ao tomar o turno para si, aponta que uma definição desse tipo seria muito difícil. Segundo ela, mais eficiente seria tentar associar alguns termos que “tem a ver” (linha 4) com *Heimat*. De fato, as participantes esbarraram constantemente no problema de atribuir ao termo em pauta uma definição final e, mesmo assim, permaneceram fiéis à estratégia de associação. Segundo as participantes, as palavras que mais se associam ao conceito de *Heimat*, com base na questão (2), são as seguintes (na ordem em que foram mencionadas): (a) *zu Hause* (estar em casa); (b) *Essen* (comida); (c) *Sprache* (língua); (d) *Zugehörigkeit* (pertencimento); (e) *Nation*

(nação) e (f) *Identität* (identidade).¹³³ Interessante perceber que, embora estas tenham sido as palavras escolhidas para resposta da questão (2), muitas outras foram utilizadas com o mesmo intuito – termos como *Land* (país), *Stadt* (cidade), *Ort* (lugar), *Familie* (família), *Haus* (casa), *ich selbst* (eu mesmo), *Europa*, *Deutschland* (Alemanha) e *Brasilien* (Brasil) foram também mencionadas pelas participantes. Talvez uma das falas mais emblemáticas de tal comportamento seja a seguinte:

Trecho 12: ((24:43 – 25:02min, Questão 3: *Heimat ist wichtig für ein Volk*. A2 faz uma série de associações lexicais ao termo *Heimat*))

001 A2: aber du musst ja heimat <<dim> nicht mit einem LAND
assoziieren.>
(você não precisa associar heimat com país)

002 A1: aber womit denn SONST,=
(mas com o quê então)

003 A2: =es kann auch_n ORT <<rall> sein;>
(também pode ser um lugar)

004 es kann ja auch ein HAUS <<rall> sein;>
(também pode ser uma casa)

005 was du der [((incompreensível))]
(que você)

006 B1: [((incompreensível))]

007 A2: oder es kann eine faMIlie <<rall> sein;>
(ou também pode ser uma família)

008 <<f> also heimat ist ja nicht_automatisch LAND;>
(então heimat não é automaticamente um país)

009 also (.) klAr kannst du die assozia'TION ha`ben;
(então claro que você pode fazer essa associação)

010 aber heimat ist ja <<mãos juntas seguram algo no ar>
nur_n konZEPT;>
(mas heimat é somente um conceito)

011 also_n richtiges konZEPT;
(então um conceito de verdade)

¹³³ Após a análise, esses dados serão comparados àqueles obtidos com os questionários e *corpora* virtuais. Ver seção 5.2.

012 was die geSELLschaft <<dim, rall> geschaffen hat.>
 (que a sociedade criou)

Pouco antes desse trecho, A1 procura mensurar a validade da sentença *Heimat ist wichtig für ein Volk* (Pátria é importante para um povo), mas encontra dificuldades. Segundo a alemã, trata-se de uma ideia que implica necessariamente a relação entre *Heimat* e *Land* (país), de modo que, se um povo possui uma pátria, é porque esse povo se encontra nos limites políticos de um país. Nesse sentido, uma vez que A1 conhece somente a realidade de povos que têm pátria, isto é, povos que vivem em países, a participante se julga incapaz de avaliar a sentença. Nesse momento, porém, entra em cena A2, com seu argumento voltado completamente para a relativização das relações semânticas possíveis do item *Heimat*. A2, por exemplo, cita os termos *Ort* (lugar), *Haus* (casa) e *Familie* (família) para, então, abstrair nas linhas 10 e 11 o sentido de *Heimat* por meio do item *Konzept* (conceito).

Ainda a respeito desse trecho, vale notar o modo como A2 articula prosodicamente sua resposta a A1. A saber, os eventos transcritos nas linhas 3, 4 e 7, justamente onde A2 cita várias formas de associação possíveis com a palavra *Heimat*, possuem uma estrutura sintática muito similar: *es* (sujeito) + *kann* (verbo modal: poder) + *ein* (artigo) + *Wort* (a palavra em destaque) + *sein* (verbo ser no infinitivo). Com isso, fica claro perceber que A2 provê A1 com diversas possibilidades (veiculadas sobretudo pela modalização verbal) de associação – *Heimat* pode ser um lugar, uma casa ou uma família.

Essa similaridade sintática, porém, não é o único elemento que sinaliza essa lista de possibilidades. No caso, o nível paraverbal observado nos três eventos (3, 4 e 7) é bem constante, tendo em vista a distribuição dos acentos focais e a realização da curva prosódica final. Em primeiro lugar, são acentuadas justamente as palavras que possivelmente significam *Heimat* (*Ort*, *Haus* e *Familie*) e, com isso, A2 coloca tais termos em nível de igualdade com o item *Land* (país).

Além disso, destaca-se o movimento prosódico final em cada um desses três eventos como indicador das possibilidades de associação. Para que se compreenda esse mecanismo paraverbal, vale citar o trabalho de Schwitalla (2006, p. 66-72), o qual verifica a existência

de certa repetição da curva prosódica quando, na interação, listagens de qualquer tipo são realizadas. Nesse caso, tem-se a seguinte lista de A2:

```
003 A2: es kann auch_n ORT <<rall> sein;>
004     es kann ja auch ein HAUS <<rall> sein;>
007 A2: oder es kann eine faMIlie <<rall> sein;>
```

Interessante perceber que, segundo Schwitalla, essas listas geralmente apresentam um fim, um último item que carrega em si a marca prosódica associada com o fechamento: o movimento prosódico descendente (no GAT2, expresso pelo ponto final). Na lista feita por A2, contudo, parece não haver esse fechamento da lista (todas as marcações indicam uma curva prosódica não tão descendente como aquela expressa pelo ponto final), isto é, A2 não conclui a tarefa de associar *Heimat* a diferentes aspectos da vida cotidiana. Desse modo, é possível afirmar que, em vez de A2 finalizar sua lista de palavras, a alemã a deixa em aberto ao generalizar o sentido de *Heimat* com o termo *Konzept*, o qual, por sua vez, pode refletir as mais diversas relações semânticas, a depender de cada grupo social, de cada indivíduo. O comportamento de A2, portanto, ilustra muito bem o tom dessa interação – ao menos no que se refere às tentativas de se definir *Heimat* com palavras. Outras estratégias foram também utilizadas, como se vê a seguir.

4.3.4.2 A imersão narrativa

De acordo com a seção anterior, ainda não foi possível detectar diferenças mais agudas entre o comportamento verbal das brasileiras e alemãs. Espera-se, porém, que o que se apresenta a seguir possa alterar um pouco tal suposição.

De fato, as participantes do Brasil, ao tentarem responder às questões, bem como às colegas, empregaram estruturas discursivas que se assemelham bastante ao que se denomina ‘enunciado narrativo’, isto é, “unidades textuais realizadas na conversação que são

organizadas através de uma sequenciação temporal de acções” (MORAIS, 2010, p. 45). De acordo com esse teórico, estruturas narrativas ancoradas no discurso podem carregar em si diversas funções, tais como, por exemplo, ironizar ou divertir algum interlocutor. Para a presente dissertação, porém, destaca-se como mais interessante a função “em primeira instância voltada para o cotexto” – por meio da qual o sujeito articula sua argumentação de forma narrativa, seja para ilustrar uma tese, seja para comprovar o erro de terceiros (MORAIS, 2010, p. 87).

Essa postura argumentativa/narrativa, a saber, já foi mencionada anteriormente, por exemplo, com base no trecho 6. Mas, antes que as discrepâncias de comportamento entre brasileiras e alemãs sejam apresentadas, vale se perguntar o que exatamente atribui ao trecho 6 e a tantos outros encontrados nas transcrições esse caráter diegético.

Segundo Morais (2010, p. 73-75), uma narrativa prototípica poderia ser dividida em fases distintas, cada qual com sua função específica no que diz respeito à estruturação interacional da história. Com efeito, o autor chega a descrever até 6 etapas diferentes, as quais, no entanto, podem se sobrepor e, assim, acumular mais de uma função comunicativa. A primeira, ‘ataque’, serve como anúncio ou resumo da narração, a partir da qual os papéis de narrador e narratário devem ser aceitos para que o ato de narrar possa prosseguir normalmente. A ‘orientação’, por sua vez, tem como função a construção do cenário narrativo, o qual se constitui de tempo e espaço distintos do plano interacional, bem como da apresentação de atores e suas respectivas ações. Já a ‘ação’ abrange o problema central da história, ou seu ‘gatilho’, a partir do qual várias outras ações são concatenadas por meio de relações de causa e efeito. A quarta fase, chamada de ‘resolução’, apresenta o desfecho de todas as ações anteriores e, além disso, torna claro qual o tipo de ‘transformação’ (com o personagem principal ou com alguma situação descrita) ocorrida desde a introdução da narração. Por último, há a ‘avaliação’ e a ‘coda’, os quais, de forma resumida, são responsáveis pela “moral da história” e pela retomada do fluxo interacional padrão – em que os papéis de narrador e narratário são substituídos pelos de interlocutores.

Com base nessa versão bastante superficial do trabalho desenvolvido por Morais (2010), passa-se agora à observação mais detalhada de um trecho narrativo retirado da filmagem, como se vê a seguir:

Trecho 13: ((15:21 – 16:37min, Questão 2: *Liste seis palavras que, em sua opinião, melhor se ligam ao conceito de pátria. Compare sua resposta às dos outros participantes.* B2 narra sua ida a um cinema para ver um filme em alemão))

- 001 A1: =<<acc> natürlich ist muttersprache immer noch was
Anderes;>=
(claro que a língua materna é algo diferente)
- 002 =[auf JEden fall;]
(lógico)
- 003 B1: [ja:]
(é)
- 004 A1: (-) aber (.) vielleicht kommt man irgendwann zuSAMMEN.
(mas talvez dê pra relacionar)
- 005 (-) gut dass man ne sprache hat die man irgendwie GLEICH
gut spricht oder;
(é bom que se tenha uma língua que é tipo falada tão bem
quanto ou)
- 006 (-) worum man sich vielleicht glEich gut AUSdrücken
<<dim> kann oder;>=
(com a qual se pode expressar tão bem quanto ou)
- 007 =<<crepitante> ich WEIß nicht.>
(sei lá)
- 008 B2: ja also ich (.) war (.) ich bin im <<all> KIino gewesen;>
(é então eu fui eu fui no cinema)
- 009 <<p> am ´SAMStag;>
(no sábado)
- 010 und ich HAbe die/
(e eu vi)
- ich weiß nicht ob (-) ihr das schon (.) geSEHen
habt;=ahm;
(eu não sei se vocês já viram ahm)
- 011 (--) es heißt die geliebte ↓SCHWESTern,
(ele se chama die geliebte schwestern)
- 012 B1: [(nicht).]
(não)
- 013 A1: [hm:.]
- 014 B2: [ist von] SCHILler und;

(*é do schiller e*)

015 A1: hm:.

016 B2: (0.99) <<ff> Und (.) als ich da SAß,>
(*e quando eu sentei lá*)

017 (-) <<all> ich habe geDACHT;>
(*eu pensei*)

018 ja (.) <<dim> ich kann kaum> <<voz crepitante> DEUTSCH.>
(*é eu mal falo alemão*)

019 A1: [oQUEI.]

020 A2: [<<rindo> hm_HM,>]

021 B2: (-) <<pp> ich> †KANN kaum dEutsch.
(*eu mal falo alemão*)

022 [<<all, a cabeça> also WIRklich.>]
(*tipo sério*)

023 A2: [((ri))]

024 B2: ich kann !NICHTS! verstehen.
(*eu não entendo nada*)

025 ich konn'te (.) keine `Ahnung (.) eine präpositiON oder
so;
(*eu pude sei lá uma preposição ou coisa do tipo*)

026 <<f> ich ´kann †DEUTSCH;>
(*eu falo alemão*)

027 A1: [ja.]
(*é*)

028 A2: [hm_HM.]

029 B2: [ich kann ´EUCH] verstehen <<all, l> zum beispiel;>=
(*eu consigo entender vocês por exemplo*)

030 =ich kann SPRECHen;
(*eu consigo falar*)

031 A2: ja.

032 B2: a´ber (.) <<projeta a cabeça para frente,
franze as sobrenacelhas> als ich da_geHÖRT habe,>=
(*quando eu escutei lá*)

033 =<<p, balança a cabeça> ja das ´Ist kein †DEUTSCH.>
(*é isso não é alemão*)

034 komm;

(como assim)

035 A1: [hahahahaha]

036 A2: [((ri))]

037 B2: <<rindo> WEIßT du;>
(sabe)

038 und ich WAR (-) mit einer `frEun´din,=
(e eu tava com uma amiga)

039 =und_sie spricht auch `DEUTSCH,
(e ela também fala alemão)

040 (-) und wir ´HAben (-) darÜber `gerEdet;
(e nós falamos sobre isso)

041 ich habe (.) <<h, olha para o lado> verSTEHST du was,>=
(eu falei você entende alguma coisa)

042 =↓weil also (.) WIRklich.
(porque tipo sério)

043 A2: hm_HM.

044 B2: <<sorrindo, dim> das kann (.) das muss ein dia´LEKT
`sein;=oder SO;>
(isso pode isso tem que ser um dialeto sei lá)

045 A2: hm_HM.

046 B2: <<ff> ↑jA> ein BISSchen (.) schOn;
(é um pouco isso mesmo)

047 weil es IST;
(porque é)

048 <<all> ich WEIß nicht;>
(sei lá)

049 <<rall, balança a cabeça, franze as sobrancelhas> vom
sturm und DRANG (.) vokabulAr;>
(vocabulário do sturm und drang)

050 A1: [<<len> ja (ist) auch kompliZEIRter.>]
(é também é mais complicado)

051 B2: [<<len> ja: (genau) kompli>]
(é verdade compli)

052 A2: [((incompreensível))]

B2: [ZIERT.]
(cado)

- 053 A2: [((incompreensível))]
 054 ((incompreensível))
 055 B2: <<ff> †DAS meine ich;>
 (isso que eu quero dizer)
 056 A1: [ja:.]
 057 B2: [´WEIßT `du;]
 (sabe)
 058 [mit der SPRache.]
 (com a língua)
 059 A2: [<<pp> (ja) STIMMT.>]
 (é verdade)
 060 B1: [hm_HM.]
 061 B2: [wenn es auf im] auf portugiesisch WÄre,
 (se fosse em português)
 062 (-) <<p, all, palmas das mãos para cima em frente ao
 corpo> ich könnte ALles verstehen.>
 (eu poderia entender tudo)
 063 A2: [ja.]
 064 B2: [†DAS] meine ich;
 (isso que eu quero dizer)
 065 B1: [ah ja aber wenn es.]
 (ah é mas se)
 066 B2: [<<pp> verSTEHST du;>]
 (entende)
 067 A2: [<<pp> ja STIMMT.>]
 (é verdade)
 068 B1: [(das) portug der portugiesisch also †ALtes portu]
 (o port o português então português antigo)
 069 B2: [weil ich literatur so viel LIEbe;]
 (porque eu amo tanto literatura)

Antes de B2 iniciar sua contribuição, as participantes estavam discutindo sobre a relação entre *Heimat* e língua (*Sprache*), sendo que B2 já havia, em momento anterior, dito que, em seu conceito de *pátria*, a língua materna desempenha um fator decisivo, tendo em vista que se pode compreender todas as coisas com mais facilidade – desde a leitura de

jornais até consultas com médicos (ver trecho 6). Para defender esse ponto de vista, B2 inicia uma narração que tematiza sua tentativa (aparentemente malfadada) de assistir a um filme em alemão com sua amiga.

Como se pode notar na linha 8, B1 toma o turno para si (antes o turno era de A1) por meio do item *ja* e, logo em seguida, já introduz a sua narrativa com a fase de ‘orientação’, isto é, não há nada que resuma o conteúdo da história, mas sim a apresentação direta da personagem (ela mesma – *ich*), do espaço (no cinema – *im kino*) e do tempo pretérito (no sábado – *am samstag*). Bem como Morais (2010, p. 69) aponta em seu trabalho, B2 se preocupa com o *status* de novidade de sua contribuição ao proferir nas linhas 10, 11 e 14 o nome do filme juntamente com a temática principal – a vida do poeta romântico alemão Friedrich Schiller. Interessante perceber que essa parte introdutória da narração é produzida com um volume e tom de voz mais baixos, além de uma postura mais retraída (cabeça encarando o chão e a mão no bolso), como se B2 preparasse suas interlocutoras para os fatos ainda não contados.

Com efeito, depois de uma pausa de quase um segundo, B2 levanta a cabeça e dá força vocal a sua narrativa, justamente para acentuar o grande momento da história e separá-lo prosodicamente do restante. No caso, o clímax *ja, ich kann kaum deutsch* (é, eu mal falo alemão) é reportado em discurso direto com o retorno de um registro tonal mais baixo, acompanhado de sorrisos e expressões faciais que, pode-se supor, sugerem resignação e comicidade. É possível perceber o quanto essa afirmação é determinante para a narração, visto que B2 a repete ao menos duas vezes (linhas 21 e 24), bem como reforça sua declaração com *also wirklich* (traduzível como “tipo, sério”), em que *wirklich* é bastante acentuada.

Digno de nota, além disso, é a interrupção repentina do plano diegético a partir da linha 26. Nesse momento, percebe-se mais uma vez uma divisão temática da fala de B2 estabelecida por meios paraverbais, como o novo aumento da intensidade vocal em *ich kann deutsch* (eu falo alemão) – no caso, é justamente essa pista prosódica que distingue o plano narrativo daquele tido como “padrão” para a filmagem. Dessa forma, B2 faz questão de que suas interlocutoras não se confundam ao ouvirem uma afirmação como “eu falo alemão”, a qual entra em desacordo com o clímax promovido pela narração. Tem-se, portanto, uma ruptura narrativa por meio da qual B2 esclarece, em termos óbvios, que consegue falar

alemão, mas que teve extrema dificuldade para entender o que era falado no filme. A partir da linha 32, então, com emprego da conjunção adversativa *aber* (mas), B2 sinaliza o retorno ao plano narrativo, mais uma vez com ênfase em sua inabilidade de compreensão.

Do segmento 38 ao 40, B2 introduz um novo ator – sua amiga que, inclusive, também fala alemão. Nas linhas 41 e 342, B2 faz uso novamente do discurso direto, dessa vez como se conversasse realmente com sua amiga e a perguntasse: *verstehst du was?* (você entende alguma coisa?), para, enfim, atestar a dificuldade em pauta novamente com *also wirklich*. Esse recurso utilizado por B2, ao reportar diretamente sua fala, parece ser, de certo modo, empregado de forma dramatizada. Tal teatralidade, por exemplo, pode ser verificada na linha 41 por meio do comportamento não verbal de B2, quando esta olha para o lado (para ninguém em específico), como se sua amiga estivesse ao alcance de seu olhar.

Afirma-se, nesse caso, que a encenação de B2 – constituída de repetições, oscilações prosódicas e conversas simuladas – não foi engendrada levemente, mas sim com o intuito de convencer as interlocutoras (em um plano interacional, fora da narrativa) de que a língua estrangeira não possui tanta força como a materna para a definição de *Heimat*. Convém lembrar que essa experiência narrada de B2 foi somente inserida como contraponto às argumentações de B1, para quem a língua estrangeira também pode significar *Heimat*. Nesse cenário, o fato de B2 não ter conseguido assistir ao filme em alemão reflete justamente seu posicionamento observado no trecho 6, isto é, de que somente com a língua materna é possível executar tarefas cotidianas com mais perfeição e, conseqüentemente, sentir-se realmente em casa (traduz-se, aqui, *em casa* como *pátria*).

Salienta-se ainda, na linha 49, a justificativa dada por B2 que deveria supostamente atestar as dificuldades já mencionadas, a saber, o fato de o filme apresentar o vocabulário complexo e rebuscado do *Sturm und Drang* (‘Tempestade e Ímpeto’) – movimento literário alemão que antecedeu o Romantismo, no qual se destacam Goethe e Schiller como expoentes. Ao que parece, a explicação de B2 surte efeito, tendo em vista a repercussão causada em A1 na linha 51. Ao dizer *sturm und drang vokabular*, B2 diminui bastante a velocidade e intensidade de sua fala e, com isso, atinge quase uma vez crepitante para, finalmente, abrir espaço para as outras interlocutoras se pronunciarem e, assim, sinalizar também o final da narração.

Pouco depois, é notável como B2 mantém o domínio sobre o turno sem, contudo, continuar a história. No caso, como a “moral da história” não foi destacada suficientemente no corpo da narração, B2, a partir da linha 55, apresenta a ‘avaliação’ de modo mais descritivo, isto é, como uma parte posterior, mas complementar à narração. A primeira frase, de fato, soa exatamente como o prelúdio à explicação da história contada: *das meine ich* (isso que eu quero dizer), expressa com alta intensidade vocal. Segue-se a isso uma formulação subjuntiva e, conseqüentemente, a criação de um cenário hipotético em que, se o filme estivesse em português, B2 compreenderia tudo, ainda mais ao se tratar de literatura – um tema tão querido pela brasileira (linha 69).

Com base no exposto acima, vê-se que a estratégia narrativa possui certa eficácia argumentativa, sobretudo devido à teatralidade com que B2 narra os fatos. A esse respeito, vale citar o trabalho de Günthner (1999) baseado na noção de ‘polifonia’ (ou da presença de várias vozes reportadas no discurso), defendida principalmente por Bakhtin.¹³⁴ Segundo a autora, a noção de ‘polifonia’ pode ser exemplificada da seguinte forma: “In reporting past utterances, the speaker 'decontextualizes' speech from its original co- and context and 'recontextualizes' it in a new conversational surrounding” (GÜNTNER, 1999, p. 686). Além disso, a autora aponta para o uso de pistas prosódicas para a sinalização da presença de uma voz distinta, isto é, uma voz que foge ao tempo e espaço relativos ao interlocutor.¹³⁵ Com efeito, é com base na utilização de tais pistas que o interlocutor consegue diferenciar se o enunciado se refere ao plano interacional ou um plano narrativo específico, bem como distinguir as personagens criadas pelo discurso reportado. Como exemplo, segue o trecho abaixo:

Trecho 14: ((18:07 – 18:40min, Questão 2: *Liste seis palavras que, em sua opinião, melhor se ligam ao conceito de pátria. Compare sua resposta às dos outros*

¹³⁴ BAKHTIN, M. The problem of speech genres. In: BAKHTIN, M. *Speech Genres and other late essays*. Austin, TX: University of Texas Press, 1986, p. 60-102.

¹³⁵ Convém ressaltar que Günthner focaliza principalmente como a prosódia serve de ferramenta para que o interlocutor consiga moldar o discurso reportado aos seus objetivos interacionais. No caso, o sujeito consegue não somente dar vida a uma figura em sua fala, mas também avaliar o comportamento e atitudes da mesma figura, simplesmente por meio de diferentes pistas de contextualização.

participantes. B2 narra um episódio com seu professor sobre a questão da nacionalidade alemã))

001 B2: ´dAnn (.) solche DINge;
(então essas coisas)

002 das ist KOMisch;=
(é estranho)

003 =weil ↑manchMAL ↓zum beispiel;
(porque às vezes por exemplo)

004 <<len> heute (.) ah:: beim UNterricht,>
(hoje ah na aula)

005 (-) mein LEHrer <<all> hat gefragt;>
(meu professor perguntou)

006 <<l, all> ja du bist du hast schon in deutschland
geWOHNT;=ja,>
(tá você já morou na alemanha certo)

007 (.) <<l> ja RICHTig.>
(sim certo)

008 (-) und DANN hat (.) <<all> er fragt;>
(e aí ele perguntou)

009 ja wIe ist DAS;
(tá como que é isso)

010 wenn ´man <<l> zum beispiel> ein abendessen HAT;
(quando por exemplo você tem um jantar)

011 dann (-) man nimmt <<olha para A1, balança a cabeça
positivamente> ´IMmer (-) ↓Etwas mit;>
(então você leva sempre algo com você)

012 <<balança a cabeça positivamente, p> das ist ALso;>
(isso é tipo)

013 A1: [((concorda com a cabeça))]

014 A2: [ja.]
(é)

015 B2: <<pp> ein/> (-) und dann <<f> JA genAu das ist sO.>
(um e aí isso certo é isso mesmo)

016 <<all, h> und DANN ich fühlte mich;>
(e aí eu me senti)

017 <<l, p> ja ich bin fast DEUTsche.>

(é eu sou quase alemã)
 018 <<rindo> ALso;>
 (então)
 019 [<<eleva os ombros, f> ich f ich FÜHLe>]
 (eu me eu me sinto)
 020 A1: [hm_HM.]
 B2: mich so ein bisschen dEutsche.
 (assim um pouco alemã)
 021 [und;]
 (e)
 022 A2: [hahaha]
 023 B2: <<sorrindo> also gleich´ZEItig (.) ¶nIcht.>
 (então ao mesmo tempo não)
 024 <<pp, all> überHAUPT nicht weißt du;>
 (de forma nenhuma sabe)
 025 A1: [hm.]
 026 A2: [hm_HM.]
 027 B2: [<<p> ja ist KOmisch.>]
 (é é estranho)
 028 A2: [ja vielleICHT;]
 (é talvez)

Tem-se, acima, mais uma estrutura narrativa empregada por B2, quando esta, ainda em relação à temática da língua, começa a desviar do assunto central, ou melhor, divagar um pouco. Dessa vez, porém, a narradora inicia sua história com um ‘ataque’ ou resumo avaliativo expresso por *das ist komisch* (isso é estranho). Em seguida, B2 “prepara o terreno”, isto é, cria o cenário diegético com a apresentação do tempo (hoje – *heute*) e espaço (na aula – *beim unterricht*), bem como dos atores: professor (*lehrer*) e ela mesma (representada somente no discurso direto como *du* – você, a pessoa para quem o professor fez a pergunta).

Convém salientar rapidamente que, nos termos da Análise da Conversação, o ‘ataque’ feito por B2 na linha 2 é caracterizado como *story preface* (SIDNELL, 2010, p. 176). Trata-se de um recurso narrativo responsável por suspender, de certa forma, os pontos na interação em que a troca de turno poderia ocorrer. De fato, tendo em vista que uma história se constitui

de mais de um evento transcrito (ou mais de uma *unidade entonacional*), o narrador precisa deixar claro para seus interlocutores que o final do prefácio (no caso, na linha 2) não deve ser interpretado como uma oportunidade para a tomada de turno por outros participantes, mas sim como o início de uma série de eventos que constituirão uma narrativa. Dessa forma, o sujeito consegue manter o seu turno de fala e, assim, completar sua história sem interrupções. Com efeito, observa-se exatamente esse fenômeno no trecho 14, no qual B2 narra os fatos relativos à conversa com seu professor sem perder o turno de fala – no caso, A1 e A2 apresentam um comportamento comunicativo bastante consoante com seus papéis de narratárias, tendo sido suas contribuições compostas somente por risadas (linha 22), movimentos corporais (linha 13) e sinais de *back-channeling* (linhas 14 e 20). Somente na linha 28 é que A2 inicia outra contribuição e, com isso, muda o tópico da conversa.

Como em um romance em que o narrador prepara a fala de uma personagem, aqui B2 também o faz de forma bem clara. Na linha 4, quando a brasileira diz *heute beim unterricht* (hoje na aula), o movimento prosódico final é levemente ascendente, talvez novamente para criar certa expectativa entre as interlocutoras. Depois de uma pausa, a fala seguinte, *mein lehrer hat gefragt* (meu professor perguntou), é iniciada lentamente com *mein* em sintonia com a velocidade observada no evento anterior. No restante da frase, contudo, nota-se um aumento constante da velocidade na fala, justamente para que B2 possa reportar a fala do professor na linha 6, basicamente com a mesma velocidade. O evento “meu professor perguntou”, portanto, serve como meio de transição entre uma fase ‘orientacional’ para uma fase mais ‘acional’.

Com efeito, a pergunta do professor *du hast schon in deutschland gewohnt ja* (“você já morou na Alemanha, certo?”), mais estruturada em função de uma confirmação, termina também com uma curva entonacional ascendente. Em termos gerais, essa seria uma das pistas para que a figura do professor fosse demarcada no discurso, bem como para que se esperasse a introdução de outra voz, encarregada de responder ao professor,¹³⁶ a qual, de fato, é representada na linha 7 com a resposta de B2: *ja richtig* (isso, correto). Porém, um fato não

¹³⁶ Como já descrito anteriormente, a Análise da Conversação postula que uma pergunta se caracteriza como a primeira parte de um ‘par adjacente’, sendo uma resposta a ação prototipicamente esperada no plano sequencial. A resposta, no caso, é tida como ação preferida, isto é, ação que, depois, não precisa ser justificada, ou *accounted for*. Ver seção 3.2.1.3 para mais detalhes.

poderia passar despercebido nessa análise, a saber, a pequena pausa existente entre as contribuições do professor e de B2. Uma vez que nem o tom e a velocidade da fala, nem o comportamento não verbal de B2 oscilam de maneira significativa – a brasileira permanece olhando para o chão com o mesmo movimento das mãos –, somente a pausa, estrategicamente colocada entre os dois *ja's* durante o fluxo discursivo, é responsável por contextualizar os dois atores da narração e, assim, diferenciá-los para as interlocutoras.

Mais tarde na narração, o professor quer confirmar se os alemães levam sempre algo consigo quando convidados para um *Abendessen* (jantar) – no sentido de algum ingrediente, a sobremesa, bebidas ou algo do tipo. Nesse momento, B2, como estrangeira, parece ela mesma buscar confirmação com suas coparticipantes alemãs, visto que a fala na linha 11 (supostamente a continuação do discurso diretamente reportado do professor) interrompe completamente o padrão prosódico verificado nas linhas 9 e 10 devido à inserção de pausas. Além disso, B2 passa a olhar diretamente para A1 a partir de *immer* (sempre) e a confirmar com a cabeça, como se requisitasse que A1 aprovasse a descrição de um costume alemão feito por uma estrangeira. Desse modo, tem-se a mescla de duas vozes na linha 11, sendo a primeira do professor (original como continuação do discurso reportado) e a segunda da própria B2, ao pedir ajuda para suas colegas. Nesse caso, como se pode observar, tanto A1 quanto A2 confirmam as suposições de B2 – com um aceno de cabeça e um *hm_hm* positivo, respectivamente.

O mais interessante, depois de acertadas as dúvidas de B2, é perceber como a brasileira apresenta um comportamento entonacional bem dinâmico no escopo de somente três eventos curtos. Na linha 15, por exemplo, B2 responde ao questionamento do professor com aumento da intensidade vocal e ligeira queda do registro tonal, pistas responsáveis pela contextualização do discurso reportado da própria brasileira. Já na linha 16, B2 volta ao plano narrativo original e, com isso, eleva o tom de voz, a fim de preparar suas interactantes para o clímax da história com *und dann ich fühlte mich* (e então eu me senti). Aqui, vale lembrar que a estrutura sintática de *sich fühlen* (se sentir) funciona de forma ambígua; B2, a saber, poderia ter continuado simplesmente com *deutsche* (alemã), de modo a qualificar, sem o discurso reportado, seu estado emocional durante a conversa com seu professor. B2, porém, quase sem pausa alguma, prossegue sua fala com *ja ich bin fast deutsche* (é eu sou quase

alemã) e, para sinalizar que se trata de uma fala reportada, B2 volta a falar em um registro tonal mais baixo. É notável como B2 faz uso de ‘se sentir’ como verbo declarativo, isto é, da mesma forma que ‘dizer’, ‘perguntar’, ‘responder’ são tipicamente responsáveis pela introdução de falas reportadas (MORAIS, 2010, p. 253). Finalmente, após repetir como se sentia (também por meio do discurso direto na linha 21), B2 finaliza, na linha 27, sua história com a mesma ‘avaliação’ feita no ‘ataque’ – *ja ist komisch* (é, é estranho).

Vê-se, portanto, como as pistas prosódicas são, às vezes, essenciais para a manipulação da narração, seja para apenas diferenciar o que é discurso reportado, seja para diferenciar entre as várias vozes presentes na história. Com efeito, tais recursos, como já dito, são observados quase exclusivamente nas contribuições das participantes brasileiras, bem como a utilização de estruturas narrativas para que argumentos sejam validados. Impressionantemente, uma rápida esquadrinhada¹³⁷ em todos os eventos transcritos comprova a afirmação de que, nessa interação, as narrativas fizeram parte muito mais do repertório comunicativo das brasileiras que das alemãs. Por exemplo, no que diz respeito à expressão *als ich* (traduzida como “quando eu”, mas com foco temporal no passado), pode-se afirmar, com base nos trechos 6 e 7, que se trata de uma conjunção capaz de indicar um cenário alocado em um tempo pretérito, anterior ao tempo presente da enunciação. No caso, das 12 ocorrências de *als ich* (no sentido exposto acima) encontradas em toda a interação filmada, nenhuma foi empregada pelas alemãs, como se pode ver na figura abaixo. Naturalmente, a outras expressões pode ser atribuída a mesma função, tais como *bei mir war* e *dieses Mal* (“no meu caso” e “dessa vez”, respectivamente – ambas no trecho 6), mas, independente de sua forma, a criação de um cenário narrativo no passado foi conduzida quase sempre pelas brasileiras. Mesmo no caso em que há certa projeção ou referência ao passado, como no caso do trecho 2, em que A2 menciona as histórias de sua avó a respeito da Segunda Guerra, não se observam estruturas de discurso reportado, descrição de cenários ou de vozes.

Afirma-se, finalmente, que a imersão se configura como uma estratégia argumentativa profícua no que se refere ao sentido de *Heimat*. Como já afirmado em outras

¹³⁷ Esse esquadrinhamento foi possível por meio da ferramenta concordanciadora EXAKT, pertencente ao *software* EXMARaLDA.

ocasiões, esse tema evoca discussões em que, principalmente no caso das brasileiras, são estabelecidas conexões entre os sentidos de *Heimat* e aspectos da vida cotidiana das participantes. Esse salto argumentativo para a narração da vida pessoal é, de fato, marcante, uma vez que não se faz necessária explicitação por parte do falante a respeito do caráter narrativo de sua contribuição. Aqui, vale retomar rapidamente o trecho 13, em que B2, logo na linha 8, inicia a narração de sua experiência no cinema. No caso, o turno pertencia anteriormente a A1, a qual termina sua argumentação com uma relação de concessão (linhas 1 e 2) – isto é, A1 concede ao fato de que a língua materna é importante para a realização das tarefas do dia-a-dia e, por consequência, para a afirmação do vínculo entre *Heimat* e *Muttersprache* (língua materna). Nas linhas, 4, 5 e 6, porém, A1 introduz uma reflexão final que se contrapõe à importância dada à língua materna. Ao final de seu turno, no segmento 7, A1 diz *ich weiß nicht* (eu não sei), como sinal de suas dúvidas em relação ao tema em pauta. Nesse momento, B1 toma a voz crepitante de A1 como sinal para uma possível troca de turno e, assim, inicia diretamente sua narração. Com efeito, a brasileira não faz comentários sobre os argumentos de A1, nem qualquer tipo de estrutura pré-narrativa, de forma a preparar suas interlocutoras para a história que se aproxima – há, na verdade, a inserção direta da narração no jogo argumentativo em torno da relação entre *Heimat* e língua. Esse exemplo, portanto, mostra mais uma vez como as brasileiras tendem a atribuir certa responsividade às suas narrações, sem que, a princípio, haja algum vínculo mais explícito entre as histórias contadas e os argumentos previamente oferecidos pelas outras participantes.

EXAKT search

RegEx (T) Search: als ich

#	S	... Speaker	Left Context	Match	Right Context
1	<input checked="" type="checkbox"/>	B1	weil	als ich	in deutschland warmanchmal würde ich mit
2	<input checked="" type="checkbox"/>	B1	istoder entfemt istdann vermisst man so	als ich	indeutschland warhabe ich viel mehr nach
3	<input checked="" type="checkbox"/>	A1	ass man sich viel mehr dazwischen bewegt	als ich	jetzt
4	<input checked="" type="checkbox"/>	B2	↑SPRache, <=> also ERSte ding das ich/>	als ich	HIER (.) in brasilien <<all> zurückgekom
5	<input checked="" type="checkbox"/>	B2	m dann in _DEUTSCHland.> (-) <<all> und	als ich	in deutschland WAR;>= =<<aponta para B1>
6	<input checked="" type="checkbox"/>	B2	(0.99)und	als ich	da saß.ich habe gedacht.ja ich kann kaum
7	<input checked="" type="checkbox"/>	B2	aber	als ich	da gehört habe.boah das ich kein deutsch
8	<input checked="" type="checkbox"/>	B2	r zeitwo äh in nämlich in saarbrücken war	als ich	philosophie studiert habedann erinnere i
9	<input checked="" type="checkbox"/>	B2	und das istauch komischweil zum beispiel	als ich	in versalhes war
10	<input checked="" type="checkbox"/>	B2	nicht ahalso weißt ihr wei_weißte ihr was	als ich	in köln jetzt warsie haben eine demonst
11	<input checked="" type="checkbox"/>	B2	ja ich bin viel mehr nationalist	als ich	in deutschland bin als hiersicher
12	<input checked="" type="checkbox"/>	B2	lehrer von mir ein deutschlehrer	als ich	in saarbrücken warhabe ich diese studien
13	<input checked="" type="checkbox"/>	B2	ich habe nur deutsch gesprochen	als ich	in deutschland gewohnt habeaberalso ich

Figura 7: Ocorrências de *als ich* na interação

4.3.4.3 A prática de observação

Agora que parte do comportamento discursivo das brasileiras já foi desvendada, convém mudar o foco para as participantes alemãs e seu modo de argumentação. A princípio, como já constatado na seção anterior, A1 e A2 não empregaram estruturas narrativas como o fizeram as brasileiras. Na verdade, as transcrições sugerem que, em vez de saltos para o passado e falas altamente dramatizadas, as alemãs apresentaram uma tendência maior a lidar com a temática da *pátria* de maneira mais “objetiva”, isto é, com um teor mais claro de reflexão em torno do assunto. A esse respeito, colocam-se as pesquisas desenvolvidas por Schröder (2005, 2006) como referência para as análises aqui apresentadas.

A autora, a saber, procurou analisar, entre outros, a performance comunicativa de brasileiros e alemãs no que tange à apresentação de si mesmo. Para tanto, Schröder conduziu uma série de entrevistas com sujeitos das respectivas culturas e os questionou a respeito de itens diversos da vida cotidiana, de forma bem abrangente, como se pode notar na pergunta “O que significa família para você?”. Desse modo, a autora esperou encontrar

“respostas dissertativas a partir das quais poderia ser feita uma análise dos conceitos, metáforas e estruturas etc.” (SCHRÖDER, 2005, p. 296) atrelados a cada comunidade de fala.

Com efeito, ao se basear nas repostas coletadas, Schröder chegou à conclusão de que os alemães apresentaram um estilo de fala mais caracterizado pela perspectiva de um “espectador”, isto é, constatou-se que os participantes alemães refletem bastante sobre o próprio desempenho comunicativo durante a apresentação se si mesmos, como se eles se observassem de uma plateia e, dessa maneira, pudessem fazer comentários sobre seus comportamentos (SCHRÖDER, 2005, p. 301-304). Tal postura, no caso, reflete-se em nível verbal pela presença de comentários metapragmáticos e de autocríticas, por meio dos quais os entrevistados avaliavam a própria fala. Para exemplificar esse fenômeno, destacam-se abaixo dois trechos retirados da filmagem feita para a presente dissertação:

Trecho 15: ((18:59 – 19:28min, Questão 2: *Liste seis palavras que, em sua opinião, melhor se ligam ao conceito de pátria. Compare sua resposta às dos outros participantes. A2 insere o termo *Zugehörigkeit* à lista de associações a *Heimat*)*

001 A2: ich bin ganz schnell im AUSland,
(tão rápido eu estou no exterior)

002 is man schnell der <<len> AUSländer.>
(já se é o estrangeiro)

003 oder der oder die [<<all> hier halt die>]
(ou o ou a aqui a)

004 B2: [ja toTAL.]
(é bem isso)

A2: [<<aponta o polegar para a esquerda> DEUTsche;=ne,>]
(alemã né)

005 B1: [((ri))]

006 A2: also ist ja egAl ob_ich ri↑CARda bin;
(então é independente se eu sou a ricarda)

007 oder ob ich hier <<rindo, all> was ich hier ↑MACHe;>=
(ou se eu aqui o que eu faço aqui)

008 =so NE,=
(tipo né)

009 B1: [((ri))]

010 A2: [=ich bin] SO;
(*eu sou assim*)

011 [<<sorrindo, aponta para a esquerda> ah JA;>]
(*ah é*)

012 B2: [ja.]

013 A2: <<sorrindo, apontando para a esquerda> die DEUTsche.>
(*a alemã*)

014 [<<rindo, apontando para a esquerda> oh ah ja die AUS>]
(*oh ah é a estran*)

015 B1: [hahahaha]

A2: <<rindo> länderin;=ne,>
(*geira né*)

016 B2: [<<sorrindo> ja:: toTAL.>]
(*é bem isso*)

017 A2: [oder (-) in Indien] ganz [stark halt auch die]
(*ou na índia bem forte também a*)

018 B1: [die GRINga.]
(*a gringa*)

A2: WEI[ße;]
(*branca*)

019 B2: [ja.]

020 A2: [<<olha para B1> die GRINga.>]

021 B1: [hahaha]

022 A2: [<<olha para a câmera> ((incompreensível))>]

023 B1: [hahaha]

024 A2: <<sorrindo> und dann bist du schnell so <<len>
isoLIERT>>;
(*e aí você fica rapidamente isolado*)

025 und fühlst dich so_n bisschen so wie <<aspas com as mãos>
der AL also ALien> oder so;=ne,
(*e se sente um pouco como o al tipo alien ou sei lá né*)

026 B1: [hm_HM.]

027 B2: [ah_HAM.]

028 A2: [haha] [°hh]

029 B2: [<<p> toTAL ja.>]

(é isso mesmo)
 030 A2: also (.) <<fecha os olhos, sorrindo> überTRIEBen>
 natürlich;=ne,
 (então claro que é exagerado né)

Trecho 16: ((33:51 – 34:07min, Questão 3: *Heimat ist etwas für Romantiker*. A2 argumenta que *Heimat*, na verdade, não é um tema só para românticos))

001 A2: ich würde AUCH nicht <<dim> dem so viele punkte geben.>
 (a ela eu também não daria muitos pontos)
 002 außerdem würde ich mich jetzt nicht als <<f, len, olha
 para cima> Außerordentlich roMANTisch>
 bezeich[<<rindo> nen;>]
 (além disso eu também não me descreveria agora como
 extraordinariamente romântica)
 003 B1: [ha]
 004 A1: [hahaha]
 005 A2: [<<rindo> also;>]
 (então)
 006 B1: [hahaha]
 007 A1: [hahaha]
 008 A2: °°h <<sorrindo> norMAL.>
 (normal)
 009 und ich glaube heimat gehört_irgendwie doch auch zu JEdem
 (.) dazU;=
 (e eu acho que heimat pertence tipo a qualquer um)
 010 =man hat sich mal mit dem auseinANdergesetzt;=
 (alguma vez já teve que lidar com isso)
 011 =ob man reaLIST;
 (mesmo sendo realista)
 012 pe pessimIst optiMIST [<<rindo> roMANTiker;>]
 (pe pessimista otimista romântico)
 013 B1: [ja:.]

Nesses dois exemplos (momentos completamente diferentes da interação), A2 tem a posse do turno de fala. No trecho 15, as participantes estão envolvidas com a questão (2) e,

no caso, A2 acaba de adicionar mais uma palavra à lista de termos que mais se relacionam semanticamente a *Heimat – Zugehörigkeit* (pertencimento). A alemã, então, inicia sua argumentação para defender seu ponto de vista e, logo nas duas primeiras linhas, introduz uma relação de condição ancorada em experiências pessoais. A estrutura utilizada, porém, parece, em um primeiro momento, um pouco estranha: *ich bin ganz schnell im ausland / is man schnell der ausländer* (traduzível como “tão logo eu estou no exterior, rapidamente se é o estrangeiro”), ao se levar em consideração a troca repentina de sujeito (*ich* → *man*). Aparentemente, A2 procura, de certo modo, generalizar as sensações que possivelmente lhe ocorreram quando recém-chegada em um país estrangeiro.

Com efeito, os comentários sobre as experiências pessoais de A2 não são verificados somente pela presença da primeira pessoa em *ich*, mas também pelo uso, nas linhas 3 e 4, do dêitico espacial *hier* (no Brasil), bem como do qualificador *die deutsche* (a alemã), entre outros. Nesse momento, é interessante perceber que A2 se mostra ciente de seu *status* de estrangeira no Brasil. Ao proferir *die deutsche*, A2 olha para a esquerda e ergue ligeiramente o polegar esquerdo para o mesmo lado, como se estivesse apontando para si mesma, do mesmo modo que, supostamente, os brasileiros o fazem ao reconhecê-la como alemã. Esse comportamento gestual se repete nas linhas 11, 13 e 14 de maneira mais enfática e, com isso, A2 ressalta o valor do pertencimento para a definição de *Heimat*. Vale lembrar, no entanto, que todo esse comportamento se trata simplesmente de uma suposição feita por A2 em relação ao modo como os brasileiros a encaram. Decerto, a alemã pode estar certa em suas suposições, mas, independente se ela é tida como nativa ou estrangeira, repara-se no fato importante de que as reflexões de A2 sobre si mesma emergem em seu discurso.

Mais ao final do trecho 15, A2 classifica as sensações de um estrangeiro em consequência de sua recém-chegada de forma tal que o sujeito se sente *isoliert* (isolado), como um *alien*. Em seguida, depois de receber as aprovações das brasileiras em relação à argumentação conduzida até então, A2 insere na linha 30 o metacomentário *also übertrieben natürlich ne* (traduzível como “então, lógico que é exagerado, né?”) – uma avaliação de sua própria fala, sobretudo em relação ao item *alien*, o qual fora dito com certa hesitação. Nesse caso, antes mesmo que qualquer participante pudesse comentar a assertiva feita na linha 25, A2 o faz de modo jocoso e, com isso, mostra que observa aquilo que ela mesma diz.

Já no que se refere ao trecho 16, A2 tenta dar uma nota à frase *Heimat ist etwas für Romantiker* (Pátria é algo para românticos), na questão (3). De acordo com a alemã, essa não parece ser uma afirmação muito válida, uma vez que, logo na linha 1, A2 esclarece que não daria muitos pontos para essa frase. Já na linha 2, há o que Schröder (2006, p. 35) chama de “comentários autocríticos ou autoirônicos”, sendo que A2 se autoavalia como *nicht außenordentlich romantisch* (não extraordinariamente romântica). Desse modo, tem-se o início de uma argumentação baseado na visão que A2 apresenta de si mesma, como uma pessoa que, de fato, possui uma pátria, mas que, para tanto, não precisa ser qualificada como ‘romântica’.

De acordo com o raciocínio feito até aqui, esse é um dos comportamentos comunicativos que pode ser tendencialmente mais atribuído às alemãs entrevistadas, o qual se caracteriza mais pela objetividade e reflexões constantes, traços estes menos encontrados nas brasileiras, as quais, por sua vez, preferem o emprego de recursos teatrais em sua argumentação.¹³⁸ Segundo Schröder (2005, p. 304), tal diferenciação possui certo “encaixamento histórico-cultural”, por meio do qual a autora tenta apresentar as possíveis relações entre história (com suas respectivas contingências sociais e artísticas) e comportamento verbal, tanto para o caso brasileiro quanto para o alemão.

Com efeito, a autora cita uma quantidade variada de possíveis motivações para essa atitude reflexiva atribuída aos alemães e, como se demonstrou acima, às participantes da filmagem. Uma delas, por exemplo, trata dos efeitos a partir da literalização da língua alemã, processo ocorrido principalmente entre os séculos XIV e XVII (SCHRÖDER, 2006, p. 22). Com base nas associações feitas por Schröder, o modo como o homem se relaciona com suas experiências é alterado por meio da escrita, com a qual o sujeito passa a ser capaz de avaliar os fatos ocorridos a partir de níveis variados de reflexão, não mais somente por meio do fluxo linear da oralidade. Sob essa ótica, a influência da escrita na fala faz com que as ideias

¹³⁸ Não se defende, aqui, que alemães em geral se comportam unicamente por meio da (auto)observação comunicativa e que brasileiros não possuem níveis mais elaborados de abstração e reflexão. As afirmações inseridas acima fazem menção específica ao comportamento comunicativo observado na interação filmada, sobretudo às tendências que emergiram no fluxo discursivo. Na verdade, o caráter ‘objetivo’ ou ‘positivista’ atribuído ao comportamento alemão se refere muito mais ao processo de reificação da própria fala, isto é, de torná-la ‘coisa’, objeto de discussão. Isso posto, não se toma aqui posição ideológica em relação aos estilos de fala em destaque, como se a tendência à (auto)observação fosse mais bem avaliada em detrimento da dramatização. Trata-se, em última análise, unicamente de interpretação de cunho empírico dos dados coletados.

possam ser concatenadas de forma mais hipotática, isto é, de modo tal que a hierarquização do processo reflexivo possa ser mais bem expressada. No trecho 16, a saber, pode-se constatar a presença de uma hipotaxe mais desenvolvida, por exemplo, por meio das conjunções *außerdem* (além disso, linha 2) e *ob* (se, linha 9). Em contrapartida, o trecho 14 mostra que B2, em vez de completar a estrutura da sentença *weil manchmal zum beispiel* (porque às vezes, por exemplo) de modo assertivo e descritivo, inicia na linha 4 uma narrativa e, com isso, injeta a já comentada dramatização em sua argumentação.¹³⁹

Como bem aponta Schröder, esse nível de abstração reflexiva pode ser visto também no processo de criação lexical em alemão, sobretudo em relação aos chamados ‘compostos’ (*Komposita*), palavras constituídas por meio do amálgama de dois ou mais itens lexicais. Nas palavras da autora, “Em medida especial, o composto é uma expressão da literalização por descontextualizar e objetivar a experiência de modo que o significado de um significante não dependa mais da situação do seu uso, mas sim, seja transferido à própria palavra” (SCHRÖDER, 2006, p. 24). A esse respeito, vale citar rapidamente a problemática da tradução entre os termos *Heimat* e *pátria* – questão ainda a ser discutida mais adiante na análise.

No caso, em dado momento da interação, B1 afirma ser *Heimat* o único termo capaz de abranger semanticamente traços tão distintos, tais como ‘família’, ‘lugar’, ‘comida’ etc. Segundo a brasileira, o termo *pátria*, em português, não consegue ser tão flexível e, por isso, restringe-se ao escopo de um lugar e, além disso, associa-se fortemente à temática do militarismo. Como resposta, as alemãs parecem conseguir promover uma dissociação maior entre o termo *Heimat* e o conteúdo militar, o qual, por sua vez, parece estar mais atrelado ao item *Vaterland* – literalmente “terra pátria”, mas traduzido também como *pátria* para o português.¹⁴⁰ Em seguida, as alemãs explicam em mais detalhes o sentido de *Vaterland* e o associam estritamente a um lugar, à Alemanha, mas com ressalvas a respeito de seu uso,

¹³⁹ De acordo com Schröder (2015, p. 26), é possível que as brasileiras tenham feito uso de tantas estruturas narrativas por estarem envolvidas em uma discussão em alemão, isto é, por não utilizarem sua língua materna, fato que pode impor certa dificuldade argumentativa para aqueles que não são nativos. Assume-se, porém, também com base em Schröder (2005; 2006), que esses recursos narrativos contribuem para a constituição de um estilo de fala próprio do brasileiro, os quais, mesmo em português, apoiam-se em narrações para desempenhar várias ações comunicativas.

¹⁴⁰ Ver a seção 5.1 para mais detalhes de tradução.

tendo em vista que o termo poderia evocar atitudes racistas. Questionadas então a respeito de qual termo “mais adequado” para designar ao mesmo tempo *pátria* e o ‘país’, as alemãs respondem com *Heimatland*, a fusão explícita de *Heimat* e *Land*, na qual, diferentemente de *Vaterland*, não se observam conotações negativas. Toda essa discussão pode ser vista a seguir:

Trecho 17: ((69:48 – 69:57min, Questão 8: *Tente elaborar uma definição mais detalhada para os seguintes termos: ‘pátria’; ‘lar’.* Depois, diferencie os significados de cada termo. A1 e A2 discutem os sentidos atribuídos ao termo *Vaterland*))

001 B1: <<dim> was ist VAterland.>
(o que é vaterland)

002 (1.28)

003 A2: ja für Uns isses HALT;
(é pra gente é tipo)

004 man KANN es_jetzt halt so_n;;
(é possível agora tipo)

005 A1: [(es ist) miliTÄ:risch;]
(é militar)

006 A2: [palavra com]POSTa;=ne,
007 es ist halt so_n [zuSAMmen]gesetztes wOrt;=
(isso é uma palavra composta)

008 B1: [ah.]

009 A2: =von daher (.) würde man es automAtisch ah vater und
LAND;=
(isso seria automático ah vater e land)

010 =und dadurch LAND;=ne,
(e por isso land né)

011 A1: hm.

012 B1: hm_HM.

013 A2: (-) aber fühlt sich zIemlich EINdeutig;=
(mas isso é bem distinto)

014 =es ist halt nicht wie <<len> PÁtria.>
(não é como pátria)

015 sondern es ist automAtisch ein LAND,

(mas sim automaticamente um país)

((...))

016 A2: aber für mich isses AUCH ein (-) verAltetes wOrt.
 017 also ich genau ich beNÜtze <<dim> vAterland nicht.>

018 B1: [hm_HM.]

019 A2: [so es klingt SO;]

020 A1: [nee dann eher HEImat][land.]

021 A2: [es klingt ECHT] vom dritten rEich
 [(so_n)] (wOrt);=

022 A1: [ja.]

023 A2: =alSO;

024 A1: [toTAL.]

025 A2: [es ist klingt] toTAL verAltet;
 026 ah:m.

027 A1: und wenn das jemand beNÜtzt;=
 028 =ist das schon LÄNGST also oah;

029 A2: also zum beispiel <<rindo> rasSISstisch wirklich;>

030 A1: [ja:.]

031 A2: [<<pp> nicht>] NICHT positiv.

032 B1: [u^AU;]

033 A1: [ja.]

034 B1: oQUEI;

035 A2: ja.

036 B1: was würdet ihr: anSTATT (.) benutzen;

037 A2: (-) HEImat.
 038 denn äh [ah;]

039 B1: [↑↑HEImat;]

040 A1: oder heimatLAND,

041 A2: HEImatland.

042 B1: [hm_HM.]

043 A2: [ja.]

Nesse trecho, vê-se claramente o tipo de pensamento analítico que o processo de criação de compostos envolve, bem como o comportamento reflexivo das alemãs (principalmente de A2), por meio do qual elas conseguem abstrair de forma bem direta toda a

realidade encapsulada no termo *Vaterland*. Da linha 4 à 10, A2 explica para B1 qual o sentido que pode ser extraído do composto em destaque (*Vaterland* implica necessariamente o sentido ‘país’, justamente por causa de *Land*), fato que, por conseguinte, sugere que tal termo seja delimitado, distinguido com mais exatidão de outros semelhantes, tais como *Heimat* (linhas 13 a 15). A outra parte do trecho serve para ilustrar a descrição do sentido de *Vaterland* e a apresentação do termo *Heimatland*.

Enfim, parece estar suficientemente claro que o comportamento comunicativo das brasileiras entrevistadas não apresenta a “objetivação” e a autorreflexão observadas na fala das participantes alemãs. Aliás, Schröder (2005) também concede algumas explicações para a postura mais comumente adotada pelos brasileiros em contexto de autoapresentação (com base em seu *corpus*). Segundo a autora, enquanto a tendência verificada no discurso alemão aponta para temas que envolvem a (auto)observação (o sujeito espectador de si mesmo), os brasileiros parecem estar mais ligados a um comportamento de caráter “barroco”, que transcende, de certo modo, a realidade objetivamente experienciada. Dessa maneira, “Em vista de uma pluralidade de possíveis realidades que resultam de uma cultura heterogênea, não parece adequado aproveitar a língua como instrumento para copiar uma única realidade; as funções poética e fática substituem a descritiva e explicativa” (SCHRÖDER, 2005, p. 306).

Sob essa ótica, afirma-se, por fim, que as análises realizadas por Schröder (2005, 2006) sobre as apresentações de si mesmo por brasileiros e alemães parecem se encaixar com o comportamento verbal dos sujeitos entrevistados para essa dissertação. Com efeito, as brasileiras tenderam a dramatizar mais a experiência pessoal (sobretudo por meio das narrativas anteriormente citadas), bem como as alemãs se comportaram de forma mais “cartesiana”, analítica e (auto)reflexiva.

Tais constatações, porém, não se mostram conclusivas em relação à descrição do *frame* de *Heimat*, visto que elas fazem referência ao estilo de fala de brasileiros e alemães de modo mais amplo. Em outras palavras, os comportamentos aqui observados podem até contribuir para as definições do termo em uma discussão, mas eles têm um caráter mais insidioso; eles permeiam de forma mais abrangente os diversos tópicos e contextos comunicativos.

4.3.5 O conflito na interação

Chega-se, finalmente, à seção em que o conflito na interação é mais detalhadamente descrito. Com efeito, essa questão foi discutida por meio da abordagem antropológica de Agar (2002), sobretudo no que diz respeito à problemática dos *rich points* e, mais especificamente em relação a essa pesquisa, das *hotwords*.¹⁴¹ Colocam-se, pois, as *hotwords* como palavras-chave que servem de invólucro para temas culturais “delicados, tensos”, cuja utilização em interação pode resultar nas mais diversas complicações.¹⁴²

Nesse cenário, Agar, em suas observações sobre o comportamento humano atrelado ao contexto de fala, percebeu que a definição das condições de emprego e do sentido geral de *Schmäh* (AGAR, 2002, p. 100-101) causou uma série de desconfortos e discordâncias entre os vienenses que, como nativos, supostamente deveriam conseguir alcançar um nível de conceituação sem muitos problemas. Para comprovar essa variação de atitudes face ao termo *Schmäh*, Agar conduziu uma série de entrevistas com pessoas de Viena, a fim de coletar o maior número de contribuições possível para sua pesquisa e, assim, poder analisar de forma mais satisfatória o *frame* relativo a esse item lexical específico. De certo modo, a mesma abordagem foi tomada para o presente estudo, tendo em vista, é claro, a quantidade reduzida de dados coletada em comparação à pesquisa de Agar.

No que diz respeito à filmagem, foi possível encontrar vários momentos em que as participantes declararam explicitamente o quão difícil era definir um termo como *Heimat*.¹⁴³ Mesmo as alemãs, claramente em posição privilegiada em relação ao código utilizado para a discussão, não demonstraram ser capazes de definir *Heimat* com tanta eficácia. Simbólico para essa dificuldade é o trecho a seguir, em que A1 expressa veementemente sua confusão perante a tarefa de apresentar um sentido para o item em destaque:

¹⁴¹ Ver páginas 43-45 para melhor definição dos termos *rich points* e *hotwords*, respectivamente.

¹⁴² Vale salientar que essa tensão não se impõe como característica interacional absoluta em consequência do uso de uma palavra-chave (tal como *Heimat*). A tensão, no caso, é percebida *in loco*, por meio da verificação empírica do contato entre sujeitos de diferentes culturas, os quais percebem o termo utilizado como *hotword*.

¹⁴³ Convém lembrar que a discussão filmada foi conduzida quase exclusivamente em alemão, de modo que o termo *pátria*, em específico, foi em grande parte negligenciado por sua contraparte alemã, *Heimat*.

Trecho 18: ((40:12 – 40:18min, Questão 4: *Você possui algum tipo de vínculo emocional com a sua pátria, seja ela qual for? Tente definir esse vínculo. Momento que reflete a dificuldade de A1 em estabelecer qualquer relação semântica a *Heimat**))

001 B2: aber wenn (.) wenn ich sage_so ↓HEImat.
(mas quando eu falo tipo heimat)

002 was was KOMMT <<p> zu (dir);>
(o que o que lhe ocorre)

003 A1: <<balança a cabeça, voz crepitante, olhando para cima>
äh::.>

004 B2: [<<projeta o corpo para frente> nein,>]
(não)

005 B1: [haha]

006 A1: [haha]

007 A2: [haha]

008 B2: [<<balança a cabeça, contrai as sobrancelhas> nichts,>]
(nada)

009 B1: [haha]

010 A1: [↑↑nein;]
(não)

011 A2: [haha]

Aqui, após 40 minutos de discussão, B2 faz, sem rodeios, a “pergunta de um milhão de dólares” para A1: *wenn ich sage heimat / was kommt zu dir* (quando eu digo *Heimat*, o que lhe vem à cabeça?), na tentativa de condicionar a alemã a responder rapidamente à pergunta.¹⁴⁴ Na linha 3, porém, de um modo que beira o cômico para qualquer analista que assista à filmagem, A1 expressa toda sua incapacidade de definir *Heimat* por meio da interjeição *äh*, a qual, por sua vez, é produzida lentamente com uma voz crepitante acompanhada, além disso, por um contorno facial iconicamente confuso e por um balançar rápido de cabeça. Interessante perceber que, enquanto todas as participantes dão risadas sobre

¹⁴⁴ Aqui, destaca-se o fato de que B2, antes de fazer essa pergunta a A1, havia previamente respondido que o Brasil é sua pátria a uma pergunta similar feita por B1. No caso, essa resposta foi comentada por A1, a qual, a princípio, não poderia dizer o mesmo, tendo em vista, por exemplo, suas experiências em um intercâmbio na França.

o acontecido, B2 parece não aceitar a postura de A1 e continua a questioná-la com *nein* (não?) e *nichts* (nada?), ambas realizadas com um registro tonal bem agudo.

Por mais prazeroso que possa ser a citação de vários trechos que refletem a mesma postura apresentada por A1, convém agora voltar as atenções para o antropólogo Agar, o qual, além de discorrer sobre as dificuldades encontradas pelos nativos em definir um termo chave como *Schmäh*, sugeriu que a descrição dos *frames* comunicativos poderia ser abordada por meio dos postulados teórico-metodológicos da Análise da Conversação (AGAR, 2002, p. 168-180), principalmente no que tange ao fenômeno de *turn-taking*.¹⁴⁵ Com efeito, essa sugestão foi adotada para esse estudo, como já explicado na seção metodológica.

Vale lembrar, porém, que algumas estruturas sequenciais – tais como o ‘contraste’ e a ‘concessão’ – foram preferidas devido ao conceito de ‘conflito’¹⁴⁶ tomado como base para a condução das análises. Além disso, é importante que se tenha em mente que essas unidades estruturais não são as únicas a refletirem situações conflituosas. Viterbo Lage (2012, p. 189), em sua dissertação sobre o trabalho de face em interações com brasileiros e alemães, aponta, por exemplo, que questionamentos e gracejos (ou gozações) podem também servir de suporte verbal para os conflitos em nível interpessoal. No caso, a preferência pelos contrastes e concessões se coloca como uma decisão heurística que ressalta a tradição em pesquisas na Análise da Conversação, sobretudo o plano sequencial focalizado por tal campo de estudo. Sendo assim, apresentam-se agora as formas de manifestação comunicativa dos conflitos sobre o tema *Heimat*.

4.3.5.1 O contraste

De acordo com as pesquisas de Ford (2000, 2004), o contraste na interação, em termos sequenciais, pode ser explicado prototipicamente pela linearização conversacional de duas perspectivas ou pontos de vista, estando o segundo em oposição ao primeiro. Essa

¹⁴⁵ Ver páginas 79-83 para maior detalhamento sobre a abordagem sequencial da Análise da Conversação.

¹⁴⁶ Ver páginas 73-74 para a definição de ‘conflito’.

opinião contrastante, obviamente em tom ‘responsivo’, é geralmente acompanhada de uma espécie de justificativa, a qual, nos termos da Análise da Conversação, é tida como *account* para a existência do contraste. Tem-se, pois, a formação de um complexo estrutural bastante profícuo em discussões, em cujo cerne se encontram as disputas de ideias. Da interação filmada, coloca-se o seguinte trecho como ilustração típica de um contraste:

Trecho 19: ((39:47 – 40:12min, Questão 4: *Você possui algum tipo de vínculo emocional com a sua pátria, seja ela qual for? Tente definir esse vínculo.* A1 entra em desacordo com B2 a respeito da relação entre *Heimat* e ‘nacionalidade’))

001 B2: wenn ich HEimat;
(se eu heimat)

002 (-) wenn also das WORT (--) kommt,=
(quando tipo a palavra vem)

003 =und ich das HÖre,
(e eu a escuto)

004 dann sage ich braSIlien;=<<pp> ja sicher.>
(então eu digo brasil com certeza)

005 B1: hm_HM.
006 (0.7)

007 A1: hm.
008 (---) das könnte ich GAR nicht;
(isso eu não consigo de jeito nenhum)

009 (--) irgendWIE;
(tipo)

010 (--) <<p> ich finde das (-) ich find das SCHWIERig.>
(eu acho isso eu acho isso difícil)

011 (--) weil ich mich auch zum beispiel in in Polen
(unheimlich) wOhl gefühlt habe;
(porque eu por exemplo na polônia me senti incrivelmente bem)

012 obwohl ich da die sprache noch GAR nicht konnte;=
(embora eu não soubesse nada da língua)

013 =aber einfach (-) habe ich mich da WAHNsinnig wohl
gefühlt;=

(mas simplesmente eu me senti muito bem lá)
 014 =<<rall> in FRANKreich Auch;>
 (na França também)

Nesse trecho, B2 esclarece ser o Brasil a sua *pátria* – tema já previamente exposto no trecho 18, sendo este a continuação do trecho 19 –, isto é, *Heimat* aqui é definido como o país de origem. A1, em resposta, estabelece um contraste na linha 8 com *das könnte ich gar nicht* (traduzível como “eu não poderia dizer isso de jeito nenhum”), em que *gar nicht* (de jeito nenhum) indica uma relação de oposição direta com o que foi dito por B2. Têm-se, até esse momento, duas perspectivas contrastantes:

Perspectiva A (B2) → O meu país é a minha pátria
 Perspectiva B (A1) → O meu país não é a minha pátria

Na linha 11, a introdução de uma justificativa com a conjunção *weil* (porque) aponta o fato de que A1 entende seu contraste como uma ação a ser *accounted for*, de modo a não promover um desconforto maior que o causado pela própria relação de oposição. Esse “clima de tensão”, a saber, pode ser observado ao final da discussão entre A1 e B2, de acordo com o exemplo abaixo:

Trecho 20: ((41:10 – 41:25min, Questão 4: *Você possui algum tipo de vínculo emocional com a sua pátria, seja ela qual for? Tente definir esse vínculo. Clash entre as perspectivas de A1 e B2 sobre a definição de *Heimat* a partir da nacionalidade*))

001 A1: (-) ich ich WEIß es nicht.
 (eu eu não sei)
 002 ich bin da (.) VOLLkommen <<balança a cabeça, voz
 crepitante, olhando para cima> äh::.>
 (aqui eu fico totalmente äh)
 003 A2: verWIRRT.
 (confusa)
 004 A1: <<f> verWIRRT.>
 (confusa)

005 B2: [<<p> oQUEI.>]
006 B1: [((ri))]
007 [((ri))]
008 A1: [ja.]
(é)
009 B2: [oQUEI.]
010 <<pp> oQUEI.>
011 A1: [also;]
(então)
012 B2: [ich] beHALte (.) meine mEinung.
(eu mantenho a minha opinião)
013 A1: [<<levanta as sobrancelhas, h> ne NE:..>]
(não não)
014 B2: [((bico com a boca))]
015 A1: [<<mão toca o peito, olha para baixo> ich (HAbE)/>]
(eu)
016 B2: [<<bico com a boca, estende o braço para A1> †ja:..>]
017 ist [<<p> kein proBLEM.>]
(é sem problema)
018 A1: [haha]ha
019 <<h, sorrindo> ha das ist [AUCH mein/]>
(isso é também minha)
020 B2: [<<rindo, pp> macht NICHTS.>]
(não faz mal)
021 A1: ((ri))
022 << olhando para baixo, balança a cabeça> ja> ich weiß es
GAR nicht <<sussurrando>> es ist.>
(é eu sei lá isso é)

Esse excerto, continuação do trecho 18, mostra como a discussão entre A1 e B2 termina: A1 permanece sem uma definição exata de *Heimat* e, além disso, continua a expressar sua confusão, dessa vez com o emprego do próprio termo *verwirrt* (confusa). B2, por sua vez, parece não se comover com as dificuldades encontradas por sua colega alemã e diz *ich behalte meine meinung* (eu mantenho a minha opinião) – o modo como B2 pronuncia essas palavras, a saber, caracteriza-se por uma intensidade vocal baixa e uma fala lenta. Aqui,

B2 poderia muito bem ter empregado tais recursos paraverbais, a fim de minimizar o embate entre sua opinião já formada e toda a confusão demonstrada por A1. A alemã, porém, parece não ter interpretado dessa forma, uma vez que, a partir da linha 13, introduz uma série de eventos que, supõe-se, visam a consolar a colega. Com efeito, a maneira como A1 pronuncia *ne ne* (não não) se assemelha ao modo como algumas mães falam com os filhos que demonstram algum tipo de frustração. Logo depois, na linha 15, A1 repousa a mão esquerda na parte superior do tórax, talvez como em um gesto de culpa por ter feito B2 pensar que precisava mudar de opinião. Finalmente, ao dizer *ich weiß es gar nicht* (traduzível como “eu não sei de nada”), A1 relativiza e enfraquece seus próprios argumentos e, com isso, propositalmente se distancia de uma posição de destaque, isto é, abdica de seu turno de fala. Tal postura se observa, entre outros, pelo fato de A1 (i) balançar a cabeça negativamente durante a linha 22; (ii) olhar para o chão e (iii) diminuir sua intensidade vocal até alcançar um estado quase desvozeado em *es ist* (isso é).

Vê-se, portanto, como um simples contraste de ideias, seguido da apresentação de suas respectivas justificativas, pode influenciar o andamento da interação, sobretudo em nível interpessoal. Como já mencionado, no entanto, o exemplo acima reflete uma situação prototípica de contraste comunicativo. A seguir, apresenta-se um trecho com estruturas sequenciais um pouco mais complexas:

Trecho 21: ((20:14 – 21:13min, Questão 2: *Liste seis palavras que, em sua opinião, melhor se ligam ao conceito de pátria. Compare sua resposta às dos outros participantes. Conflito entre B1 e B2 sobre a relação entre Heimat e ‘comida’*))

001 A2: [ja.]
(é)

002 B2: [ESsen <<h> das Ist;>]
(comida isso é)

003 jA das ist †KOMisch weil (.) also;
(é isso é estranho porque tipo)

004 naTÜRlich (.) wenn ich in brasil_bin,
(claro quando eu estou no brasil)

005 †arroz com feiJÃO.

006 B1: [haha]

007 A1: [haha]
008 A2: [haha]
009 B2: [↑wenn ich] in DEUTSCHland,
(quando eu na alemanha)
010 (-) ↓PO:Mmes.
(batata frita)
011 <<sussurrando> was WEIß ich.>
(sei lá)
012 karTOFFel[<<pp> salat.>]
(salada de batata)
013 A1: [((ri))]
014 A2: [hm ((ri))]
015 B2: <p> und WÜRSTchen.>
(e salsicha)
016 (0.8)
017 B1: <<pp> ham> <<f> dAs> ist für mich nicht ↓HEImat.
(ham isso não é heimat pra mim)
018 also ´ESsen:,
(tipo comida)
019 B2: [jA für mich ist toTAL.]
(é pra mim é completamente)
020 B1: [<<len> für MICH es ge>]
(pra mim isso não per)
021 A2: [es ist/]
(isso é)
B1: [<<len, dim> hört nicht zu hEimat.>]
(tence a heimat)
A2: [ja: bei mir AUCh nicht;]
(é pra mim também não)
((...))
022 B1: [ja.]
023 A1: [ja.]
024 B1: und ich kann Auch also im AUSland sein;
(e eu também posso então estar no exterior)
025 und pão de queijo ESsen;
(e comer pão de queijo)

- 026 und (.) <<all> also;>
(e tipo)
- 027 [<<f> nIcht in in braSIlIen fühl/>]
(não me sentir no brasil)
- 028 B2: [jA aber dAnn fühlst du ein bisschen zu HAU]
(é mas aí você se sente um pouco em ca)
- 029 B1: [hm nicht ↑SO,]
(nem tanto)
- B2: [se;=<<p> verSTEHST du;>]
(sa entende)
- 030 B1: [↑ICH nicht.]
(eu não)
- 031 B2: [<<p, para B1> (nein),>]
(não)
- 032 A2: ja ich AUCh [nicht.]
(é eu também não)
- 033 B1: [<<all> ich NICHT;>]
(eu não)
- 034 B2: [<<p> ich>] [<<p> SCHON.>]
(eu sim)
- 035 B1: [aber]
[mit der ↑SPRache ein bisschen ↓schOn;]
(mas com a língua um pouco sim)
- 036 B2: [((boca aberta contraída, sobrancelhas erguidas))]
- 037 A2: ja.
- 038 B1: weil (.) ↑Als ich in deutschland
[WAR,]
(porque quando eu estava na alemanha)
- 039 B2: [<<h, p, cruza os braços> (warum nicht).>]
(por que não)
- 040 B1: manchmal [WÜRde ich mit]
(às vezes eu ia)
- 041 B2: [<<h, p, braços cruzados> oh MENSCH;>]
(meu deus)

Nesse trecho, as participantes tentam resolver a questão (2) em conjunto e B2 introduz uma nova palavra à lista – *Essen* (comida). B2 explica que sua definição de *Heimat* depende muito da comida, isto é, de o que ela quer comer quando ela se encontra no Brasil e na Alemanha – aparentemente os dois lugares com os quais B2 mais se identifica. B1, em contrapartida, não concorda com o ponto de vista de B2 e, desse modo, estabelece na linha 17 o seguinte contraste:

Perspectiva A (B2) → *Essen* define *Heimat*

Perspectiva B (B1) → *Essen* não define *Heimat*

Decerto, após a opinião de B1 ter sido dita (linha 17) e repetida (linha 20), seria plausível esperar por uma justificativa para o contraste estabelecido. Este, porém, só ocorre depois da contribuição de A2 (excluída do trecho 21), a qual também não concorda com a ideia defendida por B2 – no caso, o *account* para o contraste ocorre nas linhas 24, 25, 26 e 27. Nesse cenário, B1 afirma ser possível comer pão de queijo (prato típico da cidade de Belo Horizonte, onde B1 nasceu) no exterior sem se sentir em casa. Interessantemente, no momento em que B1 diz *und nicht in brasilien fühl[en]* (e não se sentir no Brasil), B2 introduz uma fala sobreposta para defender seu argumento: *aber dann fühlst du ein bisschen zu hause* (mas aí você se sente um pouco em casa). Desse modo, a justificativa de B1 acaba por se tornar um novo contraste, dessa vem em relação à fala sobreposta inserida por B2:

Perspectiva A' (B2) → Comer comida brasileira no exterior aproxima a pessoa de casa

Perspectiva B' (B1) → Comer comida brasileira no exterior não aproxima a pessoa de casa

Tem-se, portanto, uma sucessão de contrastes, todos relativos ao mesmo tópico de discussão. A questão que aqui se coloca, porém, refere-se ao fato de que B1, para esse novo contraste estabelecido, não oferece um *account* – as únicas palavras de B1 em resposta ao questionamento de B2 (linha 31: *nein* – “não?”) são *ich nicht* (eu não), na linha 33. Em termos sequenciais, convém notar que a justificativa não apresentada por B1 é “percebida” e, de certa forma, tematizada por B2. A saber, enquanto B1 inicia na linha 35 um “adendo” ao

seu argumento – relativo não mais à questão da comida, mas sim à da língua –, B2 parece não acreditar no que tinha ouvido, tendo em vista sua expressão facial contraída acompanhada de movimentos negativos. A partir da linha 39, finalmente, B2 cruza os braços, pergunta *warum nicht* (por que não?),¹⁴⁷ produz um exagerado *oh mensch* (traduzível como “que isso!?”), completa com uma risada e, assim, expressa por meio de vários recursos (verbais e não verbais) sua posição de desacordo com o ponto de vista de B1.

De fato, mesmo que B2 não tenha “cobrado” de modo mais veemente uma justificativa por parte de sua interlocutora, o comportamento acima descrito demonstra como o *account*, ou a falta dele, coloca-se como uma parte ou membro importante na construção sequencial de um contraste. Sob essa ótica, convém apresentar rapidamente alguns números sobre o comportamento das participantes em relação ao fenômeno do contraste. Antes, porém, segue-se com a descrição de outro fenômeno sequencial importante para essa análise – a ‘concessão’.

4.3.5.2 A concessão

Como já explicado anteriormente, esse recurso argumentativo não deixa de levar e consideração ‘contraste’. Segundo Couper-Kuhlen e Thompson (2000), a concessão se caracteriza pela presença de dois interlocutores, sendo o primeiro responsável por apresentar uma opinião, enquanto o segundo, em vez de estabelecer a relação de oposição diretamente, conde à afirmação do primeiro, isto é, reconhece a validade do primeiro ponto de vista para, então, contrariá-lo. Para ilustrar esse fenômeno, vale recuperar mais um trecho da filmagem:

Trecho 22: ((28:55 – 29:40min, Questão 3: *Heimat ist Teil meiner Persönlichkeit*. A2 e B2 discutem sobre as possíveis influências que a ‘pátria’ exerce na personalidade de cada sujeito))

¹⁴⁷ Convém salientar que essa fala é apenas suposta pelo transcritor, como se nota pela presença dos parênteses em torno de *warum nicht*. Para mais detalhes sobre a convenção de transcrição, ver Anexo C.

001 A2: ja.
(*é*)

002 <<all> aber ich find AUCH> hm zum beispiel äh auch;
(*mas eu também acho hm por exemplo ah também*)

003 <<len> daHEIM> bin ich jetzt (.) so (.) das;
(*lá na alemanha eu sou tipo*)

004 es_gIbt ja keine typischen ↓DEUTschen oder <<sorrindo>
typisch brasiliAner;=aber;>
(*tem mais nenhum alemão típico ou brasileiro típico mas*)

005 B2: [ja.]

006 A2: [äh:m;]

007 <<all> ich würd mich jetzt auch nicht als> <<len>
TYpische dEutsche> <<all> bezeichnen;>=
(*eu também não me descreveria agora como típica alemã*)

008 = [<<sorrindo> aber wahr>]
(*mas pro*)

009 B1: [((ri))]

A2: scheinlich <<balança a cabeça> würde (xxx) das
KEIner;=ne;>
(*vavelmente ninguém mais faria isso né*)

010 so (.) in DEUTSCHland.
(*assim na alemanha*)

011 (-) u:nd das ist SCHWIErig zu sagen;
(*e é difícil de dizer*)

012 <<dim> dass die heimat der_dass ich jetzt> (.) <<f>
TYpisch> deutsch bin.=
(*que a heimat que agora eu sou uma típica alemã*)

013 =oder <<ergue as sobrancelhas, olha para cima> toTAL
deutsch.>
(*ou completamente alemã*)

014 B2: (-) <<h> nein JA.>
(*não é*)

015 natÜrlich du BIST/
(*claro que você é*)

016 (--) ↑also <<balança a cabeça, braços em círculo> ich bin
ICH.>

(então eu sou eu)

017 A2: [a_HAM.]

018 B2: [<<balança a cabeça> mehr ALS<>
(mais que)
 [(---) <<len> jeden was<>
(qualquer)

019 A2: [((incompreensível, 3s))]
 B2: (-) irgendwelchen (--) <<len> irgendwelches dIng.>
(qualquer qualquer coisa)

020 a_HAM.

021 B2: ↓Aber,
(mas)

022 <<projeta o corpo para frente> (--) ah::m;>
 023 <<pp> JA ah also.>
(é ah então)

024 ja das ist (.) ZIEMli:ch;
(é isso é bastante)

025 (--) ((click com a língua)) (-) ah:m;
 026 (1.3) <<contraí as sobrancelhas, olha para A2>
 beeinFLUSST?>
(influenciado)

027 [<<p, h> (würde ich SAgen/könnte SEIN),>]
(pode ser)

028 A2: [HM_hm.]

029 ja man <<h> ist schon> be↓EINflusst von der heimat.
(é heimat influencia mesmo a pessoa)

Nesse exemplo, discute-se a validade da sentença *Heimat ist Teil meiner Persönlichkeit* (Pátria é parte da minha personalidade), e A2 inicia uma argumentação baseada em sua autenticidade individual, isto é, a alemã tenta defender a ideia de que sua personalidade não é tão determinada pela sua pátria – no caso, presume-se se tratar da Alemanha. Da linha 14 à 19, porém, B2 inicia o que se chama de ‘concessão’, isto é, concorda em parte com o argumento de uma pessoa. No caso, B2 assume ser verdade o fato de que um indivíduo deve ser identificado como tal devido a suas características pessoais,

sobretudo por causa de sua contribuição na linha 16 – *also ich bin ich* (então, eu sou eu). O gesto que acompanha essa fala – o leve balançar de cabeça com as mãos em círculo – parece sugerir a obviedade de tal constatação – o que, de certa forma, contribui para a concessão a ser construída. O contraste, contudo, é contundente, ao ser contextualizado, na linha 21, por um registro tonal mais alto, pela acentuação do termo *aber* (mas) e pela curva prosódica final ascendente quase em tom pergunta, como se B2 procurasse conduzir seus interlocutores ao *grand finale* de sua argumentação, a qual, por sua vez, reafirma a influência causada pela *pátria* na personalidade de qualquer sujeito (linhas 23 a 26). Chega-se, dessa forma, ao seguinte esquema sequencial:

Perspectiva A (A2) → A pátria não influencia em minha personalidade

Concessão (B2) → Minha personalidade é definida por características individuais

Perspectiva B (B2) → Mas, a pátria influencia em minha personalidade

Com efeito, o comportamento paraverbal de B2 ao dizer *aber* concretiza sequencialmente a ligação responsiva entre a concessão e o contraste e, com isso, atribui sentido ao que B2 tem a dizer em favor de sua argumentação. De acordo com Couper-Kuhlen e Thompson (2000, p. 383), a ‘concessão’ se caracteriza justamente por sua força argumentativa, isto é, concede ao contraste estabelecido um poder de convencimento maior que qualquer relação de oposição feita sem concessões. Talvez esse tenha sido o caso com o trecho 22, na medida em que, na linha 29, A2 admite a validade do argumento de B2.

Bem como no caso dos contrastes, as concessões nem sempre seguem um padrão sequencial prototípico. De acordo com a teoria previamente discutida, a concessão precisaria de dois interactantes para ocorrer em âmbito sequencial. Nos trechos 1, 2, 5 e 8, entretanto, esse parece não ser o caso. Para fins de argumentação, segue mias uma vez o trecho 5:

```
001  A2:  ich (.) jA_ich war_n bisschen nur in demokratischen
        'LÄNdern;
002      aber ich kann mir '!VOR!stellen;=
003      =wenn ich in:: isLA:mischen <<dim> ändern wäre,>
004      [<<f, len> oder>]
```

005 B1: [hm:.]
 A2: in::: dikta/ah <<all> in einer diktaTUR wäre,>
 007 DANN: wäre <<all> die politische verbindung ganz stArk;>

Como já explicitado, A2 procura argumentar em favor de uma postura mais relativizada a respeito da relação entre *Heimat* e política. Segundo a alemã, essa relação pode não ser muito percebida em Estados politicamente democráticos como o Brasil e a Alemanha, mas, no que se refere a países islâmicos, a política supostamente teria uma relevância maior para a definição do termo em pauta. Interessante perceber, nesse caso, que, em vez A2 de começar sua argumentação diretamente com os países islâmicos, a participante alemã introduz, na linha 1, uma fala que relativiza seu próprio ponto de vista; que antecipa a contra-argumentação; que, em última análise, reflete a suposição de que as outras participantes poderiam colocar sua opinião em cheque por se tratar de uma experiência enviesada. Nesse caso, A2 estabelece uma concessão consigo mesma e, assim, admite a validade de um ponto de vista alternativo ao seu:

Perspectiva A (inexistente, aparentemente suposta por A2)

Concessão (A2) → Eu só conheço países democráticos

Perspectiva B (A2) → Mas, em países islâmicos, a relação entre *Heimat* e política é mais forte

Claro que, por se tratar de uma concessão, o ponto de vista que a sucede possui uma força argumentativa maior – a opinião, de fato, defendida por A2. Uma vez que esta se refere a uma situação hipotética (se A2 estivesse em países islâmicos), justifica-se o acento em *vorstellen* (imaginar, linha 2), item responsável por criar esse cenário imaginado por A2, bem como por conduzir a atenção dos interlocutores para a argumentação a ser realizada. Enfim, esse trecho demonstra bem como a estrutura de uma concessão pode “fugir” do padrão descrito por Couper-Kuhlen e Thompson (2000). Na verdade, a alteração do padrão não se qualifica como um recurso excepcional, ou uma sequência raramente empregada. Os

números a seguir, retirados de toda a extensão da filmagem, podem contribuir para essa afirmação.

Antes, contudo, vale fazer uma ressalva quanto aos itens analisados nesta seção. Por mais que o foco analítico tenha sido nas estruturas de contraste e concessão, a Análise da Conversação possui em seu escopo inúmeros fenômenos comunicativos que poderiam também ser comentados aqui. Por exemplo, há o caso dos *membership categorization devices*, os quais servem para evocar categorias sociais na interação e torná-las relevantes para os objetivos comunicativos (HUTCHBY; WOUFFITT, 1998, p. 213). Estas, no caso, podem se manifestar por meio de pronomes pessoais (*eu, nós, eles*) ou por nomes específicos, como *professor, médico, mãe, filho* etc. Nesse sentido, esses *devices* contribuem para a descrição ou referência mais completa de pessoas ou até mesmo dos próprios interlocutores. Por exemplo, destaca-se novamente o trecho 9, repetido abaixo:

001 A2: jA ich (.) WEIß nicht;
 002 <<all> ich find je mEhr man im> AUSland lebt,
 003 desto <<len> WEniger> identifiziert man sich mit der
 hEimat.=
 004 =<<f> aber ich finde die DEUtschen> sind noch immer so_n
 spezi[Alfall;]
 005 A1: [<<rola os olhos para cima> ja.>]
 006 A2: <<olha para a câmara> deshalb SCHWIErig für dieses>
 [<<olhando para a câmara> interview> tut mir leid,]
 007 A1: [↑↑haha <<rindo> STIMMT.>]
 008 A2: [weil wir (.) überhAupt keinen patriotISmus haben;]
 009 A1: [((ri))]
 010 A2: <<olha para a esquerda, sorrindo> aufGRUND unserer
 geschIchte;>
 011 [und uns we][der mit der flagge identifIZIERen;]
 012 B1: [hm.]
 013 B2: [o ja oquei geNAU;]
 014 A2: nOch mit irgend[welchen deutschen WÜRSTchen;=oder SO.]
 015 B2: [also es GAB so viele:-]
 016 B1: [hahahaha]
 017 A1: [hahaha]

018 A2: [haha]

De fato, o trecho 9 não apresenta estruturas de conflito (tema principal desta seção). Porém, aqui é possível observar bem como essa relação de *membership categorization* é aplicada. Na linha 4, A2 fala dos alemães como um caso especial, os quais, por isso, não possuem o sentimento de patriotismo. A1, logo em seguida, rola os olhos para cima e confirma a declaração da companheira. Nesse momento, pode-se afirmar que A1 se comporta de modo associativo, isto é, a alemã, mesmo com uma postura relativamente resignada, compromete-se com a descrição feita por A2 dos alemães e, com isso, permite-se encaixar em tal categoria. A2, responsável pela declaração, também se inclui no grupo ao inserir os pronomes *wir* (nós, linha 8), *unserer* (nossa, linha 10) e *uns* (pronomes reflexivo *nos*, linha 11). Tem-se, portanto, a caracterização tanto de A1 quanto de A2 como sujeitos sem patriotismo, simplesmente devido à questão da nacionalidade e da história alemãs. De acordo com Stokoe (2012, p. 281), tal caracterização se apresenta como um *Category-tied predicate*, isto é, esse predicado, ou descrição, impõe-se como marcador para todos os membros da categoria ‘alemão’. Desse modo, para os efeitos desse momento comunicativo específico, as participantes A1 e A2, ao tornarem relevante a categoria em pauta, colocam-na em evidência justamente por meio dessa faceta descritiva.

De acordo com Hutchby e Wooffitt (1998), a criação de categorias sociais no discurso não se dá de forma despretensiosa: “This means that when we come to describe other people or ourselves, there is an issue of selection: why did we characterize our social identity, or the social identity of someone else, in that particular way at that particular time?” (HUTCHBY; WOUFFITT, 1998, p. 213).¹⁴⁸ Nesse sentido, o comportamento associativo de A1 e a autocategorização feita por A2 refletem a importância que a história (mais especificamente o período nazista) teve para a caracterização da categoria ‘alemão’ – não se admira, pois, observar que essas participantes queiram se encaixar no grupo em cuja descrição se lê: *nós não temos nenhum patriotismo* (linha 8).

¹⁴⁸ Tradução do autor: “Isso significa que quando nós chegamos a descrever outras pessoas ou nós mesmos, há uma questão de seleção: por que nós caracterizamos nossa identidade social, ou a identidade social de outra pessoa, desse modo específico e nesse momento específico?”.

Interessante perceber, por último, que o uso dos pronomes *wir* e *unserer*, como indicado acima, tem uma função ‘exclusiva’, isto é, coloca as participantes A1 e A2 em um grupo distinto, do qual B1 e B2 não fazem parte. Segundo Bühler (2011[1934], p. 159-161), para quem esse fenômeno tem caráter dêitico, o pronome *wir* engloba, inclusivamente ou exclusivamente, uma quantidade específica de itens em uma categoria. Trata-se, na verdade, de uma referência ‘pluralista’ a um grupo, sendo sua contraparte ‘singularista’ o pronome *ich* (eu, em português). No caso, como a categoria evocada corresponde diretamente à questão da nacionalidade, o item *wir* reflete ‘exclusivamente’ o tipo de referência atrelada a A1 e A2. Com efeito, esse fenômeno pode ser também observado nos trechos 1 e 2 dessa dissertação.

Feitas as ressalvas acima, convém passar para a próxima seção, tendo em vista o tamanho limitado da dissertação para tratar de todos os temas possíveis levantados pela Análise da Conversação.

4.3.5.3 As relações de disputa na interação

Em vista das tabelas abaixo relacionadas, é possível ter uma visão mais completa do comportamento verbal das participantes em relação ao uso dos ‘contrastos’ e das ‘concessões’ na interação.

Tabela 8: Agentes de contrastes e concessões

Participante	Número de contrastes	Número de concessões	Total
B1	14	16	30
B2	14	18	32
A1	19	11	30
A2	16	19	35

Tabela 9: Alvos de contrastes e concessões

Participante	Contrastes recebidos	Concessões recebidas	Total
B1	9-10	12	21-22
B2	25-26	21	46-47
A1	6	15	21
A2	11	11	22
Cartão	11	5	16

Com base na tabela 8, pode-se afirmar que o número de contrastes e concessões empregados na interação possuiu uma distribuição bem equilibrada entre as participantes, fato que, por sua vez, comprova a afirmação de que tais recursos verbais se consagraram como estratégias argumentativas altamente profícuas na discussão filmada. Na verdade, supõe-se até mesmo que o número elevado de concessões contribuiu para que a interação fluísse da forma mais harmônica possível – tendo em vista, claro, o fato de que a concessão envolve o reconhecimento parcial da opinião do outro para o estabelecimento de um contraste menos disjuntivo. Já no que se refere à tabela 9, percebe-se que B2 se destacou como maior alvo das participantes – do total de 127 contrastes e concessões empregados, 47 tiveram a brasileira como alvo, embora não se saiba qual o motivo de uma postura tão opositiva a B2.

Na tabela 9, convém explicar ainda a numeração dos contrastes recebidos por B1 e B2. Trata-se, no caso, de um contraste feito por A2 direcionado a uma ideia proposta por ambas as brasileiras. Desse modo, contabiliza-se somente um contraste (realizado por A2), o qual, porém, não pode ser atribuído na tabela somente a B1 ou a B2. Além disso, a tabela 9 apresenta o ‘cartão’ como alvo de contrastes e concessões. Aqui, o termo se refere aos estímulos conversacionais lidos pelas participantes. Em determinados momentos, alguns cartões foram questionados e, conseqüentemente, aos seus conteúdos foram direcionados pontos de vista contrastantes.

Ainda a esse respeito, vale tecer alguns comentários sobre as formas de manifestação dos contrastes e das concessões em nível verbal. Primeiramente, dos 63 contrastes computados para análise, 28 foram contextualizados pela conjunção *aber* (mas), termo adversativo por excelência. Além de *aber*, destacam-se outros itens como sinalizadores de

contraste, tais como *bei mir* (no meu caso), *für mich* (para mim), *ich nicht* (eu não), *gar nicht* (de jeito nenhum), *auf der anderen Seite* (por outro lado) e *nicht nur* (não só).¹⁴⁹ No caso das justificativas atreladas aos contrastes, 11 delas foram realizadas com a conjunção *weil* (porque), enquanto itens como *zum Beispiel* (por exemplo) e *denn* (pois) assumiram essa função em outros contextos. Em relação às justificativas introduzidas sem qualquer tipo de marcação lexical, contabilizaram-se 37 ocorrências, sendo que, por fim, 12 contrastes não apresentaram qualquer forma de *account* – como visto no trecho 21.

No que tange às concessões, sua realização mais comum se deu por meio do item *ja* (sim), com 37 ocorrências das 64 assinaladas. Aqui também se observou grande redundância na marcação das concessões, sobretudo por meio da junção de *ja* com outra expressão de concordância, por exemplo, como em *ja klar* (sim, claro), *ja stimmt* (sim, concordo), *ja natürlich* (sim, naturalmente), *ja genau* (sim, correto) e *ja auf jeden Fall* (sim, lógico). Tais expressões ocorreram também sem a presença de *ja*, bem como *ok* e *ich weiß* (eu sei). Finalmente, quase todos os contrastes que se seguiram às concessões foram produzidos pela adversativa *aber* (mas) – 58 ocorrências de um total de 64, fato que atesta os resultados encontrados por Barth-Weingarten (2003, p. 79) em relação às concessões em inglês, produzidas também de modo preponderante com a adversativa *but* (mas).

Abaixo, segue a tabela com a relação entre os agentes e alvos das estruturas aqui em pauta:

Tabela 10: Relação total entre agentes e alvos (contraste/concessão)

Alvo	Agente I	Agente II	Agente III	Agente IV
B1	B1 (0/0)	B2 (4/8)	A1 (2/0)	A2 (3-4/4)
B2	B1 (11/12)	B2 (5/1)	A1 (3/4)	A2 (6-7/4)
A1	B1 (0/0)	B2 (0/7)	A1 (3/2)	A2 (3/6)
A2	B1 (0/2)	B2 (0/2)	A1 (9/5)	A2 (2/2)
Cartão	B1 (3/2)	B2 (5/0)	A1 (2/0)	A2 (1/3)

¹⁴⁹ Foi detectada em certos casos redundância adversativa, na qual dois itens coocorreram para a contextualização do contraste, como, por exemplo, no caso de *aber auf der anderen Seite* (mas, por outro lado) e *aber für mich* (mas, para mim).

Tem-se, na tabela 10, a relação bilateral entre os agentes e alvos de contrastes e concessões. Por exemplo, nota-se que B1 teve B2 como maior alvo de sua argumentação – de 30 estruturas empregadas, 23 foram direcionadas a B2. Ao que parece, a relação inversa também é válida, das 32 estruturas contrastantes feitas por B2, 12 tiveram B1 como alvo (as outras 18 foram divididas entre os outros participantes e os estímulos conversacionais).

Essa distribuição, interessante, parece realçar a relação de oposição entre as brasileiras. Com efeito, embora a maior parte das estruturas de A1 tenha sido utilizada contra A2 (14 em 30), o comportamento da segunda alemã não apresentou um alvo mais sobressalente, isto é, todas as participantes receberam, de maneira mais equilibrada, os contrastes formulados por A2. Tal fato pode, a saber, contribuir para a argumentação de que as alemãs se postaram de modo mais analítico e observador, com um nível maior de distanciamento em relação aos temas discutidos. As brasileiras, em contrapartida, motivadas pela narração de suas experiências, contracenaram os conflitos mais acalorados da filmagem. A título de exemplo final, coloca-se o seguinte trecho como uma espécie de *showdown* (momento decisivo) entre as participantes brasileiras:

Trecho 23: ((49:14 – 49:34min., Questão 5: *O que você pensa sobre sua pátria quando está em seu país? E quando está no exterior?* Em um momento de grande tensão, B1 e B2 discutem a correlação semântica entre *Heimat* e nacionalidade))

001 B1: <<f> ich mag die FRAge> nicht;
(eu não gosto da pergunta)

002 weil ↑wEnn wenn ich diese FRAge ↓lEse,
(porque quando quando eu leio essa pergunta)

003 (-) <<batendo o dedo na mesa> dann SOLL ich denken;>=
(então eu devo pensar)

004 =dass meine heimat <<bate mais forte o dedo na mesa>
braSIlIen> ist;
(que a minha heimat é o brasil)

005 A2: hm.

006 A1: <<levanta as sobrancelhas> das STIMMT.>
(é verdade)

007 B1: <<h> DAS stimmt mir nicht> ↓so.

(*isso pra mim não tá certo*)

008 [bei mir]
(*pra mmim*)

009 B2: [<<f> aber>]
(*mas*)

010 A2: [ja.]
(*é*)

B1: [ist nicht SO;]
(*não é assim*)

B2: [<f> ist es nicht weil du das>] nicht <<contraí as
sobrancelhas> †WILL,>
(*isso não é porque você não quer*)

011 B1: (--> was meinst †DU?
(*o que você quer dizer*)

012 B2: (-) ja du WILLST nicht dass du-
(*é você não quer que*)

013 da dass braSIlIen <<dim, all> deine heimat ist;>
(*q que o brasil seja a sua heimat*)

014 <p> EINFach.>
(*simplesmente*)

015 B1: <<olha para cima> ich will_s †NICHT,>=
(*se eu não quero*)

016 =<<all, balança a cabeça> dann es IST nicht.>
(*então não é*)

017 B2: (--> <<h> oKAY;>

Antes de discutir com mais detalhe o trecho supracitado, vale definir melhor as opiniões das brasileiras de modo geral em relação a *Heimat*. A saber, B1 adquire uma postura bem ‘desterritorialista’ no que se refere a sua *pátria*. Para ela, trata-se de um termo bastante flexível e que se acomoda às experiências pessoais de cada sujeito. Nesse sentido, ‘família’, ‘casa’, ‘amigos’, enfim, basicamente qualquer área temática da vivência cotidiana poderia influenciar o sentido individual de *pátria*. Para B1 especificamente, a noção de ‘lugar’ (‘cidade’, ‘país’, ‘Brasil’) não desempenha um papel muito determinante para o sentido de *Heimat*. B2, por sua vez, possui um *background* acadêmico voltado para as Relações

Internacionais. Tal fato, no caso, parece influenciar bastante o sentido do termo, uma vez que B2, mais de uma vez, lança mão de seu conhecimento específico para definir *pátria*. Sob essa ótica, a brasileira defende uma visão mais ‘territorialista’ de *Heimat*, sobretudo no que tange aos aspectos políticos de uma região. Tem-se, por consequência, um papel maior atribuído ao ‘lugar’ como peça-chave na determinação da *pátria*.

Isso posto, retorna-se ao trecho 23, em que as participantes se deparam com a questão (5) – sobre sua relação com a pátria quando elas se encontram no país de origem e no exterior. B1, logo no início dessa discussão, afirma não gostar da pergunta, visto que esta implica a noção de ‘lugar’ (mais especificamente ‘Brasil’) como requisito para a formulação das respostas.¹⁵⁰ Na linha 7, portanto, vê-se a manifestação explícita do contraste em relação ao conteúdo da pergunta: *das stimmt mir nicht so* (traduzível como “eu não concordo com isso”).

Já a partir do segmento 8, ao mesmo tempo em que B1 continua a se lamentar da questão proposta, B2 insere um questionamento sobre a posição de sua colega. Percebe-se, porém, o tom de desafio já na palavra *aber* (mas), a partir da qual B2 mantém um nível relativamente alto de intensidade vocal. Além disso, B2 projeta ainda mais o seu desacordo ao apontar para o fato de que o descontentamento de B1 se explica somente por uma questão de vontade, isto é, B2, ao acentuar o termo *will* (quer) e realizá-lo com uma contração notável das sobrancelhas, parece questionar de forma desdenhosa a validade das reclamações feitas por B1. Cria-se, assim, o ápice do *clash* (ou embate) entre as perspectivas e argumentos que vinham sendo construídos pelas brasileiras durante toda a filmagem – *Heimat* é uma questão ‘territorial’ ou ‘desterritorial’?

Em um momento de maior tensão, na linha 15, B1 se abdica momentaneamente de apresentar qualquer argumento em sua defesa e, de forma repentina, diz: *ich will es nicht, dann es ist nicht* (traduzível como “se eu não o quero, ele não o é”). Nota-se, aqui, um paralelismo prosódico muito interessante, por meio do qual a força da opinião de B1 é refletida no padrão de acentuação dos verbos *will* (quero) e *ist* (é), os quais, por sua vez, adquirem quase que o mesmo matiz semântico. Com base nesse recurso paraverbal, B1

¹⁵⁰ Questão (5), na íntegra: “O que você pensa sobre sua pátria quando está em seu país? E quando está no exterior? *Was denken Sie über Ihre Heimat, wenn Sie sich in Ihrem Land befinden? Und wenn Sie im Ausland sind?*”.

expressa de maneira contundente o fundamento de seu ponto de vista – o conceito de *Heimat* deve se formar a partir das vontades e anseios de cada indivíduo em específico. Rompe-se, mesmo que por instantes, a harmonia antes constante na interação. A B2, “atordoada” com a resposta de B1, resta apenas um *ok* cheio de resignação.

Com efeito, tais momentos de tensão exacerbada são raros na filmagem analisada. Vale lembrar, ainda, que, depois desse momento de crise, a interação retoma o seu ritmo normal, isto é, as participantes voltam a apresentar argumentos e justificativas para a construção de suas ideias. Porém, é possível ver de maneira clara como um único item lexical é capaz de promover uma relação de oposição entre diferentes interlocutores e, assim, de contribuir para a criação de conflitos tão excitantes.

4.3.6 A definição do *frame* de *Heimat*

Com base nas seções anteriores dedicadas à descrição da interação, pode-se chegar a algumas conclusões em relação à caracterização do *frame* comunicativo de *Heimat*.

Primeiramente, ficou claro na seção 4.3.3, que a descrição do *frame* se dá principalmente pela relação entre *Heimat* e a vida cotidiana das participantes. Tal vínculo, a saber, foi verificado principalmente pela inserção de experiências pessoais (narradas ou não) como pontos argumentativos em negação ou em defesa dos vários sentidos atribuídos a *Heimat*. Além disso, observou-se que o *frame* possui uma segunda camada de referência, atrelada principalmente às histórias militares do Brasil e da Alemanha e, por conseguinte, como essas questões influenciam negativamente o sentido de *Heimat*. Nesse contexto, criaram-se duas esferas esquemáticas que, a princípio, são manifestadas verbalmente de formas distintas: a primeira, atrelada aos temas da vida cotidiana (tais como ‘comida’, ‘costumes’, ‘língua’, ‘personalidade’ etc.), tende a ser apresentada por meio de referências a experiências vividas (ver seção 4.3.3.1). Já a segunda se manifesta a princípio por meio de um distanciamento maior das participantes em relação ao tema, sobretudo no que tange às conotações militares e ufanistas de *Heimat* (ver seção 4.3.3.2). Vale lembrar, por último, que

a formação das duas camadas esquemáticas supracitadas não aponta para comportamentos comunicativos distintos entre brasileiras e alemãs. Viu-se, na verdade, uma comunhão interativa por meio da qual as participantes se envolveram em todos os temas discutidos, seja de maneira associativa, seja com discordâncias.

Em um segundo momento, foram descritas as estratégias de definição do termo em destaque, com o objetivo de descrever ainda com mais detalhes as unidades constituintes do *frame*. No caso, constatou-se que as participantes brasileiras fizeram bastante uso de imersões narrativas para a construção de seus argumentos (ver seção 4.3.4.2). As alemãs, em contrapartida, tomaram uma postura mais (auto)reflexiva e observadora frente à temática da *pátria* (ver seção 4.3.4.3). As estratégias verificadas na interação correspondem a estilos de fala que se destacam nas culturas brasileira e alemã, respectivamente. Em outros termos, as duas brasileiras tendem a se comportar de modo dramatizado, teatral ou até mesmo “barroco” para fazerem valer seu ponto de vista, enquanto as duas alemãs procuram, na maioria das vezes, distanciar-se do tema para que suas reflexões e ideias possam ser mais bem explicadas, fato que corresponde ao comportamento dos sujeitos no estudo de Schröder (2005, 2006). Contudo, mesmo que tais comportamentos comunicativos tenham sido bem distribuídos em relação às participantes, convém salientar que as estruturas utilizadas pelas brasileiras e alemãs não se restringem a discussões sobre *Heimat*. Na verdade, os dados obtidos por Schröder (2005), por exemplo, refletem essa mesma distribuição quando os sujeitos se apresentam (em uma entrevista). Conclui-se, portanto, que as posturas narrativas e reflexivas podem ter servido para que as participantes discutissem sobre os sentidos de *Heimat*, mas que elas não contribuem de forma definitiva para a descrição do *frame* em análise.

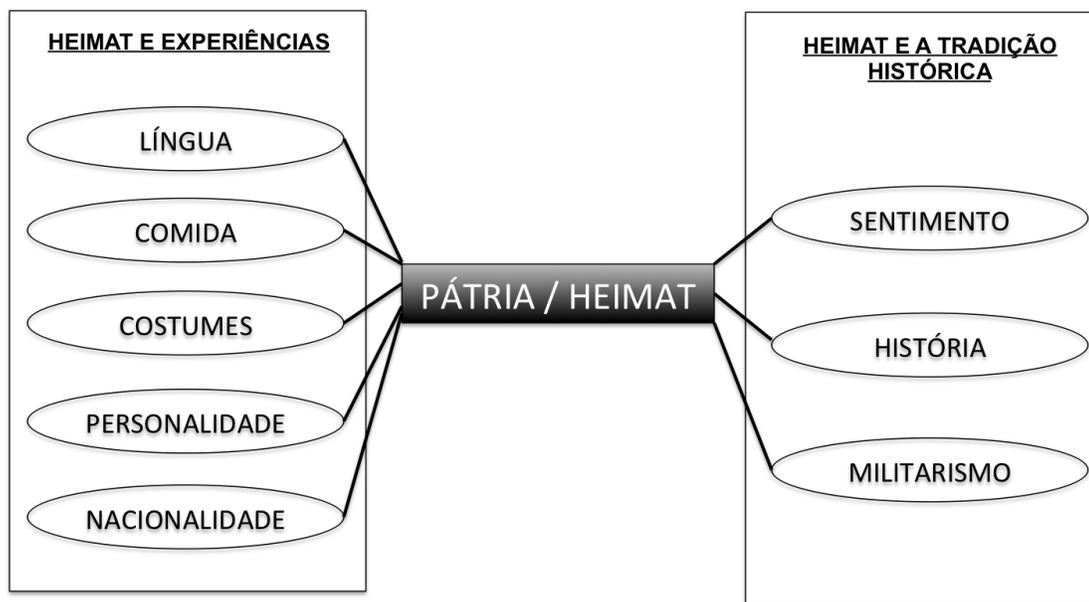
O mesmo pode ser dito em relação aos conflitos observados.¹⁵¹ No caso, uma vez que as ferramentas utilizadas para a observação do conflito se encaixam principalmente em um nível verbal (contrastes e concessões), foi possível, por meio da transcrição com o *software* EXMARaLDA, ter uma visão clara a respeito dos conflitos produzidos por cada sujeito. Observou-se, como já esperado, um grande número de contrastes e concessões, as quais,

¹⁵¹ Convém lembrar que os conflitos servem também de evidência teórica para a determinação de *Heimat* como *hotword*.

porém, distribuíram-se de forma bastante equilibrada através das participantes. Por essa razão, essas estruturas sequenciais se destacaram como ferramentas altamente produtivas para a realização da discussão filmada, mas, bem como no caso das estratégias de definição, elas também possuem um escopo de aplicação que vai muito além das reflexões sobre *Heimat*.

Pode-se constatar, finalmente, que esse trabalho oferece uma visão fragmentada e parcial do *frame* em pauta, mas ainda assim importante – principalmente quando se pretende investigar sua constituição de modo empírico, isto é, com base em gravações transcritas da fala. Nesse sentido, convém destacar que, para a interação filmada, o *frame* de *Heimat* apresenta a seguinte constelação referencial:

Diagrama 1: O *frame* comunicativo de pátria/*Heimat*



5 REFLEXÕES ADICIONAIS

Antes que uma conclusão final possa ser feita, convém apresentar mais duas seções referentes à análise dos dados. A primeira se refere à questão da tradução entre os termos *Heimat* e *pátria*, tema problematizado na interação pelas próprias participantes. A segunda, por sua vez, diz respeito às comparações dos resultados observados no capítulo anterior com os dados verificados nos questionários e nos *corpora* virtuais.

5.1 A equivalência tradutória entre *Heimat* e *pátria*

Como dito anteriormente, o termo *Heimat* foi escolhido para representar as teorias e os resultados delineados por toda a dissertação em torno do assunto principal: como descrever os *frames* relativos a *Heimat* e a *pátria* a partir de uma interação. Desse modo, *Heimat* passou, para fins de argumentação, a significar tanto *Heimat* (em alemão) quanto *pátria* (em português). Mesmo na interação, as participantes, por terem utilizado quase somente o alemão como código, negligenciaram o item *pátria* e se concentraram na discussão em torno de *Heimat* – isso foi, de fato, observado até o minuto 50:33.1.

A partir do momento acima mencionado, as entrevistadas começaram a discutir a respeito da validade da tradução *Heimat* – *pátria*, de modo tal que, por conta própria, elas chegaram a conclusões que desafiam essa relação tradutória.¹⁵² Por exemplo, B1 chega a afirmar que o item *pátria* não consegue captar com tanto sucesso os vários matizes semânticos atribuídos a *Heimat*. Àquele, segundo a brasileira, restam as acepções negativas atreladas à história militar no Brasil. Além disso, outros termos foram citados como possíveis alternativas para a tradução de *Heimat*, tais como *nação* e *lar*, bem como *Vaterland* foi designado como melhor correspondente em alemão para o termo *pátria*.

¹⁵² Vale ressaltar que, em momento posterior na comunicação, as participantes foram levadas a discutirem de forma mais explícita sobre a tradução em pauta. Ver questão (7) no Anexo B para mais detalhes.

Com base nessa discussão, recorre-se, agora, a alguns dicionários monolíngues e aos *corpora* já apresentados para que se tenha uma concepção mais clara sobre as traduções possíveis.

Em primeiro lugar, três dicionários bilíngues (português-alemão) são escolhidos: PONS,¹⁵³ Michaelis¹⁵⁴ e LEO.¹⁵⁵ No primeiro, *pátria* apresenta os seguintes correlatos em alemão: *Heimat* (“pátria”), *Vaterland* (“terra pátria”) e *Mutterland* (“terra mátria”). No dicionário Michaelis, bem como no LEO, destacam-se somente *Heimat* e *Vaterland* como termos possíveis. Convém assinalar que esses dicionários, além disso, não apresentam exemplos que sustentem as traduções, nem instruções de uso do termo em contextos específicos. Dessa forma, torna-se impossível definir qual a melhor opção de tradução.

Para o item *nação* são encontradas as seguintes traduções: *Nation* (nos três dicionários), *Staat* e *Volk* (somente no LEO), sendo *Staat* também traduzível como *estado* e *Volk* como *povo*. O item *lar*, por sua vez, contém, em todos esses dicionários, somente duas formas possíveis de tradução: *Heim* e *Zuhause*, itens traduzíveis também por *casa*, em português. No caso de *nação* e *lar*, não é feita nenhuma referência direta ao termo *Heimat*.

Pelo caminho inverso (alemão-português), procura-se também pelos correlatos aos termos *Heimat*, *Vaterland* e *Nation*, os quais devem competir como melhor tradução para *pátria*. *Heimat*, por exemplo, é traduzido por todos os dicionários como *pátria* e *terra natal*, sendo que, além disso, o Michaelis oferece a tradução *terra de origem*. *Vaterland*, no caso, é traduzido somente como *pátria*, fato que dificulta ainda mais a diferenciação tanto entre os termos em alemão, quanto entre suas traduções possíveis em português. Por último, ao termo *Nation* é apresentada também somente uma possibilidade: *nação*.

Com base, então, nos resultados pouco característicos retirados dos dicionários, recorre-se então aos *corpora*. Com isso, espera-se que os colocados de cada item pesquisado possam esclarecer as diferenças de significado entre esses termos primeiro em nível monolíngue para que, em seguida, traduções mais claras possam ser sugeridas. Os seguintes resultados foram relacionados:

¹⁵³ Disponível em: <<http://de.pons.com/%C3%BCbersetzung?q=heimat&l=dept&in=&lf=de>>. Acesso em 23 mar. 2015.

¹⁵⁴ Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/escolar/alemao/>>. Acesso em 23 mar. 2015.

¹⁵⁵ Disponível em: <https://dict.leo.org/ptde/index_pt.html>. Acesso em 23 mar. 2015.

Tabela 11: Itens colocados de *Vaterland*

Item lexical	Índice de associação	Frequência
<i>Liebe</i> (amor)	16.1	42
<i>Volk</i> (povo)	16.09	85
<i>Wiedervereinigung</i> (reunificação)	15.8	33
<i>Heimat</i> (pátria)	15.5	22
<i>Dank</i> (agradecimento)	14.57	24
<i>König</i> (rei)	12.65	34
<i>Gott</i> (deus)	11.31	29
<i>Retter</i> (salvador)	10.73	10
<i>Treue</i> (fidelidade)	10.58	9
<i>Rettung</i> (salvamento)	10.15	20

Tabela 12: Itens colocados de *Nation*

Item lexical	Índice de associação	Frequência
<i>Volk</i> (povo)	15.1	117
<i>Rede</i> (discurso)	14.44	41
<i>Völkerschaft</i> (tribo)	13.05	7
<i>Welt</i> (mundo)	11.43	101
<i>Staat</i> (estado)	10.76	81
<i>Rasse</i> (raça)	10.55	19
<i>Lebensfrage</i> (questão vital)	9.62	14
<i>Ansprache</i> (discurso)	9.45	8
<i>Botschaft</i> (mensagem)	9.37	12
<i>Waffenträger</i> (portador de arma)	9.22	8

Tabela 13: Itens colocados de *nação*

Item lexical	Índice de associação	Frequência
Comissariado	8.45	17
Auspícios	7.78	7
Refugiado	6.02	21
Desarmamento	5.72	5
Resolução	5.50	5
Secretário-geral	5.42	16
Sanção	5.25	11
Embargo	5.07	6
Porto	4.41	6
Convenção	3.97	7

De acordo com essas últimas tabelas, faz-se necessário discernir de forma mais evidente principalmente os termos *Heimat* e *Vaterland*,¹⁵⁶ a fim de que os traços semelhantes e distintos possam ser mais bem visualizados. À primeira vista, os únicos colocados de *Vaterland* que também se relacionam a *Heimat* são *Liebe* e *Volk*, fato que sugere certo distanciamento entre as relações sintagmáticas dois conceitos-chave e, conseqüentemente, entre seus sentidos. No caso, itens como *König*, *Gott* e *Treue* refletem uma relação militar com o termo *Vaterland* (sem foco específico no regime nazista e com alusão ao sistema político de outros países, sobretudo por meio do item *König*), no sentido de que o homem deve ser fiel a sua *terra pátria*, seja a mando do rei, seja por razões divinas. Além disso, *Vaterland* exhibe colocados como *Retter* e *Rettung*, os quais sugerem que a *terra pátria* deve ser defendida, salva e protegida.

Com efeito, esses traços diferem um pouco daqueles encontrados para *Heimat*, os quais estão mais atrelados à questão (i) do retorno a um lugar do passado e (ii) da influência militar (principalmente nazista) na pátria. Interessante perceber, contudo, que o tema de ‘salvamento’ encontrado em *Vaterland* está presente também nos colocados de *pátria*, fato que aproxima os dois itens e os coloca como possíveis traduções recíprocas.

No caso de *Nation* e *nação*, fica bem claro que esses itens se distanciam bastante dos temas evocados pelos colocados de *Heimat*, *Vaterland* e *pátria*. Percebe-se, por exemplo, uma grande referência ao âmbito político internacional, tendo em vista os ‘discursos’ (*Rede* e *Ansprache*) e as ‘mensagens’ (*Botschaft*) feitos por figuras políticas em todo o ‘mundo’ (*Welt*). Além disso, temas como abertura de ‘portos’ para o comércio e ‘desarmamento’ se destacam como ‘questões vitais’ (*Lebensfragen*) e repercutem em todo o globo – sendo, além disso, discutidas em ‘convenções’ internacionais. ‘Sanções’ e ‘embargos’ se colocam também como ações desempenhadas por órgãos e instituições que vão além do âmbito local. Nesse sentido, pode-se afirmar que *nação* e *Nation* se consagram como itens que se traduzem, isto é, que compartilham em português e alemão quase os mesmos sentidos.¹⁵⁷

¹⁵⁶ A tabela para os colocados de *Heimat* se encontra na página 120.

¹⁵⁷ Vale lembrar que os colocados *Rasse* (raça) e *Waffenträger* (portador de arma) possuem conotações militares e, por isso, colocam o item *Nation* em relativa proximidade semântica com *Heimat* e *Vaterland*, os quais, por sua vez, apresentam mais colocados relacionados a essa temática e, nesse sentido, encontram-se mais atrelados a questões de ordem militar.

De acordo com essas rápidas análises, *pátria* parece possuir um vínculo tradutório maior com *Vaterland*, embora possa também compartilhar alguns traços com *Heimat*, tais como o ‘amor’. *Nação*, como já dito, relaciona-se diretamente ao item *Nation*. Aqui, já com a relação de todos os dados referentes aos dicionários e *corpora*, faz-se necessário o estabelecimento das relações com os resultados dos questionários e da interação.

5.2 A comparação entre as bases de dados

Esta seção, com efeito, dedica-se à coleção dos resultados obtidos em todas as bases de dados utilizadas nesse estudo – (i) os questionários, (ii) os *corpora*, (iii) os dicionários e (iv) a interação. Em última análise, visa-se aqui a um esclarecimento maior em torno dos significados observáveis de *Heimat* e *pátria*.

De fato, na seção anterior, foi dito que *pátria* poderia ser mais bem traduzida como *Vaterland*, enquanto *nação* permanece, em alemão, *Nation*. No entanto, questiona-se o seguinte: como então traduzir *Heimat*, se não como *pátria*? Segundo B1, em determinado momento da interação, *lar* poderia ser uma boa tradução:

Trecho 24: ((63:34 – 63:41min., Questão 7: *Considere a seguinte tradução: Pátria → Heimat. Você concorda com ela? Por quê? Há alguma tradução melhor?* B1 aponta para uma possível alternativa de tradução para *Heimat* em português))

001 B1: uma boa tradução pra heimat é <<len> ↑`lar;=né,>
(uma boa tradução pra heimat é lar né)

002 B2: [ja.]
(é)

003 A2: [ja;]=

004 =`LAR <<p, acente com a cabeça> ist besser.>
(lar é melhor)

006 (0.7)

007 B1: NOSsa a gente ´nem <<junta o dedo indicador à testa>
pen↓sOu;=aí;>

008 [hahahaha]
 009 A1: [hahahaha]
 010 A2: [JA haha]

De acordo com os dicionários bilíngues consultados, porém, essa relação não existe de forma direta e, além disso, o “Corpus do português” apresentou resultados incharacterísticos para esse item, tendo em vista a baixa frequência dos colocados relacionados na pesquisa (a grande maioria apresenta uma frequência conjunta com valores abaixo de 4).¹⁵⁸

No que tange aos questionários, o termo *lar* foi citado 3 vezes na atividade de relacionar as palavras que se associam a *pátria* (ver Anexo A). Contudo, no que se refere à pergunta “O que significa ‘pátria’ para você?”, não houve referência direta à questão do ‘lar’ – na verdade, as respostas apresentaram uma relação forte com a noção de ‘lugar’, podendo este ser o Brasil, a escola, o lugar em que se conhece a língua ou em que se constroem relações interpessoais. Nada parece indicar um vínculo expressivo com o termo *lar*.

Admite-se, por fim, que, ao menos com base nos dados observados nessa dissertação, *lar* não se configura como a tradução mais indicada de *Heimat*. Convém lembrar, além disso, que os dados fornecidos pelo *corpus* em português são constituídos de textos de ficção e prosas jornalísticas de toda a extensão do século XX, fato que, por sua vez, separa de certa forma os dados do *corpus* com aqueles da interação e dos questionários. Nesse sentido, por meio de referências mais contemporâneas, não seria impossível imaginar um cenário em que *pátria*, do mesmo modo que *Heimat*, começasse a agregar significados mais individuais em detrimento daqueles mais coletivos – de modo tal que a *pátria* não fosse tanto mais vista como elemento a ser cultivado e idolatrado, taxado até mesmo de infantil (ver trecho 10). Por ora, colocam-se os questionários respondidos pelos brasileiros como único material que demonstra essa relação mais íntima com o termo *pátria* (em português), tendo em vista os temas a ela associados, tais como ‘comida’, ‘alegria’, ‘amor’, ‘amigos’, ‘família’, entre outros (ver tabela 3, na seção 4.1).

¹⁵⁸ Alguns colocados apresentaram frequência coletiva acima de 4. Muitos destes, porém, ocorreram somente em textos de Portugal, fato que descaracteriza ainda mais a pertinência do resultado para essa pesquisa.

De volta às relações entre *pátria* e *Vaterland*, convém ressaltar que, na interação, os dois itens são correlacionados por meio de suas conotações militares, fato que, para as participantes, justificaria a tradução recíproca. Para fins de exemplificação, vale voltar aos trechos 10 e 17, nos quais B2 e A1 atribuem a *pátria* e a *Vaterland*, respectivamente, traços semânticos voltados ao militarismo. Interessante perceber, contudo, que os colocados de *pátria* encontrados no *corpus* não fazem referência tão explícita à questão militar. Nesse caso, coloca-se o fato de grande parte dos exemplos terem sido retirados de obras literárias como razão para que esse vínculo não esteja presente. Além disso, os respondentes dos questionários que envolvem o item *pátria* (em português) não o descrevem por meio de suas relações com a ditadura, como já visto anteriormente.

Nesse caso, vale afirmar que, de acordo com as três principais bases de dados aqui consultadas, as relações semânticas de *Heimat*, *Vaterland* e *pátria* se interpenetram. Com isso, torna-se difícil uma separação mais clara entre os dois primeiros termos, bem como a delimitação de uma tradução inequívoca com o último. Por ora, essa pesquisa oferece razões para a tradução de *pátria* tanto como *Vaterland* quanto como *Heimat*. No primeiro caso, colocam-se os períodos militares no Brasil e na Alemanha como motivações para a correlação tradutória.¹⁵⁹ No segundo caso, finalmente, destacam-se as associações semânticas de tom individual feitas na interação (principalmente para o item *Heimat*) e nos questionários (para *Heimat* e para *pátria*) como razões principais a serem consideradas.

¹⁵⁹ Vale lembrar que essa conotação mais pejorativa também está presente em *Heimat* (tanto na relação de seus colocados quanto na constituição do *frame* comunicativo a partir da interação – ver trecho 9).

6 CONCLUSÃO

A pesquisa aqui apresentada se caracterizou por uma empreitada linguístico-cultural de caráter multidisciplinar. No caso, a teoria dos *rich points* (AGAR, 2002; HERINGER, 2004; KÜHN, 2006) se colocou no centro das atividades conduzidas, justamente em face do objetivo principal, a saber, a descrição do *frame* (uma espécie de sistema de referências comunicativas) atrelado às palavras-chave *Heimat* e *pátria*, consideradas, nesse caso, como *hotwords*, isto é, termos que, em contexto de fala (interação entre brasileiros e alemães), podem causar vários conflitos.

Como sustentação teórica para esse objetivo, mostrou-se a Comunicação Intercultural (LOENHOFF, 2003; REHBEIN, 2007; LÜSEBRINK, 2008) como campo em que estudos de tal ordem são mais comumente conduzidos. No entanto, somente por meio de uma interface semântico-pragmática que as tarefas impostas pela pesquisa foram, de fato, realizadas. Pelo lado da semântica, destacaram-se a teoria dos campos lexicais (TRIER, 1931 *apud* GEERAERTS, 2010) e a análise distribucional de *corpora* (CHURCH; HANKS, 1990; McENERY; HARDIE, 2012) como arcabouços teóricos propícios para uma descrição semântica preliminar dos itens em destaque. Na pragmática, a teoria dos atos de fala (AUSTIN, 1962 *apud* SBISÀ, 2009; LEVINSON, 1983; HENNE; REHBOCK, 2001) se configurou como ponto de partida para as reflexões sobre a sequencialidade inerente à fala, as quais, por sua vez, desembocaram nas contribuições da Análise da Conversação (SACKS *et al.*, 1974; HERITAGE, 1991) para a pesquisa.

Já na parte metodológica, apresentaram-se então as estruturas sequenciais do ‘contraste’ e da ‘concessão’ (COUPER-KUHLEN; THOMPSON, 2000; FORD, 2000; DEPPERMAN, 2005) como ferramentas essenciais para a execução dos planos de análise. Ao lado de tais unidades, as ‘pistas de contextualização’ (GUMPERZ, 1982; AUER, 1986) formaram o complemento faltante para que a interação fosse devidamente destrinchada. No caso, fez-se necessário que a gravação fosse transcrita e, para tanto, foram utilizados o *software* EXMARALDA (SCHMIDT, 2002) e a convenção de transcrição GAT2 (SELTING *et al.*, 2011).

Como resultado, comprovou-se que o item *Heimat*, de fato, comporta-se como *hotword*, tendo em vista a quantidade de contrastes e concessões construídos na interação. Uma vez que os sujeitos entrevistados utilizaram quase exclusivamente o alemão como código comunicativo, torna-se prematura a afirmação de que o termo *pátria* também pode ser classificado como *hotword*. Nesse caso, seria interessante a realização de filmagens somente com brasileiros para que tal hipótese pudesse ser atestada de forma mais veemente. De qualquer maneira, verificou-se que o *frame* comunicativo subjacente à palavra-chave *Heimat* se caracteriza principalmente pelas experiências cotidianas vivenciadas pelos participantes. Nesse sentido, assumiu-se que temas como ‘comida’, ‘língua’, ‘personalidade’, ‘costumes’ etc. servem de referência primária para que discussões sobre *Heimat* possam ser conduzidas. Além disso, observou-se que o *frame* em questão se constitui de outra camada referencial, a qual se relaciona de modo pejorativo às histórias militares do Brasil e da Alemanha. Com efeito, o *clash* ou a sobreposição de *frames* individuais (relativos a cada participante) se coloca como uma das principais razões para o número elevado de discordâncias, bem como para os momentos de tensão observados.

Como objetivo secundário, foram analisadas as estratégias de definição de *Heimat* empregadas pelos entrevistados. A saber, os brasileiros apresentaram uma tendência à utilização de narrativas como argumentos em defesa ou em favor dos vários sentidos do termo em questão. Tal postura se caracteriza, a princípio, pelo acionamento de recursos dramáticos e teatrais na fala (tais como a inserção de diferentes vozes narrativas), a fim de que os interlocutores sejam convencidos. Como contraponto, os alemães demonstraram um comportamento muito mais voltado para a (auto)reflexão e para o distanciamento do respectivo tema em discussão. Desse modo, afirma-se que esses sujeitos puderam não só compartilhar suas ideias de forma mais objetiva, mas também analisá-las metacomunicativamente. Tais estratégias, mesmo tendo sido bastante úteis para a argumentação em torno do sentido de *Heimat*, não contribuíram para uma melhor caracterização do *frame*. Tal fato se justifica pela incidências dos mesmos recursos em outras situações de fala – bem diferentes da discussão filmada.

Por fim, foi feita uma análise rápida sobre as possibilidades de tradução entre os termos *pátria* e *Heimat*. No caso, essa reflexão partiu das três bases de dados mais

importantes para a constituição da pesquisa: (i) os questionários aplicados, (ii) a busca em *corpora* (um em português, “Corpus do Português”, de Mark Davies, e outro em alemão, *Das Digitale Wörterbuch der Deutschen Sprache, DWDS*) e (iii) a interação propriamente dita. Concluiu-se, por exemplo, que *pátria* possui uma correspondência tradutória maior com o item *Vaterland*, sobretudo devido aos resultados oferecidos pelos *corpora*. Com base nos questionários, contudo, verificou-se o compartilhamento de traços semânticos entre *pátria* e *Heimat*. Seria também interessante, para que essa interseção semântica fosse mais bem trabalhada, investigar um número maior de *corpora*, bem como conduzir análises de cunho sintagmático, de modo que tais relações pudessem desvendar os contextos em que *Heimat* e *Vaterland* mais ocorrem e, assim, delinear com mais precisão as respectivas traduções para o português.

Como nota final, as conclusões feitas aqui valem, naturalmente, como um fragmento do comportamento comunicativo de brasileiros e alemães face ao tema *Heimat*. Não houve pretensões de que as análises arroladas atingissem qualquer nível de generalização, mesmo porque essa pesquisa procurou sempre focalizar o nível situacional da interação, isto é, o modo como os sentidos são negociados localmente, *in situ*. Dessa forma, atesta-se para a necessidade de outras pesquisas não só em relação à problemática da ‘pátria’, mas também no que diz respeito a todo o campo da Comunicação Intercultural, a fim de que os trabalhos possam se completar cada vez mais e, por fim, o conhecimento gerado possa se (re)atualizar.

REFERÊNCIAS

AGAR, M. *Language Shock: Understanding the Culture of Conversation*. New York: Perennial, 2002[1996].

ANTAKI, C.; WETHERELL, M. Show concessions. *Discourse Studies*, v. 1, n. 1, p. 7-27, 1999.

APPLEGATE, C. *A nation of provincials: The German idea of Heimat*. Los Angeles; Berkeley: University of California Press, 1990.

AUER, P. Kontextualisierung. *Studium Linguistik*, v. 19, p. 22-47, 1986.

AUER, P. John Gumperz' Approach to Contextualization. In: AUER, P.; DI LUZIO, A (Ed.). *The Contextualization of Language*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1992, p. 1-39.

AUER, P. Zum Segmentierungsproblem in der gesprochenen Sprache. *Interaction and Linguistic Structures*, Issue 49, 2010. Disponível em <<http://www.inlist.uni-bayreuth.de/issues/49/InLiSt49.pdf>>. Acesso em 14 abr. 2014

BARTH-WEINGARTEN, D. *Concession in spoken English: On the realization of a discourse-pragmatic relation*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 2003

BARTH-WEINGARTEN, D. The fuzziness of intonation units: some theoretical considerations and a practical solution. *Interaction and Linguistic Structures*, Issue 51, 2011. Disponível em <<http://www.inlist.uni-bayreuth.de/issues/51/Inlist51.pdf>>. Acesso em 20 abr. 2014.

BELSCHNER, W. Anmerkungen zum Heimatbegriff. In: *Wem gehört die Heimat? Beiträge der politischen Psychologie zu einem umstrittenen Phänomen*. Wiesbaden: Springer Fachmedien, 1995, p. 95-107.

BOA, E.; PALFREYMAN, R. *Heimat: A German Dream: Regional Loyalties and National Identity in German Culture, 1890-1990*. New York: Oxford University Press, 2000.

BOERSMA, P.; WEENINK, D. Praat: doing phonetics by computer [Programa de computador]. Versão 5.3.39, jan. 2013. Disponível em <<http://www.praat.org>>. Acesso em 25 mar 2014.

BÜHLER, K. *Theory of Language. The representational function of language*. Tradução de Donald Fraser Goodwin; Achim Eschbach. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2011[1934].

CAMBRAIA, C.N. Da lexicologia social a uma lexicologia sócio-histórica: caminhos possíveis. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 157-188, 2013.

CHURCH, K.; HANKS, P. Word Association Norms, Mutual Information and Lexicography. *Computational Linguistics*, v. 16, n. 1, p. 22-29, 1990.

COUPER-KUHLEN, E.; THOMPSON, S.A. Concessive patterns in conversation. In: COUPER-KUHLEN, E.; KORTMANN, B. *Cause, condition, concession, contrast: cognitive and discourse perspectives*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2000, p. 381-411.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. O Corpus do Português. Disponível em <<http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>>. Acesso em 19 mai. 2015.

DEPPERMAN, A. Conversation interpretation of lexical items and conversation contrasting. In: HAKULINEN, A.; SELTING, M. (Ed.) *Syntax and Lexis in Conversation: Studies on the use of linguistic resources in talk-in-interaction*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2005, p. 289-319.

DEPPERMAN, A. *Gespräche analysieren: Eine Einführung*. 4. Aufl. Wiesbaden: VS Verlag für Sozialwissenschaften, 2008.

DICIONÁRIO LEO. Disponível em <https://www.leo.org/ptde/index_pt.html>. Acesso em 23 mar. 2015.

DICIONÁRIO Michaelis. Disponível em

<<http://michaelis.uol.com.br/escolar/alemao/index.php>>. Acesso em 23 mar. 2015.

DICIONÁRIO PONS. On-line Wörterbuch. Disponível em: <<http://de.pons.com/>>. Acesso em: 23 mar. 2015.

DWDS. Das Digitale Wörterbuch der deutschen Sprache. Disponível em <<http://dwds.de/>>. Acesso em 25 mar. 2015.

EIGLER, F. Critical Approaches to Heimat and the “Spacial Turn”. *New German Critique*, v. 39, n. 1, p. 27-48, 2012.

FILLMORE, C.J. Frames and the semantics of understanding. *Quaderni di Semantica*, v. 6, n. 2, p. 222-254, 1985.

FORD, C. The treatment of contrasts in interaction. In: COUPER-KUHLEN, E.; KORTMANN, B. *Cause, condition, concession, contrast: cognitive and discourse perspectives*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2000, p. 283-313.

FORD, C. At the intersection of turn and sequence: Negation and what comes next. In: SELTING, M.; COUPER-KUHLEN, E. *Studies in Interactional Linguistics*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2004, p. 51-81.

GARFINKEL, H. *Studies in ethnomethodology*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, 1967.

GEERAERTS, D. *Words and Other Wonders: Papers on Lexical and Semantic Topics*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2006.

GEERAERTS, D. *Theories of lexical semantics*. Oxford; New York: Oxford University Press, 2010.

GEERTZ, C. *The Interpretation of Cultures: Selected Essays*. New York: Basic Books, 1973.

GUMPERZ, J. J. *Discourse Strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

GÜNTNER, S. Polyphony and the 'layering of voices' in reported dialogues: An analysis of the use of prosodic devices in everyday reported speech. *Journal of Pragmatics*, v. 31, p. 685-708, 1999.

GÜNTNER, S. Strategien interkultureller Kommunikation. Das Konzept der Kontextualisierung. Kontextualisierungskonventionen und interkulturelle Kommunikation. In: HOFFMANN, L. *Sprachwissenschaft: Ein Reader*. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 2010[1993], p. 283-299.

HEIMAT. In: GÖTZ, D.; HAENSCH, G.; WELLMANN, H. *Langenscheidt: Großwörterbuch Deutsch als Fremdsprache*. Berlin, München: Langenscheidt KG, 2008.

HALL, E.T. *The Silent Language*. New York: Anchor Books, Doubleday, 1959.

HALL, E.T. *The Hidden Dimension*. New York: Anchor Books, Doubleday, 1966.

HANKS, P. The Impact of Corpora on Dictionaries. In: BAKER, P. *Contemporary Corpus Linguistics*. London; New York: Continuum, 2009, p. 214-237.

HENNE, H.; REHBOCK, H. *Einführung in die Gesprächsanalyse*. 4. durchges. und bibliogr. erg. Aufl. Berlin; New York: de Gruyter, 2001[1979].

HERINGER, H.J. *Interkulturelle Kommunikation*. Tübingen; Basel: Francke, 2007, p. 143-180.

HERITAGE, J. *Garfinkel and Ethnomethodology*. Cambridge: Polity Press, 1991[1984].

HOFSTEDE *et al.* *Cultures and Organizations: Softwares of the Mind. Intercultural Cooperation and Its Importance for Survival*. Rev. and exp. Edition, New York: McGraw-Hill, 2010.

HORN, L.; WARD, G. *The Handbook of Pragmatics*. Malden, MA.: Blackwell Publishing, 2006.

HUTCHBY, I.; WOUFFITT, R. *Conversation Analysis: Principles, Practices and Applications*. Malden, MA.: Blackwell Publishers, 1998.

HYMES, D. *Sociolinguistics. An Ethnographical Approach*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1974.

JEFFERSON, G. Glossary of transcript symbols with an Introduction. In: LERNER, G. H. (Ed.) *Conversation Analysis: Studies from the first generation*. Philadelphia: John Benjamins, 2004, p. 13-23.

KASPER, G. Data Collection in Pragmatics Research. In: SPENCER-OATEY, H. *Culturally Speaking: Culture, Communication and Politeness Theory*. London: Continuum, 2008, p. 279-303.

KECSKES, I. *Intercultural Pragmatics*. New York: Oxford University Press, 2014.

KILGARRIFF, A.; TUGWELL, D. Sketching words. In: CORRÉARD, M.H. (Ed.) *Lexicography and Natural Language Processing: A Festschrift in Honour of B.T.S. Atkins*, EURALEX, 2002, p. 125-137.

KIRCHNER, C. "Heimat": eine persönliche Annäherung. In: PÖTTERING, H.; KLOSE, J. *Wir sind Heimat. Annäherungen an einen schwierigen Begriff*. Dresden: Konrad Adenauer Stiftung, 2012.

KÜHN, P. *Interkulturelle Semantik*. Nordhausen: Verlag Traugott Bautz, 2006.

KÜHNE, O.; SPELLERBERG, A. *Heimat in Zeiten erhöhter Flexibilitätsanforderungen: Empirische Studien im Saarland*. Wiesbaden: Springer Fachmedien, 2010.

KURBJUWEIT, D. Mein Herz hüpf. *Der Spiegel*, Hamburg, n. 15, 7. April. 2012, Titel, p. 60-69.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1972.

LABOV, W. The boundaries of words and their meanings. In: BAILEY, C.J; SHUY, R.W. (Eds.) *New Ways of Analysing Variation in English*. Washington, DC: Georgetown University Press, 1973, p. 340-371.

LEVINSON, S.C. *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

LIEBSCHER, G. Perspectives in conflict: An analysis of German-German conversations. In: BÜHRIG, K.; TEN THIJE, J. *Beyond Misunderstanding: Linguistic Analysis of Intercultural Communication*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2006, p. 155-175.

LOENHOFF, J. Kulturvergleich und interkulturelle Kommunikation. *Germanistisches Jahrbuch GUS „Das Wort“*, p. 105-114, 2003.

LÜSEBRINK, Hans-Jürgen. *Interkulturelle Kommunikation: Interaktion, Fremdwahrnehmung, Kulturtransfer*. Stuttgart, Weimar: Metzler, 2008.

MELLO, H. Os *corpora* orais e o C-ORAL-BRASIL. In: RASO, T.; MELLO, H. *C-ORAL-BRASIL I: corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, p. 31-54.

McENERY, T.; HARDIE, A. *Corpus Linguistics: Method, Theory and Practice*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2012.

MORAIS, A. *Narrativas Conversacionais: A Introdução de Enunciados Narrativos em Situação de Interação Oral*. 2010. Tese (Doutoramento em Linguística) – Departamento de Língua e Cultura Portuguesas, Universidade Aberta, Lisboa, 2010.

NASCIMENTO LONGORDO, M. *Estudantes estrangeiros no Brasil: reflexões sobre questões interculturais e suas análises em sala de aula de PLE*. 2014. 126 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

O'DONNELL, K.; BRIDENTHAL, R.; REAGIN, N. *The Heimat Abroad: The Boundaries of Germanness*. Michigan: The University of Michigan Press, 2005.

REHBEIN, J. Sprachpragmatische Ansätze. In: STRAUB, J.; WEIDEMANN, A.; WEIDEMANN, D. *Handbuch interkulturelle Kommunikation und Kompetenz*. Grundbegriffe, Theorien, Anwendungsfelder. Stuttgart; Weimar: Verlag J.B. Metzler, 2007, p. 131-144.

ROSCH, E. Cognitive representations of semantic categories. *J. Exp. Psychol. – General*, v. 104, p. 192-233, 1975.

ROST-ROTH, M. Intercultural Communication in institutional counseling sessions. In: BÜHRIG, K.; TEN THIJE, J. *Beyond Misunderstanding: Linguistic Analysis of Intercultural Communication*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2006, p. 175-189.

SACKS, H. *et al.* A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. *Language*, v. 50, p. 696-735, 1974.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. Tradução de Antônio Cheline; José Paulo Paes; Izidoro Blikstein. 15. Ed. São Paulo: Cultrix, 1989[1916].

SBISÁ, M. Speech Act Theory. In: VERSCHUEREN, J. *Key Notions for Pragmatics*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2009, p. 229-242.

SCHMIDT, T. Gesprächstranskription auf dem Computer – das System EXMARaLDA. *Gesprächsforschung. Online-Zeitschrift zur verbalen Interaktion*, v. 3, p. 1-23, 2002. Disponível em: <<http://www.gespraechsforschung-ozs.de/heft2005/px-woerner.pdf>>. Acesso em 15 set. 2014.

SCHMIDT, T. *EXMARaLDA Partitur-Editor: Handbuch*. Version 1.5.1, 2011. Disponível em <http://www.exmaralda.org/exmaralda/media/PartiturEditor_Handbuch.pdf>. Acesso em 15 set. 2014.

SCHRÖDER, U. O ator e o espectador. Sobre as diferentes funções da linguagem na apresentação de si mesmo no Brasil e na Alemanha. *Pandaemonium Germanicum*, v. 9, p. 293-310, 2005.

SCHRÖDER, U. O auto-observador um fenômeno alemão? Processos auto-reflexivos e sua manifestação cultural”. In: BENN-IBLER, V. *Interfaces Culturais Brasil – Alemanha*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006, p. 17-47.

SCHRÖDER, U. Comunicação Intercultural: uma desconstrução e reconstrução de um termo inflacionário. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 9, p. 38-49, 2008.

SCHRÖDER, U. The interplay of (im)politeness, conflict styles, rapport management, and metacommunication in Brazilian–German interaction. *Intercultural Pragmatics*, v. 11, n. 1, p. 57-82, 2014.

SCHRÖDER, U. The Interplay of Verbal, Vocal, and Visual Cues in the Co-construction of the Experience of Alterity in Exchange Students' Talk. *Journal of Pragmatics*, v. 81, p. 21-35, 2015.

SCHÜTZ, A. The Homecomer. *American Journal of Sociology*. v. 50, Issue 5, p. 369-376, 1945.

SCHWITALLA, J. *Gesprochenes Deutsch: Eine Einführung*. 3. neu bearbeitet Aufl., Berlin: Erich Schmidt Verlag, 2006.

SELTING, M. Prosody as an activity-type distinctive cue in conversation: the case of so-called 'astonished' questions in repair initiation. In: COUPER-KUHLEN, E.; SELTING, M. *Prosody in conversation: Interactional Studies*. New York: Oxford University Press, 1996, p. 131-177.

SELTING, M. Linguistic resources for the management of interaction. In: VENTOLA, E.; WEBER, T. *Handbook of Interpersonal Communication*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2008, p. 217-255.

SELTING, M. *et al.* A system for transcribing talk-in-interaction: (GAT 2). *Gesprächsforschung. Online-Zeitschrift zur verbalen Interaktion*, v. 12, p. 1-51, 2011. Disponível em <<http://www.gespraechsforschung-ozs.de/heft2011/px-gat2-englisch.pdf>>. Acesso em 4 set. 2014.

SIDNELL, J. *Conversation Analysis: An Introduction*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.

STOKOE, E. Moving forward with membership categorization analysis: Methods for systematic analysis. *Discourse Studies*, v. 14, n. 3, p. 277-303, 2012.

TEN THIJE, J. The Transition from Misunderstanding to Understanding in Intercultural Communication. In: KOMLOSI, L.I.; HOUTLOSSER, P.; LEEZENBERG, M. (Eds.) *Communication and Culture: Argumentative, Cognitive and Linguistic Perspectives*. Amsterdam: Sic Sac, 2003, p. 197-213.

TEN THIJE, J. Notions of *perspective* and *perspectivising* in intercultural communication research. In: BÜHRIG, K.; TEN THIJE, J. *Beyond Misunderstanding: Linguistic Analysis of Intercultural Communication*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2006, p. 97-155.

TEUBERT, W. Corpus Linguistics and Lexicography. *International Journal of Corpus Linguistics*, John Benjamins, v. 6, p. 125-153, 2001.

THÜNE, W. *A pátria como categoria sociológica e geopolítica*. Tradução de Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991[1987].

TING-TOOMEY, S. *Communicating Across Cultures*. New York; London: Guilford Press, 1999.

TOURANGEAU, R.; RIPS, L.J.; RASINSKI, K. *The Psychology of Survey Response*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

VITERBO LAGE, C. *Comunicação Interpessoal e Intercultural entre Brasileiros e Alemães: Análise dos Momentos de Conflito*. 2013. 208f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

WIERZBICKA, A. *Semantic Primitives*. Frankfurt: Athenaeum, 1972.

WIERZBICKA, A. *Understanding cultures through their key words: English, Russian, Polish, German, and Japanese*. New York; Oxford: Oxford University Press, 1997.

WIERZBICKA, A. *Cross-cultural pragmatics: the semantics of human interaction*. 2nd ed. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2003[1991].

ANEXO A: Questionário sobre pátria (Português)

DADOS PRELIMINARES

→ Idade: _____

→ País de origem: _____ Cidade: _____

→ Você já participou de algum programa de intercâmbio internacional?

Em qual país/quais países? _____

Por quanto tempo? _____

Que tipo de programa? _____

RESPONDA, POR FAVOR, AS SEGUINTE PERGUNTAS.

→ Quais palavras você, espontaneamente, associa ao termo 'pátria'? Cite no mínimo 10 palavras e no máximo 20.

→ Qual das seguintes expressões melhor se relaciona ao termo 'pátria'?

 O lugar onde alguém nasceu. O lugar onde alguém cresceu. O lugar onde alguém morou por muito tempo. O lugar onde alguém se sente (como) em casa.

→ O que significa 'pátria' para você?

→ O que mais lhe agrada em sua pátria? Cite no mínimo dois exemplos.

→ O que mais te incomoda em sua pátria? Cite no mínimo dois exemplos.

ANEXO B: Estímulos para a interação (Português-Alemão)

(1)

Apresente-se. Você já participou de algum programa de intercâmbio em outro país? Conte como foi essa(s) experiência(s). *Stellen Sie sich vor. Haben Sie schon mal an irgendeinem Austauschprogramm in anderem Land teilgenommen? Erzählen Sie, wie diese Erfahrung(en) war(en).*

(2)

Liste seis palavras que, em sua opinião, melhor se ligam ao conceito de pátria. Compare sua resposta ao dos outros participantes. *Listen Sie sechs Wörter auf, die sich Ihrer Meinung nach mit dem Begriff Heimat am besten verbinden lassen. Vergleichen Sie Ihre Antwort mit denen der anderen Beteiligten.*

(3)

Avalie as seguintes afirmativas sobre o tema pátria em uma escala de 0 a 10 (0 = não concordo de forma nenhuma; 10 = concordo plenamente). *Bewerten Sie die folgenden Aussagen zum Thema Heimat auf einer Skala von 0 bis 10 (0 = stimme überhaupt nicht zu; 10 = stimme voll und ganz zu).*

a) Pátria é importante para um povo.

Heimat ist wichtig für ein Volk.

d) Pátria é mais passado que presente.

Heimat ist eher Vergangenheit als Gegenwart.

b) Pátria é parte da minha personalidade.

Heimat ist Teil meiner Persönlichkeit.

e) Pátria é algo para românticos.

Heimat ist etwas für Romantiker.

c) Pátria me concede apoio e segurança.

Heimat gibt mir Rückhalt und Sicherheit.

f) Pátria me sufoca.

Heimat engt mich ein.

(4)

Você possui algum tipo de vínculo emocional com a sua pátria, seja ela qual for? Tente definir esse vínculo. *Haben Sie irgendeine emotionelle Beziehung zu Ihrer Heimat, egal welche sie ist? Versuchen Sie, diese Verbindung zu definieren.*

(5)

Como você se relaciona com a ideia de pátria quando está em seu país? E quando está no exterior? *Wie beziehen Sie sich auf die Heimatidee, wenn Sie sich in Ihrem Land befinden? Und wenn Sie im Ausland sind?*

(6)

Há alguma relação entre o conceito de pátria e o sistema político de seu país? *Gibt es eine Beziehung zwischen dem Konzept von Heimat und dem politischen System Ihres Landes?*

(7)

Considere a seguinte tradução: Pátria → Heimat. Você concorda com ela? Por quê? Há alguma tradução melhor? *Bedenken Sie die folgende Übersetzung: Heimat → Pátria. Stimmen Sie ihr zu? Wieso? Gibt es eine bessere Übersetzung?*

(8)

Tente elaborar uma definição mais detalhada para os seguintes termos: 'pátria'; 'lar'. Depois, diferencie os significados de cada termo. *Versuchen Sie, für die folgenden Begriffe eine ausführlichere Definition auszuarbeiten: ‚Heimat‘; ‚Vaterland‘. Unterscheiden Sie danach die Bedeutungen von jedem einzelnen Begriff.*

ANEXO C: Convenções de transcrição GAT2

Transcrição Mínima¹⁶⁰

Estrutura de turnos

[]	Fala simultânea. Marca falas sobrepostas de diferentes
[]	falantes, destacando início e fim.

Inspirações e expirações

°h h°	Inspirações expirações, duração de 0,2 – 0,5s.
°hh hh°	Inspirações expirações, duração de 0,5 – 0,8s.
°hhh hhh°	Inspirações expirações, duração de 0,8 – 1,0s.

Pausas

(.)	Micropausa estimada, duração até cerca de 0,2s.
(-)	Pausa curta estimada, duração de cerca de 0,2 – 0,5s.
(--)	Pausa média estimada, duração de cerca de 0,5 – 0,8s.
(0.5) (2.85)	Pausas mensuradas

Convenções segmentais

und_äh, sempr_ia	<i>latching</i> , anexação de sons na mesma unidade entonacional
äh öh ahm eh:	sinais de hesitação, pausas preenchidas
?	interrupção com fechamento glotal
/	Interrupções do fluxo da unidade entonacional

Sinais de recepção

¹⁶⁰ Essa tabela que resume as convenções foi retirada de Viterbo Lage (2012, p. 205-207).

hm ja nein nee sim é não	Sinais monossilábicos
hm_hm ja_a aham	Sinais bissilábicos afirmativos
[?] hm [?] hm ne_ein	Sinais bissilábicos negativos
<u>Risadas e descrições não verbais</u>	
haha hehe hihi	Risada silábica, quando perceptível
((ri)) ((risos))	Descrição pontual de risada
((tosse)) ((olha para B1))	Descrição pontual de eventos paraverbais ou não verbais relevantes para análise
<<rindo>> <<tossindo>>	Descrição de eventos paraverbais e não verbais com alcance
<u>Outras convenções</u>	
(xxx) (xxx xxx)	Uma ou duas sílabas incompreensíveis
(solche) sol(che)	Palavra ou parte de palavra presumida
(solche/welche)	Possíveis alternativas
((incompreensível, 1,6s))	Passagens inaudíveis ou incompreensíveis com duração aproximada
((...))	Omissão na transcrição
→	Indicação da linha de transcrição analisada
Transcrição básica	
<u>Estrutura sequencial</u>	
=	Anexação de nova unidade de fala ou segmento de forma rápida, imperceptível (<i>latching</i>)
<u>Outras convenções segmentais</u>	
:	Prolongamento de cerca de 0,2 – 0,5s

:: Prolongamento de cerca de 0,5 – 0,8s

::: Prolongamento de cerca de 0,8 – 1s

Acentuação

akZENT Acento primário ou principal, ênfase

ak!ZENT! Ênfase mais forte

akzEnt Acento secundário

Entonação no fim de unidades tonais

? alto ascendente

, médio ascendente

- neutro

; médio descendente

. baixo descendente

Outra convenção

((surpreso)) | <<surpreso>> Comentário interpretativo pontual e com alcance

Transcrição detalhada

Mudança de registro tonal

<<t>> Registro tonal grave (*tief*)

<<h>> Registro tonal agudo (*hoch*)

Alterações no volume e velocidade

<<f>> forte, alto

<<ff>> fortissimo, muito alto

<<p>> piano, baixo

<<pp>> pianissimo, muito baixo

<<all>> allegro, rápido

<<len> >	lento, devagar
<<cresc> >	crescendo, aumentando o volume
<<dim> >	diminuendo, diminuindo o volume
<<acc> >	acelerando, aumentando a velocidade
<<rall> >	rallentando, diminuindo a velocidade